



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TATIANA MARANHÃO DE CASTEDO

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O PRONOME VOS EM SANTA
CRUZ DE LA SIERRA**

**JOÃO PESSOA
AGOSTO/ 2013**

TATIANA MARANHÃO DE CASTEDO

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O PRONOME VOS EM SANTA
CRUZ DE LA SIERRA**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como exigência para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

**JOÃO PESSOA
AGOSTO/ 2013**

C347u Castedo, Tatiana Maranhão de.

Um estudo sociolinguístico sobre o pronome vos em Santa Cruz de la Sierra / Tatiana Maranhão de Castedo.-- João Pessoa, 2013.

185f. : il.

Orientador: Rubens Marques de Lucena

Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Sociolinguística variacionista. 3. Espanhol cruceño³. 4. Pronomes de tratamento. 5. Fenômeno do VOSEO.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

TATIANA MARANHÃO DE CASTEDO

**UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO SOBRE O PRONOME VOS EM SANTA
CRUZ DE LA SIERRA**

Trabalho apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal da Paraíba como
exigência para obtenção do título de
Doutora em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PROLING

Prof^a. Dra. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof^a. Dra. Maria de Fátima Souza Aquino
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Prof^a. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^a Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PROLING

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela sabedoria e paciência que me foram deu, capacitando-me para concretizar este trabalho e por ensinar-me que a semeadura nos é facultada por ele, mas a colheita é obrigatória. Dou graças por estar colhendo bons frutos.

A Rubens Lucena que, apesar de tanta sobrecarga, aceitou a minha troca de orientador, sendo receptivo e estando disposto a colaborar para que esse trabalho passasse do plano do sonho ao da concretização.

A meus pais, pela sabedoria de ter educado os seus filhos com integridade e espírito de positividade. Agradeço pelo amor dedicado que tanto nos faz sentir firmes para seguir adiante e lutar pelos nossos ideais.

Aos maiores amores da minha vida, razão da minha existência. Às minhas filhas que tanto me dão fôlego para persistir, perseverar e aprender a cada dia o verdadeiro sentido do amor.

A meu namorado, amor, amigo, companheiro que tanto me apoiou, incentivou e me reanimou naqueles momentos de cansaço. Um obrigado cheio de gratidão.

A Bá, minha segunda mãe que tanto amor dedica a minhas filhas e a mim. Obrigada por dividir comigo a tarefa de educar e ocupar um papel tão difícil, mas que, certamente, colaborou muito para a concretização deste doutorado.

À minha irmã que se faz tão presente na minha vida e também colabora na tarefa de educar, fazendo parte da tríade de mães, a quem Sofia chama de mãe Fá.

À minha amiga irmã, Alane, que com tanto amor e paciência me acompanhou em todas as entrevistas durante minha estadia em Santa Cruz de la Sierra. Sem a sua colaboração as gravações jamais poderiam ter sido concretizadas.

RESUMO

Esta pesquisa refere-se ao estudo do pronome de tratamento *vos*, variante da segunda pessoa do singular que costuma substituir o pronome *tú*, no espanhol da Bolívia, mais especificamente na comunidade linguística de Santa Cruz de la Sierra¹. O trabalho tem o objetivo de testificar a recorrência do pronome *vos* nesta zona geográfica a fim de minar a crença de que se trata de um pronome limitado à região da Prata² e de que é utilizado apenas por uma classe social mais baixa. Também buscaremos verificar a coexistência entre o *vos* e o *tú* nesta cidade, se há predominância de algum deles e se há maior incidência no seu uso entre homens ou mulheres, entre grupos etários e classes sociais diferentes. O *corpus* do trabalho tem como base a fala de 24 sujeitos bolivianos, divididos em grupos de escolaridades, sexos e faixas etárias diferentes, montado a partir de gravações, com vistas a comprovar os objetivos já citados. Para lograr desenvolver uma pesquisa que busca detectar o uso de uma variação morfossintática dentro de uma dada comunidade, fez-se necessário inseri-la dentro de uma base teórica pautada na sociolinguística variacionista segundo os preceitos labovianos (1963, 1964, 1972). Considerando a interdependência entre sociedade e língua, já que ambas exercem contínua influência recíproca, diversos fatores entram em jogo conjuntamente, como a identidade do falante e do ouvinte no diálogo, a relação e nível socio-cultural entre os interlocutores, a classe social, a idade, o sexo, a origem geográfica, o contexto de comunicação e a mensagem linguística. Com o intuito de comprovar nossos objetivos, foram realizadas análises de dois tipos: quantitativa, com o levantamento da frequência de ocorrência do *vos* nas gravações do *corpus*, e, qualitativa, descrevendo situações do uso de tal pronome, em diferentes contextos. Através destas análises, observamos que no grupo equivalente à faixa etária mais jovem, entre 25 e 50 anos, predominou o uso do pronome pessoal de segunda pessoa do singular, *vos*, com 91,6% frente a 87,8% dos maiores de 60 anos. Quanto ao sexo, podemos constatar prevalência do uso do *vos* no grupo masculino (92,8%) perante o feminino (88,6%) e, em relação à escolaridade, verificamos uma predominância do uso deste pronome no grupo formado por pessoas com nível fundamental incompleto, com 92,5% dos casos diante de 87,1% do grupo formado por informantes com ensino médio e/ou nível superior completo. Isso nos leva à conclusão de que, embora os grupos dos mais jovens, do sexo masculino e dos pertencentes ao nível fundamental incompleto tenham apresentado uma maior incidência no uso do pronome *vos*, a diferença percentual destes perante os demais grupos é irrelevante para afirmar que este pronome não é predominante na fala de pessoas maiores de sessenta anos, do sexo feminino, bem como daqueles com ensino médio e/ou superior completo. Logo, o *vos* trata-se de um pronome com primazia na comunidade linguística de Santa Cruz de la Sierra.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Espanhol *cruceño*³; Pronomes de Tratamento; Fenômeno do VOSEO⁴.

¹ Capital do estado de Santa Cruz na Bolívia.

² Região que compreende Paraguai, Uruguai e Argentina.

³ Habitantes naturais de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

⁴ O voseo é o fenômeno de tratar o seu interlocutor pelo pronome de segunda pessoa do singular, *vos*.

RESUMEN

Esta investigación se refiere al estudio del pronombre de tratamiento *vos*, variante de la segunda persona del singular, que suele sustituir el pronombre *tú* en el español de Bolivia, más específicamente en la comunidad lingüística de Santa Cruz de la Sierra. El trabajo tiene el objetivo de testificar la recurrencia de este pronombre en esta zona geográfica, a fin de acabar con la creencia de que se trata de un pronombre limitado a la región de la Plata y de que es utilizado solamente por una clase social más baja. También buscaremos verificar la coexistencia entre el *vos* y el *tú* en esta ciudad, si hay predominancia de alguno sobre el otro y si hay mayor incidencia en su uso entre hombres y mujeres, grupos etarios y clases sociales diferentes. El *corpus* del trabajo tiene como base el habla de 24 sujetos bolivianos divididos en grupos de escolaridades, fajas etarias y sexos diferentes montado a partir de grabaciones, con vistas a comprobar los objetivos ya citados. Para lograr desarrollar una investigación que busca detectar el uso de una variación morfosintáctica dentro de una dada comunidad, hizo falta insertarla dentro de una base teórica fundada en la sociolingüística variacionista según Labov (1963, 1964, 1972). Entonces, la interdependencia entre sociedad y lengua es indudable, ambas ejercen continua influencia recíproca, considerando diversos factores que entran en juego conjuntamente, como la identidad del hablante y del oyente en el diálogo, la relación y nivel socio-cultural entre los interlocutores, la clase social, la edad, el sexo, el origen geográfico, el contexto de comunicación y el mensaje lingüístico. Con el reto de alcanzar nuestros objetivos, fueron realizados dos clases de análisis: el cuantitativo, con la conclusión de la frecuencia de ocurrencias del *vos* en las grabaciones del *corpus*, y cualitativa, describiendo situaciones del uso de tal pronombre en diferentes contextos. A través de estos análisis, observamos que en el grupo equivalente a la faja etaria más joven, entre 25 y 50 años, predominó el uso del pronombre personal de segunda persona del singular, *vos*, con el 91,6% frente al 87,8% de los mayores de 60 años. En cuanto al sexo, podemos constatar prevalencia del uso del *vos* en el grupo masculino (92,8%) delante del femenino (88,6%) y, en relación a la escolaridad, verificamos una predominancia del uso de este pronombre en el grupo formado por personas con enseñanza primaria incompleta, con el 92,5% de los casos delante del 87,1% del grupo constituido por informantes con enseñanza secundaria y/o nivel superior completo. Ello nos lleva a la conclusión de que, aunque los grupos de los más jóvenes, del sexo masculino y de los pertenecientes al nivel de la primaria incompleta hayan presentado una mayor incidencia en el uso del pronombre *vos*, la diferencia percentual de estos en comparación a los demás grupos es irrelevante para afirmar que este pronombre no es predominante en el habla de personas mayores de sesenta años, del sexo femenino y de aquellos con secundaria y/o superior completo. Así que, el *vos* es un pronombre con primacía en la comunidad lingüística de Santa Cruz de la Sierra.

Palavras-chave: Sociolingüística variacionista; Español cruceño; Pronombres de Tratamiento; Fenómeno del VOSEO.

TABELAS

Tabela 1 - O uso do <i>voseo</i>	74
Tabela 2 - Paradigma pronominal da América <i>tuteante</i>	77
Tabela 3 - Paradigma pronominal da América <i>voseante</i>	78
Tabela 4 - Paradigma pronominal da América <i>tuteante-voseante</i>	78
Tabela 5 - Paradigmas do <i>voseo</i>	80
Tabela 6 - Zonas dialetais.	80
Tabela 7 - Presença, ausência ou coexistência do <i>vos</i>	81
Tabela 8 - Paradigma <i>voseante</i> do espanhol das proximidades ao Rio da Prata. 86	
Tabela 9 - Paradigma <i>voseante</i> do espanhol da região próxima a Montevideú.. 87	
Tabela 10 - Resultados gerais probabilísticos de <i>tú/vos</i>	119
Tabela 11 - Resultados do <i>vos</i> na variável escolaridade.....	121
Tabela 12 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável faixa etária.....	124
Tabela 13 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável sexo.	126
Tabela 14 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável tempo verbal.....	128
Tabela 15 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável tipo de texto.....	130
Tabela 16 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável tipo de ocorrência.....	133
Tabela 17 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável tipo de verbo.....	134
Tabela 18 - Resultados de <i>tú/vos</i> na variável determinação do referente.....	135

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Bolívia.....	19
Figura 2 - Rota da ocupação espanhola de Charcas.	21
Figura 3 - Ñuflo de Chávez, fundador de Santa Cruz de la Sierra.	22
Figura 4 - Principais núcleos populacionais do Império Espanhol no século XVIII.....	24
Figura 5 - O Vice-Reino do Rio da Prata.	25
Figura 6 - A diversidade linguística da Bolívia.	32
Figura 7 - La Gran Chiquitanía.....	36
Figura 8 - Limites do Governo de Santa Cruz de la Sierra.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Uso do TÚ/VOS em Santa Cruz de la Sierra.....	120
---	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DRAE	Dicionário da Real Academia Espanhola
DPD	Dicionário Hispânico de Dúvidas
EAD	Ensino à Distância
FE1	Faixa etária entre 25 e 50 anos
FE2	Faixa etária maior de 60 anos
NEA	Nível de escolaridade alto
NEB	Nível de escolaridade baixo
NGLE	Nova Gramática da Língua Espanhola
RAE	Real Academia Espanhola
SF	Sexo feminino
SM	Sexo masculino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 HISTÓRIA DE SANTA CRUZ DE LA SIERRA.....	19
1.1 A história da fundação de Santa Cruz de la Sierra.....	20
1.2 Motivo histórico do vos em Santa Cruz: a identidade <i>cruceña</i>	27
1.3 Aspectos linguísticos da fala <i>cruceña</i>	31
2 A SOCIOLINGÜÍSTICA.....	38
2.1 A variável social sexo.....	46
2.2 A variável social faixa-etária.....	49
2.3 A variável classe social.....	51
2.4 A variável social escolaridade.....	54
2.5 A procedência e os bairros.....	57
3 O PRONOME DE TRATAMENTO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA LÍNGUA ESPANHOLA.....	61
3.1 Classificações dialetais do espanhol.....	63
3.2 Origem e extensão do vos.....	70
3.3 Definição e formação do vos.....	72
3.4 Os pronomes pessoais na América hispânica.....	76
3.5 A América <i>tuteante</i>	84
3.6 A América <i>voseante</i>	86
3.7 O vos em Santa Cruz de la Sierra.....	93
4 METODOLOGIA.....	99
4.1 Caracterização das variáveis controladas.....	104
4.1.1 A variável dependente.....	104
4.1.2 As variáveis independentes.....	106
4.1.2.1 Determinação do referente.....	106
4.1.2.2 Tipo de verbo.....	107
4.1.2.3 Tipo de texto.....	110
4.1.2.4 Tipo de ocorrência.....	113
4.1.2.5 Tempo verbal.....	114
4.1.2.6 Variáveis sociais.....	115

5 ANÁLISE DO CORPUS.....	118
5.1 Análise da variação pronominal <i>tú/vos</i> em rodada geral no GoldVarbX.....	118
5.1.1 Escolaridade.....	120
5.1.2 Faixa etária.....	124
5.1.3 A variável sexo.....	126
5.2 Análise das variáveis linguísticas.....	127
5.2.1 O tempo verbal.....	128
5.2.2 O tipo de texto.....	130
5.2.3 O tipo de ocorrência.....	133
5.2.4 O tipo de verbo.....	134
5.2.5 A determinação do referente.....	135
5.3 Análise qualitativa.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS.....	173

INTRODUÇÃO

O trabalho por mim desempenhado como professora de espanhol do curso de Licenciatura em Espanhol no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, no período compreendido entre 2008 e 2010, onde ministrei a disciplina de Dialetoлогия, elaborei uma prova de vestibular para o Campus, exerci o cargo de professora conteudista da disciplina de Língua Espanhola I da EAD e de professora formadora da mesma disciplina, fez com que me deparasse com situações diversas que me motivaram a investigar o tema desta tese.

As principais motivações que estimularam o desenvolvimento desta investigação foram:

1) A discriminação por parte de uma professora da instituição, nativa da língua espanhola, no momento de chegar a um consenso em relação aos pronomes que deveriam ser utilizados no material didático da Licenciatura em Espanhol do Ensino à Distância, EAD.

Para ela, o *vos* deveria ser retirado do material por mim elaborado, por questões discriminatórias, já que no seu país, a princípio, o *vos* era restrito a uma classe social mais baixa. Além disso, trata-se de um país onde o *vos* apresenta uma conjugação diferenciada daquela utilizada pela maioria dos países *voseantes*.

Embora ela quisesse, retirar o *vos*, utilizado por mais de 42% dos falantes hispânicos, incluindo regiões de quase todos os países hispanoamericanos, com exceção da República Dominicana e Porto Rico, queria manter o uso do pronome da segunda pessoa do plural, *vosotros*, que limita-se ao uso do espanhol peninsular. Dita professora justificava que o material deveria apresentar todas as formas de conjugação do *vos*, de maneira a contemplar a variação do seu país, embora não fosse a forma de prestígio.

2) A indicação do revisor da prova de vestibular que, ao deparar-se com uma questão que envolvia o uso do pronome *vos*, sugeriu a retirada da mesma por, segundo ele, tratar-se de um tema muito específico, correspondente a uma variação regional, não abordada em sala de aula pelos professores.

Ora, como podemos formar alunos de nível superior da área da língua espanhola insentando-os dos conhecimentos da língua? Como ignorar um pronome tão recorrente que, na verdade, não se restringe à região platense como muitos pensam? Como não tratar uma variação morfológica tão fundamental na disciplina de dialetologia, dedicada exclusivamente às variações da língua? Como não levar à sala de aula um conhecimento

real, existente e recorrente da língua por questões de adaptar as aulas a livros utilizados que não trazem o uso do *vos* por serem provenientes de editorações espanholas (lugar onde o *vos* não é utilizado)?

O estudo da língua dentro de um marco social nos oferece numerosas oportunidades para enxergar a variação linguística que se pode observar nos distintos contextos socioculturais: componentes da língua (fonológico, léxico, sintático e semântico); as regiões ou espaços geográficos (Madrid, Buenos Aires, Canárias, Bolívia); os grupos sociais (classe alta, média, profissionais, obreiros); as diferenças entre os falantes (idade, sexo, educação, etnia); os estilos de fala (formal, informal, literária, íntima); os atos ou acontecimentos comunicativos (saudações, desculpas, piadas, debates); os tipos de textos⁵ (orais, escritos, espontâneos, não-espontâneos); os domínios sociolinguísticos (casa, vizinhança, escola, trabalho, religião). Isso, sem dúvida alguma, revela a relação que a língua e a sociedade exercem uma sobre a outra e faz refletir na língua.

Considerando que o objeto de estudo da dialetologia é estudar os diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos e o da sociolinguística, estudar sistemas linguísticos em seu contexto social, podemos observar que as duas áreas do conhecimento, embora tenham propósitos diferentes, complementam-se porque ambas estudam a língua dentro da sociedade.

Como suporte do nosso referencial teórico, abordaremos a teoria da sociolinguística variacionista, sob a ótica de Labov (1963) que, a partir da década de 1960, defende um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas. Para esta corrente, a explicação das diversidades linguísticas encontram-se em variáveis sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica, classe social etc. Também abordaremos as seguintes teorias: a dialetologia pautada nos estudos de Alvar (1968); a variedade do espanhol da América segundo Lipski (1994); o estudo das fórmulas de tratamento no espanhol atual baseado em Carricaburo (1997); o espanhol da América de acordo com Heríquez Ureña (1921), e os princípios da sociolinguística sob a ótica de López Morales (2004) e Moreno (2009), entre outros. Considerando que linguagem, cultura e sociedade são fenômenos inseparáveis, não podemos separar as duas teorias abordadas: sociolinguística e dialetologia. Cada uma destas disciplinas amplia nossos conhecimentos sobre a variação linguística através do tempo, do espaço e das pessoas.

⁵ Nesta tese, o nosso *corpus* é composto por textos orais.

A dialetologia, com seus estudos das variações geolinguísticas e os novos enfoques relacionados com a variação social (dialetologia social e urbana), nos oferece valiosa informação da língua na sociedade. A sociolinguística, por sua vez, contribui com outros dados acerca do comportamento da língua e dos falantes. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito dos usos linguísticos. Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Os estudos da sociolinguística podem ter alcances diversos. A depender dos seus objetivos, pode descrever a fala da cidade de Buenos Aires, de uma comunidade do Rio de Janeiro, dos estudantes de medicina ou de um grupo de policiais. Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidades ou da variação. Toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar a mesma coisa com o mesmo valor de verdade— variedades linguísticas. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea.

Na Bolívia, por exemplo, no tocante ao pronome de segunda pessoa do singular, podemos afirmar que há uma coexistência entre os pronomes *tú* e *vos*, observando a predominância de um ou de outro em regiões determinadas. O Altiplano boliviano é a região estabelecida na Cordilheira dos Andes e se estende por toda a faixa ocidental do país, desde a Argentina até o Peru e compreende os estados de La Paz, Oruro e Potosí. Nesta região, por exemplo, verifica-se uma coexistência entre o *tú* e o *vos*, sendo este último acompanhado da conjugação equivalente ao *tú*. Em contrapartida, na região oriental, relativa à planície boliviana e formada, administrativamente falando, por três estados: Santa Cruz, Beni e Pando, o *vos* ocupa a posição de protagonista com a conjugação que lhe é peculiar, resultante da conjugação do *vosotros* sem o “i” da desinência, como por exemplo, *vosotros coméis* > *vos comés*; exceto em verbos de terceira conjugação, quando se observa a manutenção da referida vogal em sua terminação, como visto em *vosotros vivís* > *vos vivís*.

Sendo assim, o objeto de estudo deste trabalho corresponde à investigação do pronome de tratamento *vos* da língua espanhola dentro da comunidade de fala do povo *cruceño*, com o intuito de verificar se trata-se de um pronome recorrente, se é usado por todas as classes sociais, se tem a mesma frequência entre homens e mulheres, em

peessoas de idades diferentes e se há diferença entre ele e o *tú* no tocante ao grau de formalidade.

O objetivo geral desta pesquisa é verificar a recorrência do pronome *vos* na comunidade linguística de *Santa Cruz de la Sierra*, Bolívia, a fim de desmistificar a ideia de que se trata de um pronome restrito à zona do Rio da Prata e analisar os contextos em que o dito pronome aparece, com vistas a descaracterizar a crença de que este pronome se restringe a uma classe social mais baixa. De acordo com Lipski (2004), em grande parte da América hispânica, o *tú* é raro ou inexistente na fala espontânea. Nessas regiões, o *vos* desempenha os mesmos valores gramaticais e semânticos que o *tú*. O autor afirma que o *vos* é utilizado em praticamente toda América Central, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e em centros urbanos da Colômbia, Venezuela, Equador e Bolívia, regiões onde o *vos* goza de prestígio local. O pensamento de que o *vos* é um pronome restrito a zonas marginalizadas é característico apenas no México, Panamá, Peru e Chile.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

1. Verificar se o uso do *vos* é equiparado ao do *tú* em Santa Cruz de la Sierra;
2. Averiguar se algum deles apresenta maior grau de formalidade em relação ao outro;
3. Observar se há coexistência entre o *tú* e o *vos* e predominância de um sobre o outro, além de
4. Detectar nas variáveis sociais se há maior incidência de uso em homens ou mulheres, em grupos etários e níveis de escolaridade diferentes.

Logo, como bem especifica Lipski (1994), em grande parte da América Central, após a Revolução Sandinista⁶ de 1979 ocorre a predileção do *vos*. Em consequência da combinação da marginalização histórica e da influência eurocêntrica que os países centro-americanos sofreram, promoveu-se um clima de insegurança, desinformação e auto-desprezo de seus habitantes que acabavam fazendo uso do *tú* em ocasiões oficiais, embora o peculiar a esta região fosse o *vos*. Com a mencionada revolução, a preferência pelo *vos* alcançou um reconhecimento oficial e os materiais empregados para a campanha nacional de alfabetização, bem como a correspondência sobre assuntos oficiais de muitos países empregavam apenas o *vos*.

⁶ Revolução social ocorrida na América Central que estimulou a sanção pública do *vos*.

Ao atribuir o uso do *vos* à classe plebeia e restringi-lo a zonas marginalizadas, México, Panamá, Peru e Chile, segundo Lipski (1994), colaboram com o pensamento de que este pronome limita-se a uma classe sócio-econômica mais baixa. Por esta razão, esta investigação se justifica pela crença de que este pronome é classificado como vulgar e com menos prestígio que o *tú*. Graças à predileção de alguns países hispânicos pelo uso do *vos*, a presente tese também se justifica pela ideia de que o *vos* é um pronome restrito à região do Rio da Prata por ser esta, segundo Lipski (1994), uma região que incorporou o *vos* profundamente em todos os aspectos da língua pública e privada, neutralizando qualquer sentimento de desaprovação além de não evitar este pronome ao falar com interlocutores que não o usam.

Desta maneira fazemos alguns questionamentos que nortearão o desenrolar desta tese que mais tarde poderão ser comprovadas ou refutadas:

1. O pronome *vos* é recorrente em Santa Cruz de la Sierra?
2. Trata-se de um pronome realmente utilizado apenas por classes sociais mais baixas?
3. Ele é usado nos mesmos contextos que o *tú* ou há diferentes preferências a depender do contexto, do sexo, da idade e da escolarização?
4. É ele um pronome majoritário em Santa Cruz de la Sierra?

Considerando a alternância *tú/vos* em Santa Cruz de la Sierra, nossa hipótese é a de que o pronome inovador *vos* seja predominante nesta cidade em diferentes classes sociais, principalmente nas relações próximas, de maior intimidade. Logo, procuraremos confirmar ou refutar ao longo desta pesquisa se realmente o pronome *vos* é majoritário nessa comunidade de fala além de responder às demais questões norteadoras ao longo dos cinco capítulos que dividem esta tese.

O primeiro capítulo traçará um breve percurso da história de Santa Cruz de la Sierra, a sua fundação, os aspectos linguísticos da fala *cruceña*, suas variedades regionais e principais características. O segundo capítulo tratará da teoria da sociolinguística variacionista. O terceiro capítulo está dedicado à definição e formação do pronome de tratamento *vos*, além da história de sua origem e extensão na América hispânica, classificando as regiões da América onde predominam o *tú* e as que dão preferência ao *vos*, até afunilar e chegar ao uso do *vos* na comunidade de Santa Cruz de la Sierra. O quarto capítulo se dedicará à metodologia do trabalho, revelando os

métodos utilizados para a análise do fenômeno, as variáveis independentes controladas, as entrevistas, a quantidade de gravações, o lugar de coleta, o contexto em que elas ocorreram e os questionários aplicados nesta mesma comunidade de fala. O quinto e último capítulo mostrará a análise propriamente dita das gravações realizadas com *cruceños* pertencentes a sexos, escolaridades e idades diferentes, a fim de verificar a recorrência do uso do *vos* em diferentes contextos para comprovar ou refutar as questões aqui expostas.

1 HISTÓRIA DE SANTA CRUZ DE LA SIERRA

Como pode ser visto no mapa abaixo, o município boliviano de Santa Cruz de la Sierra é capital do Estado de Santa Cruz, localizado ao leste do país, às margens do Rio Pirai. As pessoas oriundas deste lugar recebem o gentílico de *cruceños*. É a maior e mais povoada cidade da Bolívia e também o centro econômico e industrial do país. Sua população é de 1.756.926 habitantes que, unidos aos da grande Santa Cruz de la Sierra (municípios de Cotoca, Porongo, Warnes, La Guardia, Montero e El Torno), ascendem a 2.102.998. Junto ao bloco composto, de um ponto de vista administrativo, pelos três estados do leste: Santa Cruz, Beni e Pando e que, quanto ao aspecto geográfico-histórico, inclui também a parte norte e nordeste dos estados de La Paz e Cochabamba, formam o oriente boliviano⁷ que se caracteriza geograficamente por ser de terras baixas, nas planícies do chaco-amazônico.



Figura 1 - Mapa da Bolívia⁸.

Segundo Finot (1978), Santa Cruz de la Sierra foi fundada no século XVI e, por apresentar uma história cheia de singularidades, seus habitantes têm uma forma própria

⁷ Nome com que se designa o habitante do oriente boliviano: Santa Cruz, Beni e Pando.

⁸ Disponível em:

<<http://t3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRKN1ofxWX0Pxdb7CW258YFlv8fLD2mlX8V1FJ1Uwb0bHwSlrbKZA>>.

e diferente de falar, merecendo uma atenção mais detalhada no momento de estudar seus aspectos linguísticos. Essas marcas são visíveis não apenas no campo léxico, mas também no morfossintático e no fonético, tornando sua maneira de falar bem diferenciada do restante das falas americanas, inclusive de outras regiões do próprio país.

Añez (1984), em seu livro intitulado *Nosotros y otros ensayos sobre la identidad cruceña*, revela a preocupação pela identidade *cruceña* que, segundo ele, se fez presente a partir de 1980. O debate teve início em 1981 quando o referido autor publicou alguns ensaios em diários locais para estimular a discussão sobre o tema e assim define a *cruceñidad*:

Conjunto de hechos, cosas y valores que subyacen a las ideas y la realidad del pueblo cruceño y le confieren sentido y trascendencia: su gente, su tierra, su historia y los productos de cultura – su arte, modo de producción, actitud general ante la vida y la muerte, arquitectura, mitos, leyendas, costumbres y tradición, lenguaje, comidas, arraigo a la tierra, etc. (AÑEZ, 1984, p.124)⁹.

Na seguinte seção, trataremos de mostrar uma breve história sobre a fundação de Santa Cruz de la Sierra, os aspectos linguísticos dessa comunidade de fala, suas variedades regionais e as características peculiares a essa região.

1.1 A história da fundação de Santa Cruz de la Sierra

García Recio (1988) afirma que as características históricas, geográficas e sociais do Governo de Santa Cruz de la Sierra, como era chamada na época colonial, não tinham semelhança com outros povos da América, em decorrência do seu isolamento cultural, geográfico e linguístico durante quatro séculos, tempo suficiente para caracterizar essa particularidade da fala.

Segundo García Recio (1988), em 1560 foi criado em Lima o governo de Moxos por instruções do vice-rei Hurtado de Mendoza, a pedido de Ñuflo de Cháves, um espanhol que havia viajado em duas oportunidades de Assunção a Lima, com o intuito de obter a autorização do vice-rei para descobrir e conquistar terras desconhecidas ao norte do governo de Assunção. Na sua primeira viagem, em 1548, o vice-rei lhe negou a

⁹ Conjunto de fatos, coisas e valores que subjazem às ideias e realidade do povo cruceño e lhe dão sentido e transcendência: seu povo, sua terra, sua história e os produtos de cultura – sua arte, modo de produção, atitude generalizada perante a vida e a morte, arquitetura, mitos, lendas, costumes e tradição, linguagem, comidas, arraigo à terra, etc. (AÑEZ, 1984, p. 124).

autorização que se dedicava a pacificar os conflitos originados pelos descendentes de Pizarro e Almagro. Na sua segunda viagem, em 1558, Chávez conseguiu além da autorização para descobrir, estabelecer um novo governo independente do de Assunção. Em 1570 este governo modificou definitivamente o seu nome para Santa Cruz de la Sierra, idêntico ao da sua capital. No mapa seguinte podemos observar algumas rotas de viagens realizadas por Pizarro, Almagro e Ñuflo de Chávez, este último, após a autorização do vice-rei Hurtado de Mendoza para conquistar terras localizadas ao norte de Assunção.

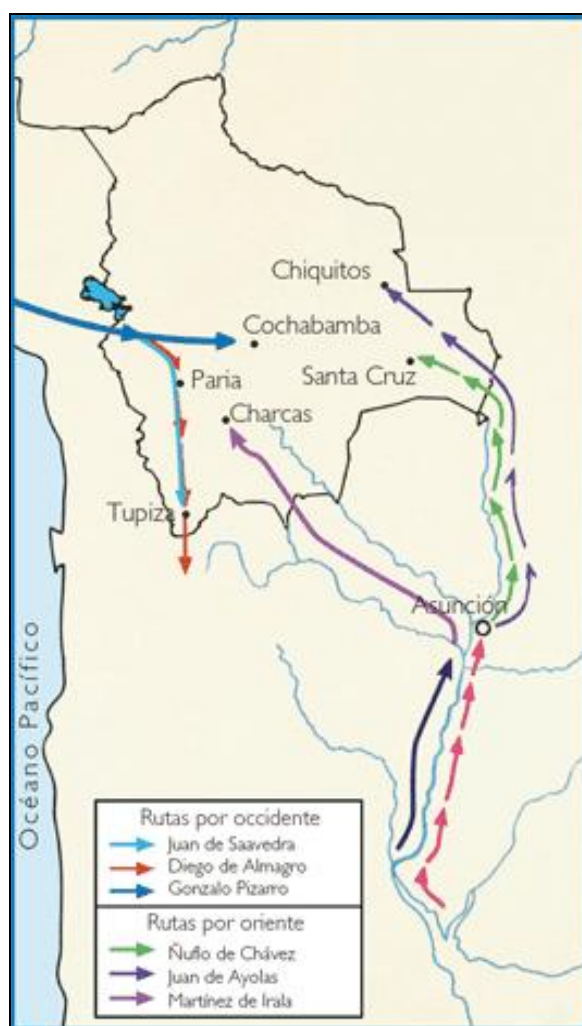


Figura 2 - Rota da ocupação espanhola de Charcas¹⁰.

De acordo com García Recio (1988), no seu retorno de Lima, Chávez fundou a cidade de Santa Cruz de la Sierra em 26 de fevereiro de 1561 em Chiquitos a uma

¹⁰ Disponível em:

<http://bo.kalipedia.com/popup/popupWindow.html?anchor=klphishbo&tipo=imprimir&titulo=Imprimir%20Art%EDculo&xref=20080802klphishbo_17.Kes>.

distância de 140 léguas da Região do Rio da Prata – compreendida pela Argentina, Paraguai e Uruguai- da qual passaria a depender o novo governo.

Para o mencionado autor, o descobrimento e a conquista do oriente boliviano foi resultado da ação originada em Assunção, núcleo matriz do Rio da Prata. Esse fato histórico tem consequências linguísticas complexas. Daí provém a explicação do espanhol oriental se aproximar mais à linguagem platense que à variedade dialetal peruana falada na região andina, embora a cidade de Santa Cruz de la Sierra tenha dependido administrativamente do Reinado de Lima até o século XVIII.

Para Sanabria (1998), a fundação se deu com a entrada de Ñuflo à comarca de Quirabacoas, à procura do lugar ideal para fundar a cidade que daria imortalidade a seu nome. Próximo às colinas que os nativos chamavam de Riquío e Turubó, banhado pelo rio Sutós, fundou a cidade por ele chamada de Santa Cruz de la Sierra em recordação da vila localizada a curta distância de Trujillo (Extremadura), onde havia nascido.

Esse fato histórico deixa claro que a fundação e o desenvolvimento de Santa Cruz de la Sierra, maior centro do oriente boliviano, nunca foram apoiados pelo Peru, motivo que leva a crer que a fundação desta cidade não pode ser resultado de uma ação combinada entre o Rio da Prata e reinado do Peru.

Sanabria (1998) afirma que, por ordem da Real Audiência de Charcas, Lorenzo Suárez de Figueroa, com a aceitação dos *cruceños*, se traslada em 13 de setembro de 1590 a um lugar batizado de San Lorenzo el Real, às margens do Rio Guapay. Em seguida, a cidade andarilha se localizou na planície de Grigotá em 21 de maio de 1595 e finalmente, dezessete anos depois, ou seja, em 1621, o governador Nuño de la Cueva fez a mudança para a localidade de Cotoca.



Figura 3 - Ñuflo de Chávez, fundador de Santa Cruz de la Sierra¹¹.

¹¹ Disponível em: <http://bo.kalipedia.com/kalipediamedia/historia/media/200808/02/hisbolivia/20080802klphishbo_12_Ies_SCO.jpg>.

Como apreciado na figura 3, Ñuflo de Chávez, fundador de Santa Cruz de la Sierra, abre espaço para novas conquistas, saindo desde Assunção, lugar que funcionou como ponto de partida para a fundação de outras cidades. Dela partem, na metade do século XVI, conquistadores espanhóis, jovens, mestiços e milhares de guaranis empenhados a realizar novas fundações como Villa de Santa Rica del Espíritu Santo, Villa de Ontiveros, Ciudad Real Santa Fe de la Veracruz, Concepción de Bermejo, San Juan de Vera de las Siete Corrientes, Santiago de Xerez e Santa María del Buen Aire, na desembocadura do Rio da Prata, esta última, fundada por Juan de Garay e um grupo de acompanhantes, do qual faziam parte alguns *cruceños*.

Juan de Garay, um dos principais homens à frente da fundação de Santa Cruz de la Sierra, morou cerca de oito anos nesta cidade com sua esposa e filhos, voltando em seguida a Assunção para de lá seguir até às margens do Rio da Prata, onde fundou Santa María del Buen Aire, confirmando ser Assunção a responsável pela fundação de Santa Cruz de la Sierra e de Buenos Aires.

Antes de 1600, a América compartilhava dois reinados maiores que a Europa. O reinado do Peru que englobava toda a zona que não era andina e se estendia até Buenos Aires foi enfraquecendo, bem como as vantagens de pertencer a ele, surgindo então, a necessidade de criar o reinado de Buenos Aires, que melhorou a administração e o progresso comercial da zona da Prata.

Sanabria (1998) explica que em 1776, Carlos III, rei espanhol, criou o reinado provisório do Rio da Prata para assegurar melhor seu controle sobre seus domínios americanos.

Até o momento, Buenos Aires e o interior dependiam do reinado do Peru e depois, os atuais territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e partes menores do Brasil e do Chile passaram a pertencer ao reinado do Rio da Prata, o que, pouco a pouco foi enfraquecendo a soberania do primeiro.

Logo, a criação no Reinado do Rio da Prata foi responsável pela diminuição do reinado do Peru. Porém, a imensidão deste reinado continuava representando um problema pela força até então exercida, motivo pelo qual a Coroa Espanhola tomou uma nova medida.

Na década de 70, mais especificamente em 1782, a Coroa Espanhola resolveu dividir em distritos os dois reinados, do Peru e do Rio da Prata. No mapa a seguir, na figura 4, podemos observar os principais núcleos populacionais do Império Espanhol no século XVIII.



Figura 4 - Principais núcleos populacionais do Império Espanhol no século XVIII¹².

Esta relação nos permite entender melhor o parentesco da fala platense com a *cruceña*, como consequência da influência linguística recíproca no século XVII era mais intensa nos arredores de Santa Cruz de la Sierra e Buenos Aires. As regiões andinas tinham uma escassa relação com Santa Cruz de la Sierra por causa dos atropelos políticos que deixavam esta cidade a mercê de suas próprias decisões.

O esforço dos conquistadores foi valioso e compensatório, já que acarretou na criação da mais extensa província colonial espanhola, Santa Cruz de la Sierra, com suas dependências de Moxos, Chiquitos e o Chaco que englobavam ao redor de três milhões de quilômetros quadrados, visto no mapa seguinte da figura 5.

¹² Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra22/econo-prata.htm>>.

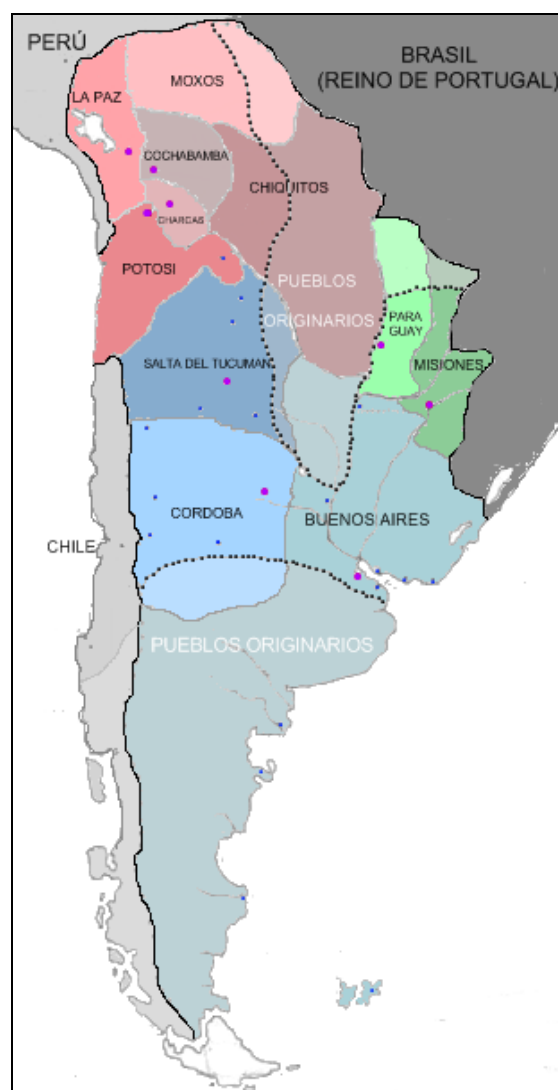


Figura 5 - O Vice-Reino do Rio da Prata¹³.

A ansiedade por povoar terras, pelo menos entre os primeiros homens da conquista, eram maiores do que o simples fato de encontrar riquezas, mas além dessa interpretação há outras que se opõem como cita García Recio (1988, p. 37) quando diz: “... Abecia considera absurda la idea de poblar precisamente en tierra de los Xarayes, extensa región de bañados, pantanos, llena de alimañas, sin agua potable y sin auxilios...”¹⁴

Finot (1978) acreditava que a fundação de Santa Cruz de la Sierra era uma estratégia para avançar em busca de novos territórios ricos em ouro e prata. Pelos acontecimentos e nome que foi dado ao assentamento que deu nascimento à cidade, parece não haver dúvida de que Ñuflo de Chávez e os demais fundadores tinham o

¹³ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Virreinato.png>>.

¹⁴ “... Abecia considera um absurdo a ideia de povoar precisamente na terra dos Xarayes, extensa região de pantanais, cheia de animais, sem água potável e sem ajudas...”.

objetivo fundacional e não somente construir um ponto geográfico com fins estratégicos. A cidade foi trasladada, mas sua permanência espiritual e seu nome não deixam dúvidas de que o propósito de Ñuflo era fundacional e, depois de quatro séculos, Santa Cruz de la Sierra é uma das primeiras e mais importantes cidades da América.

Sua fixação e estabilidade foram motivos de intenções expansionistas por parte até mesmo dos portugueses que, naquela época, já se encontravam instalados no Brasil.

García Recio (1988) afirma que os primeiros peninsulares que participaram da fundação de Santa Cruz de la Sierra eram, na sua maioria, castelhanos, andaluzes e extremenhos, tal como aconteceu em grande parte das cidades fundadas no século XVI e, os grupos nativos com quem se encontraram na zona conquistada eram chiquitanos e chiriguanos (de origem guarani), além de aproximadamente sessenta grupos étnicos e linguísticos que moravam na extensa zona do primeiro assentamento e fundação.

É intrigante o fato de que esta região tenha sido habitada por etnias diversas, sendo cada uma delas composta por um pequeno número de pessoas que falavam línguas tão diferentes umas das outras que impediram a comunicação entre si. Torna-se difícil entender como tais grupos conseguiam se manter vivos ou até mesmo de onde era proveniente uma língua usada por aproximadamente quinhentas pessoas ou pouco mais como usuários. Daí resulta um problema, entender o transtorno idiomático e cultural ocasionado pelo encontro desses povos com os espanhóis e seus auxiliares no trabalho de colonização, os guaranis.

Como sabemos, a língua acompanha o “Império” colonizador de uma determinada colônia que se impõe sobre esta que acaba rendendo-se à cultura e herança linguística daqueles. Evidente é que, em um processo de colonização, tanto a língua dos colonizadores como a dos colonizados deixam marcas linguísticas uma na outra. No caso do Novo Mundo, apesar dos medos de linguistas, filólogos, políticos e intelectuais de que a gama de dialetos encontrados na América, nos séculos XVIII e XIX afogassem o castelhano, não foi o ocorrido, já que este idioma imperou sobre todas as línguas ameríndias antes existentes.

No final do século XVII e por mais de dois terços do século XVIII, as Missões dos padres da Companhia de Jesus reuniram indígenas de diferentes etnias com o intuito de unificar as línguas e costumes, motivo pelo qual, para García Recio (1988), parece estranho o fato de que tenham ensinado aos nativos o chiquitano e não o casteliano, como era de esperar. Torna-se mais compreensível a partir do momento que entendemos

a verdadeira intenção dos jesuítas de prolongar seu apostolado religioso. Era mais fácil que eles aprendessem primeiro a língua dos aborígenes com o intuito de conhecer seus costumes, e de adentrar em sua cultura para que o processo de catequização se desse mais rápido.

Conhecer suas línguas, estudar a gramática desses estranhos idiomas, traduzir as orações, sermões, catecismos e textos sagrados era um grande esforço que se justificava pela ânsia de difundir a palavra sagrada no Novo Mundo.

De acordo com Ramírez Luengo (2007), o léxico trazido pelos primeiros colonizadores (espanhóis e seus acompanhantes) à fala *cruceña* estava composto por palavras derivadas do castelhano, arahucano, taíno, guarani e quechua, proporcionando-lhe uma identidade própria. Também devemos considerar que o lugar fundacional da cidade se deu em uma extensa zona onde habitavam os chiquitos, povo que tinha língua própria que, com o passar do tempo, se transformou em língua geral. Isso justifica a grande quantidade de elementos chiquitanos na fala *cruceña*, podendo ter sido bem mais se Santa Cruz de la Sierra tivesse se mantido no lugar de sua primeira fundação, onde apenas permaneceu a população crioula. Contudo, é possível que muitos sons e aspectos linguísticos tenham se mantido na forma do falar *cruceño*.

Em resumo, a imensa gama de línguas encontradas na América favoreceu à imposição do castelhano sobre todas as outras, apesar deste idioma carregar até hoje, marcas de línguas indígenas com as quais manteve contato. Logo, podemos dizer que o espanhol da América constitui sua fonética, morfologia, sintaxe e léxico no curso do século XVI, com os traços do castelhano falado até o século XV e que, na península Ibérica, estava sofrendo um processo de mudança ocasionado pela influência de palavras americanas que começavam a penetrar no espanhol do século XVI, quando se fundou Santa Cruz de la Sierra.

1.2 Motivo histórico do vos em Santa Cruz: a identidade *cruceña*

A identidade é uma contrução social, como também é social a sua preservação. Segundo Sarup (1996, p. 14), a identidade vai se construindo através de um duplo processo, o da identificação e o da diferenciação. Este duplo processo é interno e externo e se desenvolve de maneira paralela. A identificação é um processo interno de construção de identidade, ou seja, que se constrói com fatores da própria sociedade que levam a uma auto-identificação, como a memória coletiva, as tradições e os símbolos

que levam à criação de um “nós”. Em contrapartida, a diferenciação é um processo externo de construção da identidade, já que este “nós” se constrói a partir de um “outro” que é definido pela oposição ao “nós”. Tanto a identificação como a diferenciação são processos que vão se construindo e se modificando em cada momento histórico. Logo, a análise da identidade de uma comunidade, deve localizar-se em um tempo e espaço determinados, neste caso, Santa Cruz de la Sierra na atualidade.

Para Pecchinenda (2000, p. 63), o processo de construção de uma identidade supõe a existência de elementos naturais e culturais. Os naturais envolvem fatores como a raça e a geografia. É importante considerar os fatores culturais, posto que são eles os responsáveis em desenvolver os sentimentos de identificação e pertinência que constroem uma identidade.

A memória coletiva é a reconstrução do passado. O passado por si só não tem sentido. Este sentido só é adquirido quando os fatos do passado são reconstruídos para criar uma história, uma identidade e um “nós” (SARUP, 1996, p. 46).

Hobsbawm (2000) diz que toda a simbologia e as referências para a construção de uma identidade são encontradas nas tradições que, para ele, são inventadas e que, através de suas formas simbólicas, se transmitem pautas e valores de conduta que tentam manter uma continuidade com o passado.

Para Moreno del Rivero (1960), a estrutura colonial da sociedade *cruceña* começou a desaparecer após 1830 devido à abertura de Santa Cruz ao país e à chegada de migrantes: “*por un lado el mestizo altoperuano y por outro el índio guarani; uno y outro prosperando rutineramente um pouco el comercio de Santa Cruz...* (Moreno del Rivero, 1960, p. 30)”¹⁵, motivo pelo qual “*uno de los rasgos característicos de esta ciudad de blancos era que todos los de esta raza se tuteaban o se voseaban entre sí, con exclusión de quien fuese indio, o cholo o colla*”¹⁶(Moreno del Rivero, 1973, p. 433)”.

Os estudos de Moreno demonstram sua preocupação pelas mudanças que estava vivendo a sociedade *cruceña* a partir da formação da República. Ele considerava que as relações sociais mantinham certa harmonia entre os que possuíam e os que serviam, de acordo com a origem comum de seus habitantes.

Em 1952, Vázquez Machicado publica *Orígenes del mestizaje en Santa Cruz de la Sierra* (1992, pp. 129-145), obra que afirmava, contrariamente aos argumentos de

¹⁵ “por um lado o mestiço do altiplano peruano e por outro o índio guarani; um e outro prosperando rotineiramente um pouco o comércio de Santa Cruz (MORENO, 1960, p. 30).

¹⁶ “um dos traços característicos desta cidade de brancos era que todos os desta raça se tratavam por tú ou vos entre eles, com exclusão de quem fosse índio, cholo ou colla (MORENO, 1973, p. 433).

Moreno, que os nativos *cruceños* são os mestiços. Ele explicou que houve um “braqueamento” devido a que:

las razas autóctonas de las selvas y llanos, demostraron en el abrazo fecundo, carecer de resistencia biológica ya así a la segunda, cuando más a la tercera generación desaparecería dejando al poblador blanco que la había absorbido por completo (ibid.: 336)¹⁷.

Por conseguinte, os dois autores encabeçaram no tema da identidade: Moreno, desde uma perspectiva excludente, analisou a sociedade *cruceña* mutante dos primeiros anos republicanos diante da chegada dos imigrantes oriundos do mundo andino e do mundo guarani, enquanto que Vázquez Machicado considerou a mestiçagem como um sinal no nosso nascimento; foi o de nossa vida toda e será de nosso futuro grande, nobre e triunfante.

A preocupação pela identidade *cruceña* volta à tona a partir de 1980. O debate se inicia em 1981 quando Herman Fernández Añez publicou nos diários locais alguns ensaios para estimular a discussão sobre o tema. Fernández Añez propõe que, diante as ameaças do desenvolvimento econômico e tecnológico,

Lo cruceño está como nunca amenazado de muerte cierta y pronta. Si no surgen con premura las teorías y con ellas los remedios, la identidad de estos pueblos sucumbirá al tráfico sin freno de los ienes de consumo (FERNÁNDEZ AÑEZ, 1984, p. 31)¹⁸.

Em decorrência desta preocupação, faz-se mister descobrir a identidade *cruceña* em dois sentidos: o primeiro através de uma análise do passado e o segundo, mediante uma compreensão do presente a partir do estudo de todos os grupos e instituições que compõem a sociedade *cruceña*. Por isso, Fernández Añez (1984), assim define a *cruceñidad*:

Conjunto de hechos, cosas y valores que subyacen a las ideas y la realidad del pueblo cruceño y le confieren sentido y trascendencia: su gente, su tierra, su historia y los productos de cultura – su arte, modo de producción, actitud general ante la vida y la muerte, arquitectura, mitos, leyendas, costumbres y tradición, lenguaje, comidas, arraigo a la tierra, etc. (FERNÁNDEZ AÑEZ, 1984, p. 124)¹⁹.

¹⁷ As raças nativas das selvas e da planície, demonstraram no abraço fecundo, carecer de resistência biológica já na segunda e mais na terceira geração que desaparecería, deixando ao povoador branco que a havia absorvido completamente (MACHICADO, 1992, p. 336).

¹⁸ As peculiaridades *cruceñas* estão como nunca ameaçadas de morte certa e rápida. Se não surgem prematuramente as teorias e com elas os remédios, a identidade destes povos sucumbirá ao tráfico sem freio dos bens de consumo (FERNÁNDEZ AÑEZ, 1984, p. 31).

¹⁹ Conjunto de fatos, coisas e valores que subjazem às ideias y realidade do povo *cruceño* e lhe conferem sentido e transcendência: seu povo, sua terra, sua história e os produtos de cultura – sua arte, modo de produção, atitude geral perante a vida e a morte, arquitetura, mitos, lendas, costumes e tradição, linguagem, comidas, arraigo à terra, etc. (FERNÁNDEZ AÑEZ, 1984, p. 124).

Na verdade, a proposta de Fernández é uma análise da cultura *cruceña*, enquanto que a identidade fica ao encargo de Carvalho (1990), que acreditava ser a cultura *cruceña* proveniente da integração bio-social do espanhol e o nativo que determina em sua integração, a sujeição do segundo ao modo de vida do conquistador, a sua forma de trabalho, suas relações de produção, sua religião, moral e costumes, sua estrutura familiar, etc.

Carvalho (1990) considera que essa nova cultura se expandiu por todo o Oriente boliviano, depois da expulsão dos jesuitas em 1767. Além disso, propõe que foi o isolamento, durante a República, que permitiu aos cruceños fundamentar sua própria identidade, quase estática em todo o período republicano, até 1952.

O autor afirma ainda que as classe mais baixas são as que conservam os elementos históricos e tradicionais da identidade do seu povo. Ao considerar os filhos dos imigrantes, assinala que:

adquirirán el habla del cruceño y las necesidades cruceñas serán sus propias necesidades, las luchas cruceñas serán sus luchas (CARVALHO, 1992, p. 24)²⁰.

Em 1993, o Governo Municipal de Santa Cruz de la Sierra organizou um seminário intitulado “*Nosotros y los otros cruceños*” com o intuito de tentar analisar a identidade *cruceña* e a contribuição dos imigrantes na condição de novos *cruceños*.

Fernández foi o precursor do debate sobre a identidade *cruceña* em 1960 quando Santa Cruz estava inundada por imigração de outros povos do país e depois, pelos meios de comunicação social (FERNÁNDEZ AÑEZ, 1994, p. 41).

Para Fernández, até então, a identidade *cruceña* havia se desenvolvido durante quatrocentos anos de isolamento sem apresentar muitas variações neste período. Porém o autor assinala que a peculiaridade *cruceña* é algo que não tem final e que irá se modificando de acordo com suas necessidades.

Ferreira, porém, considera que a cultura *cruceña*, além de uma mistura, era um transplante quase puro do elemento espanhol à nossa terra (FERREIRA JUSTINIANO, 1994, p. 28). O autor propõe a existência de uma cultura *cruceña* tradicionalista, considerada rural, imediatista e primordialmente propensa a imitação estrangeira. Para ele, os setores populares foram responsáveis em forjar uma verdadeira identidade, já que eram os mais próximos aos povos nativos. Ferreira Justiniano (1994) arcedita ser muito

²⁰ Adquirirão a fala do cruceño e as necessidades cruceñas serão suas próprias necessidades, as lutas cruceñas serão suas lutas (CARVALHO, 1992, p. 24).

difícil que um imigrante absorva a cultura *cruceña* devido ao alto número de imigrantes que conservam seus costumes e tradições, e inclusive os transmite aos *cruceños* (FERREIRA JUSTINIANO, 1994, p. 30).

1.3 Aspectos lingüísticos da fala *cruceña*

De acordo com Rosenblat (1977), o léxico e formas lingüísticas instalados em Santa Cruz de la Sierra no século XVI eram provenientes da região da Andaluzia, sul da Espanha, trazidos pelos conquistadores daí oriundos, tendo em vista que estes eram os mais numerosos no processo de colonização da América hispânica. Buscando responder a questionamentos em relação ao nível social e cultural dos primeiros povoadores espanhóis em terras americanas, Rosenblat (1977, p. 49) diz: “... *puede afirmarse en líneas generales que la base del español americano es el que hablaban los sectores medios y superiores de la península...*”²¹, esclarecendo que os chegados a América no século XVI ocupavam um lugar representativo na sociedade peninsular daquele tempo.

Rosenblat (1964) esclarece ainda que a fala *cruceña* também se mestiçou com a língua oficial do império inca no século XV, o quéchua, impondo-se como idioma de comunicação em toda a região andina, compreendida desde o sul da Colômbia até o norte da Argentina, passando pelos atuais territórios do Equador, Peru e Bolívia.

Após a conquista espanhola, os missionários impuseram o uso geral do quéchua, motivo pelo qual se acredita que nos primeiros séculos do descobrimento e conquista da América, muitas palavras quéchuas tenham sido incorporadas aos dialetos do Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina e zonas do Oriente boliviano que eram predominantemente guaranísticas e, no caso de Santa Cruz, chiquitanas.

Podemos observar no mapa abaixo a influência do quéchua, do guarani e do Aimara, além de outras línguas, na Bolívia. Em Santa Cruz, mais especificamente, encontramos o Paunaca, o Guarayo, o Guaraní-chiriguano, o Ayoreo e o Chiriguano.

²¹ “...É possível afirmar, em linhas gerais, que a base do espanhol americano é o que falavam os setores médios e superiores da península...”.

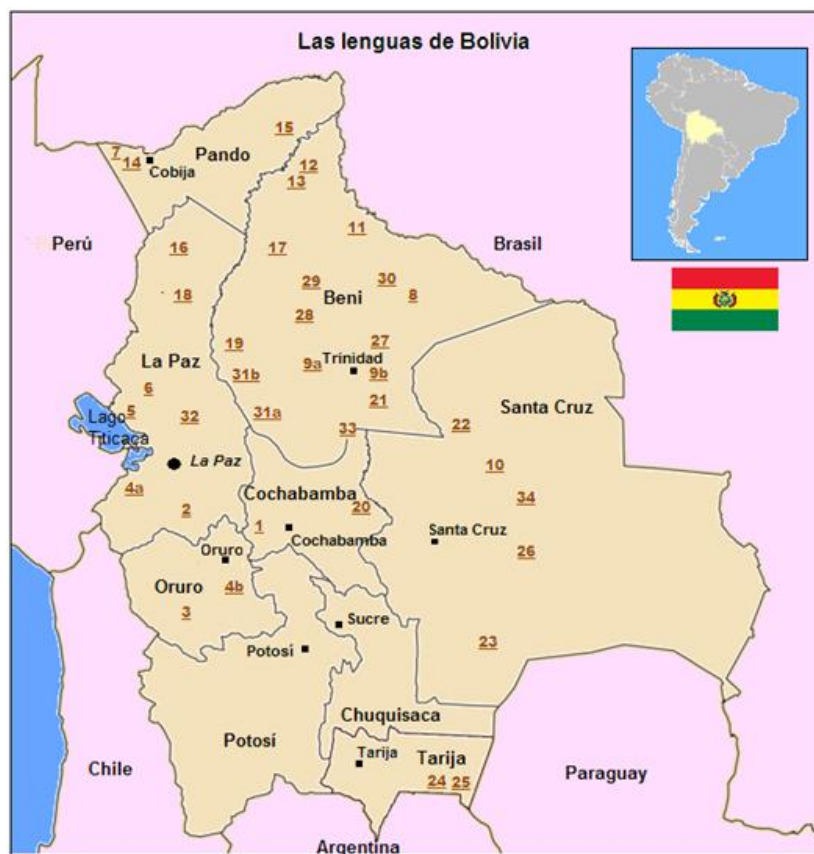


Figura 6 - A diversidade linguística da Bolívia²².

1. Quechua	11. Moré (Itene)	23. Guaraní-Chiriguano
2. Aimara	12. Chacobo	24. Tapieté
3. Chipaya	13. Pacahuara	25. Weenhayek (Mataco)
4a. Uchumataq	14. Yaminahua	26. Ayoreo
4b. Chholo	15. Ese Ejja	27. Canichana
5. Puquina	16. Araona	28. Movima
6. Kallawaya	17. Cavineña	29. Cayubaba
7. Machineri	18. Tacana	30. Itonama
8. Baure	19. Maropa (Reyesano)	31a. Mosestén
9a. Mojeño Trinitario	20. Yuki	31b. Chimane (Tsimane')
9b. Mojo-Ignaciano	21. Sirionó	32. Leko
10. Paunaca	22. Guarayo	33. Yurakaré
		34. (Besiro) Chiriguano

²² Disponível em: <<http://www.ru.nl/lenguassp/lenguas/lenguas/>>.

Rosenblat (1964) chama a atenção também para uma mestiçagem, embora tardiamente, do *lunfardo*²³, gíria que adentrou em Santa Cruz trazida por jovens que retornaram de Buenos Aires, La Plata, Córdoba e Tucumán, após cursar uma carreira universitária desde a década de 1940. Entre elas, aparecem boliche, chiflado, changueador, facha, falluto etc.

Em relação à região geográfica, podemos afirmar que tentaremos classificar as cinco zonas subdialetais que compreende o que se poderia chamar de fala *cruceña*, sem que esta denominação menospreze as particularidades de nenhuma região que apresente personalidade própria e diferenciada.

Segundo Sanabria (1997), o processo de mestiçagem linguística ocorrido nas diversas cidades americanas fundadas no século XVI se deu, em linhas gerais, como uma imposição coletiva que culminou no que se chama espanhol da América, já que essas cidades possuíam peculiaridades no falar que as diferenciavam dos traços característicos ao espanhol peninsular. Tratando-se do espanhol *cruceño*, podemos acrescentar ainda que a sua fisionomia linguística não se assemelhava às do espanhol de outras cidades americanas, nem com o da Espanha, graças, como já dito, ao seu estado de distanciamento geográfico em relação às outras cidades por quatro séculos.

Este processo não ocorreu abruptamente, muito pelo contrário, constituiu um *continuum* linguístico mais ou menos constante e estável que, no caso de Santa Cruz de la Sierra, foi formado pela história linguística e pessoal dos seus fundadores em contato com os povos chiquitanos que ali viviam.

De acordo com Sanabria (1998), embora saibamos que os peninsulares chegados à zona chiquitana eram provenientes da Espanha, também sabemos que eram pessoas que tinham experimentado anos árduos e cansativos em Santa María del Buen Aire como Pedro de Mendoza, Irala e outros, que depois passaram a Assunção, Lima e em seguida a Santa Cruz de la Sierra e novamente a Buenos Aires com Chávez, Juan de Garay e outros homens aventureiros.

Continua sendo polêmico o tema relativo ao substrato²⁴. Logo, difícil é responder até que ponto o chiquitano deixou influências léxicas e fonéticas na fala

²³ O *lunfardo* nasce nos bairros periféricos de Buenos Aires, em princípios de 1870, como um código hermético utilizado pelos *lunfas*, ou seja, os ladrões, e pelos presos nos cárceres portenhos, com a intenção de se comunicarem sem serem compreendidos pelos guardas (BARCIA *et al.*, 2003, p. 35). Em suas origens, tem características de gíria ou jargão, isto é, pertence a um grupo mais ou menos fechado de indivíduos, mas não é a única língua de tal grupo, pois vive ao lado da língua comum utilizada pelos indivíduos em questão.

²⁴ Nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política.

cruceña. O linguista Lenz (1893), radicado muitos anos no Chile, realiza um trabalho de descrição fonética do arahucano para analisar sua influência sobre o espanhol chileno. Sua tese sustenta que o espanhol do Chile “é principalmente espanhol com sons arahucanos” (WEINBERG, 1976 apud CARRICABURO, 1977). Apesar de sua tese ter sido recebida com entusiasmo por alguns linguistas, outros o fizeram com certo menosprezo, como por exemplo, Menéndez Pidal (1950) na Espanha e (CUERVO, apud GIRALDO, 1995) na Colômbia.

Alonso (1953) rejeita de forma taxativa a tese do substrato (WEINBERG, 1976, apud CARRICABURO, 1997). Embora haja tamanha controvérsia a esse respeito, há trabalhos que falam sobre a influência indígena na fala cordobesa argentina, como também da forte presença do guarani no Paraguai, pelo menos no tocante à fonética, notável desde a chegada dos primeiros espanhóis e que se trata de uma língua falada por uma porcentagem muito grande da população atual. Rosenblat afirma:

Con ciertas reservas se puede admitir la afirmación de que el régimen colonial superponía una república de españoles a una república de indios. De todos modos, el mestizaje tendió constantemente un puente entre ambas repúblicas y logró fundirlas en gran medida... desde 1492 las lenguas indígenas han incorporado a nuestro español de América una serie de elementos: entonación, rasgos articulatorios, sufijos, nombres de flora y fauna y de vida material y espiritual y en regiones bilingües hasta moldes sintácticos. Su estudio constituye uno de los capítulos más apasionantes de la lingüística hispanoamericana... (ROSENBLAT, 1954, p. 108)²⁵.

De acordo com Boyd-Bowman (1956), é muito provável que um povo, ao ser colonizado, tenda a imitar o que fazem, o que dizem e como dizem e acredita ser pouco provável que o espanhol *cruceño* seja proveniente da Andaluzia, porém de predominância léxica de extremenhos, leoneses e canários.

É mais sensato afirmar que a fala *cruceña* seja oriunda de uma mestiçagem de grupos linguísticos variados, tanto ameríndios como peninsulares que, por sua vez, também estavam misturados pela soma amontoada de povos instalados na América. Ainda não se conseguiu acoplar estudos sistemáticos de índole diacrônica sobre o espanhol americano de cidades fundadas no século XVI, porém o esforço que se possa dar neste sentido redundará na soma dos esforços individuais para explicar porque

²⁵ Com certo cuidado se pode admitir que o regime colonial submetia uma república de espanhóis a uma república de índios. De toda maneira, a mestiçagem estendeu uma ponte entre as duas repúblicas e conseguiu fundi-las em grande medida... desde 1492 as línguas indígenas incorporaram ao espanhol da América uma série de elementos: entonação, traços articulatorios, sufixos, nomes de flora e fauna e de vida material e espiritual e, em regiões bilingües, até modelos sintáticos. Seu estudo constitui um dos capítulos mais apaixonantes da lingüística hispano-americana... (ROSENBLAT, 1954, p. 108).

lugares tão distantes como Buenos Aires e Santa Cruz de la Sierra estão intimamente ligados pela história de suas fundações e pelas marcas linguísticas semelhantes que restaram entre os dois.

As características da fala *cruceña* perduraram com poucas variações até o final do século XIX, quando inicia o êxodo de aproximadamente trinta mil habitantes em direção ao território dos Moxos, até chegar ao território acreano, ficando o português responsável pela nova face do castelhano ao receber contribuições léxicas e fonéticas da língua brasileira na fronteira com Guayará. Essa influência deixou às margens as zonas dos vales *cruceños* e do Chaco, sendo mais notável a influência nas regiões do Beni e Pando, onde o português mantém um forte contato, graças à localização geográfica fronteiriça.

Ao tratar do que é peculiar à fala *cruceña*, reportamo-nos a todo um processo histórico-social e às vicissitudes que teve Santa Cruz de la Sierra desde a sua fundação, transitando de uma época colonial a outra correspondente ao desenvolvimento da sua identidade. Recentemente a fala *cruceña* sofreu uma modificação como resultado de fatos políticos e sociais que se deram em meados do século XX quando Santa Cruz de la Sierra se integra a outros povos da Bolívia através da construção da rodovia que a liga a Cochabamba; do Brasil e da Argentina por meio da construção de linhas ferroviárias que partem daí a Buenos Aires e Santos.

Para Sarup (1996), o que é relativo às características da fala *cruceña* são consequências de traços históricos, sociológicos, linguísticos, étnicos, geográficos e culturais que marcam uma língua única, embora apresente variedades peculiares a cada região diferenciada politicamente desde a época republicana e que, administrativamente, ficou dividida em três estados: Santa Cruz, Beni e Pando, formando o oriente boliviano. Todos eles conservam uma tendência em utilizar o pronome de segunda pessoa do singular, *vos*.

Digamos então que a fala *cruceña* supõe uma história que a conecta com uma língua matriz, de onde nasceu, unida a uma variedade de idiomas, dialetos, socioletos, gírias ou simplesmente palavras soltas de tão variadas origens que terminam dando um resultado mais ou menos acabado.

Essa língua permite a comunicação entre um grupo de pessoas que habita um mesmo território e compartilha uma história comum, seja há muitos séculos ou dentro de um tempo menos longo, mas que se incorpora à comunidade por aprender e usar as características equivalentes àquela nação linguística.

La Gran Chiquitanía

El corazón de Suramérica late en Bolivia. The heart of South America beats in Bolivia.

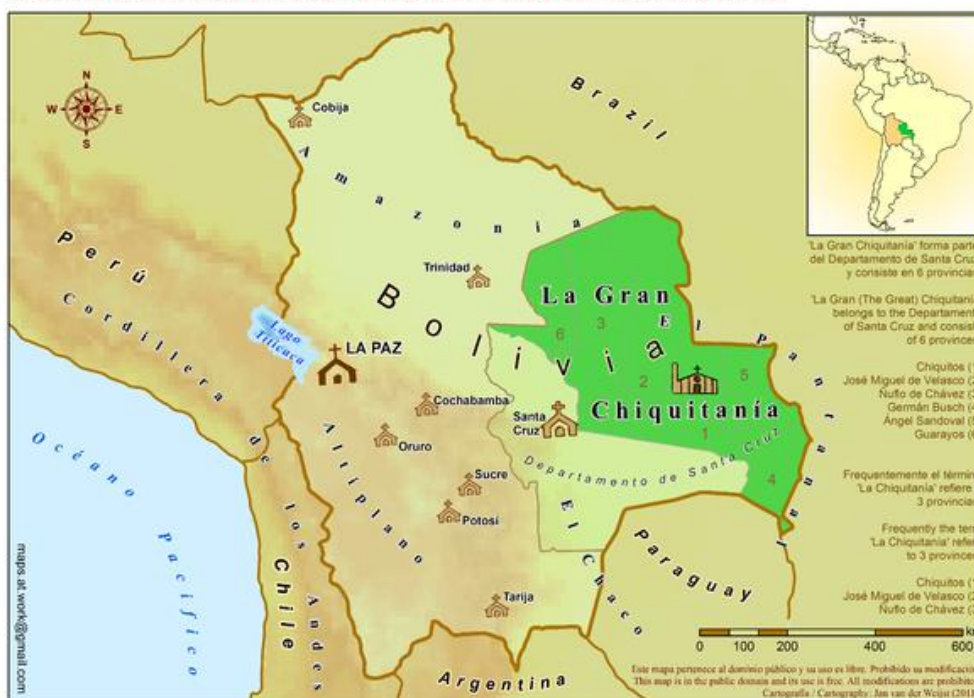


Figura 7 - La Gran Chiquitanía²⁶.

Como mostra o mapa anterior da figura 7, o chiquitano era a língua utilizada por mais de trinta mil pessoas e foi a escolhida pelos jesuítas como língua geral e, os que falavam outros idiomas o aprenderam, “(...) *por eso es que existen parcialidades étnicas que no son chiquitanos y hablan esta lengua...*” (RIESTER, 1965)²⁷. Entre algumas palavras chiquitanas incorporadas e usadas até os dias de hoje entre os *cruceños* estão: *cuchuqui*, *cuguchi*, *curucusí*, *chio*, *jarubichi*, *jone* etc.

O guarani é outra língua que entra prematuramente na mestiçagem da fala *cruceña*. Esta língua pertence à família linguística tupi-guarani que compreende línguas faladas desde a América pré-colombina por povos que se estendem desde a Cordilheira dos Andes até o Rio da Prata e são cultivadas por etnias que ainda preservam sua cultura original e que moram no Paraguai, nordeste argentino, oriente boliviano e sul e oeste brasileiro. Podemos diferenciar três variedades do guarani praticamente inteligíveis entre si, o missionário ou jesuítico; o tribal e o guarani paraguaio. Entre os vocábulos

²⁶ Disponível em: <<http://mappery.com/La-Gran-Chiquitania-Map-2>>.

²⁷ “...por isso é que existem parcialidades étnicas que não são chiquitanos e falam essa língua...” (RIESTER, 1965). ”.

derivados dessa origem na fala *cruceña*, encontramos *cunumi*, *guapurú*, *jacuú*, *jatupú*, *jenecherú*, *sapicuá* etc.

Muitas palavras do arahuaco-taíno que têm grande vigor de uso se incorporaram à fala *cruceña* e ao espanhol americano de forma geral no século XVI, porém, paradoxalmente, foram as primeiras línguas a desaparecer ou a restringir-se, levando-nos a concluir que não suportaram a presença, pressão e imposição do espanhol peninsular.

A fim de melhor entender as bases teóricas que sustentam a gama de variedades linguísticas que existiram, modificaram-se e continuam nesse *continuum* até os dias de hoje na América hispânica, dedicaremos atenção no próximo capítulo a alguns fundamentos sociolinguísticos que regem esta investigação: princípios da sociolinguística, variacionismo e dialetologia.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA

A literatura em sociolinguística (cf. HUDSON, 1981) costuma aceitar que 1964 é uma data marcante para o desenvolvimento da sociolinguística moderna. Nesta época, a mencionada área de conhecimento recebeu um impulso que facilitou o seu desenvolvimento e despertou o interesse de um significativo número de especialistas que, revestidos por um caráter multidisciplinar, observaram a confluência de disciplinas como a linguística, a antropologia e a sociologia.

Torna-se difícil sustentar a teoria de que o desenvolvimento da sociolinguística depende do seu entorno social e situacional. Isso se deu como resposta a uma crise da linguística teórica que, certamente, clamava por novos caminhos.

Podemos dizer que a linguística é uma disciplina que faz parte de outra mais geral, a semiologia que, por sua vez, tem a finalidade de estudar os signos no seio da vida social. Isso desencadeou o surgimento da Escola Linguística Sociológica onde suas práticas baseavam-se nas ideias saussureanas, sustentadas por uma concepção sociológica da linguagem que tratava a fala como um fato social que deve ser estudado como tal em relação com outros fatos sociais, posto que só se manifesta em sociedade (IORDAN, 1967; MALKIEL, 1976).

A sociolinguística atual parte do mesmo princípio, isto é, que a linguagem é uma forma de comportamento social e por isso, não é de estranhar que Labov (1972) tenha ressaltado que o termo sociolinguística é um termo redundante:

As crianças que crescem isoladas não utilizam a linguagem; é usada pelos seres humanos em um contexto espacial, para comunicar suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros. Os monólogos egocêntricos das crianças resultam ser desenvolvimentos secundários derivados do uso social da linguagem e muito pouca gente emprega muito tempo em falas sozinhas. É questionável que as frases que não comunicam nada a ninguém formem parte da linguagem. Em que sentido pode a sociolinguística ser considerada como algo separada da linguística (LABOV, 1972 apud MORENO, 2009, p. 289).

Atualmente, a sociolinguística centra seus estudos em três campos principais: a sociologia da linguagem, a etnografia da comunicação e a sociolinguística quantitativa urbana ou variacionismo; sabendo que há diferenças teóricas e metodológicas entre elas (MORENO, 1988, 1990).

A relação existente entre a língua e a sociedade nos leva a dois caminhos, o da sociolinguística e o da sociologia da linguagem. Como se sabe, em ambas cabem aspectos tanto sociais como linguísticos, porém cada uma das disciplinas aqui citadas centra seu objeto de estudo em uma classe desses fatores, ou seja, a sociolinguística nos

fatores linguísticos e a sociologia da linguagem nos fatores sociais. Isso nos leva a crer que a sociolinguística é linguística e que a sociologia da linguagem é sociologia. Logo, concluímos que o objeto de estudo da sociolinguística é a língua como sistema de signos, mas considerada dentro de um contexto social.

As propostas de Fishman (1979, p.64) poderiam ser bastante úteis no momento de oferecer uma delimitação teórica da sociolinguística e do conjunto de escolas ou tendências que constituem a área de conhecimento, segundo as quais devemos distinguir dois tipos de problemas: os macro-problemas que se ocupam da diversidade linguística e a forma como ela reflete na diversidade social e os micro-problemas que se encarregam da interação linguística dentro de pequenos grupos.

Desta maneira, chegamos à conclusão de que é possível encontrar um nível de análise mais concreto que o micronível proposto por Fishman (1979), este seria um nível eminentemente linguístico que tenha relação com o estudo da variação sociolinguística. Se considerarmos esta terceira possibilidade, podemos concluir que o nível macro-sociológico seria o objeto prioritário da sociologia da linguagem; o nível micro-sociológico seria o objeto da etnologia da comunicação e que, em um terceiro nível, encontraríamos o objeto da sociolinguística estrita. Este seria o nível linguístico no qual se analisaria a variação em seu contexto social.

As diferentes maneiras de entender a organização e funcionamento da sociedade, bem como as diversas formas de interpretar a língua levam a formas distintas de conceber as relações entre estrutura social e estrutura linguística. Com isto, se quer dizer que o sociolinguista deve fazer uma escolha por alguma das teorias existentes; tem que decidir se os falantes serão vistos como elementos de um conceito mais geral conhecido por classe ou estrato ou como indivíduos que interagem com os demais membros de sua comunidade.

Se admitirmos a possibilidade de distinguir na estrutura social níveis com distintos graus de abstração poderemos identificar um primeiro nível abstrato e geral, correspondente à macro estrutura da organização social e as estruturas de poder; um segundo nível no qual se estabeleceriam as relações entre organizações, grupos ou classes sociais e um terceiro nível correspondente às relações entre os indivíduos que formam a sociedade.

A respeito desta divisão tripartida, podemos afirmar que a sociolinguística urbana baseou-se em uma visão estratificada da sociedade e tentou caracterizar cada um dos estratos e grupos em relação aos demais; os etnógrafos ressaltaram os diversos

aspectos linguísticos que colorem as relações inter-individuais; a sociolinguística pautada nas redes sociais também firmou seu interesse nas relações entre os indivíduos e a sociologia da linguagem se preocupou por assuntos como o plurilinguismo, sua implantação e função, a política linguística ou a relação entre a língua e a ideologia.

Como figura chave dos estudos da sociolinguística variacionista, encontraremos neste trabalho os estudos de Labov (1963) como norteador das investigações sobre a variação linguística, as quais revolucionaram nossa compreensão de como os falantes utilizam sua língua.

É de suma importância citarmos que o objeto de estudo da sociolinguística engloba os padrões de comportamento linguístico encontrados em uma comunidade de fala, formada por pessoas que compartilham traços linguísticos comuns dentro do seu grupo, aqui formado pelos habitantes da cidade de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Desse modo, há uma formalização através de um sistema heterogêneo, composto por unidades e regras variáveis.

Sabemos que a língua é variável e, por sua vez, se manifesta de forma variável, mas da mesma forma que recorremos a elementos linguísticos diferentes para expressar coisas diferentes, também o fazemos para dizer uma mesma coisa. Ao fazermos a substituição de uma unidade linguística por outra, podemos observar a mudança de valor semântico, como no uso de /z/ e /s/ (*caza, casa*), em *ser* e *estar* (*ser delgado, estar delgado*), na ausência ou presença de um determinante no sintagma nominal (*He bebido vino, He bebido un vaso de vino*), na forma enclítica de – *se* (*ir, irse*).

No entanto, há substituições de elementos que não supõem alterações semânticas, ou seja, ao usar um ou outro, se está dizendo a mesma coisa. A esse fenômeno os sociolinguistas chamam de variação linguística. Tal acontecimento pode ser visto em casos como o *ceceo*²⁸ ou *seseo*²⁹; no *yeísmo*³⁰; nas realizações de [s, h, Ø] do fonema /s/ implosivo (*casas, casah, casaØ*); no uso dos morfemas *-ra, -se* para o imperfeito do subjuntivo (*trabajara, trabajase*). Ao elemento, traço ou unidade linguística que pode manifestar-se de modos diversos se dá o nome de variante linguística.

Talvez os questionamentos mais intrigantes ao identificar um fenômeno de variação em qualquer nível linguístico são: como se originaram? E por quê? As

²⁸ Fenômeno que consiste em pronunciar o /s/ com o som do /θ/ interdental das regiões centrais da Espanha.

²⁹ Fenômeno que consiste em pronunciar o /θ/ interdental das regiões centrais da Espanha com o som do /s/.

³⁰ Fenômeno em que se pronuncia o /λ/ da língua espanhola com o som de /j/.

respostas costumam requerer o auxílio de outras áreas do conhecimento como a dialetologia ou história da língua, pois considera-se que haja elementos extralinguísticos como a geografia (variação geolinguística), a história (variação histórica) ou a situação comunicativa (variação estilística) implicados na variação.

Segundo Cedergren (1983, p.150) e López Morales (2004, p.56-57), a sociolinguística destaca os fatores que determinam o aparecimento de umas variantes linguísticas em determinadas circunstâncias e de outras em ocasiões diferentes:

- a) Variantes determinadas exclusivamente por fatores linguísticos.
- b) Variantes determinadas exclusivamente por fatores sociais.
- c) Variantes determinadas por fatores linguísticos e sociais.
- d) Variantes que não são determinadas nem por um nem por outro.

Das quatro possibilidades supracitadas, as A e C são as que interessam à sociolinguística, fundamentalmente a C, já que a variação sociolinguística foca seu objeto de estudo na variação da língua correlacionada com fatores sociais.

Um conjunto de falantes que compartilha uma mesma língua, um mesmo conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística compartilha as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, o mesmo critério no momento de balancear socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos constitui uma comunidade de fala. Os seus membros se reconhecem quando compartilham opiniões sobre o que é vulgar, familiar, incorreto, arcaizante ou antiquado. Partindo desse pressuposto, os hispânicos do México e da Espanha pertencem a uma mesma comunidade linguística, mas não à mesma comunidade de fala. Por isso, o cumprimento das normas sociolinguísticas que obriga a sua inserção a uma comunidade pode servir de marca diferenciadora, de característica de um grupo.

Assim, os membros de uma comunidade costumam acomodar seu discurso às normas e valores compartilhados. Essas normas e valores podem não ser respeitados por membros de outras comunidades de fala, porém, inclusive nesses casos, é comum que se busque seguir os critérios peculiares à comunidade do interlocutor: se um falante hispânico se locomove a outro país de origem diferente da sua, provavelmente evitará uso de formas linguísticas que representam um tabu no país de destino.

O conceito de comunidade de fala envolve dificuldades como a de fixar os limites da própria comunidade, bem como do seu grau de heterogeneidade. Em relação

aos limites, é habitual identificar comunidade com núcleo urbano, mas torna-se complicado delimitar onde determinadas normas e valores sociais deixam de ter validade em detrimento de outras e, parece claro que esses limites ultrapassam o núcleo urbano e se transformam pelo menos em uma realidade regional.

Alguns termos que são empregados na sociolinguística merecem especial atenção. Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Nesse sentido, não há como dissociarmos a língua do seu contexto sócio-cultural, pois a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos muitas vezes é encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Assim, o intuito de um estudo sociolinguístico baseia-se na análise e na sistematização de variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, levando em consideração a influência que cada fator, ora interno, ora externo ao sistema linguístico, exerce na realização de uma ou de outra variante.

Não há dúvidas que com as modificações decorrentes da língua, a variação linguística passa a ser um dos assuntos mais abordados quando nos referimos à língua e à sociedade. Por isso, as pesquisas relacionadas à sociolinguística têm traçado um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação proveniente da combinação dos resultados das variáveis de idade, sexo, classe social e nível de escolaridade. Isso se dá a partir da noção de prestígio que demonstra a necessidade de estudar cada vez mais a língua e a fala atrelada às comunidades e às pessoas.

Efetivamente, o estudo da língua em seu contexto social e a mudança linguística foram as principais preocupações do variacionismo desde o princípio. A primeira foi de muita significação porque desde muito tempo a geolinguística a colocava como uma necessidade de suas investigações e satisfaziam parcialmente os estudos sobre a análise da fala nos grandes núcleos urbanos. Atualmente é possível descrever com rigor até que ponto uma variação vem determinada tanto por fatores linguísticos como por fatores extralinguísticos (sociais e contextuais) em uma dada comunidade. Em contrapartida, a sociolinguística contribuiu para difundir uma visão da língua que ressalta tudo o que é variável.

A sociolinguística norte-americana, idealizada por volta dos anos 1960, fixou sua visão na estratificação da sociedade proveniente da América do Norte e Reino Unido após a Segunda Guerra Mundial. Essa teoria encontra-se pautada no

funcionalismo em que as comunidades são conglomerados de grupos sociais que são definidos pela combinação dimensional como a ocupação e o nível econômico (modelo multimensional) ao qual pertencem as pessoas. As primeiras monografias da área, inclusive a de Labov (1972), fizeram uso deste modelo. Assim, há uma conscientização das comunidades sobre a existência de uma classificação que distingue os indivíduos por estratos. Os falantes se inserem em uma destas classes e são capazes de diferenciar facilmente os pertencentes a outras classes sociais.

De fato, o estudo de grupos mais restritos de indivíduos e sua forma de interação, pode contribuir sobremaneira para entender o tratamento da sociedade como um todo, da complexa realidade sociolinguística. A partir daí, surge um princípio sociológico conhecido como princípio do vínculo dos níveis sociais que diz que o estudo das relações sociais em um micronível (indivíduos e grupos) deve estar vinculado ao estudo de estruturas sociais mais amplas, dentro das quais se inserem as relações do micronível.

A aplicação deste princípio supõe ocupar um lugar de destaque nas propostas teórico-metodológicas, a conceitos e realidades sociais de alcance limitado de um nível aproximado que gira em torno do grupo e do indivíduo (MILROY, 1992, p. 206-222; VILLENA, 2003). Labov (2001, p. 326-327) ressalta que, por mais importante que sejam os estudos das redes sociais, não podem substituir os demais referentes a amplas mostras de uma comunidade, construídas a partir de dimensões como a classe social, a idade, o gênero ou a etnia. De acordo com este autor, os estudos de grupos reduzidos, como as redes, limitam a compreensão global a hipóteses ou suposições se considerarmos que não há como generalizar as informações colhidas para uma comunidade em sua totalidade.

O variacionismo dedicou parte de suas forças para aperfeiçoar uma prova estatística capaz de medir até que ponto uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos determina a aparição de cada uma das variantes de um fenômeno variável.

Não há razão alguma que obrigue o variacionismo a aderir a uma determinada corrente teórica, porém os variacionistas norte-americanos tiveram que se condicionar a um meio de natureza gerativo-transformacional. Perante a proposta de regra opcional, a sociolinguística apresentou uma alternativa destinada a enriquecer o modelo gerativista: a regra variável (LABOV, 1969). Esta regra seria capaz de explicar em que medida se cumpre um fenômeno e em quais condições linguísticas e sociais.

A proposta do conceito de regra variável é um meio de demonstração da importância que tem o gerativismo para os variacionistas norte-americanos, mas também no abandono silencioso que tem início por volta de 1978 dessa mesma regra, observado nas publicações. Com isso não se quer dizer que as técnicas estatísticas foram abandonadas, porém o uso formal das regras: os fatores estudados e seu peso quantitativo são calculados e apresentados, mas não são redadas as regras que deles derivam. As causas desta mudança de orientação são das mais diversas: por um lado está a dificuldade de aplicar a regra variável no campo da sintaxe transformacional; por outro, uma regra variável não explica os fenômenos, somente os descreve; por fim, as sucessivas mudanças no gerativismo fizeram com que a elaboração de regras não se ajustasse às orientações teóricas mais recentes.

A sociolinguística defende a ideia de que a regra variável encontra-se intimamente vinculada à competência linguística, porém é possível observar diferentes graus de intensidade. Segundo Labov (1972), as regras variáveis são regras de produção que, na maior parte dos casos, podem ser caracterizadas como regras de atuação, embora constituam claramente um aspecto da competência. Isso leva ao uso de umas regras para dadas situações e outras para contextos diferentes.

Podemos dizer que a variação se incorpora à competência como informação linguística e social, qualitativa e quantitativa quando vemos as possibilidades que essa variação tem de manifestar-se com variantes determinadas em condições determinadas. Quando a competência incorpora essa informação sociolinguística e quantitativa, se fala de competência sociolinguística, ou seja, estaríamos falando de uma competência capaz de representar a gramática de uma comunidade (gramática comunitária), mas que não deixa de carregar consigo o conhecimento intrínseco de um indivíduo (gramática individual).

Pois bem, depois de entendermos os conceitos de gramática comunitária e individual, faz-se importante entender que é impossível que um indivíduo domine a gramática comunitária de toda sua comunidade. Logo, segundo Bickerton (1971) e Bailey (1973), o conceito tradicional de competência permite pensar em uma competência universal e individual, mas não em uma competência de grupo.

Logo, perante o conceito de gramática comunitária, surge o de complexo dialetal proposto pelos estudiosos de crioulos que, fundamentalmente, consiste em uma interpretação dinâmica da variação linguística, uma interpretação que pode ser comparada com o movimento em forma de onda de uma mudança linguística

(BICKERTON, 1972). A teoria da onda nos diz que as mudanças linguísticas se difundem sistemática e gradualmente através de contextos e variedades diferentes. Então, observa-se que a variação linguística se dá em estágios intermediários da difusão de uma mudança, ou seja, antes da inovação se transformar em um fato categórico e totalmente generalizado.

Para tratar do modelo psicolinguístico da variação sociolinguística, escolhemos o modelo proposto por Preston (2004), que parte da intenção do falante de querer dizer algo adequado em um determinado contexto, segundo as informações que ele dispõe do seu interlocutor e sua circunstância. Neste momento, o falante recorre à gramática para escolher os elementos correspondentes à sua intenção, podendo deparar-se com mais de uma opção que não são incompatíveis com a estrutura da língua. Isso pode ser visto na eleição entre *anduve* e *andé*; *hiciera* ou *hiciese*. O falante fará a escolha ao ativar o mecanismo de seleção sociocultural, ou seja, alguns elementos são mais propícios em determinados contextos que outros. No caso do segundo exemplo dado, podemos concluir que enquanto *hiciera* é usual na língua falada, sua forma equivalente, *hiciese*, fica mais reservada à língua escrita, principalmente em textos literários.

A sociolinguística se preocuparia então com o meio em que se produzem as manifestações linguísticas e da percepção que os próprios falantes têm desses entornos e as línguas que conhecem e usam.

Desta maneira, as variáveis extralinguísticas, especialmente as sociais, atuam ali onde a língua o permite e não é casualidade que o maior número de ocorrências se encontre no campo léxico, o mais periférico ou superficial e também o mais propenso aos vaivéns históricos.

Chega então o momento de nos atermos às variáveis sociais capazes de determinar a variação linguística e o modo em que essas variáveis se combinam com as de viés puramente linguísticas. A partir de então, afrontaremos o fenômeno da variação sociolinguística, entendido como a alternância de duas ou mais expressões de um mesmo elemento, quando esta não supõe nenhum tipo de alteração ou mudança de natureza semântica. Logo, o fundamento que rege o princípio linguístico é o de que a língua só pode ter lugar quando inserida em contextos sociais e situacionais concretos.

Porém, os fatores sociais não funcionam de igual maneira em comunidades distintas. Pode ser que em dadas comunidades, o fator idade exerça maior poder de determinação sobre a língua que o fator cultural, mas que em outra, o nível econômico se sobreponha ao fator idade no momento de provocar diferenças linguísticas e sociais.

Quanto maior a complexidade social de uma comunidade, maior variação linguística e consequente intensidade da heterogeneidade da língua. Por esta razão, é válido realizar previamente uma análise sociológica da comunidade que permita identificar as variáveis que realmente importam na sua estrutura social para detectar o que mais pode influenciar no uso social da língua. Trataremos de mostrar nas próximas seções as variáveis selecionadas nesta tese: sexo, faixa etária, classe social e escolarização.

2.1 A variável social sexo

No tocante à variável social sexo, podemos citar uma das primeiras obras de Straka (1952), *Le langage des femmes: Enquête linguistique à l'échelle mondiale*, produzida pela linguística europeia para discutir temas como a conveniência de utilizar mulheres como informantes em dialetologia e o caráter arcaizante ou inovador de sua forma de falar.

Quanto ao primeiro tema, a ideia mais generalizada é a de que a mulher contribuía mais nas entrevistas do que os homens (MERLO, 1952, p. 12-13). De qualquer maneira, as afirmações obtidas em diversos trabalhos partiam de dados bastante impressionistas e irregulares em relação ao conservadorismo³¹ da fala feminina. Alvar (1973, p. 74) afirmava que tal conservadorismo ficava por ser comprovado. De fato, Gauchat (1905) havia comprovado muitos anos antes que, contrariando a afirmação dos trabalhos, as mulheres fazem um uso muito maior de formas inovadoras do que os homens.

Só com o intuito de clarear os conceitos de conservadorismo e inovação, faz-se necessário entender que o mundo hispânico não é homogêneo e por isso, é fundamental reconhecer áreas geográficas que se unem pelos traços de semelhanças que podem estar relacionados a critérios fonéticos, gramaticais, léxicos; pela coincidência entre áreas do espanhol com zonas indígenas, bem como pela noção de conservadorismo ou inovação. Apesar disso, existem áreas de afinidades léxicas que se manifestam de forma descontínua, provando que não há usos totalmente compartimentados geograficamente, o que dificulta a fragmentação. É frequente que os usos mais característicos da Espanha sejam expandidos a América, mas o contrário não se dá, ou seja, não se percebem traços do espanhol americano no espanhol peninsular.

³¹ Segundo Pidal (1962), quanto maior a aproximação do espanhol de origem (Castela), maior conservadorismo na língua e quanto mais se diferencia, maior a inovação.

Logo, o conservadorismo consiste, fundamentalmente, em manter elementos linguísticos que nas zonas inovadoras evoluem ou se perdem. Poderíamos citar Castela (principalmente o norte); zonas altas do México e da região andina e interior da Colômbia como exemplos de áreas conservadoras. Já Andaluzia, Ilhas Canárias, Antilhas e costas da América do Sul se classificariam como áreas inovadoras.

Retomando o fator sexo, podemos posicioná-lo em um lugar de segunda ordem, como algo que costuma subordinar-se a dimensões sociais com maior poder de determinação. A dialetologia e a geografia social colocaram o fator sexo em um pedestal que lhe outorga uma importância maior em relação às demais variáveis, porém, muitas vezes de maneira infundada, semelhante às que enfrentam a fala dos homens e das mulheres quando qualifica a destas como conservadora, insegura, sensível, solidária e expressiva e a daqueles como independente, competitiva e hierárquica. A sociolinguística também comprovou que fatores como o nível sociocultural ou o estilo são mais determinantes que o sexo no momento de provocar variações na língua (FASOLD, 1990, p. 223). Isso não impede que outros estudos defendam que o sexo exerce maior influência sobre a língua que os demais fatores. Resulta de singular importância a forma em que o sexo dos falantes se combina com o fator idade na variação de numerosos elementos linguísticos.

Podemos observar entre os estudos sociolinguísticos preocupados pela diferença entre a fala de homens e mulheres, o destaque de ordem etnográfica. Estes estudos se focam, geralmente, na observação das interações comunicativas que se produzem em grupos ou comunidades e têm permitido conhecer traços reveladores da conduta comunicativa de homens e mulheres.

As diferenças dos usos mais frequentes em homens e mulheres têm sido anotadas em todos os níveis da língua, desde o fonético até o discursivo (BULL; SWAN, 1992), mas é precisamente no âmbito discursivo e da conversação em sua dimensão sociolinguística que se tem dedicado o maior número de investigações. Segundo Talbot (1998), em seu livro *Language and gender*, as mães norte-americanas iniciam menos conversações na hora da mesa que seus maridos e filhos. Cestero (1995; 2000), ao analisar a alternância de turnos da fala no espanhol de Alcalá de Henares, observou que nas conversações entre mulheres são mais marcadas as alternâncias de turnos que nas masculinas, revelando a maior tendência feminina a cumprir as normas de interação.

As investigações realizadas em centros urbanos revelam que a mulher normalmente é mais sensível às normas prestigiosas que os homens. Estes costumam moldar seus usos aos chamados vernáculos e às variedades locais. Este fato foi observado em um considerável número de estudos sociolinguísticos e de atitudes, incluindo os de Labov (1972) e deu lugar ao que se conhece como modelo sociolinguístico de sexo (FASOLD, 1990, p. 92-102). Em uma relação direta com esta diferença entre a fala de homens e mulheres, López Morales propôs um princípio geral que introduz um traço essencial na interpretação do fenômeno:

En una estratificación sociológica estable, los hombres usan formas que no son estándares con mayor frecuencia que las mujeres, siempre que la variación se produzca en un nivel de consistencia dentro de la comunidad de habla (LÓPEZ MORALES, 1992, p. 52)³².

A tendência a seguir uma forma prestigiosa – normalmente considerada como normativa – não implica sempre um seguimento deste modelo. O prestígio pode estar nas peculiaridades da própria comunidade, o que implicaria um conservadorismo; mas também pode estar em traços alheios a ela, o que nos levaria a uma atitude inovadora. Porém devemos chamar atenção para o fato de que a divulgação de meios de comunicação como a televisão está fazendo com que o modelo de referência seja menos heterogêneo para qualquer comunidade, seja homem ou mulher.

Isso nos leva a alguns questionamentos: de onde nasce essa tendência da mulher em seguir padrões de prestígio? Por que os usos linguísticos peculiares à fala de homens e mulheres se relacionam diretamente com o seguimento ou abandono de uma norma?

Chambers e Trudgill (1980), com um critério que parte do conceito sociocultural de gênero, explicam a tendência das mulheres a seguirem um modelo de prestígio fundada na crença de que elas, mediante uma posição desvantajosa em relação aos homens perante o mercado de trabalho, marquem seu *status* social assumindo uma postura específica em relação à língua que lhes outorgue aceitação social.

Diante deste ponto de vista, verificamos alguns anos mais tarde que o próprio Chambers (1995)³³ defende as diferenças instauradas entre as falas femininas e masculinas se devem a uma distribuição diferente nas funções socioculturais (gêneros

³² Em uma estratificação sociológica estável, os homens usam a forma não-padrão da língua com maior frequência que as mulheres, sempre que a variação se produza em um nível de consistência dentro da comunidade de fala (MORALES, 1992, p. 52).

³³ Por fugir ao escopo do trabalho, não faremos um estudo pormenorizado da diferença entre gênero e sexo. Para maiores esclarecimentos, consultar Chambers (1995).

diferentes), primordialmente quando as variáveis são estáveis e quando homens e mulheres levam vidas diferentes dentro de uma comunidade.

Dos estudos que tratam das diferenças entre a fala do homem e da mulher, é bastante significativo o da sociolinguística feminista (THORNE; HENLEY, 1975; MORENO, 1988, p. 143-154; SMITH, 1979, p. 109-146), que se desenvolveu a partir da década de 1970, defendendo que as mulheres deveriam provocar uma mudança social que lhes proporcionassem a igualdade e a liberação da opressão masculina, manifestando-se contra o injusto sexismo da linguagem. Parte-se do princípio de que as línguas são sexistas e que, se erradicarmos tal fenômeno, estaremos corroborando com a ideia de que o sexismo da sociedade também pode ser extinto.

Neste trabalho, procuraremos verificar se, de fato, encontraremos na fala das mulheres uma linguagem mais padrão e observar se essa caricatura está relacionada a uma tentativa de igualar-se aos homens no mercado de trabalho.

2.2 A variável social faixa-etária

Em relação ao fator idade, podemos afirmar que se trata de uma das variáveis sociais que apresenta mais força no momento de determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala.

A propósito da relação entre idade e sexo, comprovou-se que as diferenças linguísticas entre gêneros são relativamente pequenas na infância, crescem até o topo na adolescência para decrescer paulatinamente na fase adulta e tornar-se mais marcante no final da vida.

No tocante ao desenvolvimento linguístico do indivíduo, talvez a etapa mais importante seja a correspondente à aquisição do dialeto e do socioleto – a língua do grupo social ao qual pertence o falante, ou seja, sua variedade vernácula.

A primeira fase se cumpre sob a influência direta dos pais, especialmente da mãe e da família mais próxima; a segunda corresponde à influência dos amigos e colegas de estudo; a terceira supõe a influência de falantes adultos; a quarta requer contatos sociais de variada natureza.

Especialistas como Romaine (1984) e Wolfram (1983) advertem, a partir de dados concretos, que, desde uma etapa muito precoce, em crianças de três, seis, oito, dez ou doze anos, é possível encontrar nas suas falas uma adaptação dialetal, estilística, de classe social e sexo, comprovando que, apesar de haver uma determinação biológica

na fala das crianças, também fica claro que sua variedade linguística está notavelmente influenciada por variáveis sociais.

Seja como for, a sociolinguística não considera viável colher dados de falantes menores de 14-15 anos para o estudo de grandes núcleos urbanos, tendo em vista que não está totalmente claro como e quando se alcança a maturidade no uso social da língua.

Segundo Labov (1972c), a primeira experiência linguística das crianças ocorre entre os 2 e os 3 anos de idade sob a influência direta dos pais; entre os 4 e os 13 anos de idade a fala encontra-se influenciada pelo grupo de pré-adolescentes ao qual encontra-se inserido o indivíduo; durante a adolescência o falante começa a adquirir um conjunto de normas, mas somente entre os 17 e 18 anos é que chega a conscientizar-se da significação social da sua própria forma de falar e dos demais, assim como dos usos prestigiosos da língua. A aquisição das formas prestigiosas acontece tardiamente, principalmente quando se trata de grupos sociais menos instruídos. Por isso, torna-se possível encontrar falantes entre 30 e 40 anos de idade que ainda procuram reorientar seu estilo mais cuidadoso em direção a modelos que mais se aproximam ao normativo.

Em contrapartida, Chambers (2002) parte do fato de que as variáveis linguísticas e as alternâncias de estilos se desenvolvem simultaneamente com a fonética e a sintaxe desde o começo do processo de aquisição e classifica o processo de formação da aquisição dos socioletos em três fases: a infância, momento em que a fala encontra-se influenciada pelos pais e amigos; a adolescência, quando a rede social à qual pertence influencia na sua forma de falar e a idade adulta jovem que tende a fazer maior uso da variedade normativa, pelo menos em ocasiões em que o manejo da língua se faz importante.

Alguns traços linguísticos determinam a qual geração pertence o falante, pois existem usos linguísticos que demarcam o grupo de idade no qual se insere o falante que acabam transformando-se em autênticos símbolos geracionais e que vão se renovando conforme chegam às novas gerações. Para García de Diego (1951, p. 303), nas gerações mais jovens se dão usos mais inovadores da língua, enquanto que nas mais velhas, encontram-se usos mais conservadores.

Buscaremos confirmar se o uso padrão da língua são formas absorvidas pela geração adulta jovem, aqui representada por um grupo de pessoas entre 25 e 50 anos ou se corresponde somente à geração mais velha, encabeçada neste trabalho por pessoas maiores de 60 anos. Considerando a variação situacional de entrevistas orais, temos o

intuito de observar se os dois grupos farão uso de formas conservadoras da língua ou apenas o mais velho.

2.3 A variável classe social

Quanto à variável classe social, podemos destacar os trabalhos de Karl Marx e de Max Weber como propostas teóricas de fundamental importância no que se refere à influência da análise de classe na manifestação da língua. Os citados autores se ocuparam em mostrar que a classe social fica definida por fatores econômicos. Para Marx (1983), as classes se estabelecem em função da propriedade do capital e dos meios de produção, de modo que a população fica dividida entre os que têm capital (classe capitalista) e os que não têm (classe proletária). Para Weber (1974), as classes respondem as diferenças de capital, que, junto à habilidade e à educação dão lugar a diferentes oportunidades e possibilidades dentro de um mercado: a classe proprietária, a administrativa, a de pequenos comerciantes e a trabalhadora.

As propostas de Marx e Weber foram posteriormente rejeitadas pela sociologia ocidental, fundamentalmente a norte-americana. Weber (1974), por exemplo, trata da formação e persistência dos estratos sociais, levando em conta quatro fundamentos chamados dimensões da estratificação: a ocupação, a classe, o *status* e o poder. A ocupação pode ser definida como o conjunto mais ou menos estável de atividades responsáveis pelas finanças; a classe é uma dimensão relacionada com os ingressos, considerada como meio de conseguir objetos; o *status* é uma dimensão associada à obtenção de respeito; o poder se define como a capacidade de realizar sua vontade própria, por mais que seja preciso passar por cima da vontade alheia.

De acordo com Abercrombie, Hill e Turner (1986), a divisão da população em três classes – trabalhadora, intermediária e alta – responde a um modelo convencional da estrutura britânica de classes.

A sociolinguística norte-americana baseou sua visão da sociedade em teorias da estratificação que operam com várias dimensões ou indicadores que se combinam para distinguir várias classes, segundo se manifestam essas dimensões: os indivíduos ficam classificados ao longo de uma escala social graduada, atendendo a atributos individuais como a educação, o salário ou a ocupação, entre outros. Desde essa perspectiva, os conflitos sociais ficam minimizados, ao conceber a sociedade como um ente unitário no

qual os indivíduos compartilham uns valores e umas mesmas normas de conduta e de prestígio (GUY, 1981, p. 41; MORENO, 1990, p. 173-200).

No seu estudo *The Social Stratification of English in New York City*, Labov (1966) utilizou a divisão de classe proposta por J. Micheal em 1962 que aponta para uma escala linear de classificação social baseada em um índice socioeconômico de dez pontos que combina três elementos: o nível de instrução, a ocupação e o salário familiar.

López Morales (1983, p. 27-29) trabalhou com a variável nível sócio-cultural em seu estudo realizado em San Juan de Puerto Rico, revelando que o nível é considerado como uma variável de pós-estratificação e o distingue em quatro níveis: (baixo, médio-baixo, médio, médio-alto) para os quais se combinam três parâmetros (escolaridade, profissão e salário).

Dentro desta especialidade, os socioletos foram postos em relação direta e estreita com as variedades dialetais. Trudgill (1974) dá preferência à terminologia dialeto social para substituir o termo socioleto, opondo-os aos dialetos geográficos. Tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, as variações sociolinguísticas e geolinguísticas se imbricam dentro de uma mesma comunidade de fala para dar forma ao emaranhado da variação linguística. Para este autor, quanto mais baixo o estrato social dos falantes, maior a possibilidade de identificar sua procedência geolinguística e, conseqüentemente, a identificação não resulta muito fácil quando os falantes são provenientes de uma classe mais elevada. Já no mundo hispânico, por mais alto que seja o *status* de um falante, torna-se muito simples identificar a sua procedência.

O problema encontrado no modelo de estratificação é o inconveniente de que nem todos os indicadores (ocupação, salários, etc.) ocupam o mesmo grau de importância. Outro entrave é que o número de pessoas pertencentes a um mesmo estrato social é variável de uma comunidade para outra.

De acordo com Sankoff e Laberge (1978), o mercado linguístico se vê dependente das atividades socioeconômicas desempenhadas pelos falantes, ou seja, em um mercado linguístico, os falantes que desempenham certas profissões tendem a fazer uso normativo da língua, enquanto outros, muitas vezes pertencentes a um mesmo nível sócio-econômico, não necessitam fazê-lo por desempenharem atividades que não exigem tal variedade.

Milroy (1987), primeiro em difundir o conceito de rede social entre os sociolinguistas, define tal conceito como um entramado de relações diretas entre

indivíduos, que atua como um mecanismo para trocar bens e serviços, para impor obrigações e para outorgar os direitos que correspondem a seus membros.

Essas redes dispõem de diferentes graus de densidade e multiplicidade que variam de acordo com os vínculos estabelecidos entre os indivíduos e a quantidade de pessoas que a forma.

A densidade de uma rede é determinada pela quantidade de membros que a compõe, de maneira que podem existir redes densas e de densidade baixa. As primeiras se caracterizam pela relação estabelecida entre si por todos os membros da rede, enquanto que as segundas se estabelecem pelo relacionamento que alguns membros mantêm com os demais, sendo possível que alguns não mantenham nenhum tipo de relação entre si.

Quanto à multiplicidade, podemos afirmar que, quando os membros da rede estabelecem entre si relações que envolvem vínculos de naturezas diferentes – amizade, vizinhança, companheirismo – estamos diante de redes múltiplas, enquanto que se as relações são de apenas um tipo de vínculo – somente com a vizinhança, por exemplo – se fala de redes de multiplicidade baixa.

Logo, encontramos nesta forma de classificação, um problema: considerando que os indicadores são variáveis de uma rede pra outra, resulta difícil comparar redes diferentes porque não se trabalha com os mesmos indicadores. Outra dificuldade encontrada é a de que, nem sempre, há como demonstrar estatisticamente a correlação entre os membros da rede e a variação linguística.

Milroy (1992, p.206-220) desenvolve o conceito de modo de vida apresentado por Hojrup (1983) a fim de relacionar as redes sociais de pequenas dimensões com outras estruturas ou grupos sociais de maior entidade. A prioridade é dada ao tipo de atividade desempenhada e as relações que os falantes mantêm com outros membros do grupo. O modo de vida que ambos propõem resume-se a basicamente três:

Modo de vida 1. Unidade primária de produção (agricultura, pesca, pequenos serviços). Relações cooperativas entre companheiros de profissão. Família implicada na produção. Autoemprego. Escasso tempo livre: quanto mais se trabalha, mais se ganha. Redes sociais múltiplas e densas.

Modo de vida 2. Emprego em um sistema de produção que não é controlado pelos trabalhadores. Trabalha-se para ganhar um salário e poder desfrutar em períodos de tempo livre. Relações de trabalho separadas do âmbito familiar. Certa mobilidade no trabalho. Redes de solidariedade com os vizinhos e companheiros.

Modo de vida 3. Profissão qualificada, capaz de controlar a produção e de dirigir os trabalhos de outras pessoas. Tempo de férias dedicado ao trabalho. Trabalha-se para ascender na hierarquia e adquirir mais poder. Atitude competitiva com os colegas.

Os traços ideológicos que caracterizam cada modo de vida citado anteriormente seriam a família para o primeiro, o lazer para o segundo e o trabalho para o terceiro. Porém, deve-se valorizar que o conceito de modo de vida é estrutural: os traços definidores de um grupo são determinados pelo contraste com os dos demais modos.

Milroy (1992, p. 215) articula a relação existente entre a rede e o modo de vida através de um esquema que reflete uma estrutura de natureza sociolinguística que inclui um macronível, correspondente à estrutura social, política e econômica; um nível intermediário, que corresponderia aos modos de vida e um micronível, de redes sociais. Quando essas redes supõem relações fortes, favorecem a manutenção de usos linguísticos próprios, embora estejam distanciados do modelo legitimado ou de prestígio; em contrapartida, quando as redes oferecem relações fracas, favorecem os usos linguísticos normativos ou de prestígio.

2.4 A variável social escolaridade

Educação, nível ou grau de instrução, estudos ou escolaridade são os termos que mais nomeiam a variável que equivale ao tipo de formação acadêmica ou à titulação alcançados pelo falante. Essa variável é outro fator que determina diretamente a variação linguística dos falantes, pois é normal que as pessoas mais instruídas façam maior uso da variedade mais prestigiosa ou que mais se aproximam da norma.

É comum que a variável nível de instrução esteja incluída entre os fatores integrantes da classe social ou do nível sócio-cultural, perdendo o seu protagonismo singular. Isso não quer dizer que não se trate de uma variável importante no ato de determinar a variação linguística a ser escolhida. Isso não é obstáculo para reconhecer a relação existente entre educação, profissão, classe, *status* e poder. Torna-se muito óbvio que quanto mais preparado encontra-se o falante, maior a possibilidade de desempenhar profissões com maiores salários, *status* mais elevado e maiores relações de poder.

As investigações do sociólogo britânico Bernstein encontram-se intimamente ligadas às variáveis nível de instrução e classe social. Na verdade, ele busca demonstrar que, no processo de socialização dos indivíduos, a linguagem ocupa um espaço significativo quando relacionada com a classe, a escolaridade e o contexto em que se encontram os falantes. Isso deu lugar a uma teoria conhecida como teoria do déficit, desenvolvida por ele entre 1958 e 1971, a partir de estudos realizados com a sociedade britânica.

A teoria do déficit distingue duas formas de expressão linguística, de uso da língua ou códigos, denominadas respectivamente, código restrito e código elaborado, ficando o primeiro reservado às classes trabalhadoras, enquanto que o segundo abrange as classes médias. Para Bernstein (1965), todos os falantes, pertencentes a qualquer classe social, têm acesso ao código restrito, mas o mesmo não se pode dizer em relação ao código elaborado que, por sua vez, fica reservado apenas a alguns grupos. Neste caso, o código restrito é utilizado apenas em certas ocasiões como nas comunicações familiares.

A teoria do déficit se preocupa com as crianças de famílias ou bairros economicamente pobres, cujo uso da língua é “claramente deficiente”, pois, ao entrarem na escola, dispõem de recursos linguísticos limitados que podem representar uma barreira na escola e levar ao fracasso escolar, tendo em vista que nela se faz uso de um código elaborado.

Os estudos sociolinguísticos de Labov (1972b) contrastam com os pensamentos de Bernstein ao evidenciar que os alunos não têm déficit linguístico, mas são portadores de uma significativa diversidade linguística. A teoria do déficit linguístico de Bernstein (1965) perde a sustentação, pois os grupos sociais têm diferentes maneiras de falar, mas nenhuma delas pode ser taxada de deficitária, já que cada uma dessas formas de comunicar é lógica e estruturada. Logo, quando o professor corrige uma dada expressão linguística do aluno ao fazer uso de uma variante não padrão, está-se ensinando simplesmente esse aluno a pronunciar as palavras de acordo com os traços fonéticos da variante padrão, mas não está ensinando nada de novo sobre as relações lógicas entre os elementos oracionais.

As diferenças entre enunciados ou itens lexicais produzidos em variedades padrão e não-padrão não são diferentes cognitivamente, mas socialmente. Desse modo, entende-se que é tarefa da escola, ao compreender essa relação existente na atribuição de valores, tomar a iniciativa de explicar a existência dos fenômenos linguísticos variáveis e esclarecer o seu porquê, a partir de embasamento teórico e metodológico oriundo da pesquisa linguística.

Segundo Labov (1972), a teoria da deficiência linguística parte da ideia preconceituosa e falsamente científica segundo a qual podem existir variedades linguísticas melhores que outras. Para ele, os estudos de Antropologia e Linguística mostram que todas as culturas e todas as línguas são igualmente válidas, sendo inaceitável se falar em culturas ou línguas superiores. O mesmo vale para as variedades

de uma mesma língua usadas em uma mesma sociedade. Uma não é melhor do que a outra, já que as duas são adequadas ao meio em que se utilizam. A linguagem das classes desfavorecidas é diferente, e não deficitária, em relação à linguagem padrão, usada pelas classes dominantes.

Neste trabalho, discordamos da teoria anteriormente apresentada, tendo em vista que, diante de situações mais formais, como em uma apresentação de congresso, em uma entrevista de trabalho, bem como na escrita ou até mesmo no ensino formal, não somos igualmente aceitos ao escolher qualquer variação da língua. Logo, o ideal seria aceitar as variedades regionais no meio onde são utilizadas, mas oferecer condições a todas as camadas sociais para dominar a sua variedade além daquela considerada padrão perante às normas gramaticais. Embora saibamos que a teoria já defende esse parâmetro, sabemos que, na prática, isso não ocorre, ficando as melhores condições de vida, relegadas às classe mais altas, ou seja, que têm acesso à escola e, conseqüentemente, a um “melhor” domínio da língua normativa.

Segundo Soares (2000), as duas teorias citadas vêem a escola como redentora, isto é, como um espaço em que se possam superar as desigualdades sociais através do acesso de todos igualmente à cultura. Para ela, as soluções apresentadas por essas teorias acabam reproduzindo a situação de desigualdade que existe na sociedade, pois não questionam em nenhum momento a origem dessas desigualdades. Em ambas, o aluno carente, quer por possuir um código restrito, quer por usar um dialeto diferente da língua-padrão, precisa de uma especial atenção para que adquira a capacidade de se comunicar na língua padrão. A proposta que ambas apresentam significa deixar de lado a cultura e a linguagem das classes desfavorecidas da sociedade e educá-las segundo os valores da língua-padrão, das classes dominantes. Isso só reafirma a condição de subordinação das classes populares às classes dominantes.

Entendemos que oferecer condições ao aluno carente de poder comunicar-se fazendo uso da língua padrão não o coloca em uma situação de subordinação às classe dominantes, porém lhe oferta a possibilidade de igualar-se a estas classes.

Então, Soares (2000) critica as duas teorias anteriores por acreditar que a comunicação não é somente codificação e decodificação, mas sim uma relação de força simbólica, que é determinada pelos grupos sociais em que se dá o diálogo. Quer dizer, o meio em que se dá o ato de comunicação e o papel social dos interlocutores são postos em primeiro lugar na análise do ato de comunicação. Assim, o discurso de um advogado, que usa bem a língua-padrão, vale mais do que o discurso de um camponês,

que se comunica no seu dialeto não-padrão, mesmo que o conteúdo do discurso seja o mesmo em ambos os casos. No mercado linguístico o preço do discurso do advogado é maior porque ele, entre outros fatores, domina uma linguagem legítima (linguagem das classes dominantes), quer dizer, uma linguagem aceita por todos como válida.

Dentro da escola, a linguagem e a cultura dos estudantes provenientes das classes dominantes são transformados em capital, isto é, em valor no mercado cultural.

Por outro lado, os alunos das classes dominadas possuem uma linguagem considerada não-legítima e está nisso a origem de suas dificuldades, já que a escola é o espaço em que se veicula a cultura dominante.

Os problemas que apresenta esta variável se assemelham aos encontrados em outras – o estabelecimento de tipos ou categorias profissionais dentro de uma comunidade e a equiparação das categorias de comunidades diferentes. As profissões estudadas pelos sociolinguistas refletirão a realidade de uma comunidade.

A relação entre língua e profissão reflete em todos os níveis da língua, mas não resta dúvida de que o campo mais expressivo é o do léxico. Essa evidência nos reporta ao âmbito dos jargões profissionais, que são marcados por vocabulário específico de cada grupo.

Mediante a análise das classes sociais estudadas nesta investigação, aqui relacionadas ao nível de escolaridade, temos o propósito de avaliar se o grupo pertencente à classe mais alta, neste trabalho representado por pessoas com nível médio ou superior completo, tende ao uso mais normativo da língua do que aquele de classe econômica menos favorecida. Trataremos de confirmar nas gravações se os grupos pertencentes às classes baixas utilizam uma linguagem mais vulgar e menos padrão do que a usada pelos grupos de maior condição sócio-econômica.

2.5 A procedência e os bairros

Alguns fenômenos sociolinguísticos podem ser explicados pela procedência geográfica do falante e o seu bairro de residência. Isso pode ser visto comumente nos estudos sobre comunidades do mundo hispânico que, durante os últimos 50 anos têm registrado fortes movimentos migratórios do campo às cidades. Embora esse seja um traço aparentemente irrelevante, a sociolinguística prova o contrário quando revela que a configuração de muitas falas urbanas contaram com a contribuição de falas rurais bem diversas (BORTONI, 1989).

No que se refere ao bairro, além de ser um fator ligado ao nível sócio-econômico dos indivíduos, também está relacionado com a sua procedência geográfica, pois é muito comum que a concentração de pessoas de uma mesma origem se concentre nas mesmas zonas de uma cidade: há bairros tradicionais que concentram pessoas da própria cidade, como também há os receptores de imigrantes. Isso se reflete na língua, pois no caso de imigrantes hispânicos, ao falar de procedência se faz automaticamente alusão a determinadas dimensões geográficas que, por sua vez, trazem consigo marcas linguísticas que lhe são peculiares.

Ao longo da história torna-se possível constatar deslocamentos que viabilizam a convivência de diferentes raças e etnias dentro de uma mesma comunidade. Embora pareça confuso diferenciar os conceitos de raça e etnia, o primeiro faz alusão a uma questão genética, perceptível pela cor da pele que, por sua vez, pode ter implicações linguísticas, sociais e culturais. Diferentemente, ao falarmos em etnia, estamos fazendo menção a um grupo humano que compartilha traços e valores culturais comuns e que apresenta características linguísticas que permitem sua identificação interna e externa. Assim, com intuito exemplificativo, podemos falar de raça quando tratamos da comunidade negra nos Estados Unidos e de etnia quando pensamos na população hispânica inserida neste mesmo país. Neste caso, vemos que os hispânicos comungam de uma mesma língua e crenças religiosas, além de outros valores culturais, mas podem pertencer a raças diferentes.

Na prática, essa diferença torna-se confusa se pensarmos no fato de que tende-se a associar a raça a um fator puramente biológico e a etnia a um fator de cunho social. Porém a raça também é resultado de uma elaboração social que acaba se confundindo com a etnia. Para exemplificar melhor, podemos citar o caso dos casamentos mistos, entre brancos e negros, nos Estados Unidos, que classificam o filho desta união, por mais branca que seja a sua pele, como pertencente à raça negra. Em contrapartida, no Brasil, dois irmãos podem ser classificados como pertencentes a raças diferentes se nascem com cores de pele diferentes. Logo, são classificados em uma categoria intermediária de mestiço (pardo) que envolve três tipos principais: mulato (mestiço de branco e negro); mameluco ou caboclo (mestiço de branco e índio) e cafuzo (mestiço de índio e negro) (KOTTAK, 1996, p. 81-89).

Em relação a este tema, faz-se necessário destacar alguns trabalhos de sociolinguistas que rejeitaram os pensamentos racistas e as crenças populares sobre a incapacidade de membros pertencentes a determinadas raças para aprender ou manejar a

língua de forma adequada e socialmente aceita (BAUGH, 1988). Para melhor exemplificar a relação entre língua e raça, destacamos os estudos realizados com dois grupos distintos: o da comunidade negra no Caribe hispânico em relação com o espanhol e o dos negros dos Estados Unidos em relação com o inglês. Para os dois casos, vale ressaltar que as diferenças linguísticas entre pessoas de diferentes raças dentro de uma mesma comunidade são reflexos da distância existente entre uns grupos e outros, assim como o grau de integração e convivência social em cada lugar.

Como bem se sabe, a presença negra no Caribe hispânico se deve à imigração forçada pela escravidão com o fim de conseguir mão de obra para o cultivo da cana de açúcar. No que se refere à atualidade sociolinguística da região em questão, a afirmação de López Morales ressalta:

El caso del Caribe hispánico donde, en igualdad de condiciones sociales, no se encuentran diferencias lingüísticas entre blancos y negros es una prueba palpable, entre otras muchas, de que la raza *per se* no condiciona al hablante al uso de determinada variedad. Tienen que estar presentes otros factores que son los verdaderamente determinantes: diferencia de nivel sociocultural, inmigrantes recientes, condiciones de *substratum* o diversa procedencia de las variedades manejadas (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 136)³⁴.

A fala da população negra nos Estados Unidos tem sido tema bastante recorrente nos estudos da língua inglesa falada, inclusive em trabalhos de Labov (1972). O inglês dos negros, conhecido como inglês negro vernacular ou inglês vernáculo afro-americano é uma variedade que caracteriza uma população significativa da raça negra nos Estados Unidos e que revela traços diferenciadores do inglês normativo. Essa variedade está associada principalmente aos grupos mais isolados da população negra, por razões de escolaridade, residência e profissão, bem como aos *status* mais humildes, considerando que nem todos os falantes do inglês afro-americano são negros e, embora sejam maioria, nem todos fazem uso desta variedade (RICKFORD, 1999).

No mundo hispânico convivem etnias diferentes quando há população de cultura indígena incorporada recentemente nas comunidades urbanas que decidem juntar-se à vida das grandes cidades.

Ao mudarmos de continente, podemos constatar o mesmo fato nas comunidades espanholas quando encontramos nos núcleos urbanos a convivência étnica de ciganos e

³⁴ O caso do caribe hispânico onde, em igualdade de condições sociais, não se encontram diferenças linguísticas entre brancos e negros é uma prova palpável, entre outras muitas, de que a raça *per se* não condiciona o falante ao uso de determinada variedade. Têm que estar presentes outros fatores que são os verdadeiramente determinantes: diferença de nível sociocultural, novos imigrantes, condições de *substratum* ou diversa procedência das variedades manuseadas (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 136).

não ciganos. Os ciganos formam um povo disseminado por todo o mundo, caracterizado por não pertencer a um território, que têm conservado durante séculos a sua estrutura social e seus próprios modos de expressão (MAIA, 1992; COURTHIADE, 1989). Geralmente eles se desenvolvem na língua do seu entorno, da sociedade na qual vivem e incorporam, em maior ou menor medida, elementos léxicos, fraseológicos e textuais recebidos da sua própria tradição.

A fala cigana da Espanha, conhecida como *caló*, desapareceu da prática cotidiana, restando apenas algumas vozes e gírias que salpicam o espanhol falado por ciganos. A variedade de suas falas depende da região na qual se instalaram e, conseqüentemente absorveram-na.

Considerando a relação entre classe social, nível de escolaridade e moradia, observaremos nesta tese se há conexão entre essas três variáveis no tocante a escolha da variação da língua utilizada pelos diferentes grupos que constituem cada uma destas variáveis. Ou seja, tentaremos revelar se pessoas de classe social e nível de escolaridade altos e conseqüente moradia de alto padrão usam formas da língua mais conservadoras, formais ou padrão do que aqueles falantes pertencentes a classe social e nível de instrução mais baixos, bem como moradia mais modesta.

Em relação ao nosso trabalho, destacaremos no próximo capítulo um estudo mais específico sobre os pronomes de segunda pessoa do singular da língua espanhola, a fim de entender o funcionamento da variedade linguística que ocorre com o objeto de estudo desta tese, ou seja, constatar a recorrência e os contextos em que o pronome *vos* aparece na fala da comunidade de Santa Cruz de La Sierra.

3 O PRONOME DE TRATAMENTO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA LÍNGUA ESPANHOLA

Espanha e América compartilham características de um espanhol que podemos nomeá-lo de *español* geral³⁵, porém também apresentam uma vasta diversidade linguística que se explica pelo simples fato da vastidão do território ocupado pelos falantes desta língua.

Não é raro ouvirmos comentários proferidos pelos não iniciantes da língua, a respeito da diferença entre o espanhol da Espanha e do da América, tratando a variedade existente entre eles, muitas vezes, como línguas diferentes. Não obstante, faz-se necessário considerar que, apesar de o espanhol ser falado por vários países distribuídos em uma geografia que cruza oceanos e que se mescla com diferentes línguas primitivas correspondentes às diferentes regiões com as quais se encontraram, trata-se de uma língua única, com muitas marcas comuns.

O espanhol traz consigo um sistema alfabético único, uma estrutura morfossintática sem muitas variações, além de um léxico comum compartilhado entre os países hispânicos, permitindo a comunicação entre os falantes desta língua que, apesar das variações que lhe são peculiares, não comprometem a comunicação entre seus falantes.

Embora as variedades se encontrem nos âmbitos morfossintático (como o caso do *voseo* na América), fonético-fonológico e lexical, é válido ressaltar que a maior diversidade se encontra neste último. Porém, nesta pesquisa, o destaque será dado a um traço morfossintático, mais especificamente, o uso do *vos* na comunidade linguística de Santa Cruz de la Sierra.

Os hispânicos se empenham em transmitir a impressão de que são muito diferentes uns dos outros, mais do que na realidade o são. Isso pode dar lugar a duas posições extremas: a que defende a total igualdade da língua, talvez por querer demonstrar que não há hierarquização em relação ao melhor modelo (como de fato não há), e a segunda, que preza defender a pseudo-teoria de que todos os países hispânicos são muito diferentes. O ideal é compreender que até mesmo dentro dos dois blocos, Espanha e América, há variações linguísticas observáveis, mas que não chegam a comprometer a interação entre seus falantes.

³⁵ O espanhol geral equivale à língua normativa que aproxima os falantes de uma mesma língua pela coincidência das regras que o regem.

Logo, embora reconhecendo a considerável unidade existente na língua espanhola, faz-se mister destacar a variação nos níveis da língua que revela as diferenças no falar, que, apesar de não alcançar todo um reino, nação, estado ou cidade, demonstram a heterogeneidade presente nesta língua.

No momento de buscar um protótipo da língua a ser utilizada no ensino do espanhol, podemos recorrer a dois parâmetros principais: o geográfico e o social. O primeiro nos leva a olhar a determinados lugares, enquanto que o segundo nos conduz a grupos sociolinguísticos concretos.

No ensino, costuma-se dirigir três possibilidades prototípicas: o modelo do espanhol de um só lugar; o modelo do espanhol de cada zona específica e o modelo dos usos pan-hispânicos. Alguns professores dão preferência ao modelo castelhano por acreditar que é o que ainda tem maior prestígio e por oferecer a vantagem de concordar com a norma acadêmica (mito já abolido, tendo em vista a participação efetiva da Associação de Academias de Língua Espanhola na definição das normas deste idioma). Também há aqueles que trabalham com um modelo concreto do espanhol americano.

Bello (1940), que tinha se posicionado pela autoridade castelhana para preservar a unidade da língua, chegou a afirmar:

No se crea que recomendando la conservación del castellano sea mi ánimo tachar de vicioso y espurio todo lo que es peculiar de los americanos (BELLO, 1940, p. 12)³⁶.

Desde tal perspectiva, existe a possibilidade de tomar como modelo o espanhol da Espanha, o da região mais próxima ou aquele que se tem mais afinidade e relação.

O uso da língua culta neutraliza a fragmentação porque os usos cultos de muitas áreas hispânicas são provenientes do “protótipo castelhano”, inclusive com suas particularidades, ou seja, usar a língua culta significa aproximar-se à norma.

O modelo geral do espanhol se vê favorecido pelo alto grau de homogeneidade em todos os níveis linguísticos, mas isso não significa que se defenda a ideia de perder o que há de particular em cada região.

A língua espanhola é idioma oficial em vinte países, além da Comunidade de Porto Rico. Essa extensão territorial que envolve esta língua talvez seja o principal motivo da não coincidência linguística entre as fronteiras políticas dos países hispânicos. Quando se fala em não coincidência, não se está afirmando que as línguas

³⁶ Não ache que recomendando a conservação do castelhano seja minha vontade tachar de vicioso e incorreto tudo o que é peculiar aos americanos (BELLO, 1940, p.12).

faladas nesses países diferem umas das outras, porém que apresentam variações que refletem a complexa história das nações americanas e da forte influência indígena que cada uma aportou no contato com o espanhol nos últimos 500 anos.

Também é importante lembrar que ainda hoje, encontram-se regiões da América hispânica onde se fala pouco ou nada do espanhol quando a língua oficial é este idioma. Este é o caso do Paraguai que tem o espanhol como língua oficial, mas tem mais habitantes falantes do guarani que do próprio espanhol. Também se encontram resquícios de regiões hispânicas onde o espanhol ainda não é a língua oficial. Para uma grande proporção de falantes hispânicos, o bilinguismo é a regra e não a exceção e suas consequências linguísticas devem aparecer em qualquer explicação geral do espanhol da América.

3.1 Classificações dialetais do espanhol

A imensa extensão territorial que envolve os países de língua espanhola na América e a enorme variação linguística nos leva a propor algum esquema de classificação que facilite o entendimento da divisão dialetal existente na América hispânica. Os que carecem de um conhecimento mais específico sobre o tema supõem que a língua espanhola é bastante uniforme como o castelhano falado na Espanha ou que se divide naturalmente de acordo com as fronteiras nacionais, embora se aceite certa variação interna nos países maiores.

A primeira suposição é notavelmente negada pelos que mantêm uma maior familiaridade com a América hispânica. Em contrapartida, o segundo ponto de vista não pode ser rapidamente descartado, pois as fronteiras políticas modernas se correlacionam com divisões estabelecidas na época colonial com pouca migração inter-territorial na América colonial ou pós-colonial. Os que se fixam em explicar a variação regional do espanhol da América têm se centrado em segmentos da população onde as fronteiras políticas diferem radicalmente das divisões entre línguas ou dialetos e onde muitas das classificações existentes refletem a distribuição das populações indígenas. A imigração de países não hispânicos é outro fator de forte influência na formação de zonas dialetais, embora muito poucas classificações tenham levado em conta esse fator como decisivo no momento de classificar as zonas dialetais.

Podemos destacar que as classificações se dão de acordo com diferentes parâmetros, como: a classificação por países; segundo os substratos indígenas; baseada

na geografia; nos traços fonéticos; em dados léxicos; pautada na cronologia relativa aos assentamentos e a classificação de corte sociolinguístico.

Uma das primeiras classificações dialetais é encontrada nos estudos pioneiros de Ureña (1921, p.5), quando defende que um dos principais fatores na formação dos dialetos do espanhol da América eram os substratos indígenas, e seu esquema de classificação reflete a distribuição geográfica das principais famílias de línguas americanas indígenas durante o período de formação do espanhol americano: “o caráter de cada uma das cinco zonas se deve à proximidade geográfica das regiões que as compõem, os laços políticos e culturais que as uniram durante a dominação e o contato com uma língua indígena principal”. Ele propõe a seguinte classificação:

1. México, incluídos Novo México e a maioria da América Central (Nahua);
2. Caribe (Antilhas e regiões costeiras da Colômbia e Venezuela) (Caribe/Arahuaco);
3. Terras altas da América do Sul, desde a Colômbia e a Bolívia até o norte do Chile (quéchua);
4. Centro e sul do Chile (mapuche/araucano);
5. Países do Rio da Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai.

Ureña (1921), conhecedor apenas das duas primeiras zonas, reconhece que o principal critério para a sua classificação se devia a elementos léxicos.

Para melhor esclarecer a sua classificação, Ureña (1921) esclarece que, conforme aumenta a distância do núcleo de uma determinada língua indígena, maior a discrepância com a esta variedade, como vemos no exemplo do *nahua* que exerce maior influência na zona central do México, se estendendo ao longo da costa do Pacífico da América Central até a Costa Rica, com influxo progressivamente mais diluído. Na América Central, a influência maia foi especialmente intensa em Yucatán e Guatemala. No Caribe, a influência linguística das populações nativas que falavam o caribe/arahuaco, o taíno e o siboney se reduziu a poucos elementos léxicos à prematura data em que cessaram nesta região os contatos linguísticos entre os espanhóis e os indígenas. A língua quéchua alcançou um pouco do extremo sul da Colômbia, enquanto que a zona norte, que se estende pelo Panamá e pelo sul da Costa Rica, estava habitada por falantes de língua chibcha. Em direção ao sul, a região falante do quéchua se funde com o território aimará; esta última, com influxo notável no espanhol do sul do Peru e

da Bolívia. A influência do mapuche/araucano no Chile nunca ultrapassou a incorporação de palavras isoladas ao léxico. No espanhol do Paraguai e das zonas vizinhas da Argentina e Bolívia, os falantes do guarani estiveram presentes em quantidades reduzidas e progressivamente menores no resto dos países da zona do Rio da Prata.

Ao nos atermos às divisões pautadas na geografia, no que concerne à variação dialetal observada, podemos classificá-las em terras altas e terras baixas ou costeiras. Em toda a América Hispânica, podemos observar uma semelhança fonética notável entre as zonas costeiras: Antillas, regiões costeiras do México, toda a faixa costeira do pacífico da América Central, quase toda a Venezuela e a costa do Pacífico da América do Sul, desde a Colômbia até o norte do Chile. Por tratar-se de terras baixas – terras costeiras ou com altitude sobre o nível do mar – podemos acrescentar o Paraguai e o sudeste da Bolívia na lista. Rosemblat (1962, p.96) chama a atenção para a semelhança existente entre “as terras altas que comem as vogais e as terras baixas que comem as consoantes”, logo, ele conclui que os dialetos das terras baixas são mais homogêneos ao longo de grandes extensões geográficas em contraste com a considerável variação encontrada nos dialetos das terras altas. Até mesmo dentro de um único país, a fala dos que habitam as regiões das terras baixas diferem-se daquelas que são peculiares às terras altas.

Essa teoria climática da dialetologia da América hispânica torna-se insustentável partindo do ponto de vista de que tanto Ureña (1921, 1932) como Wagner (1920, 1927), protagonistas dessa classificação, sustentaram uma hipótese bastante simplista e, por sua vez, menosprezada que acabou acarretando o seu fracasso por não conseguir expressar a verdadeira relação entre a geografia da América hispânica e a demografia espanhola. Embora os colonos não se dessem ao luxo de escolher o clima ideal, o desejo, economicamente justificado, de conservar o tipo de trabalho que desempenhavam na Espanha, pode ser o responsável a dar lugar, na América, a uma distribuição regional que estivesse relacionada com o lugar de residência na Espanha.

Na América colonial, os assentamentos estavam intimamente ligados aos portos. Às cidades portuárias chegavam continuamente materiais linguísticos renovados através da fala de pessoas do mar, dos artesãos, dos mercadores, cujo lugar de residência anterior costumava ser os portos espanhóis de saída a América que estavam, na sua maior parte, na Andaluzia. Contrariamente, os centros administrativos coloniais situavam-se no interior: Cidade do México, Guatemala, Bogotá, Quito etc. Tendo em

vista que a estrutura política da Espanha concentrava-se em Castela, os representantes do Governo, os oficiais militares, os altos cargos da Igreja e o pessoal universitário procediam predominantemente do norte da Espanha.

Para um falante hispânico, a pronúncia ocupa lugar principal no momento de identificar com mais nitidez os dialetos do espanhol, ficando em segundo plano as diferenças léxicas, motivo este que impulsionou Ureña (1921) a dedicar especial atenção à classificação dialetal baseada nas variantes fonéticas, além da que já havia sido proposta anteriormente, pautada no substrato indígena. Logo, apesar de ele declarar que as aquisições léxicas provenientes do substrato indígena constituem a principal contribuição para a formação de dialetos do espanhol da América, dedicou maior esforço a comentar a variação fonética.

Apesar da diversidade de variáveis examinada por Ureña, a única que ele correlaciona com uma distribuição geográfica é o /s/ em coda silábica. Canfield (1962, 1981), em posse de dados mais detalhados, levou essas observações mais além e traçou uma série de mapas que mostram a pronúncia das principais variantes consonânticas em toda América hispânica, mas nenhuma das variantes fonéticas conduz a agrupações geográficas nítidas, motivo pelo qual não permitiu que Canfield caísse no erro de afirmar que “os dados devem determinar zonas bem delimitadas.”

As classificações baseadas em dados léxicos são os elementos diferenciadores mais perceptíveis dos dialetos do espanhol, mas apesar dos grandes números de estudos léxicos regionais, estas variáveis raramente aparecem na classificação dialetal pan-americana. Isso pode ser atribuído a vários fatores. A variação léxica está tão regionalizada que transformaria qualquer tentativa de classificação em uma impraticabilidade de isoglossas³⁷ misturadas que não contribuiriam como categorias úteis para a investigação. Algumas variantes léxicas delimitam regiões tão amplas ao ponto de não ajudar.

Cahuzac (1980, p.386) afirma que o caráter rural da população americana leva à dialetologia a fixar seus estudos na fala dos homens do campo por acreditar que essa linguagem dos interioranos procede, indiscutivelmente, das regiões espanholas que foram introduzidas com o advento da colonização, porém a sua distribuição na América não se deu de maneira uniforme, pois em cada região os homens tinham necessidades

³⁷ Uma isoglossa é a fronteira geográfica de uma certa característica linguística, por exemplo, a pronúncia de uma vogal, o significado de uma palavra ou o uso de uma característica sintática.

diferentes e eram falantes de línguas também diferentes que, encontradas com o espanhol, ocasionaram variações distintas.

O resultado de tudo isto é a contradição encontrada na tese de que a fala da população rural guia a divisão dos dialetos do espanhol da América, pois desde uma visão retrospectiva, talvez não seja muito racional supor que unidades léxicas que não estavam distribuídas por regiões na Espanha tenham proporcionado uma distribuição regional na América espanhola. As únicas peças léxicas típicas da vida rural nas quais se pode esperar uma distribuição regional são os indigenismos.

A classificação baseada na cronologia relativa aos assentamentos diz respeito à evolução que a língua falada na Espanha sofreu durante os quase dois séculos que durou o assentamento de europeus na América espanhola. Admitindo-se ou não o caráter andaluz do espanhol da América, os colonos que chegaram ao Novo Mundo, levaram consigo as características linguísticas de sua época. Canfield (1981) constitui uma perspectiva ampliada da diferença dialetal do espanhol da América em função da data do assentamento inicial e da intensidade relativa da manutenção do contato sociocultural com a Espanha nos anos posteriores.

A demografia colonial e o contato com a metrópole nem sempre apoiam a classificação de Canfield (1981). De acordo com a divisão dialetal, os dialetos que se desenvolveram longe das principais rotas e portos comerciais perderam contato, prematuramente, com as inovações linguísticas que estavam ocorrendo na Espanha, principalmente na Andaluzia. Os dialetos que se formaram mais tarde e que mantiveram um contato mais estreito com a metrópole peninsular no período colonial, deveriam conservar uma semelhança muito maior com os dialetos do sul da Espanha ou até mesmo apresentar uma fala idêntica à da Andaluzia do final do século XIX. Na verdade, a fala de algumas regiões onde os assentamentos iniciais tiveram lugar a princípios do período colonial e que depois se viram separados das principais rotas comerciais e estruturas administrativas, apresentam traços modernos, enquanto que outras zonas que desfrutaram uma relação comercial e política florescente com a metrópole durante todo o período colonial apresentam características antigas.

Dado o ininterrupto contato entre as capitais do interior e Espanha, a afirmação de que o isolamento geográfico ou social impediu que as inovações surgidas na Espanha alcançassem essas cidades cai por terra. Se fosse dessa maneira, a fala destas regiões mais remotas não deveriam diferenciar-se tanto do espanhol *sefardí*, surgido mais de meio século antes, mas as diferenças reais são enormes. Entre os dialetos da

América hispânica atual, classificados na categoria de 1550, todos eles seguiram o curso das mudanças ocorridas na Espanha no final do século XVI, o que tornaria muito difícil de explicar se esses dialetos tivessem sofrido um isolamento linguístico pouco depois do início da colonização. Assim, os dialetos de 1550 são prova da manutenção de um contato sociocultural com a Espanha, suficientemente intenso para que se tenham transmitido a maioria das mudanças, principalmente fônicas, do espanhol peninsular.

A categoria denominada por Canfield (1650) é bastante heterogênea para que seja capaz de postular uma correlação entre a cronologia dos contatos linguísticos da América hispânica e as evoluções fonéticas.

Há outras regiões da América hispânica que foram povoadas logo no período colonial e, por isso, receberam pouca atenção da Espanha, mas que nem por isso deixam de trazer marcas inovadoras do espanhol peninsular na sua variedade dialetal, próprias da zona de 1750. Entre essas regiões podemos destacar o interior da República Dominicana, o *Chocó* e a Península *Guajira* colombianos, o nordeste do Panamá, as remotas regiões costeiras do Equador e inclusive o interior montanhoso de Porto Rico. Todas essas regiões já se encontravam colonizadas até 1600 e algumas gozaram de alguma prosperidade durante certo tempo, mas foram rapidamente abandonadas na medida em que a colonização espanhola concentrava seus esforços em outras zonas. Na verdade, o que compartilham esses dialetos marginalizados com os principais dialetos de 1750 é a conexão marítima com a Andaluzia.

Em muitas dessas zonas, a alta concentração de escravos africanos podem ter contribuído com as variedades regionais do espanhol. Tendo em vista que nenhuma zona da América hispânica se manteve tão distanciada do contato contínuo com a Espanha, ao ponto de tornar-se impermeável às inovações linguísticas que tinham lugar na metrópole.

A classificação dialetal de corte linguístico dita que, na época em que a América hispânica era predominantemente rural e seus níveis educativos baixos, era pouco provável extrair uma seção da elite urbana como mostra da variação dialetal. As escolas privadas eram todas dirigidas por membros da igreja e de época secular, nascidos na Espanha e que, conseqüentemente, mantinham o controle quase absoluto da educação e, os usos linguísticos espanhóis (de Castela) se sobressaíam perante as formas “americanas”.

No final do século XX, o perfil sociolinguístico da América hispânica evoluiu e, embora o analfabetismo e a marginalização social continuem afetando a maior parte da população, também é verdade que se encontram avanços nos programas de educação pública, baseadas nas necessidades regionais e não nas normas européias que pouco se adaptam a nossa realidade. A existência do projeto da Norma Culta (BLANCH, 1986) é um reconhecimento à crescente importância da fala das classes média e profissional urbanas.

Sabemos que a expansão das normas cultas não ofusca nem faz com que os traços regionais desapareçam por completo e, em todos os níveis sociolinguísticos, os grupos homólogos de regiões geograficamente distantes podem apresentar mais semelhanças que diferenças. Os falantes dos registros da norma culta podem usar e de fato usam estilos de fala que pouco se distinguem dos daqueles de camadas sociais mais baixas na escala socioeconômica quando se encontram em situações de extrema emoção, em contextos informais ou ao se sentirem mais relaxados. Isso leva a crer que todos os falantes dominam mais de um ponto do contínuo sociolinguístico e podem empregar um repertório de níveis característico de um grupo determinado como um traço classificatório que ultrapassa os limites geográficos.

Logo, trataremos a seguir do pronome de tratamento equivalente à segunda pessoa do singular, *vos*, *tú* e *usted*, com vistas a tratar de forma mais detalhada da sua formação, origem e extensão, a fim de revelar a sua variação em diferentes países e sua expansão, de forma que, na atualidade, trata-se de um pronome que coexiste com o *tú* e que, de certo modo, brigam por espaço e crescimento em pé de igualdade para referir-se a uma outra pessoa de maneira informal. Veremos neste capítulo o seu comportamento na cidade de *Santa Cruz de la Sierra*, Bolívia.

Nas próximas seções trataremos de definir o *vos* com o intuito de tornar mais explícito aos leitores a expansão deste pronome e de desmistificar a ideia de que se trata de um pronome restrito ou mais utilizado na região da Prata. Também mostraremos a sua formação, incluindo todas as variedades encontradas em diferentes países, porém limitando-se apenas à forma utilizada pela língua padrão, que corresponde àquela aceita pela gramática e utilizada na região da Bolívia, investigada nesta tese. Em seguida, faremos um traçado da sua origem até os dias atuais e mostraremos a extensão territorial que o envolve, a fim de comprovar que se trata de um pronome utilizado em praticamente toda a América, embora normalmente não seja encontrado em um país na

sua totalidade. Para isso, se fez uma classificação da América *tuteante*³⁸, ou seja, aquela correspondente aos países que dão preferência ao uso do *tú* e da América *voseante*, onde predomina o uso do *vos*. Para finalizar o capítulo, apresentaremos uma amostra do uso deste pronome na cidade de Santa Cruz de la Sierra, onde foi realizada a pesquisa.

3.2 Origem e extensão do vos

De acordo com Lapesa (1986), a história do *voseo* teve seu início na Espanha, no século IV, onde o *vos* era utilizado nos tratamentos de sumo respeito, inclusive era a forma escolhida para referir-se ao imperador, posto surgido com a divisão do Império Romano. Paulatinamente o *vos* passou a ser usado para dirigir-se a qualquer tipo de autoridade como: políticos, militares e religiosos. A partir daí surge a divisão de um sistema: o *tú* passou a ser usado para tratar a um interlocutor de menor ou igual autoridade a você mesmo, enquanto que o *vos* ficava reservado para contatos com interlocutores de maior autoridade.

Para termos uma visão acerca das variações do pronome de tratamento na América espanhola é necessário entender que o *voseo*, antes definido como o uso do pronome ou as formas verbais da segunda pessoa do plural com valor de singular que ainda perdura na América, após a colonização da América espanhola, transformou-se em um pronome que passou a ter o valor do *tú* na península. Segundo Lapesa (1986), a segunda pessoa do singular era o tratamento que se dava aos inferiores ou entre iguais quando havia máxima intimidade.

No final do século XV, os dois pronomes em questão ainda competiam entre si como pronomes formais e familiares, mas costumava-se usar o *vos* para fazer referência a sujeitos plurais. Assim, o *vos* começou a desaparecer do espanhol peninsular e se manteve em várias regiões da América hispânica. A maioria das grandes cidades que têm o espanhol como língua materna aderiu à preferência peninsular pelo uso do *tú* para tratamentos familiares. Porém, Maracaibo, Buenos Aires e Montevideu são exceções (LIPSKI, 1994, p. 50-51). Nestas regiões, nos séculos XVI e XVII, o pronome de tratamento *vos* passou a ser utilizado entre índios e escravos, mas esta realidade já não condiz com os dias atuais que, em países como Argentina, Uruguai, Bolívia e Costa Rica o *vos* é utilizado em todas as esferas sociais.

³⁸ Fenômeno caracterizado por tratar uma segunda pessoa do singular pelo pronome *tú*.

Na Argentina e no Uruguai, o *vos* é uma variante considerada normativa, ou seja, é a forma generalizada, usada uniformemente no lugar do *tú* e aceito socialmente em todos os contextos de fala, inclusive em revistas e jornais televisivos. A maioria da população rioplatense se identifica com este uso e é um meio que encontraram para afirmar a cultura crioula (LIPSKI, 1994, p. 172). Programas televisivos como os de Tinelli e Pergolini³⁹ na Argentina são grandes responsáveis por esta difusão, principalmente no tocante às pessoas mais jovens.

Podemos chamar a atenção para o lugar da acentuação dos verbos correspondentes ao *vos*: sempre na última sílaba. Na Argentina, o *vos* é utilizado muitas vezes inclusive com pessoas que não conhecemos e especialmente quando se trata de situações informais entre jovens. Nestes casos, parecerá estranho que se faça uso do *usted* para substituir o *vos*.

A Bolívia é um país que pode servir como referência para demonstrar a coexistência entre o *tú* e o *vos*. Enquanto na zona andina existe uma predominância pelo uso do *tú*, a região da planície dá preferência ao *vos* como forma substituta. Ainda devemos ressaltar a presença das discordâncias entre o pronome de tratamento *vos* e as formas verbais a ele relacionados na região andina: *vos compras*; *vos compráis*; *vos bebes*; *vos bebéis*. Em contrapartida, na região da planície, o *vos* é usado na variação monotongada das segundas pessoas do plural, como exposto anteriormente, coincidindo com o *vos rioplatense*, o *voseo* de prestígio, formado pela combinação do pronome seguido da conjugação do *vosotros* sem o “i” final da terminação (*vos sos*, *vos venís*, *vos tienes*, etc). O *vos* do oriente boliviano vem traçando o mesmo caminho do *vos platense*, ou seja, é usado por quase uma totalidade da comunidade, ficando o uso do *tú* mais restrito e feito de forma copiosamente artificial, já que a substituição do *vos* ocorre com mais naturalidade pelo *usted* e não pelo *tú*. O uso *tú* nesta comunidade linguística é um tanto artificial e forçado.

Segundo Toscano Mateus (1953, p.207), a serra equatoriana se caracteriza pelo *voseo*, embora também se use *usted* como forma de respeito, distância e autoridade e o *tú* como forma de aproximação e igualdade social. Entre irmãos, por exemplo, se *tutea* ou se *vosea*. Existem famílias que preferem o *usted* como forma de tratamento e se

³⁹ Marcelo Hugo Tinelli é um famoso apresentador argentino. Tinelli começou a produção de um programa de entretenimentos (*Showmatch*) que seria conduzido por ele. Em setembro de 2005 ele firma uma aliança com Adrián Suar e muda todos seus programas pra El Trece. Mario Daniel Pergolini é um radialista, jornalista, produtor e empresário, conhecido por ter sido apresentador principal do programa de televisão *Caiga Quien Caiga* (CQC) transmitido pela Telefe da Argentina. Hoje há diversas versões do seu programa pelo mundo.

percebeu que, para dar ordens, é possível o uso do *usted*. Após uma observação do uso desses pronomes em famílias de classe média do Quito, constatou-se que o *usted* é utilizado como forma de respeito e distância entre pessoas do mesmo grupo social. O *tú* aparece no tratamento de pais a filhos, entre pessoas de mesma idade e grupo social e para referir-se a pessoas adultas, como seus professores, por exemplo. Em centros turísticos também é o pronome selecionado para dirigir-se aos clientes. O *vos* é usado por pessoas mais velhas e alguns jovens que se classificam em níveis sociais altos no seu tratamento a pessoas que trabalham em serviços domésticos, na venda ambulante, na construção etc. Esse pronome também aparece como um apelo do falante que se auto define como superior ao reagir a uma cantada em lugares públicos. Alguns indígenas bilíngues utilizam o *vos* como forma respeitosa para tratar a pessoas de classe social elevada e também se usa entre a população jovem, entre amigos próximos.

O *voseo* encontrado nas regiões da América Central que o têm como forma normativa (Guatemala, Costa Rica, Nicarágua) possuem, em geral, as mesmas características que o *voseo* rioplatense. Na Costa Rica é muito comum que se use o pronome *usted* para contextos formais e informais; é habitual observar um casal de noivos tratando-se por *usted*, dirigir-se a uma criança fazendo o mesmo uso e assim sucessivamente. Porém, como estamos tratando da América Central de forma geral, é bom recordar, segundo Lipski (1986h) que em El Salvador se faz uso do *tú* e do *vos*, devendo-se obedecer os critérios exigidos por cada região e contexto.

Ao entendermos melhor a origem desse pronome e seu processo de expansão, faz-se necessário entender o funcionamento dos pronomes de tratamento na América para melhor compreender as posteriores classificações que serão apresentadas das zonas *voseantes* e *tuteantes* da América hispânica. Faremos a seguir uma análise dos pronomes pessoais da língua espanhola utilizados nos países hispânicos.

3.3 Definição e formação do *vos*

O *voseo* é uma marca particular da América Latina que consiste em tratar o seu interlocutor direto por *vos*. Este pronome compete com o *tú* em algumas comunidades de fala da América hispânica. Desta maneira, o *vos* corresponde ao pronome da segunda pessoa do singular e, conseqüentemente, utilizado nos mesmos contextos que o *tú*, culminando em uma variação morfossintática. Em algumas regiões, o uso do *vos* coexiste com o do *tú*, enquanto que em outras, é a forma padrão escolhida. Este traço

estendeu-se por toda a América hispânica e se mantém vigente até a atualidade. O uso do *tú* é conhecido por *tuteo*, enquanto que a preferência pelo *vos* se denomina *voseo*.

Apesar da crença de que o *vos* é uma forma de tratamento particular do espanhol argentino, é importante ressaltar que são dezesseis, segundo o Lipski (1994), as zonas *voseantes* da América espanhola: o sudeste do México, o oeste do Panamá, a costa pacífica da Colômbia, a zona interior da Venezuela, a zona andina colombiana, a zona da costa do Equador, as zonas montanhosas do Equador, o sul do Peru, o norte do Chile, o noroeste da Argentina, o sul da Bolívia, Paraguai e o nordeste da Argentina, a zona central do Chile, o sul do Chile, a zona centro-sul da Argentina, o sul do Uruguai e finalmente, o norte do Uruguai (LIPSKI, 1994, p. 15).

No século XVI, o *tú* e o *vos* coexistiam como formas de tratamento familiar ou de intimidade na língua espanhola, gerando certa confusão no uso de formas pronominais e verbais ao interpretar a complexa série de fenômenos que envolvem o uso do *vos* da América hispânica.

Essa coexistência suscitou as interferências entre ambos os tratamentos, porém também colaborou com diferentes soluções para resolver os problemas gerados pela duplicidade do *tú* e do *vos*.

Segundo Lapesa (1986), fatores históricos e sociais são os grandes responsáveis pela distribuição geográfica das preferências. Podemos citar como exemplos, os casos como o da Espanha e zonas americanas do México, de Lima e das Antilhas que, pela forte influência das cortes reais, deixam de utilizar o *vos* para o tratamento mais íntimo direcionado a um único interlocutor, bem como o pronome oblíquo *os* e o possessivo *vuestro*, acompanhados das conjugações verbais de segunda pessoa do plural, triunfando sobre elas os pronomes *tú*, *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *tu* e *tuyo* e as formas verbais correspondentes à segunda pessoa do singular. Em contrapartida, na grande maioria das regiões da América, menos influenciadas pelas cortes, o paradigma que prevalece é o da preferência pelo *vos* para as funções de sujeito e de pronome preposicionado, *te* como pronome oblíquo e *tu*, *tuyo* como possessivos.

Logo, o *vos* é utilizado somente como sujeito, complemento preposicional e na comparação, motivo pelo qual há um complemento nas demais funções com as formas referentes ao pronome *tú*, por exemplo: *Vos te vas el viernes*. Além disso, o *voseo* americano é uma mistura do *vos* e do *tú*, isto é, utiliza o esquema: *vos*, *te*, *tu*, *tuyo* e não o *tú*, *ti*, *os*, *vuestro*.

O voseo mais representativo costuma ser aquele derivado da conjugação das segundas pessoas do plural monotongadas, ou seja, as terminações *-áis, -éis*, correspondentes às terminações das segundas pessoas do plural dos verbos de primeira e segunda conjugações do presente do indicativo, respectivamente, perdendo o “i” e resultando nas formas: *tomás, tenés, sos* etc. Vale ressaltar que, para os verbos de terceira conjugação, por tratar-se da única vogal da terminação, o “i” permanece na terminação do vos, havendo uma coincidência entre as conjugações do vos e do *vosotros*. No imperativo, há a perda do *-d-* final da segunda pessoa do plural e o acréscimo de um acento gráfico, o agudo, ocasionando as formas *cantá, tené, vení*. Todas essas formas não se mantêm no uso peninsular após o século XVII.

Uma das características do vos americano é sua familiaridade e intimidade no meio social e outro ponto importante em relação a este pronome é que suas desinências são específicas em algumas formas do indicativo, subjuntivo e imperativo. Exemplos:

Tabela 1 - O uso do voseo.

tú andas	Presente do indicativo	vos andas
tú andes	Presente do subjuntivo	vos andés (o vos andes)
tú hayas andado	Perfeito do subjuntivo	vos hayás andado (o vos hayas andado)
anda tú	Imperativo	andá vos

Há de convir que há outras formas vigentes do voseo constituídas pelo pronome de tratamento *vos* seguido pelo verbo conjugado na segunda pessoa, seja do singular ou plural, sem nenhuma mudança, tanto no presente do indicativo como do subjuntivo, bem como em outros tempos verbais como pode ser observado nos seguintes exemplos: *vos cantáis, vos ponéis, vos cantas, vos pones, vos sales; vos tengáis, vos tengas; vos sabras, vos das, vos estás, vos vas, vos ves, vos eras, vos tenías, vos tomabas, vos pudieras*, etc. Além dessa probabilidade, também é possível observar, no Chile, a retirada do “s” final da segunda pessoa do plural, *vosotros*, como visto nos exemplos *vos cantai, vos sabeí, vos bebei*, etc. Porém também torna-se fundamental destacar que estas últimas não se tratam de formas prestigiosas do vos.

Ureña (1921) aponta para a probabilidade de que a homomorfia, tanto de singular como de plural, seja responsável pela formação e consolidação do voseo hispanoamericano, embora tenha contribuído na eleição do espanhol peninsular pelas formas ditongadas como: *dais, estáis, vais, veis*, redundando no triunfo de *cantáis*,

tenéis, sobre *cantás*, *tenés*, apesar de não poder confundir-se com *cantas*, *tienes*; provocando além disso, a permanência das proparoxítonas *érades*, *amávades*, *teníades*, *quisiérades*, *pudiésedes*, *hiciéredes* até o século XVII.

Os exemplos apresentados que mostram a discordância entre o sujeito *vos* e o verbo imediato como “*vos quieres*” e “*vos eras*” podem ser o antecedente peninsular que ampliou a construção do *vos* com singulares *sales*, *tienes*, *estás*, *estudias* até os dias atuais na extensão da Cordilleira dos Andes, desde Bogotá até o Chile. Por outro lado, a forma *vos eras* ganha maior extensão de uso por espalhar-se por toda América, porém sua origem é atribuída ao plural *érades* e não do singular *eras*. É válido ressaltar a carência de um pronome oblíquo específico para referir-se ao *vos*, motivo pelo qual Castillo Nájera (1936) traz à tona o primeiro exemplo americano da combinação do *te* como pronome indireto, com *vos* como pronome oblíquo seguido de verbo em segunda pessoa do singular, hoje comum à fala de um guatemalteco, de um venezuelano, de um argentino, de um boliviano, de um paraguaio, de um uruguaio etc: *comprátelo vos*.

A transformação fonética das segundas pessoas do plural de *-ades*, *-edes*, *-ides* > *-áis*, *-ás*, *-éis*, *-és*, *-ís* - não afetou sua diferenciação com respeito às formas da pessoa do *tú* nos presentes do indicativo e do subjuntivo que sempre se diferenciava por um acento, exceto com os verbos *dar*, *estar*, *ir* e *ver*, porque a conjugação equivalente às duas pessoas, *vos* e *tú*, coincidem. As construções *vos das*, *vos des*, *vos estéis*, *vos vas*, *ve vos* existem na fala da América hispânica atual, não somente nas regiões onde prevalece *vos tienes*, mas também onde predomina ou é exclusivo *vos tenés*, o que nos leva a aceitar a hipótese de uma confluência.

No final do século XV, o uso do *tú* e do *vos* não tinham se equiparado e que enquanto ambos servem para a confiança no colóquio ou na missiva, o uso peninsular dos séculos XVI e XVII nunca elimina graus de estimação social entre ambos.

A preferência de *-éis*, *-áis* perante as formas *-és* e *-ás* para diferenciar o pronome *vos* do *tú* reflete que as primeiras representam o uso cortesão e de maior privilégio. No imperativo, a preferência por *sed*, *estad*, *dad*, *ved* sobre os equívocos *sé*, *está*, *da*, *ve*, redundava na imposição de *cantad*, *poned*, *salid* sobre *cantá*, *poné*, *salí*. Assim mesmo, o *-d* é conveniente para evitar homografias: embora sabendo que a prosódia distingue *cantá* [vos] de *canta* [tú], sendo o emprego do acento fundamental para diferenciar a idêntica escrita.

Lapesa (1986) diz que o desaparecimento do *-d* nas desinências verbais proparoxítonas da pessoa do *vos* entre os séculos XIV e XVII não aparenta encontrar

obstáculos fonéticos em nenhum momento, porém se depara com a sua presença em formas como *fuerdes*, *vierdes*, cuja síncope vocálica retém o *-d*, motivo pelo qual este grafema se mantém com maior firmeza que em *amades*, *tenedes* quando se conservava a vogal pos-tônica. Desta maneira, *amaríades*, *veníades*, *tuviédeses*, *quisiérades*, *fuéredes* não são consideradas, na segunda metade do século XV e durante a maior parte do XVI, intoleráveis arcaísmos, diferentemente de *queredes*, *sepades*, que já não figuravam no decorrer de 1460.

Quando o *-d* desaparece, surgem formas que se alternam, como: *diesses* y *disseis*, *tuvieras* y *tuvierais*, *querías* y *queríais*, bem como se alternam *tenés* e *tenéis*, *cantás* e *cantáis*. O risco de confusão entre o *tú* e o *vos* alcança dez tempos verbais do espanhol: imperfeito do indicativo, condicional, os dois imperfeitos do subjuntivo, o futuro hipotético e os tempos compostos correspondentes. A manutenção do *-d* impera entre as pessoas cultas e se mantém na língua escrita. Além disso, ela freia, na fala, a generalização das formas contraídas.

Duas tendências opostas se manifestam sobre a sorte que têm os tratamentos íntimos e as formas gramaticais a eles anexas. A primeira, equivalente a comunidades que não comungam a igualdade social entre o *tú* e o *vos*. A segunda aceita as discordâncias como *vos tienes*, *vos quieres*, *vos sabrás*; sem preocupar-se com as confluências ante as formas verbais da pessoa do *vos* com a pessoa *tú* (*vos das*, *estás*, *sos*, *ves*, *da*, *está*, *eras*, *tenías*, *quisieras*), além de conservar as contrações monotongadas *cantás*, *querés* e os imperativos *soltá*, *poné*, *decí*.

Tendo em vista a diversidade de possibilidades de conjugações verbais destinadas ao *vos*, trataremos a seguir da origem deste pronome de tratamento que durante tantos anos destinou-se ao trato exacerbadamente formal, culminando a um trato de maior familiaridade entre as pessoas, com o intuito de explicitação das formas ainda mantidas na atualidade das desinências de segundas pessoas, tanto do singular como do plural que até hoje se preservam em algumas zonas *voseantes*.

3.4 Os pronomes pessoais na América hispânica

A escolha pelo *tú* ou *usted* não depende somente do interlocutor, mas também de quem inicia a conversação. Uma pessoa com mais de quarenta anos, com certeza, usa mais o *usted* do que quando tinha seus vinte anos de idade e, conseqüentemente, espera

com muito mais frequência, ser tratado por *usted* que antes em determinadas circunstâncias.

Para Carricaburo (1997), determinadas profissões também exigem um tratamento mais formal e, quando se trata de um cargo que lida com pessoas de várias idades, o normal é que se trate por *tú* ou *vos* àqueles muito jovens (digamos, os menores de 25 anos), a todos os demais deve-se tratar por *usted*, a não ser que já se tenha adquirido uma relação de confiança entre os que, a princípio, eram meros desconhecidos, exceto com os maiores de sessenta anos de idade que se costuma manter um tratamento mais formal.

Embora não exista um critério rígido para evitar os equívocos, de forma geral se obedecem as seguintes orientações: *tú* = uso informal; *vos* = uso informal em alguns países latinos e *usted* = uso formal.

De acordo com Moreno (2000), até meados do século XX, o *voseo* era considerado vulgar, mas à medida que os grandes escritores latinos foram introduzindo-o em suas obras literárias, o *vos* se impôs como uma forma de tratamento incorporada à língua de todas as classes sociais. A Academia Argentina de Letras reconheceu seu uso como legítimo em 1982 e a Real Academia Espanhola inclui seu uso nos modelos de conjugação verbal e o aceita plenamente, momento em que o *vos* começa a adquirir prestígio.

A forma do pronome pessoal equivalente à segunda pessoa do plural, *vosotros*, é restrita à Espanha. Não se usa essa forma na América espanhola e por isso, o *ustedes* o substitui e passa a ser a forma única do plural, tanto para contextos formais como informais. No singular, há uma variação entre o uso do *tú* e do *vos* para o tratamento informal. Em algumas regiões, há o predomínio do *tú* no tratamento familiar, em outras, é substituído pelo *vos*.

De acordo com Lapesa (1980) apud Carricaburo (1997, p. 12-13), podemos representar a América com três paradigmas pronominais:

América tuteante

Tabela 2 - Paradigma pronominal da América *tuteante*.

Número	Informalidade/solidaridade Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia Poder/Distanciamento
Singular	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: (LAPESA, 1980).

América voseante

Tabela 3 - Paradigma pronominal da América voseante.

Número	Informalidade/solidaridade Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia Poder/Distanciamento
Singular	<i>Vos</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: (LAPESA, 1980).

América tuteante-voseante

Tabela 4 - Paradigma pronominal da América tuteante-voseante.

Número	Informalidade/solidaridade Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia Poder/Distanciamento
Singular	<i>Vos</i>	<i>Tú</i> <i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: (LAPESA, 1980).

É imprescindível ressaltar que fatores históricos e sociais foram os grandes responsáveis pela distribuição geográfica das preferências e continuam interferindo na forma de falar e de agir de cada país da América Espanhola.

Ureña (1921) se deu conta da importância que o *voseo hispanoamericano* exercia para a dialetologia, ou seja, o uso do *vos* como pronome pessoal de segunda pessoa do singular no lugar do *tú* com as correspondentes mudanças na morfologia verbal. O estudo que levou a cabo a Ureña identificar as regiões que empregam o *voseo* e os paradigmas verbais que costumam acompanhá-lo foi bastante preciso, apesar dele não ter conseguido incorporar o *voseo* na classificação dos dialetos do espanhol da América, dando a impressão de que a distribuição do *vos* e do *tú* é mais social que geográfica. Só se reconheceu a potencial utilidade do *voseo* como critério classificatório na dialetologia da América hispânica quando se descobriu sua verdadeira distribuição regional. A primeira síntese que combina o *voseo* e os traços fonéticos regionais foi o inovador trabalho de Rona (1964) que serviu de fonte de inspiração para quase todas as classificações dialetais posteriores, inclusive no estudo de Resnick (1975), que tem uma base fonética, se emprega o *voseo* como variável complementar, com não menos de doze variantes.

Rona (1964) propôs que o espanhol da América podia ser dividido em dialetos utilizando quatro variáveis, três das quais eram mutuamente independentes:

- 1) Zeísmo ou pronúncia de /y/ e/ou /λ/ como um [ʃ] fricativo ou um [tʃ] africado;
- 2) Yeísmo ou desaparecimento do fonema lateral palatal /ʎ/ e a completa fusão de /y/ e /ʎ/ a favor do primeiro;
- 3) A presença ou ausência do *voseo*;
- 4) Nas regiões em que se usa o *voseo*, a morfologia verbal que se usa com *vos*.

Enquanto as três primeiras variáveis são binárias, a morfologia verbal do *voseo* envolve vários paradigmas diferentes. O primeiro critério consiste em analisar se as formas verbais correspondentes procedem historicamente das formas de segunda pessoa do singular ou do plural. O segundo é se os ditongos encontrados nas formas *vos(otros)* da primeira e segunda conjugações têm se mantido nas formas do *voseo*, ou se perderam a semivogal. Uma variante da última possibilidade, comumente encontrada no Chile e no altiplano boliviano e equatoriano é a fusão das formas de segunda e terceira conjugação na desinência *-ís*. Essa não é uma variação considerada de prestígio, tendo em vista que a forma reconhecida pela norma padrão é a variação equivalente ao *vos* de Buenos Aires, forma mais extendida por toda a América *voseante*, inclusive na região *cruceña*, estudada nesta tese.

Na verdade, existem mais versões do *voseo* do que as apresentadas na classificação de Rona, mas nem sempre ficam claros os parâmetros geográficos e sociais da variação. Como exemplo, podemos apontar para o acento paroxítono característico do *tuteo*, mantido na conjugação de alguns usuários do *voseo*. Essa variação é a encontrada em toda a região do altiplano boliviano e contrastada com a região *cruceña* que não cultua desta forma. Nesta comunidade de fala, o *vos* deriva da segunda pessoa do plural sem o *-i* da terminação, exceto nos verbos de terceira conjugação que mantêm este *-i*. Outro traço corresponde à conjugação do futuro imperfeito que traz a terminação *-ás* para o *tú* frente a *é(i)s* equivalente ao *vos(otros)*. Outra variável é a forma concernente ao verbo auxiliar *haber* que apresenta a forma *has* para a pessoa do *tú* e as formas *habés/habís* para o *vos(otros)*.

De acordo com os critérios adotados, Rona (1964) delimitou diferentes versões do *voseo*, classificadas em quatro tipos diferentes: A, B, C e D, apreciadas a seguir na tabela 5:

Tabela 5 - Paradigmas do voseo.

<i>Tipo</i>	<i>1ª conj.</i>	<i>2ª conj.</i>	<i>3ª conj.</i>
A	-áis	-éis	-ís
B	-áis	-ís	-ís
C	-ás	-és	-ís
D	-ás	-és	-es {formas tú}

Fonte: (RONA 1964 apud LIPSKI 2004, p. 28).

Combinando os quatro tipos de voseo de acordo com as terminações equivalentes a cada tipo: A, B, C e D, ilustrados na tabela 5, Rona definiu 16 zonas dialetais, lembrando que as desinências do tipo C são as que mais mantiveram prestígio na gramática normativa e, conseqüentemente, as mais aceitas pela Real Academia Espanhola e demais Academias. Verificamos na tabela abaixo que o C alcança maior número de regiões, ficando o tipo B restrito a algumas zonas do Peru e Chile. Os sinais de positivo e negativo na tabela 6 indicam a presença ou ausência do vos, respectivamente. Em relação ao tipo, corresponde às terminações utilizadas em cada uma das dezesseis regiões apontadas por Rona.

Tabela 6 - Zonas dialetais.

<i>Zona dialetal</i>	<i>Voseo</i>	<i>Tipo</i>
1. México, Antilhas, Venezuela, Costa caribenha da Colômbia	–	
2. América central, inclusive SE do México e O. de Panamá	+	C
3. Costa do Pacífico da Colômbia, Interior da Venezuela	+	C
4. Andes colombianos	+	C
5. Costa do Equador	+	C
6. Altiplano do Equador	+	B
7. Costa do Peru	–	
8. Altiplano do Peru	–	
9. S. do Peru	+	B
10. N. do Chile, NO da Argentina, S. da Bolívia	+	B
11. Resto da Bolívia	+	C
12. Paraguai, NE da Argentina	+	C
13. Chile central	+	B
14. S. do Chile	+	B
15. S. e centro da Argentina, S. do Uruguai	+	C
16. N. do Uruguai	–	

Fonte: (RONA 1964 apud LIPSKI 2004, p. 29).

Esta divisão representou um avanço em relação às classificações anteriores, mas Rona não conseguiu prever que as mesmas especificações de traços descreviam mais de uma zona, nem analisou as possíveis consequências desta convergência de traços.

O sistema de Rona não respeita implicitamente os domínios sociolinguísticos principais, motivo pelo qual reduz a fiabilidade dos seus resultados. Podemos citar como exemplo o caso da preferência de algumas regiões por determinadas formas verbais para o *voseo* que se encontram estreitamente relacionadas com a estratificação social, como é o caso do Chile, Equador e certas zonas do Peru e Colômbia. A eleição do *vos* em detrimento do *tú* é, por si só, uma variável social em muitas regiões, mas a classificação de Rona só representa, na realidade, o mínimo denominador comum, visto que normalmente se estabelece uma relação de implicação: se o *vos* aparecer nas variedades de prestígio, consequentemente também será usado nos grupos socialmente inferiores, enquanto que o contrário não ocorre.

Sabemos que nenhum dos critérios de classificação é capaz de identificar os traços de zonas não contíguas ou da variedade existente dentro de cada zona, mas continuam sendo válidas as ideias fundamentais, junto com as contribuições metodológicas e descritivas à dialetologia hispânica.

Uma contribuição notável neste sentido foi a classificação elaborada por Zamora e Guitart (1982) para verificar a ausência ou presença do *vos* como pronome pessoal do caso reto, independente da morfologia verbal que o acompanhe. Na prática, esses critérios só permitiriam uma divisão em oito zonas, mas os referidos autores incorporam um terceiro valor da variável do *voseo* (+/-) para indicar convergência de *tú/vos* em uma dada zona. O resultado é visto na classificação abaixo:

Tabela 7 - Presença, ausência ou coexistência do *vos*.

<i>Zona</i>	<i>Vos</i>
1. Zona caribenha incluindo costa do México, Colômbia, E. do Panamá	-
2. Terras altas do México	-
3. América Central, O. do Panamá	+
4. Interior da Colômbia e Venezuela andina;	+/-
5. Costa do pacífico da Colômbia, Equador	+/-
6. Costa do Peru	-
7. Altiplano do Peru, Equador, Bolívia, NO da Argentina	+/-
8. Chile	+/-
9. Paraguai, E. da Bolívia, Uruguai e maioria da Argentina	+

Fonte: (ZAMORA; GUITART 1982 apud LIPSKI, 2004, p. 31).

Talvez a melhor ilustração da ambivalência sociolinguística de certas formas catalogadas de regionais seja a eleição dos pronomes pessoais do caso reto. Em grande parte da América hispânica, o pronome equivalente à segunda pessoa do singular, *tú*, é escasso ou inexistente na fala espontânea. Nessas regiões, o *vos* desempenha os mesmos valores gramaticais e semânticos que o *tú* em outros países. As formas verbais que acompanham o *vos* variam de acordo com critérios regionais e sociolinguísticos, mas é a presença ou ausência do *vos* que constitui a variável mais interessante. O *vos* se utiliza quase exclusivamente em toda a América Central, bem como na Argentina, Uruguai e Paraguai. Também é empregado nos centros urbanos da Colômbia, Venezuela, Equador e Bolívia que gozam de prestígio local. Em contrapartida, majoritariamente, as zonas marginalizadas do México, Panamá, Peru e Chile são zonas em que o *vos* é ausente ou converge com o *tú*. Argentina foi o país que incorporou o *vos* com maior profundidade em todos os aspectos da língua pública e privada, neutralizando qualquer sentimento de desaprovação. É raro neste país ouvir qualquer tipo de comentário negativo em relação ao *vos* ou que o evitem conscientemente ao falar com interlocutores não *voseantes*. Na América Central, outra região de predominância do *voseo*, a situação é um pouco diferente por causa da influência eurocêntrica que ainda conseguiu criar um clima de insegurança em muitos, fazendo com que se encontrem alguns registros do *tú* nesta região, embora o peculiar seja o *vos*.

Segundo López Morales (1983), igualmente comum é observar a afirmação de que o *vos* não se usa em absoluto ou de que se trata de uma forma vulgar, reveladora de uma educação deficiente. Abundam nas gramáticas tradicionais comentários deste teor que se estendem até os dias atuais. O uso oficial na América Central reconhece somente o *tú*, por exemplo, nos hinos nacionais, nos elogios e nas solenidades. Nas escolas só se ensina o *tú* e suas formas verbais, embora a maioria dos professores não reprima o uso do *vos* na sala de aula, nem deixam de usá-lo. Quando a literatura nacional é ensinada, só aprendem obras tradicionais que empregam o *tú* e às vezes, inclusive o *vosotros*. Raramente são colocados no mesmo plano romances ou contos regionalistas que utilizem o *vos* e muitas dessas obras reforçam o pensamento de que este pronome é plebeu por atribuir esta forma apenas aos estratos sócio-econômicos mais baixos. Surge então um questionamento intrigante nesta conjuntura ao querer entender a razão de se usar o *vosotros* em textos literários peculiares à região centro-americana quando, na verdade, trata-se de um pronome restrito apenas à região peninsular e deixar de lado outro tão cultuado na América, como o *vos*. Lipski (2004) luta para erradicar esta

atitude que ainda mantém força e vigor. Essa situação cria um sentimento de insegurança dos centro-americanos pela ausência de consciência sobre a verdadeira difusão do *vos* na América hispânica. O referido autor obteve um visto nicaraguense com um carimbo que trazia o lema: “*Nicaragua espera por vos*”.

Para López Morales (1983), a negação oficial a reconhecer o *vos* é tão forte na América Central que teve-se que produzir uma revolução social para que este pronome obtivesse a sanção pública. Com a Revolução Sandinista de 1979, a predileção nicaraguense pelo *vos* conseguiu o reconhecimento oficial. Cartazes exortavam a população com lemas que, visivelmente mostravam a predileção por este pronome: “*Nicaraguense, cumplí con tu deber*” e os materiais usados para a campanha nacional de alfabetização utilizavam somente o *vos*. Até mesmo a correspondência oficial sobre assuntos oficiais designava-se aos líderes como *compañero* e empregavam o *vos*. O uso oficial do *vos* se estendeu também ao rádio e à televisão.

Lipski (2004) faz um apanhado sobre a situação do *vos* em outras zonas da América hispânica, concluindo que se trata de um pronome confinado a um uso regional. Na Venezuela, por exemplo, o uso do *vos* está mais restrito a Maracaibo. Os venezuelanos de outras regiões zombam dos *maracuchos* e em Maracaibo, os pertencentes a classes sociais mais altas trazem sentimentos negativos em relação ao *vos*, embora seja um pronome utilizado por todos os grupos.

O mencionado autor revela o uso deste pronome na Colômbia, mostrando que o *vos* é utilizado em parte da Antióquia e também aparece em Bogotá. Embora não seja citado nos livros, Medellín é uma cidade colombiana marcada pelo uso do *vos* inclusive na vida cultural, em programas digitais e na música. Podemos trazer como exemplo a música “*Para tu amor*” do cantor Juanes que traz o *vos* como marca desta comunidade. Em situações informais, o *medellinense* usa preferivelmente o *vos* e em menor medida, o *usted* e o *tú*. O *tuteo* é de uso recente na cidade e não está tão estendido. O *voseo* é um traço muito característico de Medellín, da região e da cultura *paisa*, ou seja, abreviação de *paisano*, tratamento habitual entre os transportadores de cargas nas bestas, primeiros habitantes da região. No Peru o uso do *vos* é encontrado em poucas regiões andinas marginalizadas que serão vistas mais adiante.

Lipski (2004) ainda registra o uso do *vos* no Equador e na Bolívia, concluindo que o pronome coexiste com o *tú* nas principais cidades, sem nenhuma discriminação. Na Bolívia, apesar de várias combinações da conjugação verbal dadas ao *vos*, há uma predominância e aceitação deste pronome, além da existência de uma corrente que

defende a total aceitação de seu uso e luta pela sua expansão a vias públicas e na literatura, da mesma maneira que ocorre na Argentina.

No Chile, Bello (1940) mostra a forte reação contra o antigo uso do *vos* que, neste país, ficou relegado às classes sociais mais baixas da capital. Na atualidade, as formas ditongadas do *voseo* [*soi(h)*, *tenei(h)*] são empregadas profusamente pelas classes trabalhadoras e cada vez mais pelos jovens de todas as classes sociais. O pronome que as acompanha não costuma ser *vos*, porém *tú*. Esta situação é única na América.

A seguir, traçaremos uma classificação de prioridades dos pronomes de tratamentos utilizados em cada país da América hispânica segundo Lipski (2004) e Carricaburo (1997), levando em consideração a possibilidade da coexistência entre mais de um pronome de trato familiar em vários desses países, já que muitos deles fazem uso tanto do *vos* como do *tú*, apesar de sabermos que determinadas zonas priorizam um ou outro. Para melhores esclarecimentos, faremos nas próximas seções uma divisão dos países segundo a sua predominância em relação aos usos pronominais e verbais do *voseo* e do *tuteo* na América.

3.5 A América *tuteante*

Para Lapesa (1970), entre os países que constituem a parte predominantemente *tuteante* na América estão as Antilhas (exceto uma pequena parte da ilha de Cuba) e o México. É necessário ressaltar que apesar de alguns países da América se enquadrar como *tuteantes*, não quer dizer que não possam aparecer na classificação dos *voseantes*, posto que em muitos países confluem ambos pronomes em regiões diferentes.

As causas do enfraquecimento do *voseo* no México, segundo Lapesa (1970), deve-se ao fato de que este país tenha sido sede de Cortes Reais com características de vidas rurais e urbanas semelhantes à da Corte e, conseqüentemente, com maior tendência a preservar seus hábitos culturais e linguísticos. Embora seja um país predominantemente *tuteante*, há zonas *voseantes* que serão apontadas a seguir.

De acordo com Páez Urdaneta (1981), o Panamá era uma região de trânsito, graças ao Canal de Panamá que servia de porta de entrada para os colonizadores que ingressavam na América. O *voseo* neste país, apesar de latente, encontra-se em zonas bastante restritas e em condições de declive. Trata-se do país mais *tuteante* da América Central. Lá a presença do *vos* só ocorre na área ocidental e em localidades em que há a

presença dos indígenas, porém em zonas mais abrangentes, em que prevalecem os negros e mestiços, o *tuteo* é adotado.

Cuba e Porto Rico eram países unidos à Espanha, com traços tipicamente “espanholizados”, o que faz com que Cuba tenha mantido o *voseo* em zonas restritas e no caso de Porto Rico, a presença deste pronome é nula, afirma Lapesa (1970).

Lapesa (1970) afirma ainda que Santo Domingo possuía uma universidade influente e servia também como porta de entrada das embarcações reais para América, motivo pelo qual se desconhece o uso do *vos* neste país. Em Santo Domingo, por exemplo, além do *tú* e do *usted (es)* (respectivamente com a segunda pessoa do singular e com as terceiras do singular e plural) era utilizado ou *su merced*, *merced*, *meicé* y *mi su merced*, porém em Cuba e em Porto Rico estas últimas formas de tratamento foram extintas após a abolição da escravidão. É interessante ressaltar uma peculiaridade sobre o uso de *merced* e suas variações: as pessoas entre vinte e quarenta anos as utilizavam acompanhadas pela segunda pessoa, enquanto que os maiores de quarenta as utilizavam acompanhadas pelas formas verbais e pronominais concernentes às da terceira pessoa.

Logo, Porto Rico e República Dominicana, segundo Solé (1990), são países que utilizam apenas o *tú* para as representações do trato familiar. Não se encontra vestígio do *vos* nestes países. Porto Rico adota o *tuteo* em quase todas as categorias sociais, porém há ressalvas, isto é, os mais velhos utilizam o *tuteo* com os mais novos, não obstante os mais novos não devem tratar os mais idosos por *tú* por uma questão de respeito, além disso, as mulheres devem ter cuidado ao utilizar o *tuteo*, já que a cultura portorriquenha é baseada no machismo, pois

el predominio de la autoridad del varón lleva a que sea él quien inicie el tuteo a la vez que lo usa más extensivamente que la mujer en todas las categorías sociales. Las mujeres se tutean más frecuentemente entre sí, indicando su solidaridad intrasexual. Por ejemplo, entre amigas las mujeres se tutean más que los hombres entre sí. Los hombres usan más abundantemente el *tú* con los miembros femeninos de la familia que con los del mismo sexo (CARRICABURO, 1997, p.22)⁴⁰.

A partir do Movimento Castrista ou também chamado de Revolução Cubana, promovido por Fidel Castro, o *tuteo* expandiu-se notadamente, substituindo o pronome *usted*, devido ao nivelamento de tratamento relacionado às classes sociais, pois a

⁴⁰ O predominio da autoridade do homem o leva a utilizar o *tu* e o faz mais extensivamente que a mulher em todas as categorias sociais. As mulheres se tratam por *tu* mais frequentemente entre si, indicando sua solidariedade intrasexual. Por exemplo, entre amigas, as mulheres usam o *tu* para tratar-se mutuamente mais que os homens. Os homens usam mais abundantemente o *tu* com os membros femininos da família que com os do mesmo sexo (CARRICABURO, 1997, p. 22).

igualdade entre pessoas prevalecia nesta época fazendo com que um mesmo tratamento fosse comum a todos.

3.6 A América voseante

O *voseo* é uma marca particular da América Latina e como dito anteriormente consiste na substituição do *tú* pelo *vos*. Este traço estendeu-se por toda a América hispânica, abrangendo a todos os países que a compõem, exceto a República Dominicana e Porto Rico, seja parcialmente ou na sua totalidade. Embora se desconheça por muitos estudantes, profissionais da área ou até mesmo nativos, o *vos* é um pronome que, na atualidade, alcança mais de 40% da população hispânica, mais precisamente, dois terços dessa comunidade o utilizam.

Na Argentina e no Uruguai, o *vos* é uma variante considerada padrão, generalizada em todo o país e usada uniformemente no lugar do *tú* com total aceitação em todos os contextos de fala, inclusive nos jornais televisivo e escrito e na literatura. Sua conjugação é a forma prestigiosa e se dá de acordo mostra a tabela abaixo:

Tabela 8 - Paradigma *voseante* do espanhol das proximidades ao Rio da Prata.

Indicativo			
Presente	<i>Llegás</i>	<i>Comés</i>	<i>Venís</i>
Pret. Simple	<i>Llegaste</i>	<i>Comiste</i>	<i>Viniste</i>
Futuro	<i>Llegarás</i>	<i>Comerás</i>	<i>Vendrás</i>
Subjuntivo			
Presente	<i>llegues/és</i>	<i>comas/ás</i>	<i>vengas/ás</i>
Imperativo			
	<i>Llegá</i>	<i>Comé</i>	<i>Vení</i>

Fonte: (CARRICABURO, 1997, p. 27).

No Paraguai, faz-se uso do *vos* com as mesmas formas verbais que a região do Rio da Prata (GRANDA, 1978). Entre os falantes cultos se detecta o uso do *tú*, mas diferentemente do que afirma Rona (1967), não existem ilhas delimitadas geograficamente de *tuteo* no Paraguai. O *voseo* se instala nas regiões próximas ao Rio Paraguai, principalmente a partir de 1954, ano em que o Partido Político Colorado chegou ao poder instituindo um *voseo* semelhante ao da Argentina. Hoje, podemos dizer que Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia comungam de um mesmo paradigma verbal

do modelo do *vos* portenho, ou seja, concernente à forma utilizada na cidade de Buenos Aires.

O Uruguai apresenta um paradigma *voseante* mais extenso, já que existem diferentes possibilidades de *voseo* e de *tuteo*: o pronominal e o verbal (semelhante ao *voseo* argentino), *tuteo* pronominal e *voseo* verbal, ou seja, a utilização do pronome *tú* com a conjugação do *vos*, sendo esta a norma culta de Montevideú- *tú tenés*. Além destas, podemos apontar para duas áreas exclusivas de *tuteo* (na costa leste e na zona norte do país - *tú tienes*). Carricaburo (1997) apresenta o paradigma *voseante* próximo a Montedidéu assim:

Tabela 9 - Paradigma *voseante* do espanhol da região próxima a Montevideú.

Indicativo			
Presente	<i>tú cantás</i>	<i>tú comés</i>	<i>tú vivís</i>
Pret. Simple	<i>tú cantaste (s)</i>	<i>tú comiste (s)</i>	<i>tú viviste (s)</i>
Futuro	<i>tú cantarás</i>	<i>tú comerás</i>	<i>tú vivirás</i>
Subjuntivo			
Presente	<i>tú cantes</i>	<i>tú comas</i>	<i>tú vivas</i>
Imperativo			
	<i>Cantá</i>	<i>Comé</i>	<i>Viví</i>

Fonte: (CARRICABURO, 1997, p. 31).

Apesar da luta travada entre o *tú* e o *vos* no Uruguai, há uma expansão do *voseo* devido ao fenômeno denominado de “argentinização” (utilização do *voseo* da Argentina) através de dois eixos: o turismo argentino nas praias uruguaias (a principal é *Punta del Este*) e a explosão dos meios de comunicação de massa argentinos nas cidades uruguaias.

Segundo Torrejón (1986), o *voseo* chegou ao Chile com os espanhóis provenientes do norte ou do centro da Espanha (castelhanos, bascos, galegos, navarros, dentre outros) durante os séculos XVIII e XIV. O *voseo* possuía um grande prestígio perante a classe aristocrática da época e no período colonial ele era utilizado em dois tipos de situações: a primeira consistia no uso pronominal e verbal (forma de maior prestígio social) e a segunda referia-se a uma forma mais vulgar chamada de autêntica (*vos* em vez de *tú* na segunda pessoa do singular).

Antigamente, as formas oxítonas estiveram tão estendidas, como no Rio da Prata, porém, há mais de um século o *voseo* entrou em um rápido declive da sua

aceitação social. Alguns atribuíram essa decadência às ideias negativas do influente gramático Bello (1940). Bello se deparou com um intenso uso do *vos* ao chegar no Chile no século XIX, mas não estava acompanhado do uso sistemático da morfologia verbal oxítona encontrada no outro lado dos Andes. O gramático conseguiu detectar combinações do tipo *vos eres*, *vos sois* e *tú eres*. A partir daí podemos concluir que alguns chilenos mantinham o ditongo etimológico do *vosotros*. Bello também chama a atenção para o uso da terminação *-ís* para o indicativo de verbos de segunda conjugação.

Lenz (1940b) escreveu três quartos de século depois da grande difusão do *vos* com as mesmas formas plebeias descritas por Bello. Oroz (1966), ao descrever o espanhol moderno do Chile, identificou que as únicas regiões que não fazem uso do *vos* são o extremo norte e Chiloé. Este autor coincide com Vidal de Battini (1964a) ao afirmar que o Chile fica melhor descrito como um país onde coexistem o *vos* e o *tú*, sendo este último predominante. Já Ureña (1921) discorda deste último ao defender a hipótese de uma competição entre os dois pronomes. Em anos recentes, o uso do *vos* e das formas verbais do *voseo* têm sofrido uma transformação parcial no Chile. As formas verbais oxítonas, incluindo os verbos em *-ís* da segunda conjugação são cada vez mais habituais entre as classes médias, estimuladas pelas gerações mais jovens.

Este fato, combinado com a flexibilidade da morfologia verbal empregada com *vos* e *tú* conduziu Morales (1972) a propor que o *voseo* fosse uma alternativa a mais do *tuteo*, carente de valores sociolinguísticos diferenciais, porém ainda não se chegou a um equilíbrio completo. Segundo Morales (1972), o uso das formas verbais do *voseo* combinadas com o *tú* tem mais aceitação entre falantes de classe média e alta do que o *vos* com independência de morfologia verbal.

Torrejón (1986) revela uma nova situação que, há uma década, considerava-se impossível, o *voseo* culto do Chile. Agora é sistemático o uso do *voseo* verbal entre jovens de classe média e alta. Tais mudanças são atribuídas à gradativa erosão de barreiras sociais no Chile, assim como as tendências dos jovens a adotarem, conscientemente, elementos rejeitados por gerações anteriores.

No Peru, de acordo com Carricaburo (1997) “*en las zonas del norte existen combinaciones de voseo pronominal y tuteo verbal (vos quieres, vos vives, etc.) comunes con las del voseo serrano não vulgar del Ecuador*”⁴¹. Uma questão importante

⁴¹ Nas zonas do norte existem combinações do *voseo* pronominal e *tuteo* verbal (*vos quieres, vos vives, etc.*) comuns com as do *voseo* serrano não vulgar do Equador.

na dialetologia peruana é em relação à existência e extensão do voseo. O peruano culto das zonas urbanas podem inclusive nunca ter ouvido falar do vos e normalmente negam a sua existência.

Em contrapartida, segundo Páez Urdaneta (1981) este pronome é conservado entre falantes indígenas. Atualmente o voseo existe nas regiões mais isoladas da capital Lima. Arequipa é a região que mais utiliza o pronome de tratamento vos entre seus habitantes, mas este pronome também é visto nas terras altas do sul, zonas do altiplano (Puno) e zonas da costa norte, sempre nos níveis sociolinguísticos mais baixos. Entre a população indígena prevalece a terminação *-ís* para verbos de segunda conjugação (*comís*), enquanto que na costa, essa desinência é representada pela terminação *-és*.

Atualmente, a variável mais notável do espanhol da Colômbia em relação aos pronomes familiares é o uso do *usted* inclusive para contextos informais, entre familiares. A população dos estados orientais, como por exemplo, Boyacá, emprega o *usted* quase de forma exclusiva.

O *tú* é aprendido na escola, mas é de pouco uso na vida real da região, especialmente nas zonas rurais. Segundo Montes Giraldo (1982b) o *tú* é empregado de forma sistemática em Cartagena e outras zonas costeiras do Caribe, enquanto que o resto do país prefere alguma combinação de *usted* ou *vos*.

Em Bogotá, *su mercé* compete com *usted*, *tú* e *vos*. A costa caribenha da Colômbia emprega o *tú* de forma exclusiva, enquanto que, de acordo com Montes Giraldo (1967), na costa do pacífico há maior variação, podendo-se constatar a presença do vos e do *tú* juntamente com as formas verbais do *tuteo* e do voseo.

O vos, segundo Flóres (1951a) é mais usual no sudoeste da Colômbia, mais especificamente nos estados de Cauca, Valle del Cauca e Nariño e na parte central, Antioquia, Tolima, Cladas, etc Flóres (1953). Em Santander, o uso do vos é mais variável, enquanto que em Bogotá a situação é mais complexa em decorrência da heterogeneidade da população. As formas verbais que costumam acompanhar o vos são *-ás*, *-és*, *-ís*, mas na forma vernácula de Nariño, os verbos de segunda conjugação tomam a desinência *-ís*. O uso do vos com a forma verbal do *tuteo* é ocasional. Em poucas regiões do norte da Colômbia ainda é possível encontrar as desinências ditongadas, *-áis*, *-éis*, embora estejam desaparecendo rapidamente.

De acordo com Páez Urdaneta (1981), existem dois tipos de voseos na Venezuela: o *zuliano* (compreende o estado de Zulia, parte de Trujillo e se estende as regiões que fazem limite com as zonas de influência voseante). Nesta variedade, as

desinências verbais são *-ái(s)*, *-éi(s)*. O outro *voseo* é o andino (*voseo* semelhante ao colombiano e se estende pelos estados de *Táchira*, *Merida*, parte de *Trujillo* e sul do estado de *Lara*). Este *voseo* é reservado para os inferiores desde um ponto de vista social e para as crianças. Nesta região o *vos* se combina com as desinências verbais *-ás*, *-és*, *-ís*. Na capital, Caracas, há a predominância do uso do *tú*.

O Equador apresenta regiões em que o uso do *voseo* é generalizado, isto é, todas as classes sociais o utilizam, mas seu esquema se diferencia do cone sul e da América Central. Os equatorianos da costa costumam acompanhar o *vos* de formas não ditongadas, ou seja, seu *voseo* é oriundo do modelo do Rio da Prata: *hablá(s)*, *comé(s)*, *viví(s)*, etc. Ocasionalmente aparecem as formas correspondentes ao *tú* e, com menor frequência ainda, a terminação *-ís* das terras altas para os verbos de segunda conjugação, como ocorre em *comís* (TOSCANO, 1953). Na costa há certo estigma sociolinguístico no uso do *voseo*, especialmente entre as classes altas de Guayaquil, mas está enraizado profundamente na fala costeira e não aparecem sinais de regressão, com exceção de Guayaquil e talvez na cidade de Esmeraldas.

Os falantes monolíngues de espanhol ou os mestiços bilíngues que se identificam com o componente hispânico da sociedade equatoriana combinam de forma quase sistemática o *vos* com as formas verbais correspondentes ao *tú*: *vos eres*, *vos tienes*, etc. Os mesmos falantes podem, às vezes, fazer uso do *tú*, embora seja uma opção pouco provável na fala natural.

Os bilíngues de origem quíchua normalmente utilizam mais as formas verbais equivalentes ao *vos* que ao *tú*. A desinência mais notável para verbos de segunda conjugação e até mesmo para os de primeira é *-ís* e não *-és*. Em ocasiões isoladas podemos detectar a variante ditongada *habláis*. O pronome *tú*, segundo Urdaneta (1981), só é usado nas terras altas por falantes urbanos cultos, embora nas províncias periféricas de Carchi e Loja, o emprego do *tú* é mais espontâneo na fala local. No Equador inteiro a mistura de formas verbais típicas do *vos* e do *tú* é frequente entre os falantes rurais e inclusive os falantes urbanos cultos apresentam uma variação no uso do *voseo* maior do que a existente nas nações da América Central e do Cone Sul.

O *voseo* encontrado nas regiões centro-americanas é dotado de características peculiares. Na Guatemala, por exemplo, o *voseo* e suas correspondentes formas verbais são institucionalizados como norma, coincidindo com as empregadas em outras zonas da América Central. Pinkerton (1986) sustenta que entre os guatemaltecos que se

identificam mais com a cultura hispânica que com a indígena, o *tú* adquire um valor social mais alto, especialmente entre as mulheres.

Na Costa Rica é muito comum que se use o pronome *usted* nos contextos informais, ou seja, com a função dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular usados para esse propósito, *tú* e *vos*. É habitual observar um casal de noivos tratando-se por *usted*, um adulto dirigir-se a uma criança fazendo uso deste mesmo pronome, em uma conversa entre dois irmãos ou em um grupo de amigos, sem que corresponda a um tratamento formal, como normalmente é utilizado.

Neste país existe a prática do *vos* como em outras partes da América Central e, na fronteira com o Panamá, em particular na zona do Pacífico, as formas verbais correspondentes ao *voseo* apresentam o ditongo próprio das formas verbais de segunda pessoa do plural: *cenái(s)*, *coméi(s)*, etc. (PACHECO, 1990).

No Panamá, a fronteira com o oeste rural da Costa Rica continua utilizando o *vos*, mas as formas verbais conservam os ditongos peculiares à conjugação verbal do *vosotros*: *hablái(s)*, *volvéi(s)*, etc. O uso deste pronome no Panamá é considerado rústico e obsoleto e encontra-se em declive. No meio rural é mais comum observar o *usted* como forma de tratamento inclusive entre amigos íntimos e membros da família.

Rey (1995) afirma que na Nicarágua o *voseo* é abundante na oralidade como pronome familiar. As formas verbais encontram-se acentuadas na última sílaba, tanto no indicativo como no subjuntivo e, conseqüentemente, no imperativo: *vení*, *cantá*, *tenés*, *vengás*. A forma correspondente do verbo *haber* é sempre *has* e nunca o arcaico *habís*. O *vos* é sempre cultuado entre amigos na Nicarágua.

Em El Salvador se emprega o mesmo esquema do *voseo* para ocasiões familiares e, embora façam uso do *tú* para dirigir-se a alguns compatriotas, este pronome fica mais restrito a situações em que não se dirigem a centro-americanos. Logo, concluímos que neste país, o *vos* continua sendo o pronome da máxima familiaridade, o *usted* expressa maior distância e respeito, enquanto que o *tú* corresponde a um nível intermediário para expressar familiaridade, mas não intimidade (LIPSKI, 1986h). As classes operárias e rurais não fazem essa distinção e utilizam sempre o *vos* nos tratos familiares, apesar do *usted* ser majoritário tanto para as circunstâncias formais como as informais.

Van Wijk (1969) diz que Honduras é um país onde o uso do *vos* é praticamente exclusivo em substituição do *tú*. Entre as classes trabalhadoras e rurais é comum a predominância do *usted* inclusive para tratar as crianças, a fim de que aprendam primeiro a forma respeitosa de tratamento.

Em Cuba, Pichardo (1849) foi o primeiro a perceber a presença do *voseo* nesta ilha, mais precisamente na zona oriental, nos povoados de Camaguey, Bayamo e Manzanillo. Em 1959, devido às mudanças ocorridas na forma do falar dos cubanos, o *voseo* tornou-se restrito a uma pequena parte das regiões de Camaguey e de Granma, por se encontrarem mais isoladas do resto do país.

No México, o *tuteo* foi mais difundido nas cidades do que nas zonas rurais (mais conservadoras) e a utilização da forma de tratamento *usted* leva em consideração duas premissas: a idade dos interlocutores, ou seja, os mais novos tratam os mais velhos por *usted* e não por *tú* (exceto no âmbito familiar, que possui o *tuteo* como forma de tratamento adotada em sua totalidade) e a classe social dos indivíduos, assim, o interlocutor que for o privilegiado economicamente será tratado por *usted* por aquele interlocutor de menor poder aquisitivo. Mas podemos constatar o *voseo* em certas zonas do estado de Chiapas que formou parte da Capitania Geral de Guatemala, adquirindo traços linguísticos do noroeste da Guatemala. Em Chiapas, as formas verbais correspondentes ao *voseo* são formadas pelas terminações *-ás*, *-és*, *-ís*, junto com o acento final das formas do subjuntivo (FRANCIS, 1960).

Na maior parte da Bolívia se emprega o *vos*, mas a eleição do pronome familiar e da correspondente morfologia verbal varia de acordo com fatores geográficos, sociolinguísticos e etnolinguísticos.

Embora a questão seja extremamente complexa e não se tenha feito um estudo definitivo neste país, é possível estabelecer algumas generalizações. Nas zonas urbanas das terras altas, os falantes monolíngues do espanhol usam tanto o *vos* como o *tú* (ECHALAR-AFCHA, 1981; RONA, 1967), mas quando se faz uso do *vos*, normalmente vai acompanhado das formas verbais correspondentes ao *tú*, como por exemplo, *vos eres*, *vos vienes*, etc.

Os falantes sociolinguisticamente marginalizados de línguas indígenas usam de forma sistemática o *vos* com a conjugação verbal que lhe é peculiar. Nos verbos de segunda conjugação é comum observar a terminação *-ís*, embora também compartilhe com a terminação *-és*: *vos tenís* ou *vos tenés*. Nas zonas rurais é comum encontrar as formas equivalentes ao *tú* (URDANETA, 1981). Na parte sul da Bolívia, especialmente em Tarija, ainda podemos observar a variação do *vos* acompanhado de formas ditongadas: *vos trabajáis*, *vos conocéis*, etc (REYES, 1960).

Na planície boliviana, o *voseo* encontrado é idêntico ao do Rio da Prata, acompanhado das terminações *-ás*, *-és*, *-ís*. No subjuntivo, a forma mais habitual é

acentuar a desinência: *vos hagás, vos sabés*, etc (SANABRIA, 1975). Embora tenhamos traçado aqui um breve histórico das realizações do *vos* boliviano, dedicaremos a próxima seção exclusivamente à sua prática na cidade de *Santa Cruz de la Sierra*, inserida na planície boliviana, já que constitui o nosso objeto de estudo.

Considerando que este trabalho destina-se à análise do comportamento das pessoas que constituem a comunidade linguística dos habitantes de *Santa Cruz de la Sierra*, reservamos um espaço para melhor detalhar as características da sua fala, no tocante às realizações do *vos* nesta comunidade, a fim de constatar se há ou não predominância deste pronome nesta cidade.

3.7 O *vos* em Santa Cruz de la Sierra

Segundo Roca (2001), as variedades regionais da fala *cruceña* se classificam em cinco zonas. A primeira delas envolve a capital, a cidade de *Santa Cruz de la Sierra* e todos os estados localizadas no leste e norte do estado de Santa Cruz. A segunda zona compreende os vales *cruceños*, regiões onde se instalaram as populações fundadas no século XVII, onde hoje se localizam os estados de Vallegrande, Florida e Manuel María Caballero. Esta região se diferencia não somente pelo seu léxico, mas principalmente por traços fonéticos e morfossintáticos que requerem um estudo mais detalhado graças à riqueza que representa essa área linguística. A terceira zona corresponde à região do Chaco *cruceño*, ou seja, o estado da Cordilheira, localizado no sul do estado de Santa Cruz que se limita com o estado de Chuquisaca. A quarta zona equivale à região que, na época colonial, era chamada de Moxos e atualmente conhecida pelo nome de Beni.

Roca (2001) afirma que:

[...] La presencia cruceña de moxos no fue, al final de cuentas, el resultado de una gloriosa expedición que culminara con la fundación de una ciudad española. Menos aún el descubrimiento de riquezas minerales que pudo haber llenado de gozo a quienes la buscaban. Fue, más bien, un proceso lento e ininterrumpido de más de tres siglos, en medio de coyunturas distintas, cada una con sus características propias. Primero fue la búsqueda de mano de obra... para trabajos agrícolas; enseguida el transitar la brecha civilizadora abierta por los misioneros, para luego ocupar el lugar de éstos. A ello siguió la administración de un departamento creado por la nueva república y, finalmente la epopeya del ganado, la quina, la goma y la castaña. Tales son las etapas principales de ese singular proceso histórico protagonizado por los españoles de Santa Cruz en la ocupación y poblamiento de Moxos... (ROCA, 2001, p. 35)⁴².

⁴² A presença cruceña de moxos não foi, afinal de contas, o resultado de uma gloriosa expedição que culminasse com a fundação de uma cidade espanhola. Menos ainda com o descobrimento de riquezas minerais que pudesse ter enchido de gozo àqueles que a procuravam. Melhor dizendo, foi um processo

Logo, entendemos que o vínculo existente entre Santa Cruz e *Moxos*, hoje conhecido como estado do Beni, nos leva a acreditar em uma história que apresenta um *continuum* responsável pela aproximação identitária, territorial, linguística e sentimental existente entre os dois povos.

Graças à sua localização geográfica, o estado do Beni enriqueceu sua fala pela introdução de vocábulos da vida rural de seus habitantes e de palavras da língua portuguesa que tinham forte vínculo com o estado, por causa do comércio que estabelecia com o Acre e Rondônia.

A quinta e última zona abrange a zona do Pando onde é ainda mais marcante que o Beni a presença de brasileirismos por posicionar-se em região de fronteira com o estado brasileiro do Acre. Os habitantes desta zona, como qualquer outra, apresenta traços fonéticos que lhes são peculiares.

Parece lógico afirmar que o estabelecimento de fronteiras define as zonas dialetais do Oriente boliviano, por isso a divisão apresentada, embora seja empírica não é arbitrária, tendo em vista que os falantes das cinco zonas possuem características comuns como é o caso de todas usarem o pronome *vos* (estudado nesta tese), embora saibamos que a segunda zona apresenta o uso com a conjugação equivalente ao *tú*. Podemos dizer que todas as divisões compartilham praticamente todo um léxico, ficando as diferenças reduzidas ao sufixo diminutivo *-ingo*, encontrado nas primeira, quarta e quinta regiões, além de algumas diferenças fonéticas notáveis entre as cinco zonas.

De acordo com Menéndez Pidal (1962), o *cruceño* utiliza o pronome *vos* desde o século XVII, momento em que ocorreu o assentamento definitivo da cidade onde se encontra atualmente desde 1621 e até mesmo na etapa da sua fundação, em 1561. Não existem indícios que possam levar a crer que houve uso ou predominância do pronome *tú* em nenhuma das etapas, fundamentalmente porque este pronome se instalou em cidades costeiras e que encabeçavam o reinado e que tinham mais importância comercial ou política, exceto Buenos Aires que, na época, nos séculos XVI e XVII, possuía menos atividade que Assunção.

lento e interrompido de mais de três séculos, em meio de conjunturas diferentes, cada uma com suas características próprias. Primeira foi a busca de mão-de-obra para trabalhos agrícolas; depois a busca pela civilização aberta pelos missionários, para logo ocupar o lugar destes. Depois veio a administração de um Estado criado pela nova república y, finalmente, a epopéia do gado, a quina, a borracha e a castanha. Estas são as principais etapas desse singular processo histórico protagonizado pelos espanhóis de Santa Cruz na ocupação e povoamento dos Moxos... (ROCA, 2001, p. 35).

O *tú* era a maneira de referir-se à segunda pessoa do singular e que, na Península Ibérica, era a forma que havia deslocado o *vos*. Este último era muito conservador e, por sua vez, utilizado para fazer menção a pessoas de maior importância civil ou eclesiástica, além da nobreza que continuava usando-o.

Na cidade de Santa Cruz de la Sierra o *vos* imperou graças à distância que manteve da metrópole (PIDAL, 1962 apud ROCA, 2007, p. 59). Dependendo da influência política que tinha o Império sobre os assentamentos, a língua se modificava e assim surgiam as diferentes formas de falar.

A mestiçagem ocorrida entre os *cruceños* no século XVII, proveniente de peninsulares e seus filhos mestiços proporcionou uma forma particular no falar, oriunda da mescla entre peninsulares, guaranis e chiquitanos que, inicialmente, adquiriam a fala nativa das suas mães, com quem permaneciam mais tempo das suas vidas e, somente depois, tornavam-se bilíngues. No decorrer do século XVIII, a fala *cruceña* foi se acomodando na população branca e mestiça que tinham o castelhano como matriz principal e os nativos, principalmente formados pelas mulheres, mantiveram a sua língua até o século XIX, mas, gradativamente, toda a população transformou-se em bilíngue ou abandonou sua língua nativa. Porém, a mestiçagem léxica não deixou de instalar-se na fala usada até os dias de hoje.

Desta mestiçagem se dão os processos de substrato e superestrato encontrados a partir da colonização espanhola que se impôs à fala *cruceña* que, por sua vez, não deixou de exercer influências sobre o castelhano, ocasionando uma mescla de coerções.

O *vos* é uma marca da fala *cruceña* e não há indícios do seu desaparecimento, muito pelo contrário, os *tuteantes* que não pertencem à nação linguística do *cruceño*, ao chegar nesta comunidade, passam a usar o *vos*, independentemente do lugar onde o aprendem, se na escola ou na rua.

Este fenômeno morfossintático é um traço de importância e muito interesse entre os falantes desta região, já que se trata de uma característica gramatical que se mantém na língua desde o século XVII, sem nenhuma modificação notável no tempo, nas diferentes zonas sub-dialetais nem no nível sócio-cultural do falante.

Apesar de sabermos, como já dito, que todas as zonas dialetais da fala *cruceña* utilizam o *vos*, é válido ressaltar que as segunda e terceira zonas alternam as conjugações peculiares ao *vos* e ao *tú*, o que não ocorre nas primeira, quarta e quinta divisões. As três últimas sempre usam o *vos* com a conjugação que lhe é peculiar,

proveniente do *vosotros* sem o *-i* da terminação, com exceção dos verbos de terceira conjugação que mantêm dita vogal por ser a única presente na desinência.

Faz-se notável ainda que a maioria dos escritores *cruceños* ainda resiste em utilizar o *vos* nos seus escritos, desprendendo-se da fala *cruceña* e adotando uma postura castelhana. Tal comportamento rompe com a naturalidade de representar um personagem de ficção de acordo com a fala própria da sua vida cotidiana. Isso se deve à tendência em acreditar que sua variedade vem a ser mais vulgar que a castelhana.

Sobre isso, Sábato (1963) afirma que:

[...] el voseo está hecho sangre y carne en nuestro pueblo, y no sólo de las capas inferiores de la sociedad como menospreciativamente dice el profesor Castro, sino en la casi totalidad de nuestro pueblo. ¿Cómo no emplearlo en nuestras novelas y nuestro teatro? El autor de ficciones no debe sacrificar jamás la verdad profunda de sus circunstancias y el lenguaje que debe emplear es el lenguaje en que su gente ha nacido, ha sufrido, ha gritado en momentos de desesperación o de muerte, ha dicho palabras supremas de amistad o de amor, ha mezclado con sus risas o sus lágrimas, con sus desventuras y esperanzas... es el lenguaje que mamamos en nuestra infancia y el que estuvo entrañablemente unido a nuestros juegos... (SÁBATO, 1963 apud CARRICABURO, 1997, p. 73)⁴³.

O uso do *tú* parece tão absurdo como se de um momento a outro estivessem lhe impondo escrever em idioma alheio, é como se alguns bons escritores *cruceños* aceitassem a imposição de outra variedade que foge à idiossincrasia peculiar a sua região e acabam retirando o que tem de atrativos aos seus personagens literários porque falam de uma maneira e escrevem de outra.

Em contrapartida, é válido destacar a presença do *vos* em alguns romances do escritor *cruceño* Enrique Finot, como por exemplo, *Tierra Adentro*, editado pela Librería Editorial G.U.M no ano de 1980. Também encontramos o uso deste pronome no poema *Paquito de las Salves* de Marceliano Montero pela Editorial Serrano Ltda., em 1984.

Antes o *vos* em substituição ao *tú* não pertencia ao uso normativo. Porém, atualmente, a RAE (Real Academia Espanhola) considera o *vos* da variedade do Rio da Prata, que coincide com o uso de muitos outros países, inclusive à região *cruceña* da

⁴³ [...] o voseo está feito de sangue e carne no nosso povo, e não somente nas camadas inferiores da sociedade, como preconceituosamente afirma o professor Castro, porém em quase todo nosso povo. Como não usá-lo em nossos romances e nosso teatro? O autor de ficções não deve sacrificar jamais a verdade profunda de suas circunstâncias e a linguagem que deve empregar é a linguagem que seu povo nasceu, sofreu, gritou em momentos de desespero ou de morte, dissepalavras supremas de amizade ou de amor, misturou com seus risos ou suas lágrimas, com suas desventuras e esperanças... é a linguagem que mamamos na nossa infância e que esteve intimamente unida a nossos jogos... (SÁBATO, 1963 apud CARRICABURO 1997, p. 73).

Bolívia, pertencentes à norma culta do casteliano, quer dizer, o uso do *vos* por *tú*, com as segundas pessoas do plural, arcaico, não de singular. Assim são encontradas no apêndice das conjugações verbais da DRAE (Dicionário da Real Academia Espanhola) de 2001, no DPD (Dicionário Hispânico de Dúvidas) e na NGLÉ (Nova Gramática da Língua Espanhola).

Para Carricaburo (1997), é possível notar que, na primeira, quarta e quinta zonas, o *vos* seja substituído pelo *usted*, mas jamais pelo *tú*, visto que o único *tuteo* encontrado na fala *cruceña* é quando estamos direcionando uma oração a Deus, à Virgem e aos Santos. Em Santa Cruz, o *vos* se alterna com o *usted* para expressar relação de afeto próximo como, por exemplo, entre marido e mulher ao tratar-se por *usted* e não por *vos*. Da mesma forma, um pai que se dirige a um filho através do *usted* e não é de se admirar ver um filho tratando o pai ou a mãe por *vos*. O que não se admite na fala *cruceña* é o uso do *tú* em nenhum tipo de relação, já que é recebido como algo alheio e forçado à realidade daquela comunidade de fala. Na forma escrita, quando não se quer usar o *vos*, se observa sua substituição pelo *usted*, mas nunca pelo *tú*.

Na Bolívia há duas zonas linguisticamente diferentes, a *colla*⁴⁴, que abrange o oeste e sul do país e a *camba*⁴⁵ que alcança o leste e norte da Bolívia. A primeira alterna o *tú* com o *vos*, porém a forma verbal é sempre a correspondente ao *tú*, exceto no imperativo. Em algumas zonas de Oruro, Potosí e Tarija se emprega o *voseo* verbal ditongado ou a forma chilena. Na zona *camba*, a forma do *usted* é utilizada para duas situações antagônicas, a de sumo carinho e a formal. Em contrapartida, o *vos* aparece em ocasiões íntimas, ficando o *tú* como pronome exclusivo da região *colla*, atribuindo mais uma vez o caráter regional ao uso do *vos* (CARRICABURO, 1997).



Figura 8 - Limites do Governo de Santa Cruz de la Sierra⁴⁶.

⁴⁴ Zona habitada pelos *collas*, ou seja, formada por habitantes do Ocidente boliviano.

⁴⁵ Região povoada pelos *cambas*, isto é, ocupada por habitantes do Oriente boliviano sem distinção racial ou social.

⁴⁶ Disponível em: <<http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQxqPcj1ltz48difGSEW-cJnATttKZ9bLzyCRPLXb9oy7sVMvvu8w>>.

A utilização do *vos* para a segunda pessoa do singular é um fenômeno complexo, dinâmico e que merece atenção redobrada ao considerarmos a sua constante evolução e a tendência ao aumento do seu uso durante os últimos cinqüenta anos na América, deixando a incidência do *tú* cada vez menor, restrito a poucas zonas lingüísticas como veremos mais adiante.

Na fala *cruceña*, o *vos* se mantém vivo até hoje sem modificações, como forma exclusiva, sem haver cedido, em nenhuma época, ao uso do *tú*. Isso leva a crer na forte possibilidade do desaparecimento do *tú*, da mesma maneira que ocorreu com o *vosotros*.

Santa Cruz, Beni e Pando constituem a variedade que vai permeando o caráter *cruceño* que, por sua vez, vem sendo perseguido pela persistência ao *voseo* que, segundo o Governo Central, representa a fala vulgar, enquanto que o *tú* adquiriria a performance do que é peculiar à forma culta. Esse menosprezo é quebrado se recordarmos que o *vosotros*, pronome correspondente à segunda pessoa do plural também representava a forma culta ou acadêmica, porém deixou de ser usado nos vinte e dois países hispânicos.

4 METODOLOGIA

A partir de uma perspectiva metodológica, há duas maneiras de inserir-se no estudo da língua e da sociedade. Uma delas é prestar atenção aos fenômenos linguísticos e sociais como elementos característicos de uma estrutura geral ou supra-individual, ou seja, aquela que ultrapassa as informações individuais e abarcam traços de uma cidade, bairro, comunidade de fala ou classe social. A outra consiste na aproximação de fenômenos linguísticos e sociais peculiares a um indivíduo ou a um conjunto deles, capazes de identificar a figura do falante. À primeira proposta, damos o nome de aproximação sociológica e seu fundamento metodológico funda-se na análise quantitativa de grupos humanos amplos e complexos. A segunda é conhecida por aproximação etnográfica e seu fundamento está pautado na análise qualitativa da conduta comunicativa, observada em falantes e grupos mais reduzidos.

Esta tese abrangerá as duas vias de estudos sociolinguísticos, a que se ocupa de um estudo quantitativo, da análise de comunidades e organizações sociais de relativa amplitude e complexidade que são as comunidades urbanas, como também será feita a análise qualitativa dos dados.

Segundo Moreno (2009), torna-se relevante mostrar alguns conceitos fundamentais no momento de afrontar uma investigação sociolinguística quantitativa como o do princípio da quantificação, o da responsabilidade e o da representatividade:

O princípio da quantificação não nega a possibilidade de estabelecer relações entre variáveis com meios qualitativos, pois, na verdade, a complementa, já que sem estes, não seria possível a aplicação de nenhum procedimento quantitativo.

O princípio da responsabilidade, a propósito de um traço linguístico, deve prestar atenção a todas as realizações de uma variável, incluindo sua ausência, em todos os contextos que estão suscetíveis de aparecer.

O princípio da representatividade defende que a fala de uma amostra deve ser representativa de um grupo social ou de uma comunidade, pois se não se admite uma capacidade de representação para as amostras de fala e de falantes que se manejam em um estudo sociolinguístico, carece de sentido cultivar esta linha de trabalho.

O processo básico de investigação em sociolinguística, como em muitas outras áreas do conhecimento, deve cumprir uma série de etapas ou fases, começando pela identificação do objetivo principal da investigação e dos demais objetivos. Aqui, o objetivo principal do trabalho é analisar a incidência do pronome de tratamento *vos* na comunidade de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, perante variáveis distintas, ou seja, verificar seu aparecimento em indivíduos pertencentes a grupos etários, sexos e

escolaridades diferentes. Entre outros objetivos, destaca-se o interesse em demonstrar o seu uso em substituição direta do pronome pessoal “*tú*”, independente do contexto. Tendo em vista ser também o *usted* um pronome de segunda pessoa do singular, embora sua conjugação corresponda à das terceiras pessoas do singular a fim de diferenciar o caráter formal que impõe daquele mais informal imposto pelas pessoas do *vos* e do *tú*, consideramos possível o seu aparecimento para a substituição destes últimos.

Nesta tese, o material foi colhido no estado de Santa Cruz, mais especificamente, na cidade de Santa Cruz de la Sierra, sua capital. Quando se decide reunir informação linguística de um grupo social ou de uma comunidade de fala, não se almeja conseguir materiais da língua de cada um dos seus componentes, mas apenas com um aporte dessa população que recebe o nome de amostra. No geral, a sociolinguística trabalha com técnicas experimentadas pela sociologia que podem ser de dois tipos básicos, a amostragem aleatória e a não aleatória. Na primeira, elabora-se a ideia de que todos os componentes da população têm alguma probabilidade de ser selecionado para fazer parte da amostragem. No segundo tipo, nem todos os membros de uma população têm a probabilidade de pertencer à amostragem porque esta se elabora segundo alguns critérios prefixados pelo investigador.

Esta última foi a técnica escolhida nesta investigação. Nela existem duas modalidades básicas: a amostragem intencional e a realizada por cotas. Aqui utilizamos a modalidade por cotas, ou seja, aquela que aparecem cotas sociais obrigatórias, cotas que se ajustam a umas variedades sociais determinadas, geralmente de idade, sexo, nível de instrução e posição social. Uma vez determinadas as cotas sociais, se decide quantos membros da amostra se ajustarão a cada uma das variáveis previstas: por exemplo, quantos homens e quantas mulheres de cada grupo de idade e nível de instrução.

Este trabalho iniciou-se com a realização de 24 entrevistas, coletadas na própria cidade, constituídas por 12 mulheres e 12 homens. Entre as mulheres, seis pertencem a um grupo de faixa etária entre 25 e 50 anos e outras seis maiores de 60 anos. De cada grupo, três se inserem em um nível de escolarização superior ou com segundo grau completo e as outras três a um nível fundamental incompleto. A divisão do grupo masculino ocorre da mesma forma que o feminino.

Em seguida foram aplicados 24 questionários na mesma cidade e com os mesmos entrevistados, a fim de verificar se o pronome *vos* é recorrente nesta comunidade de fala, qual classe social, gênero e faixa etária faz uso do mesmo, se é

utilizado nos mesmos contextos situacionais que o *tú* e se ele se restringe à língua falada.

Logo, podemos observar que o *corpus* desta tese está composto por 24 questionários e 24 entrevistas que serão analisadas a seguir.

No geral, as técnicas de recolhimento de materiais da língua falada são de dois tipos, sendo cada um deles com diferentes graus de estruturação: as técnicas de observação e as técnicas de entrevistas. As primeiras são normalmente utilizadas nos estudos de corte etnográfico e limitam-se basicamente em observar e registrar através de gravação a língua que se produz em contextos naturais ou quase naturais.

As técnicas de entrevistas têm como principal objetivo lograr a produção de determinados elementos linguísticos: desde um fonema em contexto concreto, a um tipo de discurso, passando por uma palavra ou uma classe de oração. São dois os tipos de pesquisa: o questionário e a entrevista. Ambas exigem que o investigador apresente uns estímulos, normalmente perguntas, perante o que responde o informante. A principal diferença entre o questionário e a entrevista está no fato de que o questionário requer que se estabeleça uma série de perguntas pelo investigador antes de serem apresentadas aos informantes, sem nenhum tipo de diferença entre um e outro. Por outro lado, o questionário não exige interação entre o informante e o investigador.

A técnica mais utilizada em sociolinguística tem sido, sem dúvida alguma, a entrevista. Dentro desta técnica existem diferentes possibilidades de estruturação. A menos estruturada é conhecida por conversação livre, que oferece liberdade absoluta ao falante para tratar os temas que queira e da maneira que deseje fazê-lo em relação à extensão ou procedimentos discursivos. No outro extremo, teríamos a conversação dirigida que não oferece liberdade ao falante para tratar nada além daquilo que foi planejado para cada pergunta e momento. Em um ponto intermediário estaria a conversação semi-dirigida que apresenta um roteiro prévio de temas que garante a tensão comunicativa e certa homogeneidade temática em todos os informantes, embora se maneje de forma flexível por parte do entrevistador.

Os primeiros minutos de uma conversação são mais difíceis e tensos para o falante, levando-o a fazer uso de uma linguagem mais cuidada, embora existam temas que possam levar a discursos mais espontâneos. Independente de qualquer situação, o investigador nunca deve induzir o falante a fazer uso de formas linguísticas predeterminadas. Depois de gravadas, as entrevistas devem ser tratadas como discursos anônimos.

Nesta tese, realizamos entrevistas classificadas como conversações semi-dirigidas por tratar-se de uma técnica que oferece liberdade ao falante para falar de temas sem preocupação, de maneira que possa falar espontaneamente, sem alterar a sua forma natural, oportunizando ao investigador a liberdade para ampliar o tema e, conseqüentemente, buscar os meios de alcançar os seus objetivos.

Depois de registradas as conversações mediante gravações, procedemos de maneira a identificar os elementos analisados neste trabalho, a fim de realizar uma codificação que permita sua análise quantitativa e qualitativa.

A quantificação no âmbito da linguística têm se apoiado amplamente nos recursos da estatística. Atualmente a sociolinguística trabalha com duas classes de estatística, a descritiva e a de inferências. A primeira consiste em contar e ordenar quantitativamente um conjunto de dados, enquanto que a segunda nos permite aplicar de forma válida as conclusões dessas análises a entidades sociais maiores.

A estatística descritiva inclui provas de quantificação simples, porém bastante conhecidas, como por exemplo, recontar a frequência absoluta, sua conversão em frequências relativas e o cálculo de médias, medianas, modas, variações e desvios típicos (MORENO, 1990). Este tipo de provas já se aplica na linguística há muitos anos e, com o passar do tempo, foi ganhando rapidez, confiança no manuseio dos dados e qualidade no momento de transformá-los em dados gráficos. Neste sentido, podemos agradecer às enormes contribuições do desenvolvimento da informática. Atualmente já é possível aplicar a estatística descritiva através de programas conhecidos por folhas de cálculos que estão ao alcance de qualquer investigador.

O valor da estatística descritiva não a transforma no único procedimento suscetível de aplicação e confiabilidade; podemos dizer que se trata de uma fase necessária, mas não suficiente, por isso a chamamos de pré-quantificação.

O variacionismo forneceu aos investigadores recursos que convêm utilizar para que as análises não se limitem a resultados pobres e enganosos. Tais recursos pertencem ao campo da estatística por inferência e das análises multi-variantes. A inferência estatística permite chegar a conclusões sobre a variação linguística em uma comunidade partindo da análise dos dados coletados em poucos falantes que se consideram representativos dessa comunidade e dentro deste campo destaca a análise conhecida como análise de regra variável.

A análise de regra variável, também conhecida como análise de regressão ou análise probabilística, estuda a relação entre mais de duas variáveis e calculam as

probabilidades que apareçam ou não as distintas variantes em dadas condições linguísticas e sociais. Para fazer uma análise estatística desta natureza se faz necessário que o fenômeno analisado seja variável; que as alternativas da variação sejam formas diferentes de dizer o mesmo, ou seja, que o uso de uma variante ou outra não suponha uma mudança semântica ou pragmática.

Um fator relevante da análise probabilística corresponde ao fato dela representar o comportamento geral de uma comunidade mediante certos fenômenos, embora só se tenha coletado os usos linguísticos de alguns falantes, ou seja, por meio de uma amostragem.

Segundo Sankoff, (1988a); Paolillo, (2001), o modelo estatístico utilizado pelo variacionismo desde 1975 é o modelo logístico de regressão que estima a probabilidade de que um fenômeno variável se manifeste em uma de suas formas quando concorrem simultaneamente determinadas condições. Para chegar a isto é preciso considerar diversas informações. Inicialmente, faz-se mister saber, a propósito de cada variante, quantas vezes ela se manifestou em relação com os casos possíveis. Em nosso caso, sobre o uso do *vos*, segundo o contexto e o falante, se trata de averiguar quantas vezes, em quais condições e por quem o pronome foi utilizado.

Para resumir, a sociolinguística variacionista dedicou boa parte do seu tempo a aperfeiçoar técnicas quantitativas de análise, voltadas a determinar a incidência dos contextos linguísticos e sócio-situacionais sobre a variação linguística. O método proposto, denominado análise probabilística, transformou-se em uma ferramenta suscetível de ser utilizada por diversos marcos teóricos e não somente pelo variacionismo.

Este método busca calcular a probabilidade de que apareça um dado traço linguístico em determinadas circunstâncias linguísticas, sociais e contextuais. A partir de dados de frequência coletados em um grupo de falantes, cria-se um modelo teórico formado pelas probabilidades de que um fenômeno e não outro ocorra diante diversas circunstâncias. Cabe à estatística precisar até que ponto as probabilidades calculadas são verossímeis e explicar por que se dá um fato linguístico e não outro mediante circunstâncias que ocorrem simultaneamente.

Tendo em vista a evolução tecnológica dos sistemas operacionais, sentimos a necessidade de procurar um programa de análise que não só atendesse às exigências da nossa pesquisa, mas que se adequasse às inovações. Por isso, nossa análise quantitativa foi realizada através do programa GoldvarbX, um aplicativo para a análise multivariada,

baseado numa versão prévia do Goldvarb 2.0 criado pela equipe de David Sankoff em 1990. Enquanto o Goldvarb 2.0 funcionava em computadores de Macintosh, o Goldvarb 2001, organizado por John Robinson, Helen Lawrence & Sali Tagliamonte, reflete a necessidade de muitos pesquisadores em um programa similar para Windows. Com ele, temos as variantes distribuídas segundo o percentual de ocorrência de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas escolhidas. Para não correr o risco de atribuir uma informação duvidosa a um determinado percentual de ocorrência, o programa também proporciona pesos relativos que estabelecem uma significância estatística para a ocorrência de uma determinada variante.

Veremos a seguir a caracterização das variáveis que foram controladas no decorrer das entrevistas, bem como o *corpus* propriamente dito com suas respectivas análises quantitativa (realizada pelo programa estatístico GoldVarbX) e qualitativa.

Na próxima seção apresentaremos a caracterização das variáveis controladas nesta tese, a começar de uma breve explanação da variável dependente *tú/vos* para, em seguida, mostrar as variáveis independentes linguísticas e sociais aqui controladas. Dentre as linguísticas, têm-se as seguintes: 1. Determinação do referente, 2. Tipo de verbo, 3. Tipo de texto, 4. Tipo de ocorrência, e 5. Tempo verbal. Além destas, analisaremos também variáveis sociais como faixa etária, sexo e escolaridade, classificadas entre os fatores extralinguísticos.

4.1 Caracterização das variáveis controladas

4.1.1 A variável dependente

Considerando a análise realizada sobre a variável *tú/vos* da língua espanhola, apresentamos, inicialmente, uma exposição para a variável dependente e, na sequência, tratamos conjuntamente das variáveis independentes.

Neste trabalho, considerando os pronomes pessoais de 2.^a pessoa do singular da língua espanhola, levantamos as ocorrências em que os pronomes *tú/vos* explícitos e implícitos estavam sendo usados pelos informantes.

Nesta investigação a variável dependente foi controlada na cidade de Santa Cruz de la Sierra, a fim de observar se há predominância no uso do pronome de segunda pessoa do singular, *vos*, nesta comunidade.

Na análise da variação *tú/vos*, foram consideradas as ocorrências explícitas e implícitas dos pronomes. Destacamos que apesar de ambos os pronomes

desempenharem a mesma função sintática, há certa facilidade em detectar o pronome em uso, pois as desinências verbais empregadas para o *tú* e o *vos* são diferentes. No presente do indicativo, a conjugação do *tú* corresponde à da 2ª pessoa do singular, enquanto que a do *vos* descende da segunda pessoa do plural eliminando o –i final das desinências dos verbos de 1ª e 2ª conjugações. Tratando-se de verbo de 3ª conjugação, o –i da terminação se preserva, resultando na mesma conjugação do *vosotros*, segunda pessoa do plural.

Os exemplos abaixo ilustram a variável em análise:

- 1) *Vos* explícito/implícito
 - a) *Luego la **sacás**, la **machucás** en un tacú, **hacés** un ahogadito y le **echás** la carne.*
 - b) *En cambio, si **vos agarrás** un taxi en la calle, que no pertenece a ningún radio móvil, entonces ahí no hay seguridad de nada, hasta te pueden asaltar.*

O exemplo (1) revela a fala do informante 2 desta pesquisa, pertencente à FE1, SM e com NEB⁴⁷. Sua fala explica parte do procedimento para preparar uma comida típica *cruceña*, o *majadito*. Neste exemplo ele utiliza uma sequência de verbos conjugados na pessoa do *vos*, porém com o pronome implícito (Luego Ø la sacás, Ø la machucás..., Ø hacés un... y Ø echás la carne). No exemplo (2), a informante 14 desta investigação, classificada no grupo de FE1, SF, NEB usa o pronome de forma explícita ao explicar os riscos de pegar um radiotáxi ou um táxi na rua (... si vos agarrás um taxi...).

- 2) *Tú* explícito/implícito
 - a) *Si **tú vives** en una zona céntrica, no corre mucho peligro éste... de asalto.*
 - b) *Si te **das** unas vueltitas por los lugares que te he dicho, **vas** a pasar excelente y **vas** a querer volver a Santa Cruz.*

⁴⁷ Para esclarecer o significado das abreviaturas e siglas deste capítulo o leitor deve recorrer à página IX desta tese onde consta a lista com abreviaturas e siglas esclarecedoras.

No exemplo (1) o informante 1 desta pesquisa, SM, NEB, FE1, fala dos riscos de pegar um táxi de madrugada morando em uma zona cêntrica ou se está voltando de uma zona mais distanciada. É notável a presença do pronome *tú* na sua fala, caracterizando um uso explícito deste pronome. Já no exemplo (2), na fala da informante 14, SF, NEB e FE1, registramos a repetição de verbos conjugados na pessoa do *tú* de forma implícita e reconhecidos apenas pela conjugação verbal, ao aconselhar alguns lugares que não se pode deixar de visitar na cidade.

Considerando a alternância *tú/vos* em Santa Cruz de la Sierra, acreditamos ser o pronome inovador *vos* predominante nesta cidade, já que esse é o pronome típico da região e parece ser o mais usado, principalmente nas relações próximas, de maior intimidade.

4.1.2 As variáveis independentes

Nesta seção, apresentamos as variáveis linguísticas e sociais consideradas em nossas análises. Inicialmente faremos uma explanação das variáveis linguísticas, dando seguimento com as variáveis sociais selecionadas.

4.1.2.1 Determinação do referente

A indeterminação do sujeito manifesta-se nos casos em que não podemos determinar claramente o referente, ou seja, a referência se estende às pessoas em geral e não ao seu interlocutor direto. Em contrapartida, a referência direta ao seu interlocutor ocorre quando a referência dirige-se diretamente à segunda pessoa, àquela com quem o interlocutor interage.

A indeterminação pode ser expressa pelos pronomes pessoais do singular referentes à 2.^a pessoa: *tú* e *vos*. Estes pronomes podem ser usados em alguns contextos com significados distintos, conforme mostram os exemplos de (1) a (4):

- 1) *Con ése sale, se llama Quita Sarro. Ése **te puedes** comprar **tú**.*
- 2) *Moldé un poco mi carácter pero, bueno... **vos** yo no sé...¿**Vos sos** cambia?
¡Ah! ¿**Sos** brasilera?*
- 3) *Está mejor. Porque **vas** a llegar a las nueve y no va a estar la dueña de la casa todavía.*

- 4) *Si vos vas en un autobús, ya vos tenés, si vos podés, te levantás y cedés asiento.*

Podemos observar que os pronomes *tú* e *vos* utilizados nos exemplos (1) e (2) diferem semanticamente dos mesmos pronomes usados nos exemplos (3) e (4). Percebe-se que os falantes (1), informante 13, SM, FE1 e NEB - e (2), entrevistado 5, SM, FE1 e NEA usam os pronomes numa referência direta ao seu interlocutor (2.^a pessoa), enquanto que nos exemplos (3) e (4) a referência de *tú* e *vos* é indeterminada, pois se amplia, estendendo-se às pessoas em geral. No exemplo (3), a falante 23 desta pesquisa, SF, FE2 e NEA, usa o *tú* genérico/indeterminado para discorrer sobre a pontualidade do *cruceño* ao ser convidado para uma festa de aniversário. No (4), o entrevistado 9, SM, FE2 e NEB, emprega o *vos* para referir-se ao comportamento das pessoas em geral que se locomovem de ônibus, ou seja, com um sentido mais indeterminado.

Considerando que a indeterminação do sujeito, manifestada nos casos em que não podemos determinar claramente o referente, classificamos os pronomes *tú/vos*, de um lado como recursos de indeterminação, quando ditos pronomes são utilizados de forma generalizada, sem apontar para uma pessoa específica e, de outro, essas mesmas formas, quando apresentadas para fazer uma referência determinada, ou seja, apontando para outro interlocutor, com quem se está conversando.

Nosso objetivo para essa variável é avaliar se o uso do *tú/vos* é mais sucetível nos contextos de sujeito determinado ou indeterminado. É fato que a referência direta ao interlocutor ocorre em situações mais pessoais e, conseqüentemente, menos formais. Em contrapartida, a referência indeterminada é mais comum em ocasiões mais formais e menos pessoais, logo, não esperamos um grande número de ocorrências dos pronomes de segunda pessoa, *tú/vos*, no tratamento direto ao interlocutor, considerando tratar-se de pronomes reservados a relações mais íntimas.

4.1.2.2 Tipo de verbo

A análise do tipo de verbo, conforme a utilizada neste trabalho, busca verificar a predominância dos verbos *dicendi*, epistêmicos, de ação, de estado e outros na alternância *tú/vos*. Nosso interesse aqui é verificar se algum desses tipos de verbos favorece o uso do *tú/vos*.

Como o objetivo de nossa análise é verificar qual tipo de verbo mais atrai os pronomes *tú/vos*, optou-se por manter essa tipologia verbal, apesar de sabermos da possibilidade da existência de uma análise mais detalhada. Assim, apesar da possibilidade de se estabelecer critérios mais pormenorizados para tal classificação semântica, optamos por considerar essa variável em nossa análise de acordo com a classificação abaixo:

- 1) Os verbos ***dicendi*** relacionam-se ao dizer, são definidos como verbos que normalmente introduzem o discurso. Em nosso estudo, todos os verbos relacionados ao dizer foram classificados como *dicendi*, e esses verbos incluem, entre outros: falar, contar, explicar, responder, perguntar, conversar, etc, como visto no exemplo a seguir:
 - a) *Siempre así, vos decís: “por favor, puedo cruzar o, ¿me puede ceder su campo?”, Como otro dice ¿no? Porque a veces está apurado uno y el otro le mira a uno y bien de él si puede ¿no?*

No exemplo acima, o interlocutor 2 desta pesquisa, SM, FE1 e NEB, fala sobre hábitos de pedir licença em seu país e introduz a oração utilizando o verbo ***dicendi decir*** a fim de iniciar seu discurso. Nosso objetivo é observar se esse tipo de verbo aparece com frequência nas conversações com os entrevistados, já que se tratam de verbos bastante utilizados tanto para introduzir falas próprias como para reportar-se a de outras pessoas, ou seja, como recursos que introduzem discursos diretos e indiretos.

2. Os epistêmicos são considerados verbos de atividade mental, e incluem: pensar, saber, conhecer, acreditar, lembrar, imaginar, etc., visto no exemplo a seguir:
 - a) *Sí. Claro, porque sabés que te están vigilando, digamos, sabés que, digamos que si está el guardia cerca tuyo no te puede pasar nada, digamos.*

Neste caso o informante 3 desta tese, SM, FE1 e NEB, vigilante de condomínio, está falando sobre a segurança de haver um guarda noturno na chegada dos moradores. Para isso ele faz uso de um verbo de atividade mental, o ***saber***.

O nosso objetivo é observar se esses verbos de atividade mental são recorrentes nas gravações, tendo em vista que os entrevistados estarão se deparando com situações que lhes proporcionam oportunidades para colocá-los em prática, como, por exemplo, dar informações, opinar sobre lugares, comidas típicas, formas de locomoção na cidade, segurança pública entre outros temas que atraem os verbos epistêmicos.

3. Os verbos de **estado**, como o próprio nome sugere, refere-se a estados e incluem, entre outros: ser, estar, ficar, continuar, permanecer etc.

Nosso objetivo para essa classificação verbal é analisar se estes verbos atraem o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em questão.

Mostramos abaixo um exemplo em que o entrevistado 2 deste trabalho, SM, FE1 e NEB, narra sobre a rivalidade entre *collas* (região do altiplano boliviano) e *cambas* (região da planície boliviana), duas denominações utilizadas para classificar pessoas de regiões geográficas diferentes do país. Neste caso, um *camba* chama outro *camba* de *colla* com o intuito de enfurecê-lo, sem alcançar seu objetivo.

- a) *Una vez me sucedió justamente a mí. Un amigo me dijo: “vos sos un colla y mierda”, me dice, ¿no? Ya pues, le dije, pero no soy colla, le dije, estoy tranquilo, ¿no? Yo soy camba.*

4. Os verbos de **ação** são bastante numerosos, destacamos aqui: sair, andar, trabalhar, comer, viajar, fazer, etc. Estes verbos possuem significação própria e, de forma geral, indicam ações ou acontecimentos.

Nosso objetivo é analisar se esses verbos atraem os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, tendo em vista que as entrevistas apresentam oportunidades para dar instruções e, conseqüentemente, proporcionam o uso de verbos de ação.

Segue um exemplo do entrevistado 2, SM, FE1 e NEB, ensinando o passo a passo para preparar um prato típico da cidade:

- a) *La carne, primeramente **tenés que ponerla** a cocer, luego la **sacás**, la **machucás** en un tacú, **hacés** un ahogadito, como te digo, en sartén, de cebolla, tomate, ¿no? Ya cuando esté un poquito freído eso, le **echás** la carne, pero la carne desmenuzada. Y luego cuando el arroz ya esté*

*en su punto, se le echa el ahogadito, luego a **batirlo**. Se bate cada rato. Luego se **fríe** el plátano maduro y huevo en medio.*

5. Considerando a diversa gama de tipos de verbos e a reduzida classificação aqui exposta, resolvemos acrescentar uma classe que incluísse verbos de outras categorias com o objetivo de observar a aparição de outras classificações que não se enquadrem nas escolhidas no nosso trabalho.

Segue o exemplo do entrevistado 2, SM, FE1 e NEB, falando sobre as permissões de atestado no trabalho, apontando o que é preciso para que se possa faltar:

- a) *En el trabajo, si te dan el permiso, pero tenés que presentar un justificativo para tu permiso, para que así no te descuenten y, por ejemplo, si **tenés** una baja médica, tenés que presentar esa baja médica a tu empresa.*

4.1.2.3 Tipo de texto

A análise do *tipo de texto* tem se mostrado relevante no estudo dos fenômenos de variação e mudança. Porém, sabe-se que um texto pertencente a um dado gênero discursivo pode trazer na sua configuração vários tipos textuais, como a *narração*, a *descrição*, a *argumentação*, a *explicação*, etc., dependendo da classificação adotada.

O *texto narrativo* é recorrente nas entrevistas sociolinguísticas, pois o roteiro das perguntas leva o informante a fazer relatos, contar fatos que sucederam em determinado tempo e local e que dizem respeito a ele e às pessoas de sua convivência.

O texto, ou sequência *narrativa* é, portanto, constituído por relatos (predominantemente) verbais de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo.

A seguir mostramos um exemplo através do trecho da 3ª entrevista desta investigação que narra um assalto presenciado pelo porteiro de um condomínio, informante pertencente ao SM, FE1 e NEB:

- 1) *Claro digamos, éste... fue el otro día, digamos, que un ladrón le quita la cartera a la señora, yo corrí tras de él y ahí en la esquina ya me sacó su*

cuchillo, digamos, ¿entendés? pero logré quitársela la cartera. Estaba yo aquí adentro cuando escuché yo el grito de la señora y el tipo pasó a carrera, ya yo salí a carrera, salí detrás de él y antes de llegar al 4º anillo ahí lo alcancé. Y el tipo a lo que lo agarré la polera, me la tiró la cartera y me dijo: soltame, me dijo, ya me sacó el cuchillo, ¿me entendés? Pero logré quitársela la cartera.

O texto descritivo também parece significativo nas entrevistas sociolinguísticas, pois estas apresentam várias sequências em que há o detalhamento de um fato, local, objeto ou pessoa que fazem parte da história familiar, pessoal, profissional e da vida do entrevistado.

Apresentamos um trecho da entrevista do falante 4 em que aparece uma sequência descritiva no momento que o entrevistado, SM, FE1 e NEA, descreve dois pontos turísticos da cidade:

- 2) *Aqualand es un parque acuático donde vas a disfrutar con tus amigos en las piscinas, hay toboganes, hay diversas cosas para hacer. En la Moseñor vos podés ir ahí con tus amigos, hay boliches, hay salones de té donde van los mayores, hay pizzería, hay un montón de cosas para hacer, es para todas edades, van los jóvenes, hay un boliche que los viernes, normalmente, van los jóvenes de 18 a 22 años y los sábados van de 22 para arriba, tiene música, tiene su cantina para beber, lugar para bailar...*

A argumentação costuma ser definida como exposição ou justificativa do ponto de vista do falante sobre determinado tema. No exemplo abaixo o entrevistado 10, SM, FE1 e NEA, defende a ideia de manter as tradições das brincadeiras e jogos de antigamente e de transmitir esses costumes aos filhos e netos:

- 3) *Las costumbres antiguas de nosotros desde niños, los juegos de niños antiguos, nosotros ya..., nuestros niños ya las están olvidando, ni las conocen. Hacen unos..., cuando mi hija estaba chica todavía y todos mis sobrinos estaban de este tamaño, porque todos son casi del mismo tamaño, con mi cuñado en una propiedad que teníamos en Cotoca, dijimos: vamos a hacer una olimpiada de juegos típicos. ¿Para qué? Para*

que nuestros hijos las conozcan. Jugábamos al trompo, choque, topo..., juegos de muchachos. Todo eso les enseñábamos una vez que fuimos y los muchachos hasta ahora no se olvidan. Ya no juegan por falta de tiempo, por falta de oportunidad, pero tienen en su cabeza de que sí, eso es un juego típico nuestro. Y eso nunca te vas a olvidar. Y además, que uno tiene la obligación de ir transmitiendo todas esas características típicas. Entonces, por lo menos cumplimos nuestra responsabilidad de dar a nuestros hijos lo debían hacer. Ya es responsabilidad de ellos seguir con la cadena.

Além desses tipos de textos, incluiremos ainda na análise da variação *tú/vos* as explicações, fator que parece recorrente em nossos dados e que não se enquadra nos tipos citados anteriormente.

Na *explicação* incluiremos as ocorrências em que o falante solicita ou fornece algum esclarecimento ou explicação ao entrevistador, não somente em relação a sua fala, mas também sobre qualquer assunto em pauta na entrevista: uma pessoa, um lugar, uma situação etc.

Segue o exemplo da entrevistada 13, costureira, SF, FE1 e NEB, explicando os passos para produzir uma peça de roupa:

- 4) *Primero tenés que ver el molde, la calidad de tela que vas a usar, como la vas a diseñar en la tela y luego la cortás según tu medida o cual medida deseás.*

É importante destacar que o gênero do discurso é um dos fatores que pode exercer influência sobre a variação estilística em uma entrevista sociolinguística. É fundamental, pois, considerar, na análise de fenômenos variáveis, a possibilidade de observar essas restrições ao uso das variantes mesmo quando os dados são recolhidos em entrevistas sociolinguísticas, já que, nelas, podem emergir uma variedade de gêneros de distintos graus de formalidade.

Nosso objetivo para esta variável é mostrar que o nível de formalidade/informalidade do texto determina a variação a ser utilizada. Na narrativa, por exemplo, o informante tende a aumentar o uso de variantes vernaculares. Todavia, quando produz outros mais formais, diminui o uso dessas formas. Embora a entrevista

sociolinguística não apareça na vida cotidiana de uma comunidade de fala, possivelmente a variação estilística nela encontrada seja um reflexo dos padrões de variação dessa comunidade.

4.1.2.4 Tipo de ocorrência

Na análise desta variável, serão consideradas as ocorrências dos pronomes *tú/vos* na fala dos entrevistados, sendo isolada a ocorrência única de um dos pronomes. A ocorrência binária se desmembrará em sequência binária igual e sequência binária diferente. A primeira equivale ao registro do mesmo pronome por duas vezes, enquanto que a segunda corresponde à repetição de pronomes diferentes. A sequência ternária ou eneária (quatro ou mais ocorrências), da mesma forma, desmembrar-se-á em duas ramificações, sendo a primeira equivalente ao registro de três ou mais vezes o mesmo pronome, seja de forma explícita ou implícita, chamada de sequência ternária ou eneária igual e a sequência ternária ou eneária diferente, quando registramos três ou mais vezes pronomes diferentes.

Pretende-se verificar com essa análise se é mais comum a forma explícita ou implícita dos pronomes na análise dos paralelismos. Apresentamos a seguir alguns exemplos de pronomes em ocorrências isoladas, paralelismo binário e ternário/eneário:

1) Ocorrência isolada:

- a) *Las pantallas, hay un líquido, como... no sé qué se llama, pero **podés** lustrar con un pañito y mojarlo el líquido al pañito, cosa que no quede empañada la computadora, las pantallas de las teles.*⁴⁸

2) Sequência binária dos pronomes:

Formas iguais

- a) *Bueno, por algún apuro, si vos tenés, tenés que mirar si tiene su radio, si llama a la centralista o algo, tomar tus precauciones.*⁴⁹

Formas diferentes

- b) *Acerla con ganas de hacerla, con ese interés que tenés, o sea, que tiene que quedar tu casa bien limpia, con ese entusiasmo.*⁵⁰

⁴⁸ SF, FE1, NEB.

⁴⁹ SF, FE1, NEB.

⁵⁰ SF, FE1, NEB.

3) Sequência ternária e eneária dos pronomes

Formas iguais

- a) *Te ponés guantes, con una esponja o algún trapito, le echása la esponja y le refregás. Eso sí, tenés que tomar aire, las ventanas tienen que estar abiertas porque es muy fuerte.*⁵¹

Formas diferentes

- b) *El batido lo podés hacer, poné tu ollita, picá tu carne o pollo, lo pone a cocer, de ahí va cociendo, va picando la verdura, cebolla, tomate, pimentón y hace su ahogadito aparte de ahí se lo echa a la olla y eso va cociendo, ¿no? Después ya usted agarra el arroz y lo echa y lo bate, más o menos calculandole el tanto de agua, una tazita de arroz para que no te salga ni tan seco ni muy agua, hay que tantearle.*⁵²

4.1.2.5 Tempo verbal

É sabido que o uso do vos é mais recorrente nos dois presentes, do indicativo e do subjuntivo e, conseqüentemente, por tratar-se de um modo que deriva dos dois presentes, no imperativo. Esse fenômeno se dá pelo fato de não existir conjugações peculiares à pessoa do vos nos demais tempos verbais do modo indicativo e do subjuntivo. Lapesa (1968, p. 523) fala de formas *homomórficas* que nos faz pensar em um pronome *voeante* com uma forma verbal *tuteante*, como por exemplo, em *vos eras*, *vos fuiste*, *vos irías*, *vos tomaras*, etc. Observamos nestes casos uma evolução similar ou coincidente com a segunda pessoa do singular, *tú*.

Considerando ser o modo imperativo bastante recorrente para dar instruções, como por exemplo, ensinar a fazer uma receita típica, orientar em relação à forma de comportar-se perante um *cruceño*, de indicar como chegar a um determinado lugar, nosso objetivo é verificar se os pronomes *tú/vos* serão predominantes neste modo.

Neste trabalho, os tempos verbais controlados foram os que seguem abaixo com seus respectivos exemplos:

1) Presente do indicativo:

*Claro, pero **va** con las amigas, con las amigas uno **va** y **se divierte** mucho, después a la Casa del Camba, ahí **vas** a comer riquísimos majaditos,*

⁵¹ SF, FE1, NEB.

⁵² SF, FE2, NEB.

*churrasco, arroz con queso, loco.*⁵³

2) Presente do subjuntivo:

*Los hombres no te van a aceptar que si él un viernes se sale con sus amigos, que vos como mujer agarrés y le digás, bueno, vos saliste ahora, yo me salgo mañana.*⁵⁴

3) Gerúndio:

*Gracias a vos por estar aquí entrevistandome y en mi casa.*⁵⁵

Imperativo:

*Mirá, si estás, suponete aquí en Santa Cruz, lo primero que tiene uno que buscar es un pato. Comprás arroz corto, urucú, que es lo típico de Santa Cruz y bueno, pues, el pato.*⁵⁶

4.1.2.6 Variáveis sociais

As variáveis sociais analisadas em nossa pesquisa foram as seguintes: *faixa etária, sexo e escolaridade*.

4.1.2.6.1 Faixa etária

Esta variável tem se mostrado de grande relevância nos estudos variacionistas, pois nos fenômenos de mudança em curso a análise da faixa etária pode trazer evidências do que Labov (1972) denominou *mudança em tempo aparente*, isto é, ao compararmos a linguagem de diferentes faixas etárias, admitimos que as diferenças entre elas podem ser consideradas como o resultado de uma modificação linguística.

Neste trabalho, os grupos foram divididos em dois, o primeiro se refere a pessoas de faixa etária entre 25 e 50 anos, e o segundo correspondente às pessoas enquadradas no grupo de maiores de 60 anos.

Nosso objetivo aqui é observar se há predominância do uso do vos em alguma dessas faixas etárias, a fim de confirmar se alguma delas é mais suscetível a utilizá-lo. Queremos verificar se o grupo dos maiores de 60 anos é mais conservador e, conseqüentemente, mais resistentes ao uso do vos ou se são tão inovadores quanto os

⁵³ SF, FE1, NEB.

⁵⁴ SF, FE1, NEB.

⁵⁵ SF, FE2, NEA.

⁵⁶ SF, FE2, NEA.

que se enquadram no grupo de pessoas entre 25 e 50 anos. Com isso queremos comprovar se a fala de pessoas mais jovens tendem a uma variedade mais vernacular do que aquelas equivalentes às pessoas mais velhas, como defende Labov (1972).

4.1.2.6.2 Sexo

Diversos estudos já demonstraram a influência do fator sexo na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres. Labov (1972) destaca que em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência no uso das formas de prestígio, e que em casos de mudança linguística, as mulheres seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não-padrão.

Nesta tese, entrevistamos pessoas dos dois gêneros, masculino e feminino e, para esta variável, temos o objetivo de confirmar se realmente as mulheres tendem a conservar uma linguagem mais normativa que os homens ou se ambos os sexos fazem uso do *vos* indistintamente.

4.1.2.6.3 Escolaridade

Em relação à escolaridade, parece que esta atua, geralmente, no favorecimento da variante padrão. No entanto, como destacou Votre (2004, p. 51), para uma análise criteriosa das correlações entre variação linguística, de um lado, e a variável escolaridade, de outro, torna-se necessário estabelecer algumas distinções, que seriam, dentre outras: entre fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização e entre os fenômenos que são objetos de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola.

A forma de falar de um *cruceño* ou *camba* está marcada pelo uso do pronome pessoal de segunda pessoa do singular, *vos*. Esta é a variante usada no oriente boliviano, já que não se circunscreve somente a Santa Cruz de la Sierra. É a marca que identifica esta comunidade e a diferencia de outros estados dentro de um país considerado andino, posto que os centros de poder político e econômico sempre estiveram nos Andes, onde há a predominância do pronome pessoal de segunda pessoa do singular, *tú*.

Tal variedade é imposta pelo Governo Federal boliviano. Desta maneira, a escola, ao ser uma reprodutora do poder e do seu domínio sobre as regiões, se impõe a variante do *tú*. Com a nova lei da educação e autonomía, a escola passa a ser atribuição

básica e exclusiva do Estado Central, impedindo uma adaptação a currículos regionalizados. Por tanto, a forma de falar que a escola promove obriga o uso do *tú*.

Embora a escola seja competência do Ministério de Educação, a comunidade *cruceña*, no seu cotidiano, utiliza-se do *vos*, sendo um esforço sobrehumano fazer uso do *tú* quando lhes é imposto, pois têm que esforçar-se para falar de maneiras diferentes dentro e fora da sala de aula. Alguns professores são mais maleáveis quanto ao manuseio do *vos* em sala de aula.

Na verdade, em Santa Cruz de la Sierra, o *vos* é a marca lingüística da comunidade de fala. Logo, não podemos afirmar que este pronome é estigmatizado porque o preconceito, de fato, acontece, mas provém do Governo Federal que busca retirar essa marca da fala dos *cruceños* como tentativa de impor o *tú* a nível nacional. Também não se pode dizer que o *vos* é um pronome de prestígio em Santa Cruz, tendo em vista que o pretígio é relativo a cada região.

O objetivo desta tese para esta variável é analisar se o nível de escolaridade controla o uso do pronome *vos* entre as pessoas, ou seja, se as pessoas com uma escolaridade mais elevada utilizam este pronome com a mesma frequência que as menos escolarizadas.

Considerando todas as variáveis aqui expostas, sejam lingüísticas ou sociais, trataremos a seguir de fazer a análise propriamente dita de cada uma delas de forma detalhada, a partir da rodada geral realizada através do programa estatístico GoldVarbX. Faremos a análise quantitativa da variação pronominal *tú/vos* em todas as variáveis controladas nesta tese e para concluir, mostraremos a análise qualitativa feita das entrevistas aplicadas na comunidade lingüística de Santa Cruz de La Sierra.

5 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados referentes à variação *tú/vos* obtidos mediante a análise de 24 entrevistas realizadas com falantes dos sexos masculino e feminino, de duas faixas etárias (25-50 anos e maiores de 60) e dois níveis de escolaridade (fundamental incompleto e ensino médio ou superior) da cidade de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

Apresentamos os resultados em números absolutos e em percentuais para visualização da distribuição geral dos pronomes *tú/vos* na amostra, bem como os resultados probabilísticos obtidos através do uso do programa estatístico GoldVarbX.

No geral, os resultados destas pesquisas indicaram predominância do *vos* em detrimento do *tú* na região de Santa Cruz de la Sierra para dirigir-se a uma segunda pessoa de maneira informal. Não houve registro do uso do *tú* para dirigir-se ao entrevistador em ocasiões que exigissem um pouco mais de formalidade, derrubando a hipótese de que entre os pronomes de segunda pessoa do singular, o *tú* adquiria maior formalidade em relação ao *vos*. Os entrevistados foram contundentes em afirmar que o *vos* jamais exprime desrespeito, porém uma forma de uso que exige certo grau de intimidade com o interlocutor.

5.1 Análise da variação pronominal *tú/vos* em rodada geral no GoldVarbX

Apresentamos a seguir uma análise da variação *tú/vos* a partir dos resultados obtidos em rodada geral do programa GoldVarbX. Nesta rodada foram controladas as seguintes variáveis linguísticas: 1. tempo verbal, 2. tipo de texto, 3. tipo de ocorrência, 4. tipo de verbo, e 5. determinação do referente e entre os fatores extralinguísticos, enfatizamos as variáveis 1. faixa etária, 2. sexo e 3. escolaridade.

Nota-se que apenas um dos oito grupos fatores considerados foi selecionado como significativo, o da escolaridade, associado às variáveis sociais. Dentre as variáveis linguísticas, nenhuma foi selecionada como significativa, porém faremos uma análise de todas com o intuito ilustrativo.

Os resultados da análise da variação *tú/vos* em números absolutos e em percentuais são apresentados na tabela 10:

Tabela 10 - Resultados gerais probabilísticos de *tú/vos*.

Grupos de Fatores	Tú		Vos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Tempo verbal				
- Gerúndio	1/2	50.0	1/2	50.0
- Presente indicativo	58/546	10.6	488/546	89.4
- Presente subjuntivo	2/36	5.6	34/36	94.4
- Imperativo	1/42	2.4	41/42	97.6
Tipo de texto				
- Texto descritivo	1/3	33.3	2/3	66.7
- Texto argumentativo	3/22	13.6	19/22	86.4
- Texto explicativo	57/578	9.9	521/578	90.1
- Texto narrativo	1/23	4.3	22/23	95.7
Tipo de ocorrência				
- Sequência ternária ou eneária diferente	1/5	20.0	4/5	80.0
	2/15	13.3	13/15	86.7
- Sequência binária diferente	48/465	10.3	417/465	89.7
- Ocorrência isolada	8/95	8.4	87/95	91.6
- Sequência binária igual	3/46	6.5	43/46	93.5
- Sequência ternária ou eneária igual				
Tipo de verbo				
- Verbos de estado	8/59	13.6	51/59	86.4
- Verbos de ação	49/449	10.9	400/449	89.1
- Verbos epistêmicos	1/20	5.0	19/20	95.0
- Verbos <i>dicendi</i>	2/43	4.7	41/43	95.3
- Outros	2/55	3.6	53/55	96.4
Determinação do referente				
- Referência indeterminada	26/229	11.4	203/229	88.6
- Referência direta ao seu interlocutor	36/397	9.1	361/397	90.9
Faixa etária				
- 60 anos ou mais	30/245	12.2	215/245	87.8
- 25 a 50 anos	32/381	8.4	349/381	91.6
Sexo				
- Feminino	46/404	11.4	358/404	88.6
- Masculino	16/222	7.2	206/222	92.8
Escolaridade				
- Médio e/ou Superior	36/280	12.9	244/280	87.1
- Fundamental incompleto	26/346	7.5	320/346	92.5
TOTAL:	62/626	9.9	564/626	90.1

Como apreciado na tabela anterior, correspondente aos resultados gerais probabilísticos do uso de *tú/vos* em cada variável controlada nesta tese, podemos observar no gráfico abaixo o percentual do uso destes dois pronomes na comunidade *cruceña*:

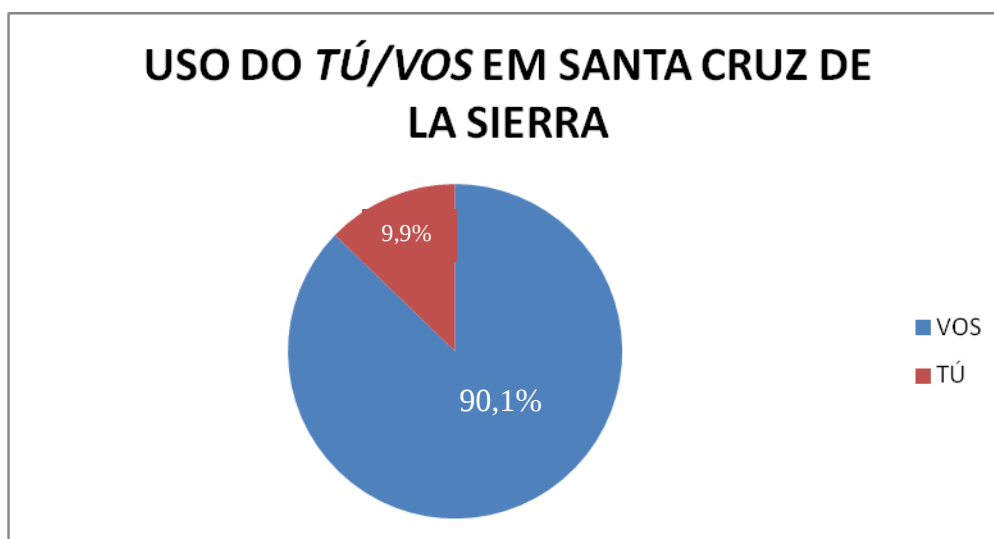


Gráfico 1 - Uso do TÚ/VOS em Santa Cruz de la Sierra.

5.1.1 Escolaridade

Dando seguimento à análise, começaremos pelas variáveis sociais, para, em seguida, analisar as variáveis linguísticas. Nota-se que apenas um dos oito grupos de fatores considerados foi selecionado como significativo, a saber, o grupo referente à escolaridade, classificado entre as variáveis sociais. Logo, iniciaremos pela análise desta variável, que alcançou dentro da rodada geral do GoldVarbX significância de 0,02 no uso do pronome pessoal de segunda pessoa *vos* e um peso relativo de 0,56 na classe mais baixa e 0,41 na mais alta. No decorrer da análise, não mostraremos o peso relativo das demais variáveis, considerando não terem sido significativas na rodada geral do programa. Em seguida, daremos continuidade seguindo a ordem citada anteriormente.

Como já dito, na análise da variável dependente *tú/vos*, foi selecionada como significativa na rodada geral do programa GodVarbX a variável independente escolaridade. Logo, podemos apontá-la como a variável de maior representatividade nos resultados coletados como maior influenciadora no momento de escolher a variante linguística dos falantes, pois é comum que as pessoas mais instruídas dêem preferência

às formas normativas para referir-se a um interlocutor. Os resultados podem ser apreciados nas tabelas que seguem:

Tabela 11 - Resultados do vos na variável escolaridade.

Grupo de fatores	Vos		
	Aplic./T	%	P.R
Escolaridade			
- Fundamental incompleto	320/346	92.5	0,56
- Médio e/ou Superior	244/280	87.1	0,41
TOTAL:	564/626	90.1	

Significância: 0,02

Como pudemos observar na tabela 10, há um predomínio no uso do pronome *vos* tanto pelos falantes com nível fundamental incompleto como por aqueles com nível médio ou superior. Verificamos que das 346 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular, 320 corresponderam ao *vos* entre os falantes com nível fundamental incompleto frente a 26 registros do *tú*. Já entre os falantes com ensino médio ou superior completo, das 280 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular, 244 deram preferência ao uso do *vos*, enquanto que apenas 36 fizeram utilização do *tú*. Isso demonstra uma considerável significância, ficando reservado ao primeiro grupo um maior uso do *vos* (92.5%) em relação ao segundo com 87.1%.

Considerando os dois extremos da escolarização, nota-se que o uso do *tú* entre os menos escolarizados (7.5%) é menor do que seu uso entre os falantes mais escolarizados (12.9%). Apesar de não termos uma escala gradual nos pesos atribuídos segundo a escolaridade dos falantes, o que podemos inferir é que o *tú*, pronome conservador, predomina no nível médio ou superior, enquanto que o *vos*, pronome inovador, predomina no nível de menor escolaridade, o ensino fundamental incompleto. Embora os dados apontem para uma predominância do *vos* no segundo grupo, não podemos afirmar que se trate de um pronome irrelevante para o primeiro, tendo em vista que o peso relativo entre os dois grupos está bastante próximo.

Nas entrevistas realizadas na cidade de Santa Cruz de la Sierra, pudemos observar um pouco de resistência das pessoas mais escolarizadas e, consequentemente, de um poder aquisitivo maior, em iniciar uma conversação fazendo uso do *vos*, alegando que se trata de um pronome restrito a tratamentos íntimos e que eles o usam com naturalidade entre amigos, mas que, ao fazer menção a alguém que não conhece,

resistem inicialmente a sua prática. Porém, observamos um relaxamento após um determinado tempo da entrevista quando se esqueciam do policiamento e passavam a utilizá-lo de forma espontânea.

Os dados apresentados confirmam a nossa hipótese de que a prática do *vos* na comunidade de Santa Cruz de la Sierra é utilizado pelos dois níveis de escolaridade e, conseqüentemente, por diferentes classes sociais, tendo em vista que ambos os fatores caminham juntos, pois subentende-se que pessoas de uma classe social mais elevada, normalmente, alcançam uma maior titulação acadêmica, pois quanto mais especializadas estão, maior a possibilidade de desempenhar profissões mais bem remuneradas. Em contrapartida, pessoas pertencentes a uma classe social menos favorecida, impulsionadas a trabalhar em prol de uma sobrevivência, acabam por interromper os seus estudos mais cedo.

Nos estudos de Labov (1966), ele cria uma classificação social baseada em um índice socioeconômico que combina três elementos: nível de instrução, ocupação e salário. Morales (1983) e Trudgill (1974) também associam nível sociocultural à escolaridade, profissão e salário.

Sankoff e Laberge (1978) afirmam que a variação linguística do falante vem combinada com a atividade socioeconômica por ele desempenhada. Milroy (1992) trata os termos educação, grau de instrução e escolaridade como os que melhor nomeiam a variável que equivale ao tipo de formação acadêmica alcançada pelo falante. Logo, as variantes se adequam às diversas situações às quais encontra-se inserido o falante.

Nesta tese, os dados apontam para uma resistência ao uso do *tú* na comunidade de Santa Cruz de la Sierra, embora haja uma imposição do Governo em querer forçar o uso de normas homogêneas de educação para todo o território nacional, ficando determinado que o pronome de segunda pessoa ensinado em todas as escolas do país seja o *tú* e não o *vos*. Isso demonstra que em algumas localidades, a educação formal parece não exercer influência na fala dos entrevistados.

Logo, destacamos que a forma majoritária entre os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na comunidade de Santa Cruz de la Sierra é o *vos*. O *tú* é o pronome oficial no país, imposto pelo Governo Federal nas normativas da escola como norma padrão, embora não seja a que goza de prestígio local na fala da sociedade *cruceña* que prima pelo *vos*. Apesar dos resultados desta tese apontar para um maior índice do uso do *vos* nas classes menos escolarizadas, observamos que os mais instruídos, quando precisam fazer uso do pronome de segunda pessoa do singular em

situações menos íntimas, não substituem o *vos* pelo *tú*, porém pelo *usted*, tornando claro que o *tú* não corresponde a uma marca do *cruceño* na sua totalidade.

A linguagem *cruceña* ou *camba* é assim nomeada porque não se limita ao estado de Santa Cruz, porém a todo o oriente boliviano e é uma das peculiaridades que mais identifica a esta comunidade de fala. Essa marca diferencia esta região em um país que é considerado andino porque os centros de poder político e econômico sempre estiveram nos Andes e por tanto, a voz oficial do Estado boliviano é a voz do *tú*, enquanto que a do oriente é a do *vos*.

A escola, como reprodutora de poder e das formas por ela impostas, busca dominar as regiões e impor a variedade do *tú*. Com a nova lei de educação e autonomia, a escola passa a ser uma atribuição básica e exclusiva do Estado Central, impossibilitando sua adaptação a currículos regionalizados. Por tanto, a forma de falar que promove a escola é a forma oficial do Estado boliviano, marcada pelo uso do *tú*. Porém, a comunidade *cruceña*, no seu cotidiano utiliza o *vos* e quando são exigidos a falar com o *tú*, fazem um grande esforço porque têm que separar as diferentes formas de falar dentro e fora da escola.

A Bolívia é um Estado que não reconhece as diferenças regionais e históricas e busca homogeneizar a linguagem utilizada no país através da variedade andina. O estado de Santa Cruz não tem competência sobre a escola. Esta é competência estatal, do Ministério de Educação e os profissionais autorizados a lecionar nas escolas são professores formados pelas normativas superiores do Ministério da Educação, porém nada disso impede o uso das formas identitárias do *cruceño*.

Todos os discursos oficiais do estado de Santa Cruz utilizam o *vos*. Há uma identificação através da linguagem que é negada pelo Estado boliviano. Este procura meios de opressão que visa anular a variedade oriental e embora saiba que tanto o *vos* como o *tú* são variedades legítimas perante a norma padrão, induz, com seu autoritarismo, uma briga política por diferentes formas linguísticas.

A forma de falar de uma pessoa do oriente boliviano dificulta observar sua classe social, ou seja, se é oriunda de classe alta ou baixa e se é proveniente do interior ou da capital porque a maioria utiliza o *vos*. Isso pode ser observado nos resultados das nossas entrevistas ao detectar uma diferença pouco acentuada no comportamento linguístico dos falantes em relação à escolaridade, revelando que tanto no nível fundamental incompleto como no médio ou superior, a frequência do uso do *vos* supera a do *tú*. No primeiro grupo, o *vos* (92.5%) supera o *tú* (7.5%), da mesma maneira que

entre os falantes com nível médio ou superior que preferem o *vos* (87.1%) frente ao *tú* (12.9%).

5.1.2 Faixa etária

Em decorrência da não significância na rodada geral do GoldVarbX, faremos uma análise mais voltada para o âmbito qualitativo e por isso, alertamos os leitores sobre a ausência do peso relativo das demais variáveis analisadas a partir de agora.

Os resultados em relação à faixa etária na rodada geral do GoldVarbX mostram que tanto os falantes mais jovens como os mais velhos favorecem o uso do *vos* em relação ao *tú* em Santa Cruz de la Sierra. No primeiro grupo, referente àqueles entre 25 e 50 anos, das 381 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa *tú/vos*, 349 correspondem ao *vos* e apenas 32 ao *tú*. Já no grupo equivalente aos maiores de 60 anos, detectamos 245 ocorrências, das quais 215 equivalem ao *vos* e 30 ao *tú*, revelando entre os dois grupos uma preferência pelo pronome *vos* conforme verificamos na tabela abaixo que apontam para 91.6% de falantes do grupo mais jovem que deram preferência ao *vos*, enquanto que 87.8% dos falantes maiores de 60 anos deram preferência ao mesmo pronome. Isso nos leva a pensar que ambos os grupos estão inclinados a usar mais o *vos* que o *tú* nesta região, independentemente da faixa etária. Podemos observar esses dados com atenção na tabela abaixo:

Tabela 12 - Resultados de *tú/vos* na variável faixa etária.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Faixa etária		
- 25 a 50 anos	349/381	91.6
- 60 anos ou mais	215/245	87.8
TOTAL:	564/626	90.1

Os resultados apontam para um significativo predomínio do *vos* em detrimento do *tú* nas duas faixas etárias, considerando a não seleção desta variável na rodada geral como significativa. Esse resultado corrobora nossa hipótese de que o uso deste pronome não está atrelado à idade dos falantes, porém a uma característica *cruceña* que, em vias de regra, substitui o *tú* pelo *vos* ou pelo *usted*.

Como visto na tabela anterior, das 381 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular no grupo de faixa etária entre 25 e 50 anos, 349 correspondem ao *vos*, o equivalente a 91.6% dos registros. No grupo dos maiores de 60 anos, das 245 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular, 215 preferiram o *vos*, ou seja, um percentual de 87.8% dos falantes.

É válido chamar a atenção, da mesma forma que destacamos na variável anterior que, percebemos uma leve resistência entre as pessoas mais velhas em iniciar a conversação fazendo uso do *vos*, usando a mesma alegação das pessoas mais escolarizadas, ou seja, que o *vos* se trata de um pronome de muita intimidade e que fica reservado ao tratamento entre amigos. Em contrapartida, verificamos que depois de iniciada a conversa, registramos o uso do *vos* ao observar que o tempo necessário para que o policiamento tivesse se esgotado.

Nesta investigação chamamos a atenção para trabalhos como o de Romaine (1984) e Wolfram (1983) que mostram o ajuste na fala de crianças até doze anos de idade em relação ao estilo equivalente a sua classe social, motivo este que faz com que Lavob (1972) critique colher dados de falantes menores de 17 anos, pois acredita que somente após essa idade é que chega a conscientização da sua forma de falar, como também dos usos prestigiosos da língua. Essa é a razão pela qual o nosso grupo mais jovem iniciar com falantes de 25 anos de idade.

Logo, como aponta García de Diego (1951), jovens tendem a uma linguagem mais inovadora enquanto que gerações mais velhas optam por formas mais conservadoras, confirmando a maior dificuldade dos mais velhos entrevistados nesta pesquisa em travar uma conversação utilizando o pronome *vos*, reservado para situações mais íntimas.

Percebemos que, apesar da teoria apontar para a maior resistência de pessoas mais velhas e com maior grau de escolarização de fazerem uso de formas mais inovadoras, como o *vos*, os entrevistados maiores de 60 anos, com nível médio ou superior completo e de ambos os sexos, mostraram-se adeptos a este pronome no decorrer de suas falas, já que trata-se da variedade de prestígio na comunidade de Santa Cruz de la Sierra. Isso revela a força da utilização deste pronome como forma identitária de um povo que preza pela sua variedade regional, independente da raça, da idade, da profissão, do sexo e da faixa etária. Logo, concluímos que, ao unir as variáveis escolaridade e faixa etária, os resultados não corroboram com a nossa tese de que o grupo das pessoas maiores de 60 anos seriam mais resistentes ao uso do *vos*.

5.1.3 A variável sexo

A fim de analisarmos o sexo, retomamos os resultados obtidos na rodada geral para esta variável:

Tabela 13 - Resultados de *tú/vos* na variável sexo.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Sexo		
- Masculino	206/222	92.8
- Feminino	358/404	88.6
TOTAL:	564/626	90.1

Os resultados mostram que das 222 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular registradas nas entrevistas realizadas com os homens mostram o favorecimento do sexo masculino pelo *vos*, o que demonstra a prioridade atribuída a este pronome. Das ocorrências apontadas, o *vos* apareceu 206 vezes e o *tú* apenas 16. No sexo feminino, detectamos uma maior ocorrência do aparecimento do pronome de segunda pessoa, sendo também relevante o uso do *vos* sobre o *tú*. Das 404 ocorrências, 358 correspondem ao *vos*, enquanto que 46 equivalem ao *tú*.

Embora a variável sexo não tenha sido selecionada pelo programa, chamamos atenção para os números que apontam para um total de 92.8% dos homens que fazem uso do *vos* frente a 88.6% das mulheres, culminando em um resultado que confirma a teoria de que enquanto as mulheres tendem a manter uma linguagem mais conservadora, os homens tendem a inovar com as variantes não padrão.

Sobre isso, podemos apontar as investigações realizadas por Labov (1972), Fasold (1990) e Morales (1992) em centros urbanos que defendem a maior sensibilidade feminina às formas normativas. Neste trabalho, mostramos a pesquisa de Morales (1992) sobre a tendência masculina em utilizar formas não padrão, pendendo muito mais às formas vernaculares. Com isso, não estamos afirmando ser o *vos* um pronome não normativo, pois como é sabido, o *tú* e o *vos* são pronomes pessoais da segunda pessoa do singular que representam variantes linguísticas reconhecidas pela norma padrão dentro da língua espanhola.

Além disso, na própria Bolívia, como já dito, o Governo impõe o ensino da variedade *tú* em todas as instituições de ensino do país. Esta variação deixa transparecer

ser este pronome o de maior prestígio, o que não é verdade, como já mostrado nesta tese por Alvar (1996) que não há uma variação mais prestigiosa que outra, pois, linguisticamente falando, prestígio é a aceitação de um tipo de conduta considerado melhor que outro, podendo ser a variedade de qualquer país ou região, como é o caso de Santa Cruz de la Sierra, que dá preferência ao vos, por ser este o pronome de prestígio nesta comunidade.

Logo, concluímos que não há relação de sinonímia entre língua padrão e língua de prestígio, pois mais de uma variedade regionalizada podem ser aceitas pela língua padrão, mas apenas uma ter maior prestígio que a outra em comunidades distintas, como é o caso do vos na Bolívia que ocupa lugar prioritário em Santa Cruz de la Sierra e perde o pódio na região andina que dá preferência ao *tú*.

Embora os resultados apontem para um maior uso do vos proveniente dos homens, comprovando a primazia das formas vernaculares na sua fala e a prioridade das formas normativas na voz feminina, a pequena diferença não aponta para uma significação relevante, o que corrobora com a nossa ideia de que o uso deste pronome não depende de sexo, porém de uma identidade cultural do povo *cruceño*. Desta maneira, concluímos que o prestígio se encontra nas peculiaridades de cada comunidade, podendo prevalecer variedades diferentes em regiões diversas.

5.2 Análise das variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas controladas não foram selecionadas pelo GoldVarbX como significativas, porém mostraremos os seus resultados apenas com o intuito de constatação dos dados colhidos.

Apresentamos a seguir a análise da variação *tú/vos* a partir dos resultados obtidos em rodada geral do programa estatístico GoldVarbX. Como já afirmado, foram consideradas as mesmas variáveis independentes, ou seja, 1. tempo verbal, 2. tipo de texto, 3. tipo de ocorrência, 4. tipo de verbo, e 5. determinação do referente. Entre os fatores extralinguísticos, enfatizamos as variáveis de 1. faixa etária, 2. sexo e 3. escolaridade. Tendo em vista que os fatores extralinguísticos já foram analisados, dedicaremos-nos nas próximas seções apenas aos aspectos linguísticos, respectivamente.

5.2.1 O tempo verbal

Um tempo verbal é a categoria gramatical que diz respeito ao momento do acontecimento dos fatos. Na maioria das línguas, a categoria gramatical de tempo é indicada nos verbos. O português tem formas verbais adequadas para distinguir três situações temporais, definidas a partir do momento de fala, ou seja, tempos passados, como ‘... [usó] toda la plata y [tuvo] que sacar más’, que se aplicam a fatos anteriores ao momento de fala; tempos presentes como ‘...[gasta] todo y [se queda] sin dinero’ e tempos futuros, que se aplicam a fatos posteriores ao momento de fala ‘...[gastará] todo y [se quedará] sin dinero...’.

Tabela 14 - Resultados de tú/vos na variável tempo verbal.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Tempo verbal		
- Presente indicativo	488/546	89.4
- Presente subjuntivo	34/36	94.4
- Gerúndio	1/2	50.0
- Imperativo	41/42	97.6
TOTAL:	564/626	90.1

Apresentamos inicialmente os resultados da variável tempo verbal que podem ser visualizados na tabela acima, tanto os valores absolutos como em percentuais no dois tempos verbais, no modo imperativo e na forma impessoal do gerúndio, selecionados nesta pesquisa por serem os de maior incidência do uso do vos na língua espanhola. O gerúndio teve incidência muito baixa nesta pesquisa, talvez pelo não favorecimento ao seu uso, graças ao fato de tratar-se de gravações entre entrevistador y entrevistado, oportunizando ao interlocutor, utilizar uma conjugação para fazer menção ao outro.

Considerando a atuação do tempo verbal na escolha da variante, verificamos que o pronome vos apresenta maior probabilidade de uso com o imperativo (97.6%), seguido do presente do subjuntivo (94.4%), do presente do indicativo (89.4%) e por último do gerúndio (50.0%) entre as ocorrências equivalentes a cada um desses tempos, modos e forma impessoal. Em relação ao tú, podemos observar uma predominância com o gerúndio (50.0%), seguida do presente do indicativo (10.6%), presente do

subjuntivo (5.6%) e do imperativo (2.4%). É válido ressaltar que com as formas impessoais (gerúndio, infinitivo e particípio), o *tú* e o *vos* só podem acompanhá-las na função de pronomes preposicionados ou representados pelos seus pronomes oblíquos que, neste caso, culminam no mesmo pronome (te), posicionados na forma enclítica. Normalmente esses casos levam a uma interpretação ambígua, pois dependendo do contexto, torna-se difícil detectar se o pronome oblíquo se refere à pessoa do *tú* ou do *vos*.

Destacamos, no entanto, que a tonicidade do gerúndio, quando acompanhado do pronome oblíquo (te) para substituir a pessoa do *vos*, recai na penúltima sílaba, diferente do que ocorre com o mesmo pronome quando está substituindo o *tú*. Neste caso, o acento recai na antipenúltima sílaba, ou seja, a palavra é proparoxítona, diferenciando-se notavelmente de quando se trata do *tú* ou do *vos*, como visto nos exemplos seguintes: **comprandote** (o pronome substituindo o *vos*) e **comprándote** (substituindo o pronome de segunda pessoa *tú*).

Em relação ao imperativo afirmativo se pode dizer o mesmo, o pronome se posiciona na forma enclítica e quando se refere ao *vos*, a tonicidade sempre recai para uma sílaba posterior em relação ao *tú*, tornando-se mais fácil identificar a qual das duas pessoas equivale o pronome oblíquo (te). Geralmente, o verbo seguido do pronome oblíquo na pessoa do *tú* forma uma palavra *esdrújula* ou *sobresdrújula*. As *esdrújulas* equivalem às nossas proparoxítonas e as *sobresdrújulas* correspondem a uma classificação que não existe no português, são aquelas que a tonicidade recai em uma sílaba anterior à antipenúltima. Esta última classificação, normalmente ocorre quando um adjetivo acentuado é transformado em advérbio ao acrescentar o sufixo “-mente”, como por exemplo, inútil > inútilmente. Se o adjetivo do qual deriva não leva acento, consequentemente o advérbio também não leva, como podemos observar em grave > gravemente. Outro caso de palavras *sobresdrújulas* é visto na junção de verbos com pronomes oblíquos: **resérvamelo**. Em ambos os casos, todas são acentuadas. No caso do verbo seguido do pronome oblíquo (te) substituindo o pronome pessoal do caso reto (*vos*), a palavra perde o acento porque há uma locomoção da tonicidade, tornando a palavra paroxítona terminada em vogal, que nunca é acentuada. Logo, podemos concluir que, nesses casos, o *tú* e o *vos* são reconhecidos pela discrepância de um acento tônico e gráfico. Como forma de exemplo, trazemos dois casos que bem revelam a diferença: 1. **Cómprate** esta película que es sensacional (*tú*) e 2. **Comprate** esta película que es sensacional (*vos*).

Com o intuito ilustrativo, podemos observar na fala da entrevistada 22, do SF, FE2 e NEA, o registro do imperativo afirmativo do verbo *suponer*, visto no exemplo seguinte: “...*mirá, si estás, suponet*e aquí en Santa Cruz...”, quando ela utiliza o verbo seguido do pronome oblíquo (te) que perde o acento porque a tonicidade, embora recaia na última sílaba, ao ganhar uma nova sílaba, aquí, no caso, o pronome oblíquo, passa a ser paroxítona terminada em vogal que, no español, não se acentua.

No caso do gerúndio, também observamos na fala da falante 23 do SF, FE2 e NEA, o exemplo “...*gracias a vos por estar aquí entrevistandome y en mi casa...*” que revela a ausência do acento gráfico pelo deslocamento da tonicidade em relação ao à conjugação do tú: entrevist**á**ndome (tú) > entrevist**and**ome (vos).

Considerando a discrepância entre os resultados, principalmente entre o uso do vos no imperativo e nos dois presentes, do indicativo e do subjuntivo, observamos que não há uma significância entre o uso deste pronome e o tempo verbal, forma impessoal ou modo, ou seja, nenhum deles é capaz de influenciar com maior veemência no uso do pronome de segunda pessoa do singular. Talvez isso se dê pelo fato de que o modo imperativo seja um tempo formado pelos dois presentes, do indicativo e do subjuntivo. Logo, a relação de semelhança entre os dois tempos que originam o modo imperativo reflete a maior incidência do uso do vos. O imperativo acaba sendo um modo que desempenha funções que um ou outro presente também o faz, como por exemplo, expresar ordens, desejos, fazer pedidos, dar instruções, suplicar, entre outros.

5.2.2 O tipo de texto

Apresentamos a seguir a análise do tipo de texto coletada na rodada geral do GoldVarbX. Os seguintes resultados foram obtidos para esta variável:

Tabela 15 - Resultados de *tú/vos* na variável tipo de texto.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Tipo de texto		
- Texto narrativo	22/23	95.7
- Texto descritivo	2/3	66.7
- Texto argumentativo	19/22	86.4
- Texto explicativo	521/578	90.1
TOTAL:	564/626	90.1

Observa-se um significativo predomínio do pronome *vos* nos textos narrativos (95.7%) e explicativos (90.1%), respectivamente, considerando que as perguntas das entrevistas, majoritariamente, levavam a que os entrevistados, de alguma maneira, contassem algo sobre alguma situação ou explicassem algo referente a Santa Cruz de la Sierra. Isso leva a crer que não se trata de uma tendência a usar o *vos* com algum tipo de texto específico, porém com a situação em que o interlocutor se encontra. Talvez se estivesse necessitando defender um ponto de vista, certamente utilizaria o *vos* em textos argumentativos. De fato, podemos encontrar nas entrevistas, momentos em que os entrevistados utilizavam o *vos* em textos argumentativos (86.4%) para defender as suas teses. Apesar desse tipo textual não encabeçar a lista de ocorrências do *vos* nesta pesquisa, observamos um percentual bastante relevante que não se distancia tanto dos que lhe antecedem.

A escolha dos temas abordados e das perguntas feitas aos entrevistados, proporcionaram um ambiente de informalidade, já que as perguntas giravam em torno de informações cotidianas de Santa Cruz de la Sierra, como por exemplo, falar de pontos turísticos, de pratos típicos, de como locomover-se na cidade, falar de segurança pública, tratar de hábitos em relação a horários, trabalho, trânsito e tratamento aos mais velhos, ou seja, assuntos que não exigiam relação de formalidade ou distanciamento entre os interlocutores.

Os temas abordados oportunizaram aos falantes situações propícias para utilizar os quatro tipos de texto avaliados nesta tese, ficando reservado ao texto narrativo, seguido do explicativo, as maiores incidências dentro das entrevistas. Considerando que estes últimos são tipos textuais característicos de situações informais, podemos atribuir esse fator como mais um responsável pelo alto índice da linguagem informal que predominou na nossa investigação.

É importante observarmos a presença do uso de pronomes de tratamento formais e informais pela entrevistadora como recursos de aproximação e distanciamento com o interlocutor, a fim de observar se a mudança refletiria na fala do entrevistado. Porém, considerando ter-se tratado de uma entrevista semi-dirigida, com perguntas feitas, na maioria dos casos, em primeira pessoa, o entrevistado ficava mais livre no momento de escolher o pronome de segunda pessoa que queria usar para dirigir-se ao entrevistador. Desta maneira, concluímos que a escolha entre o uso do *tú/vos* ficava a encargo do entrevistado e de como ele se sentia para fazer uso de um pronome in/formal.

Com o intuito ilustrativo, trazemos exemplos de trechos de algumas entrevistas para revelar casos de entrevistados pertencentes à NEA e à NEB que fizeram uso tanto de pronomes informais, *tú* ou *vos*, para referir-se ao entrevistador como do pronome formal, neste caso, o *usted*:

Informante 7 - SM, FE2, NEB

- ¿Qué cosas jamás podría decirle a un camba? Algo que le moleste, que no le guste, dígame pa que no meta la pata.
- A ver... bueno acá lo que, es como decirle, no... yo no me meto con ese camba, porque es un camba, es lo único que podemos decir, ¿no? Que **vos** no **podés** decirle camba porque se enojan algunos.

Informante 8 – SM, FE2, NEB

- Muy bien, voy a probarlo, pero ¿Cómo puedo llegar allá al río Piráí?
- Al río Piráí, depende si **usted tiene** vehículo propio **puede** llegar en vehículo propio, si quiere ir, **agarra** un taxi y...un radio móvil también lo lleva o si **quiere** irse en micro también, va el micro también, hay una línea que es la 26, si no me equivoco.

Nos dois primeiros exemplos observamos informantes do mesmo sexo, mesma faixa etária e mesmo nível de escolaridade fazendo uso de pronomes de tratamento diferentes para dirigir-se ao entrevistador. No primeiro, observamos em destaque o uso do pronome de segunda pessoa *vos*, enquanto que no segundo, o entrevistado dá preferência ao pronome *usted*, reservado a situações mais formais. Em ambos os casos, vemos que o entrevistador usa verbos em primeira pessoa para indagar os seus interlocutores, demonstrando uma linguagem imparcial, o que faz com que o falante tenha livre arbítrio para escolher a forma de tratamento que acredite ser a mais adequada naquele contexto.

Informante 10 – SM, FE2, NEA

- ¿Qué cosas le agradan a un cruceño? ¿Qué me puede decir de cosas que portándome así le agrado a un cruceño y cosas jamás podría hacer?
- Hay en el periódico fraternidad Algazanes, fraternidad Chiriguano, una serie de fraternidades y eso es típico del oriental porque en el occidente no existen las fraternidades. Entonces, al cruceño le gusta tener ese ratito de libertad de poder disfrutar con sus amigos, pero **oíte, tenés** todo el derecho y **tenés** toda la razón de que, muchas veces, estas reuniones son un escape para algo que no es correcto.

Informante 12 – SM, FE2, NEA

- ¿Y cómo llego a Cotoca? ¿Qué hago para desplazarme hasta ahí?
- Son veinte kilómetros de aquí, hay micros, taxis, de todos lugares salen y...bueno, **visita** la Virgen que es tan conocida, tan nuestra, que es la Virgen de Cotoca.

Nos exemplos acima, observamos informantes do mesmo sexo, mesma faixa etária e nível de escolaridade. O único fator que muda em relação aos dois primeiros exemplos é o nível de escolaridade, pois enquanto os entrevistados 7 e 8 pertenciam a um nível de escolaridade baixo, os 10 e 12 pertencem a um alto nível de escolaridade, mas independentemente do nível de escolaridade, detectamos os dois tipos de tratamentos em relação ao entrevistador, o formal e o informal.

5.2.3 O tipo de ocorrência

Na alternância *tú/vos*, os resultados da variável tipo de ocorrência na rodada geral mostram que o uso do pronome *vos* é favorecido nas ocorrências ternárias ou eneárias iguais, com (93,5%) dos registros, seguido das sequências binárias iguais (91.6%) e das ocorrências isoladas (89.7%), podendo o pronome estar explícito ou implícito nas orações. Já o *tú* é favorecido nas sequências ternárias ou eneárias diferentes (20%) conforme mostra a tabela:

Tabela 16 - Resultados de *tú/vos* na variável tipo de ocorrência.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Tipo de ocorrência		
- Ocorrência isolada	417/465	89.7
- Sequência binária igual	87/95	91.6
- Sequência binária diferente	13/15	86.7
- Sequência ternária ou eneária igual	43/46	93.5
- Sequência ternária ou eneária diferente	4/5	80.0
TOTAL:	564/626	90.1

Nota-se que quando o falante inicia o tópico discursivo com um determinado pronome, a tendência é continuar usando esse mesmo pronome até o final do discurso, motivo este comprovado nos resultados desta variável que aponta para uma predominância do *vos* em sequências ternárias ou eneária iguais, embora tenhamos detectado casos tanto de sequências binárias (86.7%) como ternárias ou eneárias diferentes (80.0%), as duas últimas posições de registros, respectivamente.

Embora tenhamos detectado sequências binárias e ternárias ou eneárias iguais como predominantes no uso do *vos*, podemos chamar a atenção para o fato de que o uso deste pronome encabeça a lista de registro de todos os tipos de ocorrências, trazendo à tona mais uma vez o predomínio deste pronome na comunidade de fala em questão.

Verificou-se ainda que em todas as sequências (binárias, ternárias e eneárias) há um predomínio de formas iguais, ou seja, aquelas que, ao iniciar o discurso com o *vos*, *tú* ou *usted*, o fazem até o final, sem alternância destes pronomes. As sequências binárias apresentaram 91,6% de formas iguais no uso do *vos* e 93,5% nas sequências ternárias ou eneárias, diferenciando-se do uso do *tú* que tem menor frequência de uso exatamente nestas duas sequências, 8,4% e 6,5%, respectivamente. Isto pode dever-se ao fato de que os *cruceños* que hoje fazem uso do *tú*, de acordo com os dados coletados nas entrevistas, o fazem graças a fatores externos como por exemplo: terem passado algum tempo estudando em uma determinada cidade andina ou ter contraído matrimônio com um andino ou andina e, assim, acabam alternando o uso dos dois pronomes. Esses dois exemplos foram casos vistos nas nossas entrevistas através de um informante que fez seu curso superior na capital do país, La Paz, como também há uma informante que contraiu matrimônio com um *paceño*, ou seja, habitante oriundo da cidade La Paz.

5.2.4 O tipo de verbo

Para a análise desse grupo de fatores, foram considerados os seguintes tipos de verbos: *dicendi*, epistêmico, de estado, de ação e outros. Na tabela 17 retomamos os resultados obtidos na rodada geral para essa variável que, embora não tenha se apresentado como significativa, mostraremos aqui apenas com o caráter ilustrativo:

Tabela 17 - Resultados de *tú/vos* na variável tipo de verbo.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Tipo de verbo		
- Verbos <i>dicendi</i>	41/43	95.3
- Verbos epistêmicos	19/20	95.0
- Verbos de estado	51/59	86.4
- Verbos de ação	400/449	89.1
- Outros	53/55	96.4
TOTAL:	564/626	90

Os resultados para essa variável mostram que outros tipos de verbos (96.4%) que não os *dicendi*, epistêmicos, de estado e de ação, seguidos dos verbos epistêmicos (95.3%) e de estado (95.0%) favorecem o uso do *vos*, respectivamente. Independente do tipo de verbo, podemos observar uma predominância do *vos* em relação ao *tú*. Concluimos que esta variável não é relevante no momento de atribuir um uso mais significativo de algum tipo verbal associado ao pronome *vos*.

Talvez o fato de o entrevistador fazer sempre perguntas sobre a cidade de Santa Cruz de la Sierra aos interlocutores, normalmente relacionadas a pontos turísticos, economia do país, educação, saúde, culinária, transporte, segurança, entre outros temas, oportunizava aos entrevistados utilizar verbos *dicendi* (dizer, falar, contar, explicar, responder, perguntar, conversar) para dar algumas instruções ou explicações, como no exemplo encontrado na fala do informante 2 quando afirma: “*Si me **decís** cambia yo no me enojo*” para explicar sobre um aspecto cultural da sua comunidade e epistêmicos (pensar, saber, conhecer, acreditar, lembrar, imaginar) para opinar ou emitir um juízo de valor, como na fala do entrevistado 11 ao perguntar: “*¿Qué tal? ¿Cómo lo ves? Vos que lo **conocés***” nas respostas.

Apesar dos verbos de ação ser bem recorrentes, nas entrevistas ele não apareceu entre os primeiros postos porque as perguntas eram mais propícias a emitir opiniões, dar explicações e orientações do que indicar ações propriamente ditas.

5.2.5 A determinação do referente

Em relação à determinação do referente, podemos observar os seguintes dados coletados na rodada geral do programa GoldVarbX, conferidos na tabela abaixo:

Tabela 18 - Resultados de *tú/vos* na variável determinação do referente.

Grupo de fatores	Vos	
	Aplic./T	%
Determinação do referente		
- Referência direta ao interlocutor	361/397	90.9
- Referência indeterminada	203/229	88.6
TOTAL:	564/626	90.1

Observa-se uma prevalência na distribuição dos dados: os pronomes determinados representam 90.9% e os indeterminados apenas 88.6% do total de

ocorrências. Essa diferença no número de ocorrências determinadas e indeterminadas pode estar relacionada ao tipo de amostra analisada, pois as entrevistas aplicadas centravam-se em colher informações sobre a cidade de Santa Cruz de la Sierra, fazendo com que o locutor - a primeira pessoa (eu) – ao indagar o interlocutor - a segunda pessoa (*tú/vos*), favorecia o uso do pronome de segunda pessoa do singular para referir-se ao entrevistador. Os pronomes de segunda pessoa quando são usados nesse contexto normalmente apresentam uma referência determinada, pois o falante normalmente vai se reportar ao outro tratando-o por *tú* ou *vos*. Como as perguntas eram sempre sobre aspectos turísticos, culinários, políticos, econômicos, de segurança, sobre transportes ou temas que favoreciam que o entrevistado fizesse menção ao entrevistador, consequentemente, lhe oportunizava momentos de utilizar a segunda pessoa para fazer-lhe menção.

Apesar da determinação do referente não ter se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome *tú/vos*, pudemos mais uma vez verificar a predominância do uso do *vos* tanto nos registros das ocorrências determinadas como nas indeterminadas, confirmando as hipóteses deste trabalho ao defender que este pronome de segunda pessoa é predominante na cidade de Santa Cruz de la Sierra.

A referência direta ao interlocutor é consequência de uma interação mais pessoal por estar fazendo menção direta com quem se interage e, consequentemente, menos formal. Em contrapartida, a referência indeterminada é menos pessoal, já que se dirige a pessoas de forma generalizada, englobando desconhecidos e por isso, exige uma relação de maior formalidade. Esse processo foi confirmado nesta tese quando observamos o alto índice do tratamento de segunda pessoa do singular *tú/vos* nas entrevistas, revelando uma relação de maior informalidade entre entrevistado e entrevistador.

5.3 Análise qualitativa

Com o intuito ilustrativo, revelamos a seguir a análise qualitativa desta investigação, ou seja, uma amostra da fala de cada um dos entrevistados em Santa Cruz de la Sierra, constituídas por um trecho da gravação de cada entrevistado juntamente com a sua análise, a fim de mostrar a predominância do pronome *vos* nesta comunidade de fala. Seguem abaixo as transcrições escolhidas de partes das entrevistas:

Informante 1

- Puedo mandar entrar una persona que ya la conozco, sin avisar al dueño de la casa?
- No, no *podés*.
- Por qué?
- Por motivo que tiene que ser el aviso inmediato.
- Por ejemplo, si llega alguien aquí, vos sabés que es primo, hermano, de la familia o un gran amigo del morador, ¿no podés dejarlo pasar sin avisar?
- Se puede dependiendo del grado de visita que tiene *contigo*.
- No, no *podés*.
- Por qué?
- Por motivo que tiene que ser el aviso inmediato.
- Por ejemplo, si llega alguien aquí, vos sabés que es primo, hermano, de la familia o un gran amigo del morador, ¿no podés dejarlo pasar sin avisar?
- Se puede dependiendo del grado de visita que tiene *contigo*.

No fragmento acima, referente à entrevista realizada com o informante 1, SM, FE1 e NEB, podemos atestar um caso de variação quando ele, em um primeiro momento, utiliza o paradigma verbal do presente do indicativo equivalente ao vos, destacado na sua primeira resposta “*No, no podés*”, e, em seguida, faz uso do pronome preposicionado *contigo*, referente à pessoa do *tú* quando, na verdade, poderia ter utilizado o pronome preposicionado correspondente ao vos, ou seja, “com vos” e não “*contigo*”.

Nesta entrevista, podemos observar um caso de variação ao registrar na fala deste informante que, talvez pela influência de pais *collas*, fez uso do *tú* como segunda pessoa do singular em substituição do vos em algum momento de sua fala. Porém por ser *cruceño* e viver em Santa Cruz desde seu nascimento, traz consigo a forte herança do vos que foi predominante na sua entrevista.

Este informante, pertencente ao SM, FE1 e NEB, corroborou com a nossa hipótese de que os mais jovens fazem uso do vos com mais espontaneidade que os mais velhos com interlocutores de menor grau de conhecimento. Desde o início registramos a predominância do pronome vos na sua fala, embora também tenhamos observado a utilização do *usted* algumas vezes e o registro isolado do *tú*, como já dito. Observemos um trecho de sua fala que revela a mistura dos três pronomes aqui citados:

¿Cuáles serían las mejores formas de desplazarme aquí en Santa Cruz?

Como *veás* conveniente. *Vos, podés* tomar um taxi, están los autobús.

¿Los autobuses funcionan las 24 horas?

No, sólo diecisiete horas. Algunos de las 4 hasta máximo la medianoche.

O sea que para volver de una fiesta, ¿qué hago?

Sí o sí *tenés* que tomar un taxi o pedir un radiomóvil.

¿Volver en taxi a esta hora es más arriesgado que tomar un taxi de día?

Depende de la zona donde *viva*. Si *tú vives* en una zona céntrica no *corrés* mucho peligro de asalto.

Podemos testificar na sua fala a predominância do uso do *vos* ao usar “*veás, vos podés, tenés* e *corrés*”, destacados no trecho retirado da sua fala, mas também registramos um caso do pronome *tú* quando diz “*tú vives*” e um caso do *usted* no verbo “*viva*”. Logo, em relação à variável tipo de verbo, podemos observar na sua fala a primazia do presente do indicativo, tempo verbal que ocupa o terceiro lugar da lista de tempos/modos verbais analisados com 89.4% dos usos. Quanto à variável tipo de texto, é notável a recorrência do texto explicativo na sua entrevista como recurso apropriado responder às perguntas a ele direcionadas que, de fato, exigiam dele dar explicações sobre o seu trabalho e sobre a melhor forma de locomover-se na cidade.

Em relação ao sexo, podemos confirmar o maior descuido com a forma normativa da língua e, conseqüentemente, o distanciamento das formas mais conservadoras em prol daquelas mais inovadoras, em que se encontra o pronome *vos*, como forma descendente do sul da Espanha, mais especificamente, da Andaluzia, de onde chegaram muitos colonizadores na América Latina que, linguisticamente falando, se distanciavam dos povos mais próximos da Corte.

Quanto à escolaridade, também observamos o menor receio em iniciar uma conversação fazendo uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, *tú* e *vos*, para fazer menção ao entrevistador. Embora saibamos que uma pessoa pertencente a um nível de instrução mais elevado também o faria, talvez deixasse para fazê-lo após um tempo de iniciada a conversação. Apesar de estarmos traçando aqui algumas diretrizes básicas para o uso do pronome *vos*, é bom deixarmos claro que isso é bastante relativo e que não podemos fazer disso uma regra, tendo em vista que alguns, ora mais ora menos escolarizados, sentem-se mais à vontade de fazer uso do *vos*.

Informante 2

- Una vez me sucedió justamente a mí. Un amigo me dijo: “vos sos un colla y mierda”, me dice, ¿no?
- Ya pues, le dije, pero no soy colla, le dije, estoy tranquilo, ¿no? Yo soy camba.
- Sos un camba y mierda entonces que no *sabés* hacer nada.
- Y vos un colla y mierda. Se enojó más conmigo, quería nomás enojarme. Bah, le dije, *tranquilizate*, yo no me estoy enojando porque me *decís* camba y mierda, le dije, yo estoy tranquilo, contento porque me *decís* camba y mierda y vos *te enojás* que yo te diga colla y mierda.

No trecho retirado da entrevista feita com o informante 2, do SM, FE1 e NEB, é possível observar a predominância do uso do *vos* pronominal e verbal, registrados no presente do indicativo e no imperativo. Chama a atenção o último destaque, “*vos te enojás*”, que mostra a carência do *vos* em relação a pronomes oblíquos e possessivos a ele disponíveis, ocorrendo um empréstimo daqueles equivalentes à pessoa do *tú*.

Também destacamos o verbo “*tranquilizar*” utilizado no imperativo afirmativo (*tranquilizate*) que, só revela estar conjugado na pessoa do *vos* pela carência da acentuação gráfica que haveria, caso estivesse representado pela pessoa do *tú* (*tranquilízate*). Isso se deve ao fato de que, a pessoa do *tú* do imperativo afirmativo deriva do presente do indicativo sem o –S da terminação (*tranquilizas*>*tranquiliza*). A tonicidade recai na penúltima sílaba, ou seja, trata-se de uma palavra paroxítona (*tranquiliza*). Ao acrescentarmos o pronome oblíquo “*te*”, a sílaba tônica permanece sendo a mesma e, conseqüentemente, passa a ser uma palavra proparoxítona e acentuada (*tranquilízate*) na pessoa do *tú*. Na pessoa do *vos*, a tonicidade recai na última sílaba do verbo (*tranquiliza*) e, ao receber o acréscimo do pronome oblíquo, passa a ser paroxítona terminada em vogal que, por sua vez, não é acentuada (*tranquilizate*). Logo, a diferença que marca as conjugações do *tú* e do *vos* é o acento gráfico, possibilitando a identificação da preferência por um ou outro que também é notável na oralidade graças à tonicidade dada à pronúncia.

Quanto à variável determinação do referente, podemos chamar atenção para a primazia da entrevista em relação ao uso do pronome de segunda pessoa, *vos*, de forma direta ao seu interlocutor, como visto no exemplo que segue ao indagar o entrevistador: “¿**Vos sos camba?**” e na maior parte da entrevista que, quando não faz menção direta ao

interlocutor, dirige-se a uma segunda pessoa em forma de discurso indireto, ou seja, ao reproduzir a conversa ocorrida entre ele e um amigo.

Tratando-se da variável faixa etária, o informante, por incluir-se no grupo entre 25 e 50 anos, obedece plenamente o esperado, ou seja, distanciamento das formas conservadoras em detrimento das mais inovadoras que também é característica das pessoas do sexo masculino. Logo, ele confirma nossas hipóteses de que estes grupos dariam preferência ao uso do *vos* e não do *tú* ou do *usted*.

Quanto à escolaridade, o informante enquadrado do grupo dos mesmos escolarizados, ou seja, classificado entre aqueles com ensino fundamental incompleto, apresenta total descontração para utilizar o *vos* sem nenhum protocolo.

Informante 3

- ¿Cuáles son los riesgos más probables a un morador que llega a un lugar sin portero?
- O sea que te pueden... como no *tenés* guardia, digamos, no *tenés* que... no hay quien *te* abra la reja, en primer lugar, digamos, *te* tendría que bajar de *tu*

No recorte desta entrevista, verificamos uma vez mais a predominância do *vos* no presente do indicativo, tempo verbal mais recorrente nesta pessoa, além dos pronomes oblíquos e possessivos pertencentes à pessoa do *tú*, dos quais o *vos* faz empréstimo por não possuir pronomes específicos a sua pessoa.

O que mais chama a atenção nesta amostra é a sua ocorrência no *futuro imperfecto* do indicativo que, embora não seja tão comum, se amplia em regiões *voseantes* a tempos verbais menos atuantes nesta pessoa. É válido ressaltar que exceto nos dois presentes e no imperativo afirmativo, nos demais tempos verbais, a pessoa do *vos* se confunde à do *tú* por fazerem uso de uma mesma conjugação, a do *tú*. Para melhor exemplificar, podemos observar a conjugação do *futuro imperfecto* do verbo *querer*, utilizado pelo entrevistado no trecho acima, nas pessoas do *tú* e do *vos*: *tú querrás* e *vos querrás*. A coincidência ocorre pelo fato do *vos* derivar da conjugação do *vosotros* sem o *-i* da desinência. Logo, em *vosotros querréis*, ao eliminar o *-i* da terminação, temos o resultado: *vos querrés*, coincidindo com a conjugação do *tú*.

O informante 3, do SM, FE1 e NEB, revela total espontaneidade em utilizar o *vos* e o faz do início ao fim, confirmando mais uma vez maior desprendimento deste grupo em utilizar este pronome, embora o interlocutor não seja íntimo.

No tocante à varável tipo de ocorrência, analisada entre as variáveis controladas nesta investigação, observamos na fala deste entrevistado o uso de uma sequência ternária igual ao verificar a repetição do pronome vos por três vezes consecutivas de forma implícita ao tratar sobre algumas medidas tomadas no condomínio: “*Visita que entre, le **tenés** que pedir identificación, **tenés** que anunciar a la visita que este ingresando, te llega la correspondencia **tenés** que entregar lo más rápido posible...*”. Esse registro revela na fala deste interlocutor o aparecimento da sequência que encabeça as classificações desta variável com 93.6%, as ocorrências dos paralelismos ternários iguais: “... (vos) le tenés..., ...(vos) tenés que anunciar... e ... (vos) tenés que entregar...”.

A variável escolaridade, que aqui se revela através de um informante com nível de instrução mais baixo, ou seja, classificado no grupo dos entrevistados com nível fundamental incompleto, também impulsiona à utilização do vos de forma mais espontânea do que aqueles que se englobam no grupo dos mais escolarizados. Estes o fazem com mais receio quando o interlocutor não é alguém mais próximo. Não estamos afirmando que aqueles pertencentes a uma classe social mais elevada não façam uso do vos, muito pelo contrário, porém tratam de fazê-lo quando têm uma relação mais estreita com alguém, embora não consigam limitá-lo a esse contexto e acabem utilizando-o como forma de identidade cultural.

Informante 4

- ¿Me puede decir algunas cositas sobre hábitos cruceños?
- Éste...por ejemplo, si *estás* comiendo, siempre cuando uno se levanta, provecho dice y a la demás gente le va a decir: gracias, y ya uno se retira. *Vos terminaste de comer y querés levantarte*, digamos, *decí* provecho. Le *decís* a la demás gente y ya *te* van a decir gracias, es como decir permiso, ya me estoy levantando, ya terminé, dice provecho, eso digamos. Y normalmente dirigirse a las personas mayores con usted, no hablarle con...a los pelados nosotros nos decimos: *oye...* vos..., pero a los mayores, usted, les decimos, por una forma de respeto.

Uma vez mais pudemos detectar nesta amostra de entrevista a predominância pronominal e verbal equivalente ao vos, porém não podemos ignorar o uso do verbo *estar* que, para muitos, fica classificado dentro de um grupo de paradigma duvidoso por

tratar-se de um dos poucos verbos que a forma do *vos* coincide com a conjugação do *tú*, tornando ambígua a sua utilização.

O entrevistado do SM, FE1 e NEA, estudante universitário reflete a tendência *cruceña* de utilizar o *vos*, revelando novamente a grande incidência do *vos* no presente do indicativo e imperativo, porém, temos um caso a destacar ao detectar sua abrangência ao pretérito indefinido quando ele diz: “*Vos terminaste*”. Também torna-se difícil a compreensão deste uso que leva a crer que o *vos* está acompanhado da forma verbal do *tú*. Porém, é sabido que a conjugação do *vos*, cada vez mais tem se abrangido a outros tempos verbais que acabam compartilhando a conjugação do *tú*.

Volta a aparecer o pronome oblíquo peculiar ao *tú* para referir-se ao *vos*. O que mais chama a atenção aqui é a variação encontrada na alternância, dentro do mesmo discurso, entre o *tú* e o *vos* quando ele diz: “*oye...vos...*”, utilizando a conjugação verbal do imperativo referente ao *tú*, com o pronome *vos*, quando na realidade, a conjugação equivalente ao *vos* é: “*oí...vos...*”. Isso provavelmente tenha se dado pelo fato do informante ser filho de mãe *camba* e pai *colla*, união que poderá ter influenciado na sua variedade linguística. Na coleta dos nossos resultados, observamos que o uso do pronome *tú* foi o menos recorrente, sendo a alternância maior entre o uso do *vos* e do *usted*.

Em relação à variável tipo de texto, controlada na análise desta tese, pudemos constatar na fala deste entrevistado a predominância do texto explicativo ao fornecer esclarecimentos sobre lugares a visitar, meios de transporte mais seguros, costumes da sua cultura, entre outros temas que o levavam a dar explicações.

Informante 5

- ¿Cómo puedo llegar a Porongo?
- Bueno, *tendrás* que preguntar *vos* a alguna persona que haya estado allá o en las agencias turísticas también te dan el dato para que *vos podás* ir.
- ¿Cuáles son los hábitos básicos del cruceño?
- *Mire*, la verdad el cruceño es impuntual, a veces maleducado y que también influye mucho la clase, por ejemplo, hay personas que no tienen cultura, no se da respeto.

Torna-se notável a abrangência do *vos* a outros tempos verbais que não os mais destacados pela norma padrão. Esta ressalta o uso deste pronome, principalmente nos dois presentes, do indicativo e do subjuntivo e, conseqüentemente, no imperativo. Porém, como já visto em entrevistas anteriores, surge nesta, o uso do *vos* no *condicional*, como observado no exemplo destacado na primeira resposta do entrevistado: “*tendrías* que preguntar *vos*”. Casos como este acabam gerando certa ambigüidade em relação à pessoa à qual equivale, pois, por revelar um paradigma que coincide com o da conjugação verbal peculiar à do *tú*, acarreta dúvidas em relação a qual das duas pessoas se refere. No final da mesma resposta, aparece o uso do *vos* com a conjugação do verbo poder no presente do subjuntivo: “...para que *vos podás*”.

Quanto à variável determinação do referente, podemos constatar o uso do pronome de segunda pessoa do singular, *vos*, fazendo referência direta ao seu interlocutor, visto em um dos usos do recorte acima, retirado da entrevista feita com este falante do SM, FE1 e NEA: “Bueno, tendrías que preguntar **vos** a alguna persona que haya estado allá, ¿no?”

Na segunda resposta, vemos que o entrevistado faz uso da conjugação do verbo mirar no imperativo afirmativo na pessoa do *usted*, diferenciando a linguagem predominante de todo o diálogo que se deu com o *vos*. Na verdade, como comprovado nas gravações, pudemos atestar que o *usted* não é um pronome que corresponde apenas a um tratamento mais formal, logo, pode contrastar com o *vos* em muitas ocasiões como por exemplo, entre irmãos, entre casais de namorados, de marido e mulher, entre amigos e até mesmo de filho para pais ou avós. Da mesma maneira, o *vos* não é sinal de menor respeito, até mesmo por tratar-se da variedade de prestígio na comunidade de fala investigada, mas de um pronome reservado a situações de maior intimidade e confiança entre os interlocutores. Porém, é válido destacar que nos casos de maior formalidade, o *vos* não substitui o *usted*.

Desta maneira, concluímos que o fato de observarmos o uso do pronome *vos* em relações mais íntimas, como as citadas anteriormente, não significa que se descobriu o registro de uma situação de desrespeito, pois na verdade, trata-se da variedade de prestígio local para referir-se a alguém como, por exemplo, nas relações entre filhos e pais ou entre netos e avós e qualquer outra que implique uma relação menos formal e protocolar. Também é comum encontrar um casal de noivos ou um grupo de amigos se tratarem por *usted*, fenômeno habitual, mas que não implica em uma relação distante ou protocolar.

Informante 6

- Hableme, por favor, un poco de ese trabajo que está ejecutando.
- Pues *mire*, yo tengo un fin digamos, ¿no? que es defender el tema de la identidad del oriente boliviano. Yo creo que la forma de hablar de la gente del oriente boliviano es parte, pues, de esa identidad cultural.

O discurso do informante 6, do SM, FE1 e NEA, foi marcado por uma homogeneidade do início ao fim, caracterizada pelo uso do pronome *usted*, como pode ser apreciado no início de sua resposta quando diz: “Pues, *mire...*”, ficando em destaque a referência que faz através do paradigma do imperativo afirmativo equivalente a esta pessoa. Mais uma vez chamamos a atenção para o fato de que, não necessariamente estava fazendo uso de um tratamento formal, mas conservando o cuidado de não invadir a intimidade do entrevistador, preferiu preservar-se fazendo uso do *usted*.

Talvez por tratar-se de um informante pertencente a um grupo mais escolarizado, com nível superior completo e pós-graduação e, naquele momento, encontrar-se na condição de entrevistado, viu-se “obrigado” a manter um padrão mais conservador e formal.

No que concerne à variável tipo de texto, podemos verificar na sua fala a recorrência do texto narrativo quando o entrevistado faz um relato do trabalho desenvolvido por ele e das modificações dos acontecimentos ocorridos do passado aos dias atuais. Isso pode ser exemplificado no recorte de sua fala aqui exposta.

Em relação ao sexo, o informante se enquadra no grupo do sexo masculino, mas distorce a ideia de Labov (1972) de que as mulheres tendem a seguir uma forma mais prestigiosa que os homens. Este informante trouxe à tona um padrão conservador do princípio ao fim, dando primazia ao uso do *usted* em substituição do *vos*. Talvez isso se tenha dado pelo próprio caráter que inspira o gênero entrevista. Quando os interlocutores não se conhecem, coloca-se em primeiro plano um tratamento que mantém certo distanciamento em relação ao outro e o exime da culpa de estar tratando o outro com certa intimidade.

Informante 7

- ¿Qué cosas jamás podría decirle a un *camba*?
- A ver... yo no me meto con ese *camba*, porque es un *camba*, es lo único que podemos decir, ¿no? Que vos no *podés* decirle *camba* porque se enojan algunos.
- ¿A sí? Aunque sea *camba*. ¿Y por qué eso?
- Porque... No sé... le decimos este *camba*...por esa costumbre no? Por así yo digo a veces: “*Oí, ¿qué tal si nos vamos donde este *camba*? A tomar unos traguitos o unos canelados...*”

Neste exemplo podemos verificar o uso do paradigma pronominal e verbal do *vos*, tanto no presente do indicativo como no imperativo afirmativo, respectivamente, quando o entrevistado diz: “*Que vos no podés decirle *camba*...*” e “*Oí, ¿qué tal si nos vamos donde este *camba*?*”.

Observamos na fala deste entrevistado o uso do *vos*, confirmando a nossa hipótese de que tanto pessoas do grupo mais jovem como as do mais velho fazem uso deste pronome.

Aqui confirmamos que o grau de instrução também influencia na sua utilização, ou seja, verificamos que as pessoas pertencentes a uma classe social mais baixa o usam com mais naturalidade e rapidez que aquelas de uma classe social mais elevada que, por sua vez, não foge deste mesmo padrão, porém sentem-se mais inibidos para quebrar as primeiras barreiras ao iniciar uma conversação. Logo, concluímos que tais características se adequam às deste entrevistado que não hesita em iniciar a sua fala trantando o entrevistador por *vos*, embora faça parte do grupo de faixa etária dos maiores de 60 anos.

No entanto, observamos que a faixa etária não é fator fundamental no momento de escolher o pronome a ser utilizado para tratar uma segunda pessoa do singular, porém, aliado à escolaridade, verificamos que quanto maior o nível de instrução, maior resistência a escolher o *vos* em um momento inicial da conversa. Neste caso, como o informante está classificado em um grupo de pessoas menos escolarizadas, não fazia este policiamento de forma tão acirrada.

Neste trecho ele explica que, apesar de ser *cruceño*, as pessoas se aborrecem de ser chamadas de *camba* porque muitas vezes tal atribuição adquire sentido pejorativo. Aqui podemos observar, quanto à variável determinação do referente, um caso de

referência indeterminada quando o falante afirma: “*Que vos no podés decirle cambia porque se enojan algunos*”. Vemos que o *vos*, neste caso, não se dirige ao seu interlocutor imediato, mas a uma pessoa qualquer que aja desta maneira.

Informante 8

- ¿Cómo puedo llegar allá al río Piráí?
- Al río Piráí, depende si *usted tiene* vehículo propio *puede* llegar en vehículo propio, si quiere ir, *agarra* un taxi y...un radio móvil también lo lleva o si *quiere* irse en micro también va el micro, hay una línea que es la 26.

Nesta entrevista, realizada com um falante do SM, FE2 e NEB, verificamos a quase totalidade do paradigma verbal do presente do indicativo equivalente ao *usted*: *usted tiene*, *usted puede*, *usted quiere*, mas neste trecho, também observamos a presença do imperativo afirmativo do verbo *agarrar*: “*agarra* un taxi”, revelando o uso da pessoa do *tú* que, no imperativo afirmativo, deriva do presente do indicativo sem o *S* final, *tú agarras* > *agarra tú*.

No caso deste informante, devemos considerar o fator idade como fundamental no momento de escolher a variação do *usted* no lugar do *vos*. Como se trata de uma pessoa enquadrada no grupo dos maiores de 60 anos, entende-se que obedece às normas que defendem o predomínio do *usted* entre aqueles com quem não se estabeleceu relação de muita intimidade. Neste caso, o informante não se sentiu à vontade para fazer uso do *vos* para dirigir-se a um interlocutor a quem ele via pela primeira vez, além do próprio gênero em questão, a entrevista, que pode inibir o informante por acreditar que deve ser o mais formal possível durante a gravação.

Em relação ao sexo, podemos observar que o informante não corroborou com a tese de que o sexo feminino se utiliza mais das formas inovadoras que o homem, embora isso não impeça nem queira dizer que os homens não podem fazer uso de uma linguagem mais conservadora.

É possível registrar na sua fala apenas um momento em que o informante faz uso do *vos*, porém, tal constatação se faz presente ao ser indagado sobre a ocasião em que ele utilizaria o pronome *vos*. Então, ele exemplifica através de um discurso indireto, quando diz “...*no me digás señora, señorita o don, habláme de vos*”, simulando a voz de

uma terceira pessoa para mostrar que só se deve tratar alguém desconhecido por *vos* quando a pessoa solicita que se use esta forma de tratamento.

Informante 9

- ¿Qué significa decirle pues que es colla? ¿Por qué se molesta?
- Es que así es la raza de esa gente pues, porque *vos* no *podés* decirle colla al que es colla, ¿no? o indio, la mayoría le dicen indio, por decir elai, estos de acá de Camiri, chauanco.
- ¿Qué es chauanco?
- Es un decir porque ellos son cordillera, ¿no? Y ahí uno...los más éste... es que uno le dice chauanco. Como *bajandolas* a esas personas, ¿no?

Podemos ver a presença do *vos* pronominal e verbal em praticamente todo o discurso do informante 9, do SM, FE2 e NEB, chamando a atenção para a maneira que o *vos* afeta inclusive a tonicidade do gerúndio. Essa forma impessoal não leva acento por ser uma palavra paroxítona terminada em vogal (**bajando**). Considerando essa ausência do acento gráfico, é válido ressaltar que, após o acréscimo do pronome oblíquo, o gerúndio mantém a tonicidade na mesma sílaba de antes de agregar-lhe o pronome. Ao ser acrescentado dito pronome oblíquo, o gerúndio deveria ganhar um acento por transformar-se em uma palavra proparoxítona que, por sua vez, todas são acentuadas (**bajando** > **bajándole**). Porém a tonicidade do gerúndio, ao seguir o paradigma do *vos*, recai para a última sílaba do verbo (**bajando**), perdendo então o seu acento gráfico já que se converte em uma palavra paroxítona terminada em vogal que não é acentuada (**bajando** > **bajandole**).

Este informante, pertencente a um grupo de menor grau de instrução, sente-se à vontade de iniciar o discurso utilizando a forma do pronome *vos* e, apesar da faixa etária a qual pertence (maiores de 60 anos) que, muitas vezes, o faria eleger uma variedade mais conservadora, escolhe uma linguagem mais inovadora, sem muito protocolo no momento da escolha do pronome dirigido ao entrevistador, levando-o a utilizar o pronome *vos*.

Percebe-se aqui um caso de muito bairrismo, de um informante que traz consigo as raízes de lugar de forma muito arraigada, fazendo uso exacerbado do pronome *vos* como revelação de uma identidade cultural.

No tocante à varável tipo de ocorrência, mais uma vez se comprova através da fala deste entrevistado o uso de uma sequência ternária igual ao verificar a repetição do pronome *vos* por três vezes consecutivas de forma implícita ao mencionar alguns lugares para visitar na cidade: “*Aquí **podés** visitar el Parque Urbano, **podés** visitar todos esos parques, plazuelitas, La Fátima y **podés** ir al Paln 3000*”. Neste trecho de sua fala observamos o registro da sequência predominante nesta variável, encabeçando a lista com 93.6% das ocorrências dos paralelismos ternários: “... (vos) **podés** visitar..., ...(vos) **podés** visitar... e ... (vos) **podés** ir...”. Apesar de o pronome pessoal de segunda pessoa do singular, *vos*, não aparecer explicitamente na sua voz, podemos identificá-lo facilmente pela conjugação proveniente da segunda pessoa do plural do presente do indicativo sem o *–i* da terminação, ou seja, da forma *vosotros podéis*, obtemos ***vos podés***.

Informante 10

- ¿Qué me puede decir de cosas que portándome así le agrado a un cruceño y cosas jamás podría hacer?
- *Fijese usted*, hay en el periódico fraternidad Algazanes, fraternidad Chiriguanos, una serie de fraternidades y eso es típico del oriental porque en el occidente no existen las fraternidades. Entonces, al cruceño le gusta tener ese ratito de libertad de poder disfrutar con sus amigos, pero *oíte*, *tenés* todo el derecho y *tenés* toda la razón de que, muchas veces, estas reuniones son un escape para algo que no es correcto.

Na entrevista deste informante do SM, FE2 e NEA, notavelmente, detecta-se a predominância do pronome de tratamento *usted*, tendo em vista que ele mesmo afirma conseguir utilizar o *vos* apenas em ocasiões de maior intimidade. Porém, registramos algumas ocorrências do *vos* pronominal e verbal, respectivamente, em que ele elege este pronome para fazer menção ao entrevistador. Na primeira, surge o uso do imperativo afirmativo do verbo *oír* associado ao pronome equivalente à pessoa do *tú*, tendo em vista que o *vos* não possui um pronome oblíquo peculiar a sua pessoa, “...pero ***oíte***, *tenés todo el derecho*...”. Logo, observamos a formação do imperativo pela retirada do **R** do infinitivo e da sua consequente acentuação gráfica.

Em seguida, vemos a repetida utilização do verbo *tener* no presente do indicativo, também na pessoa do *vos*, constituída pela conjugação da pessoa do *vosotros*

com a eliminação do *-i* da desinência, “...y **tenés** todo el derecho y tenés toda la razón...”. Também detectamos, neste trecho, a presença do verbo *fijarse* conjugado no imperativo afirmativo equivalente à pessoa do *usted*, “**Fíjese** usted, hay en el periódico...”, revelando uma variação linguística que oscila entre um tratamento mais formal, representado pelo uso do *usted* e o outro informal, aqui registrado pela pessoa do *vos*.

Nesta entrevista, quanto à variável tipo de texto, podemos constatar mais uma vez a primazia do texto explicativo no decorrer de sua fala, talvez pelas oportunidades ofertadas pelo próprio teor das entrevistas que favoreciam estar esclarecendo algo sobre a cidade de Santa Cruz de la Sierra, fosse em relação à segurança, costumes, transportes, lugares ou comidas típicas. Os textos explicativos ocupou a segunda posição com 90.1%, perdendo apenas para os textos narrativos com 95.7% dos registros.

Diferentemente do que ocorreu com o informante anterior, observamos neste entrevistado características semelhantes e diferentes do tocante à idade e nível de instrução, respectivamente, ou seja, ambos pertencem a um mesmo grupo etário, pessoas maiores de sessenta anos, mas a níveis de instrução diferentes. Este informante, enquadrado no grupo de pessoas com nível médio ou superior completo, sendo este com nível superior, afirma inicialmente não conseguir tratar a uma pessoa desconhecida por *vos*, porém o faz ao despreocupar-se com o policiamento inicial de tratar a um desconhecido por *usted*, como se não pudesse ser arrancado da sua variedade linguística a forma do pronome *vos*, ou seja, trata-se de algo que está arraigado e não pode ser evitado.

Informante 11

- Ayer entrevisté a una persona mayor, hablamos por cuarenta minutos y tuvo dificultades en vosearme
- Te voy a decir una cosa: sos muy peladita como pa que yo te diga *usted*. Yo te hubiera dicho al comienzo, *usted*, y de rato, te iba a decir *vos*, *vos* Tatiana.

Como pode ser observado na resposta deste falante do SM, FE2 e NEA quando o entrevistador comenta sobre a dificuldade de outro entrevistado maior de 60 anos em utilizar o *vos* para dirigir-se ao seu interlocutor, ele foi bastante claro sobre a influência do fator idade. Para ele, a diferença geracional promoveu a facilidade em tratar o seu

interlocutor por *vos*, justificando que a diferença de idade entre entrevistador e entrevistado era grande o suficiente para que ele se sentisse à vontade para dirigir-se ao seu interlocutor usando um pronome reservado a tratos informais.

No início desta amostra escolhida, vemos o uso do verbo *ser* no presente do indicativo na pessoa do *vos*, “...*sos muy peladita como pa que yo te diga usted*”. Logo após ele faz uso deste mesmo pronome na função de pronome sujeito para dirigir-se ao entrevistador, “*Yo te hubiera dicho al comienzo, digamos, usted y de rato te iba a decir vos, vos Tatiana*”.

O uso repetido do *vos* como pronome sujeito na frase “...*de rato te iba a decir vos, vos Tatiana*”, caracteriza uma ocorrência binária igual, ou seja, o registro repetido por duas vezes do mesmo pronome. Essa sequência consta em segundo lugar dentre as classificações desta variável, com 91.6% das ocorrências, perdendo apenas para as ternárias ou eneárias iguais que ocuparam a casa dos 93.6%.

A partir desse comportamento, concluímos que o fator idade exerce um peso muito grande no momento da escolha da variedade linguística e, embora outro entrevistado deste mesmo grupo tenha demorado um pouco mais a fazer uso do *vos* para dirigir-se ao seu interlocutor, também o fez após o policiamento inicial da linguagem.

Como ele mesmo afirma neste trecho da entrevista escolhido, ser o entrevistador bastante jovem em relação a ele para que seja tratado por *usted*. No entanto, deixa transparecer a relação que há entre forma de tratamento e faixa etária, ou seja, o *vos* fica reservado para tratar a pessoas mais jovens, enquanto que o *usted* é usado para dirigir-se a pessoas mais velhas, embora saibamos que entre amigos maiores de sessenta anos, também escolhem o pronome *vos* para tratar-se mutuamente.

Concluimos que o uso do *vos*, na verdade, é evitado em situações que entre os interlocutores há certo distanciamento e, conseqüentemente, pouca intimidade. Ao mesmo tempo, essa teoria, defendida pelos próprios entrevistados, apesar de observar que mesmo alguns informantes defendendo o antes exposto, faziam uso do *vos* para dirigir-se ao entrevistador após iniciada a gravação. Isso nos leva a concluir que o uso do *vos* em Santa Cruz de La Sierra é uma questão de marca cultural independente do fator idade, sexo ou nível de escolaridade, apesar de ser claro que entre pessoas de um nível de escolaridade alto ou com aquelas de uma faixa etária mais avançada, o uso deste pronome é mais policiado no início da conversação e até mesmo, de menor uso que nas classes sociais mais baixas.

Informante 12

- ¿Y cómo llego a Cotoca? ¿Qué hago para desplazarme hasta ahí?
- Son veinte kilómetros de aquí, hay micros, taxis, de todos lugares salen y...bueno, *visita* la Virgen de Cotoca que es tan conocida, tan nuestra.

Nesta entrevista fica demonstrada a frequência do uso do *usted* e a dificuldade de tratar o entrevistador por *vos*, embora o informante do SM, FE2 e NEA reconheça o atual costume e aceitação deste pronome ao afirmar que as gerações mais novas já tratam aos mais velhos fazendo uso do *vos*, como visto no exemplo seguinte: “*Me dicen vos mis hijos: “vos papá”, me dicen: “vos papá, ¿por qué no hacés esto?”*”, caracterizando mais um caso de sequência ternária ou eneária igual.

O informante do SM, FE2 e NEA expressa com muita clareza que não tem a intimidade necessária para que possa utilizar o *vos*. Fica aqui um trecho que reflete seu pensamento em relação à predominância do *usted* ao fazer uso do verbo *visitar* conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo para referir-se a uma segunda pessoa, “[...] *bueno, visita la Virgen que es tan conocida...*”.

De acordo com a teoria laboviana (1972) que defende uma linguagem mais inovadora para o sexo masculino, este informante não corrobora com a hipótese e revela-se conservador tal como as mulheres. Talvez aqui os fatores idade e nível de instrução tenham contribuído para a manutenção de uma linguagem mais conservadora no momento de tratar uma pessoa por ele desconhecida, mas ao mesmo tempo, destoa dos dois entrevistados anteriores que, embora estejam enquadrados no seu mesmo grupo no tocante à idade, sexo e nível de instrução, diferentemente deste informante, fazem uso do *vos*.

Informante 13

- ¿Cómo puedo, por ejemplo, limpiar bien una superficie de madera?
- Primero *tenés* que barrerla bien y luego lustrarlo para que así quede brillante.
- ¿Y si tiene mancha? ¿Será que hay como sacarla?
- Depende de que manchas *tenga*.
- A ver decime, alguna mancha que ya se te ocurrió cuando estés limpiando?
- Primero *apretala* bien. Si no sale, luego *pasá* con otro trapito que tenga lustra mueble o una esponja con un detergente lava plato y luego va a salir.

No trecho desta informante do SF, FE1 e NEB, podemos observar o uso do *vos* do início ao fim e, nesta parte escolhida da entrevista, vemos o primeiro uso do verbo *tener* no presente do indicativo, “*Primero **tenés** que barrerla bien...*”, perceptivelmente a ocorrência mais comum.

Depois registramos o imperativo do verbo *apretar* que, por sua vez, vale ressaltar que se trata de um verbo pertencente à classe dos irregulares comuns, ou seja, àqueles que seguem uma regra que dita sua conjugação. Este verbo é ditongado nos dois presentes, do indicativo e do subjuntivo e, conseqüentemente, no imperativo afirmativo, em todas as pessoas, exceto nas primeira e segunda do plural. Sua ditongação consiste em trocar o **E** da penúltima sílaba do infinitivo por **IE**.

Sabendo que a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo deriva da mesma pessoa do indicativo sem o **S** final, sua conjugação culminaria em *aprieta tú*, sendo a forma correspondente ao imperativo usado nos tratamentos informais, equivalentes à pessoa do *tú* na Espanha e todas as regiões de países hispânicos que fazem uso desta variedade. Porém a variedade utilizada pela entrevistada não coincide com esta conjugação, revelando a utilização do *vos* em sua fala que, por sua vez, deriva do infinitivo sem o **R** final, acrescido de um acento gráfico que, aqui, não foi utilizado graças à junção ao pronome oblíquo **LA** que tornou a palavra paroxítona terminada em vogal que não recebe acento. Por fim, surge o imperativo afirmativo do verbo *pasar*, sem junção a nenhum pronome, seguindo a conjugação que acabamos de explicar.

Considerando que as falas da entrevistada giraram em torno de instruções dadas de como fazer limpeza em uma casa além de como fazer um bom corte de roupa, foi possível observar a predominância de verbos de ação, embora estes não tenham encabeçado a lista dos mais frequentes entre os tipos de verbos, ocupando a casa do quarto lugar entre um grupo de cinco tipos de verbos, com 89.1%.

Em relação ao tipo de ocorrência, observamos no registro do trecho que segue, “...*lo **sacás** todo, lo **vaciás**, lo **limpiás**, lo **lustrás**, lo **desempolvás**, **sacás** todo...*”, momento em que a informante dá as instruções de como limpar um guarda-roupa, podemos verificar uma ocorrência eneária igual, ou seja, uma repetição do pronome *vos* de forma implícita por quatro ou mais vezes, aqui observada através dos verbos conjugados no presente do indicativo: “...*(vos) lo **sacás**, (vos) lo **vaciás**, (vos) lo **limpiás**, (vos) lo **lustrás**, (vos) lo **desempolvás**, (vos) **sacás** todo...*”, revelando no seu discurso a primazia por esse tipo de ocorrência que encabeça a lista com 95.3% dos registros.

Informante 14

- ¿Cuál es la forma más segura de desplazarme aquí en Santa Cruz?
- Si no *tiene*, si no *tenés* vehículo, mejor es un radio móvil. Un radio móvil porque vos *llamás* a un radio móvil: *-mandeme* un móvil y tras que llega el móvil a la dirección que le *has dado*, entonces uno puede ver ahí el número del móvil, la placa y todas esas cosas de que si *te olvidaste* algo en el móvil, uno ya sabe que móvil es, entonces llama a la central de ese móvil. En cambio, si vos *agarrás* un taxi en la calle, que no pertenece a ningún radio móvil, no hay seguridad de nada, hasta te pueden asaltar.

No início deste fragmento de entrevista, podemos atestar a presença do verbo *tener* no paradigma verbal equivalente ao presente do indicativo na segunda pessoa do singular quando a entrevistada do SF, FE1 e NEA se dirige ao entrevistador. É perceptível a presença da variação quando registramos o uso do *usted (tiene)* seguido da pessoa do vos (*tenés*) quando diz: “Si no **tiene**, si no **tenés** vehículo...”.

Logo após, ela usa novamente o presente do indicativo do verbo *llamar* na pessoa do vos: “**Vos llamás** un radio móvil...”. Posteriormente aparece o uso do verbo *mandar* no paradigma verbal correspondente ao *usted*, “...-**mandeme** un móvil...”, o que marcaria mais uma vez, um caso de alternância entre pronomes informais e formais quando observamos a oscilação entre as pessoas do vos e do *usted* para referir-se ao entrevistador. Sabendo que a conjugação equivalente ao *usted* do imperativo afirmativo provém da terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo, sem nenhuma alteração gráfica, observamos a coincidência entre ambas as formas para chegar a esta conclusão: *mandeme*.

Porém, faz-se mister entender que toda forma verbal unida a um pronome oblíquo mantém sua tonicidade na mesma sílaba anterior ao acréscimo do pronome. Logo, a sílaba tônica da forma **mande** é a penúltima, como destacado, e, quando se une ao pronome oblíquo *me*, deve preservar sua tonicidade no mesmo lugar. Isso leva à conclusão de que, em países *tuteantes*, essa conjugação levaria um acento gráfico na penúltima sílaba por transformar-se em uma palavra proparoxítona (**mándeme**) que, por sua vez, são acentuadas, mas a carência do acento demonstra a variação equivalente ao vos que modifica a tonicidade da palavra, recaindo a sílaba forte na última sílaba do verbo (**mande**), transformando-o em paroxítono terminado em vogal que se exime do

acento (**mandeme**). Quanto ao tempo verbal, aqui fica registrado a predominância do presente do indicativo na sua fala, embora saibamos que esse tempo não encabeça a lista dos tempos verbais controlados.

Os dois próximos usos, *has dado* e *te olvidaste* são conjugações próprias do *pretérito perfecto* e *indefinido*, respectivamente, que usam a mesma forma do *tú* para a pessoa do *vos*, proporcionando para o leitor uma visão ambígua em relação à pessoa a qual se refere. A entrevistada termina o trecho fazendo uso do verbo *agarrar* na conjugação do presente do indicativo no paradigma pronominal e verbal do *vos*: “...*si vos agarrás un taxi...*”, revelando mais uma vez a predominância deste pronome na comunidade de fala da investigação desta tese.

Esta informante contradiz a teoria de Morales (1992) de que as mulheres utilizam uma linguagem mais conservadora em centros urbanos. Observando de que esta entrevista efetuou-se em um ambiente de trabalho, consideramos ser um lugar mais propício para a manutenção dos tratamentos mais formais, porém isso não ocorreu, havendo uma manutenção do *vos* em praticamente toda a entrevista. Isso também pode ter-se dado pelo pronome *vos* ser o de prestígio na sua região.

Em relação à escolaridade, a investigação revela que, nos dois grupos analisados, os de escolaridade mais baixa, que é o caso desta informante, o uso do *vos* é predominante, confirmando-se nesta entrevista.

É válido ressaltar que, apesar dos resultados comprovarem um maior uso do *vos* nas classe sociais mais baixas, a hipótese de que se trata de um pronome utilizado apenas por pessoas menos instruídas não é verdadeira, tendo em vista que o programa estatístico GoldVarbX, utilizado nesta investigação, revela um alto grau de utilização entre as pessoas com níveis de escolarização mais elevados e, consequentemente, nas classes sociais mais elevadas se levamos em consideração a teoria laboviana (1972) de que o nível cultural de uma pessoa está associado com a sua escolaridade.

Informante 15

- ¿O sea que sabés preparar el ají de lengua? ¿Será que me podés enseñar?
- Para comenzar *tenés* que cocerla la lengua. Luego, de que está bien cocida, *esperá* que enfríe un poco para rebanarlas en rodajas. El ají, *tenés* que licuarlo y dorar cebolla, *tiene* que dorar o caramelizar, pero más que todo *debe* sofreírse la cebolla y luego con el ají. *Tenés* que tener cuidado porque hay ají bien picante.

No trecho extraído da fala desta entrevistada do SF, FE1 e NEB, observamos a repetição do verbo *tener* conjugado na pessoa do *vos* no presente do indicativo: “...*para començar **tenés** que cocerla...*”, diga-se de passagem, tempo verbal muito frequente no tocante ao uso deste pronome. Também aparece o uso do imperativo afirmativo do verbo *esperar*: “...***esperá** que enfríe un poco...*”, caracterizado pela acentuação do seu infinitivo, após a retirada do **R** final. Aqui vemos uma vez mais um caso de variação quando detectamos duas vezes a presença implícita do *usted* através dos verbos *tener* e *deber* para dirigir-se ao entrevistador: *usted tiene* e *usted debe*.

Quanto ao tipo de ocorrência, podemos observar na seguinte transcrição de um trecho da fala desta informante a presença de uma sequência binária igual, “...*si **vos** te **ponés** media brava y le **ponés** la cara fea ...*” ao observar a repetição do verbo *poner* por duas vezes seguidas, conjugado no presente do indicativo, constatando o uso da segunda ocorrência mais recorrente, com 91.6%, perdendo apenas para as sequências ternárias ou eneárias iguais que ocuparam a casa dos 93.6% das ocorrências.

No tocante à escolaridade, mais uma vez observamos que, embora a entrevistada pertença ao grupo dos menos escolarizados, tem a mesma predileção que os informantes com maior nível de instrução, a predominância do uso do *vos* ao falar. Em alguns momentos, registramos o aparecimento do *usted*, revelando um caso de variação que talvez tenha sido ocasionado pelo contexto, ou seja, alguns informantes se policiavam para usar o *usted* por acreditarem ser um momento de formalidade. Estavam sendo entrevistados por alguém desconhecido, dois fatores que “exigem” um tratamento mais conservador. Como a comunidade de Santa Cruz de la Sierra não comunga do uso do *tú*, seus falantes, normalmente, substituem o *vos* pelo *usted* em ocasiões mais formais.

Porém, é válido recordar que, em Santa Cruz de la Sierra, o *usted*, muitas vezes, também é utilizado em situações informais, como por exemplo, entre marido e mulher ou entre amigos.

Quanto à faixa etária, podemos considerar que tanto o grupo dos mais jovens, classificados entre 25 e 50 anos, caso desta entrevistada, como o dos maiores de 60 anos demonstraram favorecimento pelo *vos*, porém temos que considerar que, segundo Labov (1972), esta informante corrobora com a sua teoria de que pessoas mais jovens tendem a uma linguagem mais inovadora. Aqui a inovação é verificada a partir do uso do *vos* que se distancia da variedade escolhida pela Corte que seria a escolha do pronome de segunda pessoa do singular *tú* para tratar o seu interlocutor de maneira informal.

Informante 16

- ¿Cómo está esa cuestión de violencia aquí en Santa Cruz?
- *Sabés* que, eso ha crecido más que todo por los medios de comunicación. Porque la verdad es que no he sido asaltada nunca, uno de mis hijos ha sido asaltado aquí atrás de la casa. Todo se ve éste...porque lo muestran en la tele, lo van maximizando, lo mismo me pasó hace dos semanas fui a Buenos Aires y unos amigos argentinos dijeron, cuidado, no *salgás*, no *paseés* y, uno cuando va a pasear, por lo general, los lugares turísticos estás custodiados. Nuestra pobreza es catastrófica, pero siempre ha sido, más bien ahora estamos viviendo bien. Antes esto era...*olvidate*, esto era una aldea prácticamente, una pobreza total.

Na entrevista feita a esta informante do SF, FE1 e NEB, podemos detectar a presença do verbo *saber* conjugado na pessoa do vos no presente do indicativo: “*Sabés que, eso ha crecido...*”. Em seguida, observamos o uso de dois imperativos negativos dos verbos *salir* e *pasear*: no *salgás* e no *paseés*. A conjugação do imperativo negativo na língua espanhola deriva *ipsis litteris* do presente do subjuntivo, logo o acento tônico denuncia que as conjugações usadas nesta amostra de entrevista não correspondem à pessoa do *tú* já que, se assim fosse, deveria manter a mesma tonicidade do *tú* no presente do subjuntivo: no *salgas*, no *pasees*. Sendo assim, a modificação da tonicidade recai na última sílaba e ganha um acento porque a palavra passa a ser oxítônica terminada em **S**, apontando para a pessoa do vos.

Em relação ao tempo ou modo verbal, podemos destacar o uso que esta informante fez do vos com o presente do subjuntivo, segundo tempo verbal mais utilizado nas nossas entrevistas com 94.4%, ficando atrás apenas do imperativo que ocupou a casa do primeiro lugar com 97.6%.

No tocante ao sexo, constatamos a marca de uma linguagem inovadora em detrimento do conservadorismo ao detectar a totalidade do uso do vos na fala desta informante que, apesar de ser casada com *colla* há bastante tempo, sua variação linguística ainda não se deixou influenciar pela influência andina sofrida dentro de casa, comprovando a força do pronome vos na comunidade de Santa Cruz de la Sierra. Não podemos deixar de comentar que o fato de incluir-se no grupo da faixa etária correspondente entre 25 e 50 anos de idade também pode ser significativo no momento da escolha por uma variedade inovadora.

Informante 17

- ¿Me puede decir algunos lugares que no puedo dejar de ir?
- A ver, puede ser las Lomas de Arena que es un lugar turístico, ahurita está un poquito sequito pero, es un lugar turístico donde personas extranjeras pueden ir a ver... éste..., que... físicamente es muy bonito. Yo justamente el domingo pasado fui, está un poco seco, pero siguen las lomas, o sea, es como un lugar árido, desiértito donde son lomas de arena y al medio hay como una lagunita. Después *puede* ir éste... *vos podés* ir a la Casa del Camba que es un restaurante, es como estar en el campo. *Vos podés* ir también a la Rinconada que también es como restaurante que es así un lugar de campo donde hay río, hay piscinita. Después está...*podés* ir después a las diferentes provincias también, a Concepción, a San Javier donde hay aguas termales, en Concepción hay una represa, a San José de Chiquitos, a Roboré donde están las aguas calientes, bueno... hay una infinidad de lugares, pero más o menos los que yo me recuerdo son esos.

Neste trecho da entrevista feita a esta informante do SF, FE1 e NEA, podemos detectar a alternância entre dois pronomes de segunda pessoa do singular, o *vos* e o *usted*, para fazer menção ao entrevistado e caracterizando uma variação. A entrevistada ora utiliza implicitamente a pessoa do *usted* no presente do indicativo: “Después **puede** ir...” ora o *vos* do mesmo verbo: “...**vos podés** ir a la Casa del Camba...” de forma sequencial. Vamos concluindo que as gravações apontam para uma variação marcada pela maior oscilação entre o uso do *vos* e do *usted* e não do *vos* e do *tú*.

No tocante ao tipo de ocorrência, detectamos no recorte da entrevista acima a presença de uma sequência ternária igual do paradigma verbal do *vos* do verbo *poder* em: “...**vos podés** ir a la Casa del Camba... **vos podés** ir también a la Rinconada... **podés** ir después a las diferentes provincias también, a Concepción, a San Javier donde hay aguas termales, en Concepción hay una represa, a San José de Chiquitos, a Roboré donde están las aguas calientes”, constatando uma vez mais a predominância deste tipo de ocorrência que ocupa a primeira posição entre as controladas nesta investigação, com 93.6% dos casos.

Em relação à faixa etária, não podemos deixar de ressaltar que a predominância desta gravação mais uma vez foi do *vos*, comprovando os nossos resultados de que quanto mais jovem, maior probabilidade de eleger uma linguagem mais inovadora.

Logo, esta investigação constata mais um caso de predominância do *vos* por esta informante. Podemos destacá-la como caso comprobatório de um dos objetivos de nossa tese de que tanto pessoas de um nível de instrução mais alto como mais baixo utilizam o pronome *vos* como forma identitária. Percebemos que este pronome não foi evitado por pessoas com alto nível de escolaridade, senão por pessoas com alto nível de instrução associado a uma faixa etária mais velha. De acordo com os depoimentos vistos nas gravações, atribuímos este último comportamento ao fato das pessoas mais velhas acreditarem ser necessário um maior grau de intimidade entre os falantes para que possam fazer uso do pronome *vos*, mas eles mesmos afirmavam não tratar-se de uma forma desrespeitosa, além de terem que policiar-se para evitá-lo.

Informante 18

- Ya conocí paceños, por ejemplo, que utilizan el *vos* con la conjugación del tú, por ejemplo, *vos eres, vos...*
- ¿Pero eso Paceños aquí o en La Paz?
- - De La Paz, que viven en La Paz.
- Sí, puede ser, porque incluso...pero la forma de hablar de ellos no es con *vos*. Seguramente alguno que vivió aquí, que pasó sin que hacer aquí, pero la forma de hablar y, si *usted* lo *mira*, si *vos* lo *mirás*, digamos, en los discursos oficiales del Estado están así, sin embargo, por ejemplo, la propaganda oficial de la gobernación de Santa Cruz es con *vos* ¿no? Claro, absolutamente, todo lo que sale de Santa Cruz busca promover el uso de su propio lenguaje, no quiero decir de su idioma porque todos hablamos castellano, pero *protejete, comé, vení, no maté*s animales, *no provoqué*s incendio, *conservá* tu ciudad, no sé, no sé, *mirá* el suplemento “Para Ella” y *vas* a ver que hay una identificación a través del lenguaje.

Esta informante do SF, FE1 e NEA utiliza a variedade linguística regida pelo uso do *vos* que, como ela mesma afirma, é tipicamente característica do povo de Santa Cruz de La Sierra. No fragmento da sua entrevista, podemos detectar a predominância do uso do *vos* na sua fala, percebendo apenas um registro do *usted* que, perceptivelmente, ocorre talvez como forma de demonstrar maior formalidade para dirigir-se a alguém desconhecido, neste caso o entrevistador, mas que foi substituído pelo *vos* nos momentos em que este policiamento era esquecido. Isso pode ser

observado na utilização do verbo *mirar*, primeiro na pessoa do *usted* (*si usted lo mira*) e logo após na pessoa do *vos* (*si vos lo mirás*), consolidando a ideia de que as ocorrências de variedades linguísticas como esta registrada em sua fala se dão entre o *vos* e o *usted* na comunidade de Santa Cruz de la Sierra.

Logo, em relação à determinação do referente podemos observar a predominância de uma linguagem direta ao seu interlocutor como no exemplo seguinte, retirado do fragmento anterior de sua entrevista: “...*si usted lo mira*, *si vos lo mirás*, digamos, en los discursos oficiales del Estado están así...”. Apesar da primazia dos pronomes determinados no seu discurso, podemos verificar também a presença da referência indeterminada do *vos* quando ela se refere às propagandas oficiais do Governo de Santa Cruz: ‘... *todo lo que sale de Santa Cruz busca promover el uso de su propio lenguaje, no quiero decir de su idioma porque todos hablamos castellano, pero **protejete, comé, vení, no maté**s animales, **no provoqués** incendio, **conservá** tu ciudad...*’. A sua fala corrobora com os resultado que apontam para 90.9% dos falantes que priorizam a referência direta ao interlocutor frente a 88.6% das ocorrências de referência indiretas.

Todos os exemplos por ela citados das propagandas veiculadas pelo Governo de Santa Cruz aparecem no imperativo afirmativo e negativo no paradigma verbal do *vos*, apontando para uma alta incidência do uso deste modo na sua fala. Apesar de constataremos que o imperativo foi o modo que encabeçou a lista dos tempos e modos controlados na variável tempo verbal, com 97.6% das ocorrências, sua fala foi marcada pelo uso do presente do indicativo que ocupou a terceira posição desta variável, com 89.4% dos casos.

Ao analisar o grupo etário ao qual se enquadra esta entrevistada, podemos revalidar a nossa tese de que, embora, talvez, não houvesse o grau de intimidade suficiente para tratar o entrevistador por *vos*, ela o fez sem nenhuma restrição. O grupo etário ao qual estava inserida pode ter contribuído para tal comportamento.

Em relação ao sexo, esta informante rompe um pouco com a teoria de Labov (1972) defendida nesta tese em relação à maior sensibilidade feminina às formas conservadoras que aqui, trata-se da aproximação com a variante da Corte espanhola, ou seja, o uso do *tú*. Desde o princípio ela prioriza o uso do *vos*, demonstrando uma maior propensão à inovação e menor inclinação ao conservadorismo. Talvez esse fenômeno tenha se dado pelo fato da forma prestigiosa na comunidade de Santa Cruz de la Sierra ser o *vos* e não o *tú*.

Quanto à escolaridade, mais uma vez detectamos a total prioridade atribuída ao vos nesta informante inserida no grupo de nível de instrução elevado, corroborando com a tese de Lipsky (2004) de que o vos não se restringe a uma camada social mais baixa como ocorre no México, Panamá, Peru e Chile.

Informante 19

- Entonces ¿qué consejos me das para protegerme de esta violencia? ¿Qué me decís?
- Yo te diría que *agarrés* un móvil, que esos son registrados, y así ya *puede* ir a la parte que vos *quiere* ir, ¿no *ve*? sin peligro y ya *tenés* algo de protección.
- ¿Y qué más? Si salgo en la noche, por ejemplo, ¿cuáles son los cuidados que debo tener?
- Ay, por la noche, bueno, no ir tan sola, por lo menos unas tres, cuatro personas, para que se protejan así... ambos porque de noche es más peligroso que de día.

A entrevista desta informante do SF, FE2 e NEB foi marcada por uma variedade linguística bastante considerável se levarmos em conta a presença das pessoas do *tú*, do *vos* e do *usted* em sua fala. No trecho acima, extraído da sua gravação, verificamos inicialmente a presença do presente do subjuntivo do verbo *agarrar* na pessoa do *vos*: “Yo te diría que **agarrés** un móvil...”, seguida do uso do verbo *poder* na pessoa do *usted*: “...y así ya **puede** ir...”. Logo após, registramos a mistura do *vos* pronominal acompanhado do paradigma verbal do *usted* do verbo *querer*: “...a la parte que **vos quiere** ir...”. Depois ela volta a utilizar o pronome *usted* de forma implícita para dirigir-se ao entrevistador com a conjugação do verbo *ver*: ¿No **ve**? e finaliza seu discurso com o verbo *tener* conjugado no presente do indicativo na pessoa do *vos*: “...y ya **tenés** algo de protección”.

Esta informante, no que se refere à faixa etária, diverge da tese de Labov (1972). Este afirma que as gerações mais velhas, como a dela, optam por uma variedade mais conservadora da língua, o que não se confirma na gravação desta entrevistada, tendo em vista que na sua fala predomina o uso do *vos*. Porém, há de convir que há uma forte variação na sua entrevista, já que alterna o uso do *vos* com o do *usted* e ainda deixa ambígua a interpretação de um registro do *tú*.

Estar incluída no grupo daqueles decorrentes de um nível de instrução mais baixo pode favorecer ao uso do *vos* com maior espontaneidade se considerarmos o fato de que os maiores de 60 anos, como ela, optam mais por formas conservadoras quando esta variável encontra-se associada a pessoas de mais alto nível de escolarização. Em contrapartida, embora os números apontem para esse resultado, verificamos que uma minoria dos maiores de 60 anos com alto nível de instrução escolheu o tratamento formal da língua, ou seja, o uso do *usted*. Os demais, mesmo demonstrando na teoria que fazem uso do *usted* quando se dirigem a pessoas desconhecidas, não o fizeram na prática.

Logo, concluímos que o pronome *vos* é predominante em todas as classes sociais como uma marca identitária da comunidade de Santa Cruz de la Sierra. Acreditamos que no caso desta informante, o aparecimento do *usted* em alguns contextos se dava por acreditar na necessidade de um maior distanciamento. Embora ela fosse mais velha que o entrevistador, este poderia merecer um tratamento mais formal pelo fato de estar ocupando a posição de entrevistador e de estar dotado de maior nível de escolarização.

Informante 20

- Aprovechando entonces esta oportunidad que me está hablando del cruceño. ¿Me podría hablar un poquito de las cosas que puedo hacer para agradar a un cruceño?
- Bueno, ser también abierto como nosotros, usted... decir que *usted* también nos aprecia, como también nosotros le podemos decir que la apreciamos y la recibimos, en donde *usted* vaya, es bien recibida, pero también que haya comprensión y que acepte como es el *cruceño*.

A entrevista desta informante do SF, FE2 e NEB foi marcada do início ao fim pelo uso do *usted*. No fragmento acima podemos comprovar inicialmente o uso deste pronome acompanhado pelo paradigma verbal do presente do indicativo (...***usted*** *también nos **aprecia***...) e posteriormente do presente do subjuntivo (...*en donde **usted** **vaya***...). Na sua fala aparece o registro de três momentos em que ela utiliza o *vos*, porém fazendo menção à maneira como as pessoas do interior tratam aos demais e como ela trata às amigas, em forma de discurso indireto.

A faixa etária na qual se insere esta informante, entre os maiores de 60 anos, teoricamente, freia um pouco a utilização do *vos*, fato que aqui se detecta na prática. Os

poucos registros do pronome *vos* na sua fala equivaliam a discursos indiretos que, não faziam menção direta ao interlocutor, motivo pelo qual não os troxemos à tona.

Considerando essa notável quantidade de discursos indiretos na sua fala, podemos destacar a predominância da referência indireta ao interlocutor no tocante à determinação do referente. No exemplo “...*usted* va a las provincias del norte y uno no le dice señora, le dice oí...” é perceptível a ocorrência do pronome de segunda pessoa, *usted*, fazendo menção às pessoas em geral, de forma indeterminada. Apesar de observarmos a predominância da referência direta ao interlocutor na variável determinação do referente, com 90.9% dos casos, constatamos na fala desta entrevistada a primazia pela referência indireta, talvez pela forma como direcionou a sua fala.

Apesar da entrevistada ter sido classificada no grupo dos menos escolarizados por não ter concluído seus estudos formais, pertenceu a uma família de muitas posses e, seu distanciamento da escola foi uma opção, proveniente de pensamentos tradicionalistas de que cabia à mulher cuidar da casa e dos filhos. Logo, verificamos que, pelos resultados apontados nesta tese, deveria estar mais propensa ao uso do *vos*, o que não foi registrado.

Isso nos leva a crer que estiveram associados dois fatores que a impediram de fazê-lo: faixa etária maior de 60 anos associada a um bom “nível de instrução”, embora não tenha concluído seus estudos do ensino fundamental, contradizendo um pouco a teoria de Labov (1966), Morales (1983) e Trudgill (1974) que associavam nível sociocultural a escolaridade, profissão e salário. Esta informante tem um bom nível sociocultural, embora pertencesse a um “nível de escolaridade baixo”, de ser dona de casa e de não possuir um salário direto.

Informante 21

- ¿Cuáles serían los lugares que debo ir?
- La Primero de Mayo, ¿No *ha ido*?
- No he ido.
- Éste... acá... ¿cómo llama?, éste... el Barrio Abaroa.
- No, ¿qué hay ahí? ¿Qué puedo ver ahí?
- Hay de todo pues ahí, como un pueblito es. Hacia abajo. El Barrio Abaroa, ¿No *ha ido vos*?

Na entrevista deste informante podemos observar mais um caso de variação entre as formas de tratamento *usted* e *vos* de forma muito balanceada. Em um primeiro momento, nesta amostra da gravação, ela se dirige ao entrevistador fazendo uso do *usted* que aparece implícito na pergunta “¿No **ha ido**?”. Mais adiante ela volta a perguntar: “¿No **ha ido vos**?” Aqui podemos detectar a utilização do *vos* pronominal acompanhado pelo paradigma verbal equivalente ao *usted*, revelando uma variedade da língua que oscila entre o *usted* pronominal e verbal e o *vos* pronominal com o paradigma verbal do *usted*.

Quanto à determinação do referente, da mesma maneira que a informante anterior, esta entrevistada traz no seu discurso muitos exemplos de discursos indiretos, favorecendo a uma referência indeterminada que ocupa a segunda posição desta variável, com 88.6% dos casos, ficando atrás para a referência direta ao seu interlocutor, que alcançou a primeira posição com 90.9%.

A informante pertence ao grupo de pessoas com escolaridade baixa e, conseqüentemente mais inclinada a utilizar o *vos*, embora tenhamos comprovado nesta investigação que tanto este grupo como aquele pertencente a uma escolaridade mais elevada fazem uso deste pronome. A única diferença pareceu ser que aqueles incluídos em uma classe social mais elevada apresentam maior receio, inicialmente, de tratar um desconhecido por *vos*, por acreditar que se trata de um pronome reservado àqueles com quem mantemos uma relação mais íntima, mas nunca por parecer estar diminuindo o grau de respeito pelo outro.

Em relação à faixa etária, mais uma vez comprovamos na fala desta informante que, essa variável, isoladamente, não é capaz de inibir o uso do pronome *vos* na fala das gerações mais velhas, porém quando vem associada a um alto nível de instrução, valendo ressaltar que nem mesmo esses dois fatores juntos foram capazes de inibir o uso do *vos* nos falantes de Santa Cruz de la Sierra.

Neste trecho da sua entrevista é notável o uso do paradigma verbal referente ao *usted*, talvez como tentativa de evitar o pronome *vos* como alternativa de escolher um tratamento mais conservador na hora de dirigir-se ao entrevistador, mas acaba unindo-o ao *vos*, revelando uma variedade fortemente induzida pelas marcas culturais desta comunidade de fala que não consegue evitar no falar as marcas que identificam a região de Santa Cruz de la Sierra. O uso do *usted* na conjugação verbal pode ter sido uma forma de amenizar a informalidade de uma falante mais velha que se dirigia ao entrevistador, pertencente a uma faixa etária mais jovem que, contudo, imprimia um

maior respeito na forma de tratamento. O fato é que os dados comprovam uma maior fluência do vos em todas as situações, sejam elas de formalidade ou informalidade, de maior ou menor idade e de maior ou menos escolaridade.

Informante 22

- Y en relación a los permisos, a tratar a los mayores, a los agradecimientos, ¿cuáles son los hábitos? ¿Qué debo hacer para no meter la pata?
- Siempre a los mayores hay que tratarlos bien, señor, señora, fulano de tal, éste...aunque ahurita los jóvenes, éste... les falta un poco ya. Antes éramos, yo *te* digo porque yo soy una persona mayor, más educados en este sentido en que vos *veías* a una persona mayor, digamos...*suponete*, *subís* al micro éste,...*ves* a una persona joven sentado, un niño sentado en el micro, en los asientos, no se paran a darle el asiento a las personas mayores, en cambio antes, nosotros, se veía una persona que subía que era un poquito mayor que uno, uno cedía el asiento para que se siente y vayan ellos más cómodos, ¿no?

Do início ao fim se registrou na entrevista desta informante de SF, FE2 e NEA, a presença do vos em todos os contextos. Em nenhum momento aparece outra forma de tratamento. Como observado nesta parte retirada da sua gravação, detectamos inicialmente a presença duplicada do pronome oblíquo *te*, utilizado em contextos informais para referir-se às pessoas do *tú* e do vos, tendo em vista que o vos não goza de um pronome particular seu. Logo em seguida, aparece o uso do vos (*vos veías*) que, embora esteja sendo usado de forma impessoal, mais generalizado, ela opta pelo vos para mencionar uma segunda pessoa e não pelo *usted* ou *tú*.

Depois aparece um uso bem característico do vos com imperativo quando a entrevistada diz: “*suponete*”. A princípio, esse uso poderia ocasionar uma falta de compreensão por parte dos mais iniciantes nos estudos da língua espanhola, considerando a pequena divulgação do vos e o consequente conhecimento pela forma correspondente à pessoa do *tú*, *suponte*. A forma utilizada se refere à junção da conjugação do imperativo afirmativo do verbo *suponer* (*suponê*) seguida do pronome átono *te*, resultando na forma *suponete*. A ausência do acento após a união de verbo mais pronome ocorre porque a palavra deixa de ser oxítônica como anteriormente e passa a ser paroxítônica terminada em vogal que, na língua espanhola, não é acentuada. Os

questionamentos em relação a como esclarecer se o pronome *te* se refere à pessoa do *tú* ou do *vos* se resolvem facilmente pela observação da conjugação verbal, como mostrado anteriormente. Ela conclui a resposta fazendo uso dos verbos *subir* e *ver* conjugados no presente do indicativo equivalente à pessoa do *vos*, ou seja, extraídas da conjugação da pessoa do *vosotros* sem o *-i* da desinência, resultando nas formas (*subís e ves*).

No tocante ao tipo de verbo, podemos observar na sua fala a predominância dos verbos de ação. Isso pode ter se dado em decorrência das oportunidades de discorrer sobre temas que proporcionaram estar sempre ensinando a fazer algo ou dando instruções, situações que atraem esses verbos.

Esta informante, maior de 60 anos, contradiz as teorias aqui já apontadas, de que as gerações mais velhas tendem a uma variedade mais conservadora que a dos mais jovens. Ela opta pelo uso do *vos* em toda a sua entrevista, contrariando também os resultados teóricos de que sua idade, associada a um alto nível de instrução, que é seu caso, inibe o uso deste pronome.

Em relação ao sexo da informante, ela também contribui para corroborar com os resultados de um dos nossos objetivos que é comprovar que o *vos* não se trata de um pronome utilizado apenas pelas classes sociais mais baixas e por pessoas com nível de instrução baixo. Todos os nossos resultados apontam para uma caricatura de pessoas com alto nível de instrução, maiores de 60 anos e de sexos diferentes fazendo predileção pelo uso do *vos* em detrimento de qualquer outro pronome.

Informante 23

- Si me contrataras para trabajar en su tienda, ¿cuáles instrucciones me daría?
- *Tiene* que ser puntual, ¿no? Si vamos a abrir, bueno... yo le diría a *usted* que *tiene* horario para atender la tienda que es de nueve a doce y media y de tres a siete y media, entonces sí *tiene* que cumplir esos horarios de entrada y salida.
...../.....
- Muy bien, muchísimas gracias por el tiempo que me ha dedicado.
- Gracias a *vos* por estar aquí *entrevistandome* y en mi casa.

A fala desta informante do SF, FE2 e NEA é visivelmente marcada pela variação que revela a oscilação entre os pronomes *vos* e *usted*. Como podemos ver no trecho acima, extraído de duas partes da sua entrevista, ela trata o entrevistador por *usted* no primeiro momento quando diz: “***Tiene*** que ser puntual”, “...yo le diría **a *usted*** que ***tiene***

horario...” e “...**tiene** que cumplir esos horarios...”; que ora aparece de forma implícita ora explícito na oração como no segundo uso.

Neste mesmo exemplo podemos testificar um caso de ocorrência ternária igual ao registrar a repetição do verbo *tener* conjugado na pessoa do *usted* por três vezes consecutivas: “**Tiene** que ser puntual”, **tiene** horario...” e “...**tiene** que cumplir esos horarios...”, constatando o uso de maior incidência da variável tipo de ocorrência, com 93.6% dos casos.

Já na segunda parte, ela opta pelo pronome *vos* no momento da despedida quando diz: “Gracias a *vos* por estar aquí *entrevistandome...*”, fazendo uso do pronome na sua forma preposicionada. Em seguida, aparece o gerúndio que, notavelmente, obedece o paradigma verbal do *vos* e se diferencia da forma equivalente ao *tú* apenas pelo acento gráfico que traz como consequência, a mudança na tonicidade. Como a sílaba tônica da conjugação se mantém no mesmo lugar após a união dos pronomes oblíquos, deveríamos observar a manutenção do acento utilizado no gerúndio, resultando na forma “*entrevistándome*”, já que se transformaria em uma palavra proparoxítone e, conseqüentemente, acentuada. Porém, na verdade, o que percebemos é a ausência deste acento, caracterizando a conjugação do *vos* que transfere a tonicidade para a sílaba posterior e, automaticamente perde o acento por transformar-se em paroxítone terminada em vogal.

Esta informante, incluída no grupo dos maiores de 60 anos, mantém uma conversação que apresenta um uso bastante equilibrado entre o *vos* e o *usted*, embora o *vos* se revele como maioritário. Mais uma vez revela-se um caso de variedade que mostra a predominância deste pronome nos falantes da comunidade *cruceña*, independente do sexo, faixa etária ou escolaridade das pessoas, confirmando-se o caso de identidade cultural de um povo. Logo, concluímos que este é o pronome de maior prestígio local, o que leva aos componentes desta comunidade a fazerem uso do pronome *vos* como forma identitária.

Informante 24

- ¿Cómo puedo desplazarme hasta Samaipata?
- Para ir a Samaipata *podés* ir en taxi, en bus o en movilidad particular, queda a dos horas de aquí de Santa Cruz.
- ¿Y qué hago para conseguir un taxi para ir a Samaipata?
- *Tendría* que ir al lugar donde están los taxis que salen a Samaipata.

A entrevista desta informante do SF, FE2 e NEA, como a anterior, também se caracteriza por uma variação linguística marcada pela alternância entre o uso do *vos* e do *usted*. Como visto, primeiramente ela se refere ao entrevistador através do *vos* quando diz “...*podés ir em taxi...*” e mais adiante modifica o tratamento para *usted* ao afirmar “*Tendría que ir...*”

Quanto aos resultados dos nossos dados, podemos observar que, por tratar-se de uma informante pertencente à faixa etária dos maiores de 60 anos, se fiscalizava um pouco para usar o *usted*, mas não o conseguia fazê-lo em todas as ocasiões, fazendo uso do *vos* com mais naturalidade nos momentos em que se descuidava do policiamento.

Em relação ao tipo de texto de maior incidência na fala desta informante, podemos observar o texto argumentativo quando ela busca justificar o porque de não poder deixar de ir a alguns lugares típicos, tratando das facilidades de visitá-los. Esse resultado aponta para uma minoria dos casos, já que 86.4% dos casos fizeram uso deste tipo textual, frente a 95.7% de textos narrativos e 90.1% de textos explicativos.

Em relação ao sexo, ela também demonstrou se distanciar do modelo conservador apartir do momento em que verificamos mais registros do *vos* do que do *usted* na sua fala.

Tratando-se da escolaridade, vemos que, apesar da entrevistada constituir o grupo dos informantes com ensino médio completo ou com nível superior, tal característica não freiou o uso do *vos*, muito pelo contrário, sentíamos que quando utilizava o *usted*, parecia algo um tanto forçado, como se o entrevistado, por ser desconhecido, merecesse maior grau de afastamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a existência de diversidades ou variações ao estudar qualquer comunidade linguística, ou seja, os diferentes modos de falar exibidos por um dado lugar, grupo ou região, faremos uma explanação dos resultados finais da investigação feita nesta tese da variação do pronome de segunda pessoa do singular na cidade de Santa Cruz de la Sierra.

A partir da premissa de que o pronome *vos* é predominante em Santa Cruz de la Sierra e de traçar como objeto de estudo desta investigação o uso deste pronome nesta comunidade de fala, verificamos a sua predominância nesta cidade, além de registrar a sua utilização em todas as classes sociais, tanto na fala dos homens como das mulheres, em pessoas de faixas etárias diferentes e sem matização em relação ao grau de escolaridade. Observamos que este pronome faz parte da identidade cultural deste povo e que, mesmo em situações informais, normalmente ele não é substituído pelo *tú*, porém pelo *usted*.

Pudemos confirmar a veracidade do objetivo geral desta pesquisa ao registrar a prevalência do *vos* em Santa Cruz de la Sierra, descaracterizando a ideia de tratar-se de um pronome restrito à região da Prata e a classes sociais mais baixas, tendo em vista que este pronome apareceu tanto na fala de pessoas pertencentes à classe alta como baixa.

Entre os objetivos específicos desta tese, pudemos descartar que o uso do *vos* está equiparado ao do *tú*, já que a substituição do primeiro pelo segundo é rara. Normalmente o *vos* é substituído pelo *usted*, mas quase nunca pelo *tú*. Geralmente essa substituição ocorre nas ocasiões em que os interlocutores não tenham tanta intimidade com o seu interlocutor. Não obstante, o *vos* pode voltar a ocupar o espaço do *usted* inclusive nestas ocasiões de pouca aproximação entre os falantes dentro de um período de tempo talvez curto para travar esta intimidade. Isso leva a crer que, embora haja, teoricamente, regras diferenciadoras para ambas as ocasiões, de formalidade e informalidade, os habitantes desta comunidade conseguem sair de uma ocasião para outra rapidamente. Registramos uma predominância do *vos* em relação ao *tú* e pouca coexistência entre os dois, tendo em vista que o uso do primeiro é uma marca identitária do povo *cruceño*.

Detectamos uma maior incidência deste pronome na fala dos homens, confirmando serem as mulheres mais conservadoras, apesar da diferença não chegar a

ser significativa. Os mais jovens tenderam a utilizar mais o *vos* que os mais velhos. Estes se mostraram mais conservadores ao utilizar o pronome de segunda pessoa do singular, *vos*, atribuindo a condições de muita intimidade para que o pudessem fazer, porém também constatamos nas entrevistas que, mesmo sem existir tamanha relação de intimidade, até mesmo em prol do limitado tempo de conhecimento entre entrevistador, e entrevistado, acabavam fazendo uso do *vos*, demonstrando tratar-se de um pronome que está arraigado nesta região e do qual não conseguem desprender-se. Quando não o faziam, o pronome escolhido para substituir o *vos*, não era o *tú*, porém o *usted*.

Em relação ao nível de escolaridade, pudemos detectar resultados semelhantes. As pessoas com níveis de escolaridade mais elevados resistiam mais ao uso do *vos*, atribuindo as mesmas condições que as pessoas mais velhas, ou seja, de que o *vos* é um pronome reservado a tratamentos mais íntimos, mas nas mesmas situações, registramos a presença deste pronome nas suas falas depois do período de maior tensão da conversa.

A partir da análise da variação pronominal *tú/vos* no falar de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, realizada no âmbito deste trabalho, pôde-se verificar as principais tendências desse falar em relação às variáveis citadas. Pudemos realizar uma análise do comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra quanto ao uso das formas pronominais *tú/vos*.

Para a análise da variável dependente *tú/vos*, levamos em consideração variáveis independentes linguísticas como 1. tempo verbal, 2. tipo de texto, 3. tipo de ocorrência, 4. tipo de verbo, e 5. determinação do referente, além das variáveis sociais como faixa etária, sexo e escolaridade, classificadas entre os fatores extralinguísticos.

Quanto às variáveis sociais, na análise da variação *tú/vos*, estas apresentaram posições mais significativas, o que parece indicar que têm uma maior influência na escolha dos pronomes de 2.^a pessoa do singular. O resultado da rodada geral realizada no programa estatístico GoldVarbX aponta para a variável social da escolaridade como única significativa, ou seja, este mostrou-se ser o único fator relevante no momento de fazer a escolha por um pronome pessoal de segunda pessoa. Esta pesquisa revela que quanto menor a intimidade com o interlocutor, maior resistência a utilizar o *vos* quando a pessoa envolvida no processo de comunicação não é conhecida. Para eles, usar o *vos* não é indício de desrespeito, mas de um pronome que aproximaria demais os interlocutores.

Além disto, percebemos que durante a coleta das gravações, as pessoas mais escolarizadas preferiam o *usted* para iniciar a conversação, porém, ao tratar-se de uma

entrevista semi-dirigida, que oferece uma certa liberdade ao entrevistado, verificamos que eles o substituíam pelo *vos*, até mesmo sem que se dessem conta da alternância. Isso nos leva a crer que o uso deste pronome faz parte de uma identidade do povo *cruceño*. Observamos uma predominância do uso do *vos* tanto na amostra do grupo de pessoas com ensino fundamental incompleto (92.5%) como naqueles com ensino médio ou superior completo (87.1%), concluindo que se trata de um pronome de preferência desta comunidade de fala, independente do grau de escolaridade. Porém, não se pode ignorar a maior incidência deste pronome no grupo constituído por pessoas de escolaridade mais baixa.

No tocante à faixa etária, podemos verificar uma grande força em relação ao uso do *vos* nos falantes mais jovens pois, embora o Governo Federal obrigue a implementação e unificação do ensino do *tú* em todos os materiais didáticos do país, percebemos a sobreposição do *vos* em relação ao *tú* na fala cotidiana destes entrevistados. Esse resultado pode ser observado nos registros desta pesquisa que comprovam um índice de 91,6% do uso do *vos* nos falantes entre 25 e 50 anos. A prioridade por este pronome no grupo de pessoas maiores de 60 anos também demonstrou a prevalência do *vos*, com 87,8%. Verificamos que as pessoas que compreendem o segundo grupo apresentaram maior resistência em utilizar o *vos* de imediato, apresentando a mesma justificativa que os entrevistados pertencentes a uma maior escolaridade, ou seja, que se trata de um tratamento de maior aproximação e que necessitam de um maior contato com o interlocutor para usá-lo. Em contrapartida, na prática, ocorreu o mesmo que com o grupo com ensino médio ou superior completo, utilizaram o *vos* de forma espontânea.

Em relação ao sexo, observamos um percentual de 92,8% dos homens que dão preferência ao *vos* frente a 88,6% das mulheres. Esse resultado mostra que ambos os grupos fazem maior uso deste pronome perante outros e corrobora com uma das nossas hipóteses, o de que as mulheres tendem a usar mais as formas conservadoras que os homens, apesar de não termos detectado nenhum caso referente a nenhuma variável em que homens ou mulheres tenham dado prioridade ao *tú* em detrimento do *vos*. Quando este pronome é substituído, certamente quem ocupa seu lugar é o *usted* e com raras exceções, o *tú*. Este pronome aparece mais em famílias onde se encontra mescla, podendo ser, entre outros casos, proveniente da união entre um *camba* e um *colla*, entre um pai de uma região e uma mãe de outra ou quando o *cruceño* se ausentou da sua

região para estudar em outra com variante diferente da sua. Os três casos foram detectados nesta tese.

Tratando-se das variáveis linguísticas, os resultados de nossa análise relativos à determinação do referente, confirmaram a tendência de que contextos de determinação favoreceram o uso do pronome inovador *vos* (90.9%), o que certamente está relacionado ao tipo de amostra utilizado para a análise, as entrevistas, que propiciaram, na maioria das vezes, condições para que o interlocutor se reportasse diretamente ao entrevistador. Os contextos de indeterminação também foram significativos, com (88.6%) das ocorrências, revelando, mais uma vez, um quadro de predominância do pronome *vos* em relação aos demais. Ao fazermos uma relação da análise dos pronomes determinados, verificou-se que a diferença na probabilidade de uso dos pronomes *tú/vos* é bastante elevada. Apenas 9.1% dos falantes deram preferência ao *tú*, frente aos 90.9% de registros do *vos*. Essa diferença também se mostrou bastante significativa na análise dos pronomes indeterminados, ficando reservado um percentual de 11.4% do uso do *tú* frente aos 88.6% dos que utilizaram o *vos*.

Também se confirmaram algumas tendências relativas ao tempo verbal ao constatar que o imperativo foi o modo que predominou nos resultados da análise de nossa amostra com (97.6%) dos registros, seguido do presente do subjuntivo (94.4%), do presente do indicativo (89.4%) e por último do gerúndio, com (50.0%). Essa estimativa já era esperada se pensarmos no fato do imperativo ser um modo que deriva dos dois presentes, do indicativo e do subjuntivo, além de ser bastante propício para dar instruções, opiniões e explicações, contextos recorrentes nas nossas entrevistas.

Quanto ao tipo de texto, os resultados corroboraram com a nossa hipótese de que, por tratar-se de uma entrevista onde os falantes tratariam de diferentes aspectos de sua cidade e sempre se reportando ao entrevistador como segunda pessoa, a fim de proporcionar-lhes oportunidades de utilizar os pronomes de segunda pessoa do singular, verificamos a predominância de textos narrativos, com 95.7% dos registros, seguido por textos explicativos, com 90.1% dos usos.

Sobre o tipo de ocorrência, os resultados da análise dos pronomes *tú/vos* de nossa amostra indicaram uma predominância da sequência ternária igual (93.5%) seguida da sequência binária igual (91.6%), porém sugerimos a necessidade de uma análise mais refinada com vistas a esclarecer se o pronome prevalece na forma explícita ou implícita.

Entre os tipos de verbos controlados na nossa análise: *dicendi*, epistêmicos, de estado, de ação e outros, os mais recorrentes foram os de classificação não identificada com (96.4%), seguidos dos verbos *dicendi* com (95.3%). A alta incidência dos verbos *dicendi* aponta para a relação com o dizer, definidos como verbos que normalmente introduzem o discurso.

As variáveis aqui apontadas constaram com o intuito de comprovar a alta incidência do pronome *vos* como pronome de segunda pessoa do singular em situações diversas dentro da comunidade linguística de Santa Cruz de la Sierra. Dentro das classificações escolhidas para cada variável, pudemos observar que, independente da classificação que ocupou o primeiro posto, nas demais também predominaram o uso do *vos*, apontando para uma marca identitária da região aqui estudada. As variáveis de maior significação, tendo em vista os objetivos desta investigação, foram as sociais. A análise dessas três variáveis sociais revelou que o uso do pronome *vos* independe de classe social, idade e sexo.

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, N.; HILL, S. y TUNER, B. **Diccionario de sociología**. Madrid: Cátedra, 1986.
- ALLIÈRES, J. **Un exemple de polymorphisme phonétique**: le polymorphisme de l's implosif en gascon garonnais. *Via Domitia*, 1954, I: 70-103.
- ALONSO, A. **Estudios lingüísticos**: temas hispanoamericanos. Madrid: Gredos, 1953.
- ALVAR, M. **Polimorfismo y otros aspectos fonéticos en el habla de Santo Tomás de Ajusco**. *Anuario de Letras*: 1965-1966, VI: pp. 353-377.
- _____. **Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual**. Madrid: Gredos, 1968, 2ª ed., 1973).
- _____. **Estudios Canarios**. Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria. 1968, p. 30.
- _____. **Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1973.
- _____. **La lengua como libertad, Madrid**. Ediciones Cultura Hispánica, 1983.
- _____. Dialectología y cuestión de prestigio, in ALVAR, M. (dir.): **Manual de dialectología hispánica. El español de España**. Barcelona: Ariel, 1996a.
- AÑEZ, F. H. **Nosotros y otros ensayos sobre la identidad cruceña**. Santa Cruz: El País, 1984.
- ASCOLI, G. I. **Saggi ladini**. *Archivio Glottologicoitaliano*, 1873, I, 1-556.
- _____. **Schizzi franco-provenzali**. *Archivio glottologico italiano* III, 1878, 61-120 [first version in 1873]
- BAILEY, Ch.-J. **Variation and Linguistic Theory**. Arlington, Center for Applied Linguistics, 1973.
- BARCIA, P. L., et al. **Diccionario del habla de los argentinos**. 2. ed. Buenos Aires: Espasa, 2003.
- BAUGH, J. Language and race: some implication for linguistic science In F. Newmeyer (ed.), **Linguistics, The Cambridge Survey**. IV. Language, The Socio-cultural Context, Cambridge: Cambridge University Press, 1988, pp. 64-74.
- BAUMEL - SCHREFFLER, S. L. **Una perspectiva del voseo**: Una comparación de dos naciones voseantes, Guatemala y El Salvador. Houston, TX: M.A. Thesis, 1989.
- BELL, A. **Language style as audience design**. *Language in Society*, 13, 1984, pp. 145-204.
- BELL, R. T. **An Introduction to Applied Linguistics**. Worcester: Batsford Academic, 1981.

_____. Back style: reworking audience design, In P. Eckert y J. R. Rickford (eds.): **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 139-169.

BELLO, A. **Advertencias sobre el uso de la Lengua Castellana**. En Lenz, 1940, pp. 49-76.

BERNSTEIN, B. **A sociolinguistic approach to social learning** en J. Gould (ed). Penguin survey of the social sciences, Harmondsworth: Penguin, 1965, pp. 144-168.

BIBER, D. **Variation Across Speech and Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BIBER, D. et al. **Longman Grammar of Spoken and Written English**. Harlow: Longman, 1999.

BICKERTON, D. **Inherent variability and variable rules**. Foundations of Language: 7, 1971, pp. 457-492).

_____. The structure of polylectal grammar en R. Shuy (ed.) **Sociolinguistics: Currents Trends and Prospects**. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1972, pp. 17-42.

_____. **What happens when we switch?** York Papers in Linguistics: 9, 1980, pp. 41-56.

BORTONI, S. M. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística, em F. Tarallo (org.), **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989, pp. 167-179.

BOYD-BOWMAN, P. **Regional Origins of the earliest Spanish Colonists of America**. PMLA, 1956, p. 71.

BULL, T. y SWAN, T. (eds.). **Language, Sex and Society, Internacional Journal of the Sociology of Language**. 1992, p. 94.

CAHUZAC, P. **La division del español de América en zonas dialectales: solución etnolingüística o semántico-dialectal**. Lingüística española actual: 1980, 2, pp. 385-461.

CÂMARA JR., J. M. Língua e Cultura. In: _____. **Dispersos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975, pp. 268-269.

CANFIELD, D. L. **La pronunciación del español en América**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1962.

_____. **Lima Castilian: the pronunciation oh Spanish in City of the Kings**. Romance Notes, 2, 1960b, pp. 1-4.

_____. **Spanish pronunciation in the Americas**. Chicago: University Chicago Presss, 1981.

CARAVEDO, R. **Sociolingüística del español de Lima**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1900.

_____. **La investigación sociológica del español**. Lexis, 1993, XVII-1, pp. 1-32

CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento e el español**. Madrid: Arco Libros, 1997.

CASAS, G. M. Hacia una tipología de la variación **En**: F. Moreno Fernández; F. Gimeno Menéndez; J. A. Samper; M. L. Gutiérrez Araus; M. Vaquero y C. Hernández (eds). **Lengua, variación y contexto**. Estudios dedicados a Humberto López Morales, Madrid, Arco Libros, 2003, pp. 559-574.

CARVALHO, R. “Antecedentes históricos en la formación cultural cruceña” **En**: **Los cruceños y la cultura**. Santa Cruz, Casa de la Cultura Raúl Otero Reiche, 1990.

CEDERGREN, H. Sociolingüística en H. López Morales (coord.): **Introducción a la lingüística actual**. Madrid: Playor, 1983, pp. 147-166.

CESTERO, A. M. Alternancia de turnos de habla en **lengua española**: la influencia de sexo y la edad de los interlocutores. *Pragma*, 1995, 2, pp. 123-149.

_____. **Los turnos de apoyo conversacionales**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2000.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, T. y SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**, Oxford: Blackwell, 2002.

CORDER, S. P. **Introducing Applied Linguistics**. Harmondsworth: Penguin, 1973.

CORTELAZZO, M. **Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana**, Pisa: Pacine, 1969.

COSERIU, E. Structure lexical et enseignement du vocabulaire **en Actes du premier colloque international de linguistique appliqué**. Nancy, pp. 175-217. Trad. al esp. Introducción al estudio estructural del léxico, en **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977, pp. 87-142.

_____. **Los conceptos de dialecto, nivel y estilo de lengua y el sentido propio de la dialectología**. *Lingüística española actual*, 1977, III, 1-32.

_____. A Geografia Lingüística. **In**, **O homem e sua linguagem**. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1987, p. 79.

_____. **El sistema verbal románico, compilación y redacción de Hansbert Bertsch**. Madrid: Siglo veintiuno de España, 1996.

COUPLAND, N. **Style-shifting in a Cardiff work-setting**. *Language in Society*, 1980, 9, 1-12.

COURTHIADE, M. La langue Romani (Tsigane): Évolution, standardisation, unification, réforme **Em La réforme des langues. Histoire et avenir**, Vol IV, Hamburgo: Helmut Buske, 1989, pp. 107-109.

DÍAZ DEL CASTILLO, B. Verdadera historia de los sucesos de la conquista de la Nueva España, en **Biblioteca de Autores Españoles**. Tomo XXVI. Madrid: Ediciones Atlas, 1947.

DIEGO, V. G. de **Lingüística general y española**. Madrid: CSIC, 1951.

ECHALAR-AFCHA, V. **La Paz Spanish**: variations in the speech of Spanish and Aymara-Spanish speakers. M. A. tesis, Cornell University, 1981.

FASOLD, R. **Sociolinguistics of language**. Oxford: Blackwell, 1990.

FERGUSON, Ch. **Language Structure and Language Use**. Stanford: Stanford University Press, 1971.

FERNÁNDEZ AÑEZ, H. **Nosotros y otros ensayos sobre la identidad cruceña**. Santa Cruz: El País, 1984.

_____. "Lo cruceño: Algo en continuo proceso de hacerse". En: **Camba**. Revista Municipal de Cultura. Año IV, N° 6. Santa Cruz de la Sierra, 1994.

FERNÁNDEZ, J. G. **Relación Historial de las Misiones de Indios Chiquitos**. Centro de Estudios Indígenas y Coloniales de Jujuy (CEIC), 1994.

FERNÁNDEZ, M. **Diglossia**: A Comprehensive Bibliography, 1960-1990 (and Supplements). Amsterdam: John Benjamins, 1993.

FERREIRA, R. J. "Reflexiones sobre la cultura cruceña" En: **Camba**. Revista Municipal de Cultura. Año IV, N° 6. Santa Cruz de la Sierra, 1994.

FINOT, E. **Historia de la conquista del oriente boliviano**. La Paz: Librería Editorial Juventud, 1978.

FIRTH, J. R. A synopsis of linguistic theory, In **Studies in Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 1957a.

FISHMAN, J. **Sociología del lenguaje**, Madrid: Cátedra, 1979.

FLÓREZ, L. **La pronunciación del español en Bogotá**, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo. 1951a, pp. 125-50.

FLYDAL, L. **Remarques sur certains rapports entre le style et l'état de langue**. **Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap** XVI, 1951, pp. 240-257.

_____. **Vos y la segunda persona verbal en Antioquia**. *Thesaurus*, 9, 1953, pp. 280-6.

FRANCIS, S. S. **Habla y literatura popular en la antigua capital chiapaneca**. México: Instituto Nacional Indigenista, 1960.

GARCÍA, I. M. **Independencia o autonomía para Santa Cruz?** Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, 2002.

GAUCHAT, L. L'Unité phonetic dans le patois d'une commune. In **Aus Romanischen Sprachen und Literaturen**, Halle, 1905.

GILES, H. Y POWESLAND. **Speech style and social evaluation**. Londres: Academic Press, 1975.

GORDON, A. Notas sobre la fonética del castellano en Bolivia, en GORDON, A., y RUGG, E. (eds.). **Actas del Sexto Congreso Internacional de Hispanistas**, pp. 342-52, Toronto: University of Toronto, Department of Spanish and Portuguese, 1980.

GRABE, W.; KAPLAN, R. **Theory and Practice of Writing. An Applied Linguistic Perspective**. Londres: Longman, 1996.

GRANDA, G. de. **Las formas verbales diptongadas en el voseo hispanoamericano**: una interpretación sociohistórica de datos dialectales. NRFH, XXVII, 1978, pp. 80-92.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax, and language history. Philadelphia: University of Pennsylvania, Dissertation, mimeo, 1981a.

_____. **Language and social class, in Linguistics**: the Cambridge Survey. IV Language: The Socio-Cultural Context. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, pp. 57-60

HALLIDAY, M. A. K. **Towards a sociological semantics**. Urbino, Università di Urbino, 1972.

_____. **Explorations in the Functions of Language**. Edward Arnold, Londres, 1973.

_____. **Learning How to Mean**: Explorations in the development of language. Londres: Edward Arnold, 1974.

_____. **Language as social semiotics. The social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold. Trad. Al esp. (1982), **El lenguaje como semiótica social**. México: Fondo de Cultura económica, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; MACINTOSH, A. y STREVEENS, P. **The Linguistic Sciences and Language Teaching**. Londres: Longman, (1964). Repr. en *The Users and Uses of Language*, en J. A. Fishman (ed.), **Readings in the Sociology of Language**, La Haya, Mouton, 1968, pp. 139-169.

HIDALGO, M. **The emergency of standard Spanish in the American continent**: implications for Latin American dialectology, Language problems and Language Planning. 14, 1990a, 47-63.

HJEMSLEV, L. **Prolegómenos a una teoría del lenguaje**. Madrid: Gredos, 1969:1943.

_____. **Una introducción a la lingüística** En: *Ensayos lingüísticos*. Madrid: Gredos, 1972.

_____. **Lengua y habla, Estudios lingüísticos**. Madrid: Gredos, 1974:1944.

HOBSBAWM, E. **Naciones y Nacionalismo desde 1870**. Barcelona: Crítica, 2000.

HOJRUP, T. **The concept of life-mode:** a form specifying mode of analysis applied to contemporary western Europe, *Ethnologia Scandinavica*. 23, 1983, 1-50.

HUDSON, R. **La sociolingüística**. Barcelona: Anagrama, 1981.

HYLAND, K. **Teaching and Researching Writing**. Londres: Longman, 2002.

IORDAN, I. **Lingüística románica**. Madrid: Alcalá, 1967.

KOTTAK, C. P. **Antropología:** Una exploración de la diversidad humana con temas de cultura hispana. 6. ed. Madrid: McGraw-Hill, 1996.

LABOV, W. **The social motivation of a sound change**. *Word* 19, 1963, pp. 273-309.

_____. Stages in the acquisition of standard English. In: SHUY, R. (ed.). **Social dialects and language learning**. Champaign, III National Council of Teachers of English, 1964.

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 2. ed. 1966, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Contraction, Deletion and Inherent Variability of the English Copula**. *Language*, 45, 1969, pp. 715-762.

_____. **Some principles of linguistic methodology**. *Language in Society* 1, 1972a, pp. 97-120.

_____. **Language in the Inter-City:** Studies in the Black English Vernacular. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, Trad. al esp. Modelos sociolingüísticos, Madrid: Cátedra, 1972c.

_____. **Principles of Linguistic Change:** Internal Factors. Oxford, Blackwell. Vol. 1, 1994, trad. al esp. Principios del cambio lingüístico, I, Madrid, Gredos, 1996.

_____. **Principles of Linguistic Change:** Social Factors. Vol. 2, Oxford: Blackwell, 2001a. Trad. al esp. Principios del cambio lingüístico, II, Madrid, Gredos, 2004.

_____. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Madrid: Gredos, 1986.

_____. Las formas verbales de segunda persona y los orígenes del voseo En: **Actas del Tercer Congreso Internacional de Hispanistas**, Coordinado por Carlos H. Magis, 1970, pp. 519-531.

_____. **Historia de la lengua española**. 8. ed. Madrid: Gredos, 1980.

LAVANDERA, B. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEFEBVRE, C. Les notions de style, En, E. Bédard, E.; J. Maurais, (eds.). **La norme linguistique**. Québec, Conseil de la langue française, 1983, pp. 305- 333.

LENZ, R. Estudios chilenos, en Amado Alonso/ Raimundo Lida (edd.), **El español en Chile. Trabajos de Rodolfo Lenz, Andrés Bello y Rodolfo Oroz**. Buenos Aires, 1940b, pp. 87-208.

_____. **Contribución para el conocimiento del español de América**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1893.

LIPSKI, J. M. **El español de América**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A, 2004.

_____. **El español de América**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1994.

_____. **Central American Spanish in the United States**. El Salvador: Aztlán, 17, 1986h, pp. 91-124.

LOPE BLANCH, J. M. **El estudio del español hablado culto: historia de un proyecto**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.

_____. **El concepto de prestigio y la norma lingüística del español**. Anuario de Letras, X, 1972b , pp. 29-46.

_____. **En torno al polimorfismo, invesigaciones sobre dialectología mexicana**. México: UNAM, 1990, pp. 7-16.

_____. El español de América: los contactos bilingües, En Rafael Cano (ed.) **Historia de la lengua española**. Barcelona: Ariel, 2004, pp. 1117-1138.

LÓPEZ GARCÍA, Á. **Los Conceptos de lengua y dialecto a la luz de teoría de prototipos**. La Torre: Revista del universidad de Puerto Rico, 1998, III, 7-8, pp. 7-19.

LÓPEZ MORALES, H. **Estratificación social del español de San Juan de Puerto Rico**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983a.

_____. **Enseñanza de la lengua materna, lingüística para maestros de español**. Madrid: Playor, 1985.

_____. **La sociolingüística actual, en Estudios sobre variación lingüística**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1990, pp. 79-88.

_____. **El Español del Caribe**. Editorial Mapfre, 1992.

_____. **Léxico disponible de Puerto Rico**. Madrid: Arco/Libros, 1999.

_____. **Sociolingüística**. 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.

LÓPEZ MORALES, H. (coord.). **Introducción a la lingüística actual**. Madrid: Playor, 1983.

LORENZO, E. **Niveles y registros en el español actual, lecciones de lingüística y didáctica del español**. Logroño, Gobierno de La Rioja, 1991.

MAIA, C. A. **Minorías lingüísticas y sociolingüísticas, Revista portuguesa de filologia**. 1992, XX, pp. 9-35.

MALKIEL, Y. **From Romance Philology Through Dialect Geography to Sociolinguistics**. *International Journal of the Sociology of Language*, 1976, 9: pp. 73-78.

MAROUZEAU, J. **Lexique de la terminologie linguistique**. 3.ed. Paris: Geuthner, 1951.

MARTÍN BUTRAGUEÑO, P. **Desarrollos sociolingüísticos en una comunidad de habla, tesis doctoral inédita**. Madrid: Universidad Complutense, 1991.

_____. **Hacia una tipología de la variación gramatical en sociolingüística del español**. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 1994, 42, 29-75.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. Y J. PORTOLÉS. Los marcadores del discurso. En I. Bosque, y V. Demonte (dirs.), **Gramática descriptiva de la Lengua Española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, pp. 4051-4213.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MENÉNDEZ PIDAL, R. **Sevilla frente a Madrid, en Miscelánea homenaje a André Martinet**. La Laguna: Universidad de La Laguna, t. III, 1962, pp. 99-165.

_____. **El modo de obrar del sustrato lingüístico**. *Revista de Filología Española*, XXXIV, 1950.

MERLO, C. **Le language des femmes: Enquête linguistique à l'échelle mondiale**. *Orbis*, 1952, I, pp. 12-13.

MICHAEL, J. **The construction of the social class index, Codebook for the Mobilization for Youth**. Nueva York: mobilization for Youth, 1962.

MILLER, C. R. Genre as Social Action. In: **Quarterly Journal of Speech**, 70, 1984.

MILROY, J. **Linguistic Variation and Change**. Oxford: Blackwell, 1992.

_____. **Language and Social Networks**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987a.

MONTES GIRALDO, J. J. **Sobre el voseo en Colombia**. *Thesaurus*, 1967, 22, pp. 21-44.

_____. **Dialectología general e hispanoamericana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1982b.

_____. **Dialectología general e hispanoamericana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1995.

MORALES, F. **El voseo en Chile, Boletín de Filología**. 1972, pp. 23-24, 262-273

MORENO DE ALBA, J. G. **El español de América**. 2. ed. México: FCE, 1993.

MORENO, F. **¿Qué español enseñar?** Madrid: Arco Libros S.L., 2000.

_____. **Sociolingüística en EE.UU**. Guía bibliográfica crítica. Málaga: Ágora, 1975-1985.

- _____. **Metodología sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1990.
- _____. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 2009.
- MORENO DEL RIVERO, G. R. **Nicomedes Antelo**. Santa Cruz: UAGRM, 1960.
- _____. **Catálogo del Archivo de Mojos y Chiquitos**. La Paz: Juventud, 1973.
- MUÑOZ, I. **¿Independencia o autonomía?: la disyuntiva de Santa Cruz**. Madrid: Editorial El País, 2002.
- NÁJERA, F. C. **Breves consideraciones sobre el español que se habla en México**. Nueva York: Instituto de las Españas en los Estados Unidos, 1936.
- NAVARRO, T. T. **Cuestionario lingüístico hispanoamericano**. 2. ed. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filología, 1945.
- OROZ, R. **La lengua castellana en Chile**. Santiago: Universidad de Chile, 1966.
- PÁEZ URDANETA, I. **Historia y geografía hispanoamericana del voseo**. Caracas: Casa de Bello, 1981.
- PAOLILLO, J. C. **Analyzing linguistic variation. Statistical models and methods**. Leland Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2001.
- PARIS, G. **Les Parles de France. Revue des Patois Gallo-Romans**, 2 (7), 1888, pp. 168-169.
- PARIS, G.; MEYER, P. e THOMAS, A. **Romania: recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes**. Volumen 31, Michigan: F. Vieweg, 1902.
- PECHINENDA, G. "La nación latinoamericana: inmigración, memoria e identidad", En: **Latinoamérica entre el Mediterráneo y el Báltico**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- PEÑA, P. **La permanente construcción de lo cruceño: un estudio sobre la identidad en Santa Cruz de la Sierra**. Santa Cruz de la Sierra: U.A.G.R.M., 2011.
- PÉREZ GUERRA, I. **La forma alocutiva Su merced en República Dominicana. Usos y funciones**, Anuario de Lingüística Hispánica, Universidad de Valladolid, 1988.
- PÉREZ, M. F. **Sobre las nociones de sociolecto, sinstratía, variación sociolingüística, diastratía, y cuestiones colindantes, en Homenaje al profesor A. Roldán Pérez**, I. Murcia: Universidad de Murcia, 1997, pp. 157-173.
- PICHARDO, E. **Diccionario Provincial casi razonado de voces cubanas**. La Habana: M. Soler, 1849.
- PINKERTON, A. **Observations on the tú/vos option in Guatemalan ladino Spanish**. Hispania, 69, 1986, pp. 690-98.

PRESTON, D. R. **Fifty some-odd categories of language variation**. International Journal of the Sociology of Language, 57, 1986, pp. 9-47.

_____. Three Kinds of Sociolinguistics: A Psycholinguistic Perspective. In **Sociolinguistic Variation: Critical Reflection**. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 140-158.

QUESADA PACHECO, M. A. **El español colonial de Costa Rica**. San José: Universidad de Costa Rica, 1990.

RAMÍREZ LUENGO, J. L. **Más allá del océano: una descripción del español de América**. Boletín filológico de actualización académica y didáctica, 2007, ISSN 1886-5046, nº 2, ppp. 73-102.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1984, 20. a ed., p. 289.

RECIO, J. M. G. **Análisis de una sociedad de frontera**. Santa Cruz de la Sierra en los siglos XVI y XVII, Sevilla: Excma, 1988.

RESNICK, M. **Phonological variants and dialect identification in Latin American Spanish**. La Haya: Mouton, 1975.

REY, A. **Análisis comparativo del voseo en Honduras y Nicaragua**. Boletín nicaraguense de Bibliografía y Documentación, 88, Managua, 1995.

RICKFORD, J. R. **African American Vernacular English: Features, evolution, educational implications**. Oxford: Blackwell, 1999.

RIESTER, J. **Seminal für Volkerkunde**. Universität Bonn, 1965.

ROCA, J. L. **Economía y Sociedad en el Oriente Boliviano (siglos XVI-XX)**. Editorial Oriente, 2001.

ROCA, L. A. **Breve historia del habla cruceña y su mestizaje**. Bolivia: Editorial El País, 2007.

ROMAINE, S. **The Language of Children and Adolescents: The Acquisition of Communicative Competence**. Oxford: Blackwell, 1984.

RONA, J. P. **El problema de la división del español americano en zonas dialectales, presente y futuro de la lengua española**. T. I, 215-26, Madrid: OFINES, 1964a.

_____. **Geografía y morfología del voseo**. Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (tesis doctoral), 1967.

ROSENBLAT, A. **La población indígena y el mestizaje en América**. Buenos Aires: Editora Nova, 1954.

_____. **El castellano de España y el castellano de América: unidad y diferenciación**. Caracas: Cuadernos del Instituto de Filología "Andrés Bello", 1962.

_____. **La hispanización de América. El castellano y las lenguas indígenas desde 1492**. Presente y futuro de la lengua española, tomo II. Madrid, 1964.

_____. **Buenas y malas palabras en el castellano de Venezuela.** Caracas-Madrid, 1969.

_____. **El castellano de España y el castellano de América:** unidad y diferenciación. Madrid: Taurus, 1970.

_____. **Los conquistadores y su lengua.** Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1977.

SÁBATO, E. **El escritor y sus fantasmas.** Buenos Aires: La Nación, 1963.

SANABRIA, H. **El habla popular de Santa Cruz.** La Paz: Librería-Ed. Juventud, 1975.

_____. **Breve historia de Santa Cruz.** La Paz: Librería Editorial Juventud, 1988.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation, en: F. Newmeyer (ed.), **Linguistics: The Cambridge Survey. IV Language: The Social-cultural Context.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988a, pp. 140-161.

SANKOFF, D. y LABERGE, S. The linguistic market and the statistical explanation of variability, en **Linguistic variation: Models and methods.** Nueva York: Academic Press, 1978, pp. 239-250.

SAPIR, W. **Language, Harcourt, Brace and Co.** Nueva York: 1921, Trad. al esp. **El lenguaje,** México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world.** Georgia: University of Georgia Press, 1996.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale.** Paris: Payot, 1966.

SCHERZER, J. The Ethnography of Speaking: a Critical Appraisal, en: **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics.** Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1977, pp. 43-57.

SÉGUY, J. **Le français parlé a Toulouse,** Toulouse, 1950.

SHEPARD, C. A.; GILES, H. y LE POIRE, B. A. Communication, Accommodation Theory, en: **New handbook of language and social psychology.** Chichester: Wiley, 2001, pp. 33-56.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística y pragmatic.** Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.

SMITH, Ph. Sex markers in speech, en: **Social markers in Speech.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SOARES, M.B. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. São Paulo: Editora Ática, 17. Ed, 2000.

SOLÉ, C. **Bibliografía sobre el español de América (1920-1986).** Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1990.

STEWART, W. Outline of linguistic Typology for Describing Multilingualism, en: **Study of the Role of Second Languages in Asia, Africa and Latin America**. WASHINGTON, D.C.: Center for Applied Linguistics, pp. 15-25. Trad, al esp. **Un bosquejo de tipología lingüística para describir el multilingüismo, en, Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística**. México, UNAM, 1962, pp. 224-233.

STRAKA G. **Le langage des femmes: L'enquête linguistique à l'échelle mondiale**. Orbis 1, 1952, 335-357.

TALBOT, M. M. **Language and Gender, An introduction**, Oxford: Polity, 1998.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 2. ed. SãoPaulo: Ática, 1986.

TERRACINI, B. **Il concetto di lingua comune e il problema dell' unità di un punto lingüístico mínimo**. Bolletino dell' Atlante Linguistic Italiano, 1960, pp. 5-6, 14-24.

THORNE, B. y HENLEY, N. (eds.). **Language and sex. Difference and dominance**, Rowley. Mass.: Newbury House Publishers, 1975.

TORREJÓN, A. **Acerca del voseo culto de Chile**. Hispania, 1986, 69, 677-83.

TOSCANO MATEUS, H. **El español del Ecuador**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1953.

TRUDGILL, P. **The Social Differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974a.

_____. **Sociolinguistics, An introduction**. Harmondsworth: Peguin, 1974b.

_____. **On Dialect: Social and Geographical Perspectives**. Ed. illustrated, Basil: Blackwell, ISBN, 0631131515, 1983.

TRUJILLO, R. **Principios de semántica textual**. Madrid: Arco Libros, 1996.

UREÑA, P. H. **Observaciones sobre el español de América**. Revista de Filología Española, 1921, 8, pp. 357-90.

VAN WIJK, H. **Algunos aspectos morfológicos y sintácticos del habla hondureña**, Boletín de Filología. Universidad de Chile, 1969.

VAQUERO, M. **El español de América II. Morfosintaxis y Léxico**. Madrid: Arco Libros, 1998.

VARA REYES, V. **El castellano popular en Tarija**. La Paz: Impreso boliviano, 1960.

VÁZQUEZ MACHICADO, H. y VÁZQUEZ MACHICADO, J. **Santa Cruz de la Sierra. Aportes para su historia (Siglos XVI al XX)**. 2. ed. La Paz: Don Bosco 1992.

VIDAL DE BATTINI, B. **El español de la Argentina**. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964a.

VILLENA PONSODA, J. A. Fundamentos semánticos de la variación lingüística, en **Actas del VIII Simposio de Actualización Científica y Didáctica de la Lengua Española y Literatura**. Málaga: Diputación Provincial de Málaga, 2003a, pp. 121-146.

_____. El valor interpretativo de las redes sociales en la variación lingüística. Datos para una polémica en curso, en: **Estudios ofrecidos al Prof. José Jesús de Bustos Tovar**. Madrid: Universidad Complutense, 2003b, pp. 823-836.

WAGNER, M. L. **Amerikanisch-Spanish und Vulgärlatein**, *Zeitschrift für romanische Philologie*. 1920, 40: 286-312, pp. 385-404.

_____. **El supuesto andalucismo de América y la teoría climatológica**. *Revista de Filología Española*, 14, 1927, pp. 20-32.

WEBER, M. Classe, estamento, partido En: GHERT, H. e MILLS, W. (org.). **Marx Weber – Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

WEINBERG, M. B. FONTANELLA DE. **La lengua española fuera de España**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1976.

_____. **La constitución del paradigma pronominal de voseo**. *Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo* 32, 1977.

WOLFRAM, W. **Test interpretation and sociolinguistics differences**: *Topics in Language Disorders*. 1983, 3-3, 21-3.

ZAMORA, J. y GUITART, J. **Dialectología hispanoamericana**. 2. ed. Salamanca: Ediciones Almar, 1988.

_____. **Dialectología hispanoamericana**: Teoría, descripción e historia. Salamanca: Almer, 1982.